



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O Ritmo e a Música

Matilde Serôdio Monteiro

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores,

Arquiteta Patrícia Maria Pontes Serra Mendes Barbas, Professora Auxiliar
Convidada ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Sérgio André do Carmo Antunes

outubro, 2024



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

O Ritmo e a Música

Matilde Serôdio Monteiro

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores,

Arquiteta Patrícia Maria Pontes Serra Mendes Barbas, Professora Auxiliar
Convidada ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Sérgio André do Carmo Antunes

outubro, 2024

1º edição de
“ARQUITECTURAS NA MARGEM: O QUE TE FAZ FELIZ?”

O RITMO E A MÚSICA
Matilde Monteiro

Orientação de Patrícia Barbas e Sérgio Antunes
Apoio de Francisco Freitas

Novembro 2024

ARQUITECTURAS NA MARGEM

O QUE TE FAZ FELIZ?

1º edição de
“ARQUITECTURAS NA MARGEM: O QUE TE FAZ FELIZ?”

O RITMO E A MÚSICA
Matilde Monteiro

Orientação de Patrícia Barbas e Sérgio Antunes
Apoio de Francisco Freitas

Novembro 2024

O RITMO E A MÚSICA

Matilde Serôdio Monteiro

Após 5 anos no Iscte, agradeço a todos os professores e colegas que fizeram parte do meu percurso.

À professora Patrícia Barbas e ao Sérgio Antunes, pelas críticas construtivas e pela orientação.

Ao Francisco Freitas, pelo acompanhamento incansável.

Aos meus amigos, Beatriz Duarte, Beatriz Ribeiro, Diogo Vitorino, Filipe Almas, Flávio Ferreira e Rita Pericão, porque sem eles eu não era quem eu sou hoje.

À minha mãe, ao meu pai, à Bé e ao Tomás, obrigada por tudo.

**“ A MÚSICA É A ARQUITETURA DO TEMPO E A
ARQUITETURA É A MÚSICA DO ESPAÇO ”**

- MÁRIO QUINTANA

RESUMO

O presente ensaio pretende, fazer uma análise sobre os impactos da construção da barragem do Cabril, e sobre a importância histórica e sociocultural desta obra do Estado Novo, propondo uma leitura sensível e consciente do território. Tendo em conta a geografia peculiar do sítio e as comunidades que habitam aquela zona.

A barragem do Cabril faz parte do legado das comunidades de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno. Com uma abordagem sensível e consciente, o projeto Casa do Povo do Cabril, pretende fazer uma reabilitação da central hidroelétrica do Cabril, transformando este edifício num ponto de encontro entre as comunidades vizinhas, e promovendo um clima de celebração intermunicipal da cultura.

PALAVRAS CHAVE:

Identidade, música, comunidade, reabilitar, reaproveitar

ABSTRACT

This essay aims to analyze the impacts of the construction of the Cabril dam and the historical and socio-cultural importance of this project built in the dictatorship of Estado Novo, proposing a sensitive and conscious reading of the territory. Taking into account the peculiar geography of the site and the communities that inhabit the area. The Cabril dam is part of the legacy of the communities of Pedrógão Grande and Pedrógão Pequeno. With a sensitive and conscious approach, the Casa do Povo do Cabril project aims to rehabilitate the Cabril hydroelectric power station, transforming this building into a meeting point for neighboring communities and promoting a climate of inter-municipal celebration of culture.

KEYWORDS:

Identity, music, community, rehabilitate, repurpose

ÍNDICE

	Resumo
	Abstract
13	Prelúdio
19	1º Ato . o objeto
23	O Cabril
31	2º Ato . o programa
33	A Casa do Povo
37	3º Ato . a matéria
39	A harmonia do Cabril
44	O legado cultural de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno
55	4º Ato . a estratégia
58	O espaço público, das pessoas para as pessoas
66	Renovar, Ressuscitar, Renascer
67	5º Ato . o projeto
69	A Casa do Povo do Cabril
73	A Intervenção
98	Considerações Finais
99	Referências Bibliográficas

PRELÚDIO

Figura 1. Ilustração da Barragem do Cabril, Rodrigues C. em “O lodo e as estrelas” (Ferraz, 1960, p.64)



1. Primeiro volume do Atelier Na Margem: *O que te faz feliz?*, continuação da Unidade Curricular de PFA, 2019/2020, Arquitecturas da Cidade: *O que te faz feliz?*

2. Pinto Neves, Manuel(2005). *Portela do Fojo: A história e a Memória* (p.92/93)

O Tomo I¹ do Atelier Arquitecturas na Margem, traz luz a questões complexas como o impacto ambiental, sociológico e político que um marco de engenharia como uma barragem pode provocar ao ser implantada num terreno praticamente virgem.

Este primeiro volume, redigido em atelier, retrata uma viagem no tempo que decorre na área que faz charneira entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, a barragem do Cabril.

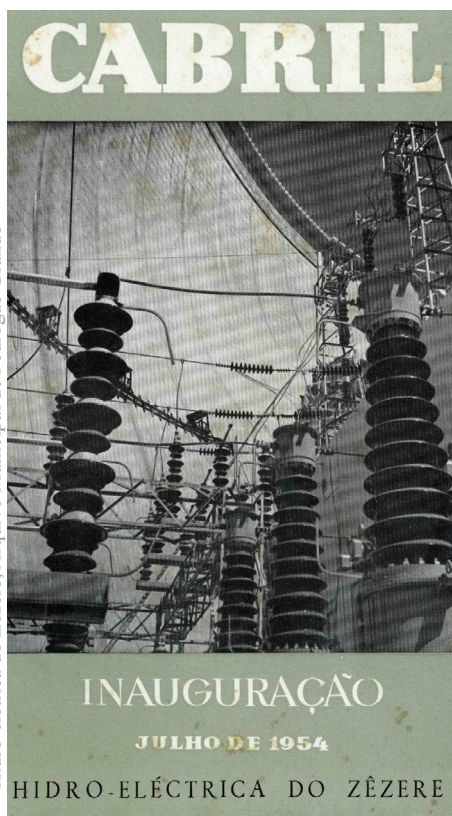
Tendo sido inaugurada em 1954, a barragem do Cabril foi uma das construções mais marcantes no desenvolvimento de infraestruturas hidroelétricas em Portugal. Tendo sido a primeira obra deste carácter dirigida somente por engenheiros portugueses, esta barragem, a segunda numa sequência de três barragens implantadas no rio Zêzere, representou uma revolução na gestão dos recursos hídricos do país.

No entanto, impacto desta construção transcendeu, o seu propósito original de produção de energia hidroelétrica, tendo deixado marcas profundas tanto nas comunidades locais como no ecossistema.

Esta área, antes da construção desta infraestrutura era predominantemente rural, sendo que as comunidades que ali viviam, dependiam da agricultura e de atividades ligadas ao rio Zêzere. A paisagem era caracterizada pelos terrenos agrícolas e as pequenas aldeias dispersas pelo território prevaleciam imunes à passagem do tempo e às tecnologias dos grandes centros urbanos.

Esta configuração geográfica transformou-se completamente com a construção da barragem do Cabril. Aldeias inteiras como Vilar da Amoreira², ficaram submersas, forçando os seus habitantes a deixar as suas casas e a realojar-se noutras localidades. A migração forçada destas pessoas, causou também um grande impacto a nível social. Os laços históricos e culturais destas comunidades foram completamente desfeitos. A agricultura de subsistência, que era até à data, praticada pela maior parte da população, foi também gravemente afetada. A submersão destes territórios agrícolas, levou muitos ao abandono destas práticas ou, em alguns casos extremos, ao êxodo rural, na procura de melhores oportunidades nos centros urbanos.

O tecido económico da região também foi altamente afetado pela construção da barragem do Cabril.



Se por um lado a construção da barragem atraiu bastante mão-de-obra e gerou novas infra-estruturas como o bairro do Cabril, o fim desta grande obra foi marcado por um sentimento geral de estagnação. Era, contudo, esperada uma industrialização naquela região que, a longo prazo não se concretizou. As graves carências no desenvolvimento económico contribuíram para o eventual despovoamento e posterior envelhecimento da população que ainda é bastante notável nos dias que correm.

De uma forma semelhante ao que se sucede com a construção de muitas outras grandes infra-estruturas, a construção da barragem do Cabril acabou, não só por revelar, mas também acentuar divergências políticas e sociais, particularmente entre as comunidades de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno.

As decisões referentes à implementação de grandes obras de engenharia, tal como foi o caso da obra da barragem do Cabril, eram tomadas por uma administração que se sediava nos grandes centros urbanos, e que se caracterizava por ser distante das comunidades locais, típica do período de ditadura de Salazar. O regime focou-se em grandes projetos de eletrificação e de aproveitamento dos recursos hídricos, sem a devida consulta ou consideração das necessidades das comunidades locais.

Estas duas comunidades acabaram então por ser distanciadas, não pela construção da grande parede que une as duas margens do rio, mas pela forma como os recursos e benefícios da barragem foram distribuídos. A gestão dos recursos e infra-estruturas resultantes da barragem tornou-se uma questão política complexa. A falta de uma colaboração inter-municipal eficaz agravou estas questões, e a falta de partilha de recursos e de equipamentos públicos tornaram-se em cicatrizes das divergências locais.

A construção da barragem do Cabril veio também, acentuar significativamente o fosso social entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno. Embora partilhem antecedentes culturais e sociais muito semelhantes, as divergências políticas acabam por afastar estas comunidades vizinhas³.

Este Tomo II visa reimaginar o edifício da barragem, no cenário hipotético da sua desativação, respondendo a questões levantadas no primeiro volume desta dissertação, o Tomo I. Esta investigação pretende desenvolver a discussão sobre o papel da arquitetura e da música como linguagens universais, capazes de reavivar a identidade cultural de comunidades como as de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno.

3. Informação retirada da entrevista concedida pelo presidente da Câmara Municipal de Pedrógão Grande no edifício da Câmara Municipal, e ao presidente da Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno nos antigos estaleiros.

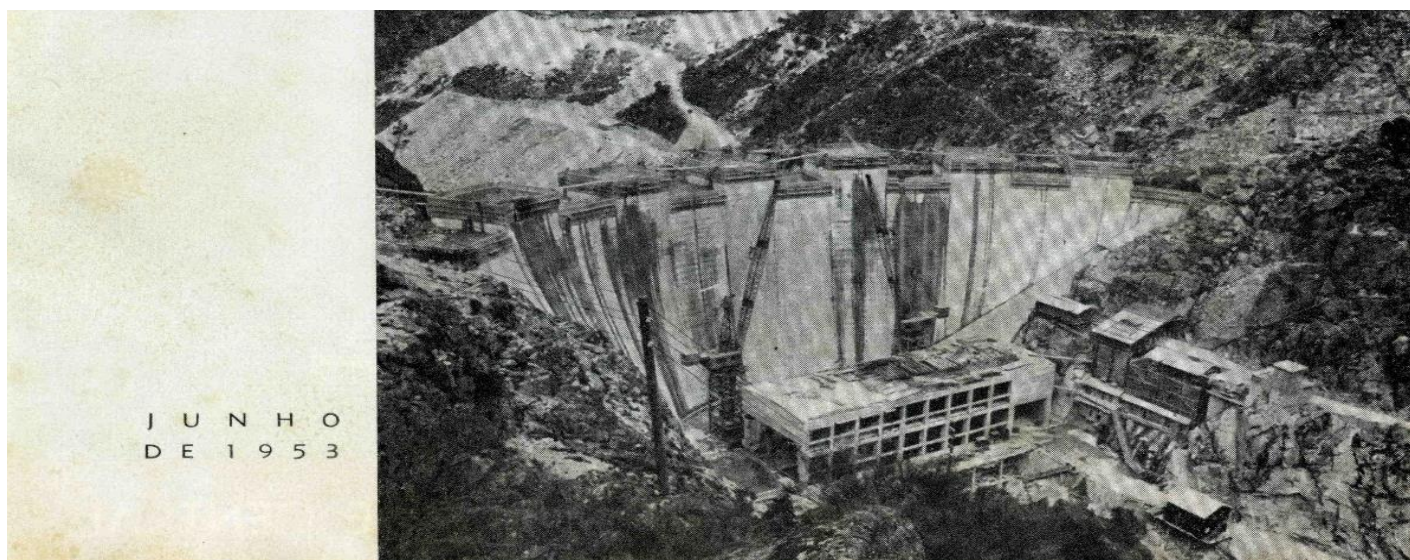
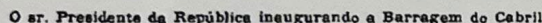


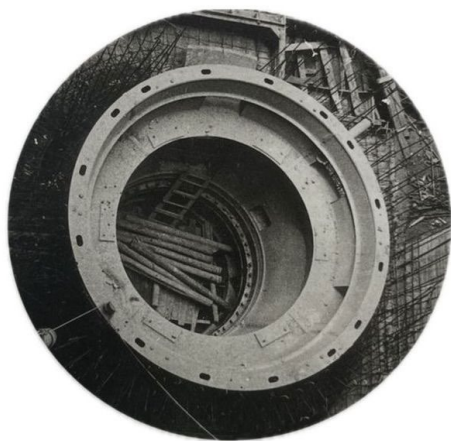
Figura 3. Brochura da inauguração da barragem do Cabril. Hidro-elétrica do Zêzere, Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

1º ATO

O OBJETO



REGRESSA
ao seu p
o consu
e o consul da l



O Cabril

Uma das políticas implementadas pelo Estado Novo foi a política de eletrificação nacional. Enquanto que no resto da Europa se desenvolviam guerras e o clima se tornava cada vez mais instável, o governo português tinha como objetivo desfazer-se das dependências energéticas, procurando uma produção inteiramente nacional. Em resultado deste plano, foi implementada uma nova política de eletrificação nacional que explorava um dos recursos naturais mais abundantes no país, a água. Foram então feitos inúmeros investimentos na indústria da hidroelétrica, em forma de barragens que se distribuíram por todo o país. Foram feitos inúmeros grandes investimentos nesta “indústria” de gestão de recursos hídricos naquela época, que expressavam ativamente a demonstração de poder do regime.

A barragem do Cabril faz parte de uma sequência de três barragens que foram construídas naquela época, no rio Zêzere. A barragem do Cabril, o objeto de estudo, tendo sido a última das três a ser concluída, foi inaugurada a 31 de julho de 1954, e ainda é reconhecida como uma das obras de engenharia hidroelétrica mais importantes de Portugal.

Ergue-se entre os municípios de Pedrógão Grande e da Sertã, e ganhou tamanha importância a nível nacional, por ter sido a primeira barragem a ser projetada totalmente por engenheiros portugueses⁴.

Posteriormente ao término das obras da primeira barragem a conter as águas do rio Zêzere, a barragem de Castelo de Bode, começaram logo a ser deslocados trabalhadores de diversas regiões do país para os municípios de Pedrógão Grande e da Sertã, com a intenção de começarem a obra da barragem do Cabril.

Com esta nova enchente de pessoas a instalar-se nestes municípios, acabaram também por surgir inúmeros novos postos de trabalho para atender às novas necessidades que a ora trazia, especialmente nas áreas de serventia a pedreiros, carpinteiros, eletricistas e soldadores, e com a chegada de tanta mão de obra, surgiram também refeitórios improvisados onde as mulheres preparavam as refeições dos engenheiros e técnicos envolvidos.

A dimensão desta obra e a quantidade de pessoas nela envolvidas, obrigou à criação de um número substancial de novos alojamentos que conseguissem comportar este novo cenário social.

Com 135 metros de altura e 360 metros de extensão, a barragem do Cabril acabou por mudar inteiramente a geografia daquela área.

A imposição da parede da barragem naquele terreno, criou um obstáculo ao seguimento natural do rio, gerando uma grande albufeira a montante do mesmo.

Modificando o curso natural deste rio, esta grande parede alterou drasticamente os ecossistemas que prevaleciam nestes terrenos. Ao submergir áreas agrícolas e florestais, a biodiversidade local foi altamente impactada.

*“Mas a vida é também feita de percalços e Fevereiro de 1954 representou um deles, já que significou o desaparecimento da velhinha aldeia de Vilar da Amoreira, “tragédia” que ainda hoje não foi esquecida e que periodicamente nos é lembrada sempre que a quota da albufeira desce consideravelmente.”*⁵

Esta nova disposição geográfica provocou alguns impactos negativos nas comunidades locais. Algumas aldeias remotas como por exemplo Vilar da Amoreira, ficaram submersas durante este processo construtivo. Os habitantes dessas aldeias viram-se obrigados a abandonar as suas terras e as suas habitações, e com este êxodo forçado, acabaram por deixar para trás também os seus costumes e a sua identidade comunitária.

*“A construção da barragem do Cabril provocou um verdadeiro êxodo no Vilar e outros lugares, que a albufeira consequentemente tornou inabitáveis. Vilar, por exemplo, que era uma das aldeias mais pitorescas da Portela do Fojo, quase que ficou submersa no vasto lençol de água em que se transformou o caudaloso Zêzere. Alguns habitantes construíram moradas fora da linha de água, mas outros buscaram lugares diferentes, onde adquiriram propriedades e habitações adequadas”*⁶

Para acrescentar a esta situação, a chegada de centenas de novos habitantes, sem ligações emocionais ou culturais a estes sítios, originou novas dinâmicas sociais, às quais os habitantes nativos não estavam habituados.

O novo panorama social provocou também, profundas alterações a nível económico. Os trabalhadores deslocados impulsionaram em grande escala, não apenas o arrendamento de casas mas também o comércio local. No entanto, poucos anos depois da inauguração da obra, desapareceram inúmeros postos de trabalho, obrigando muitas das pessoas que já se tinham estabelecido nas redondezas a retornar aos grandes polos urbanos em busca de melhores oportunidades de vida.

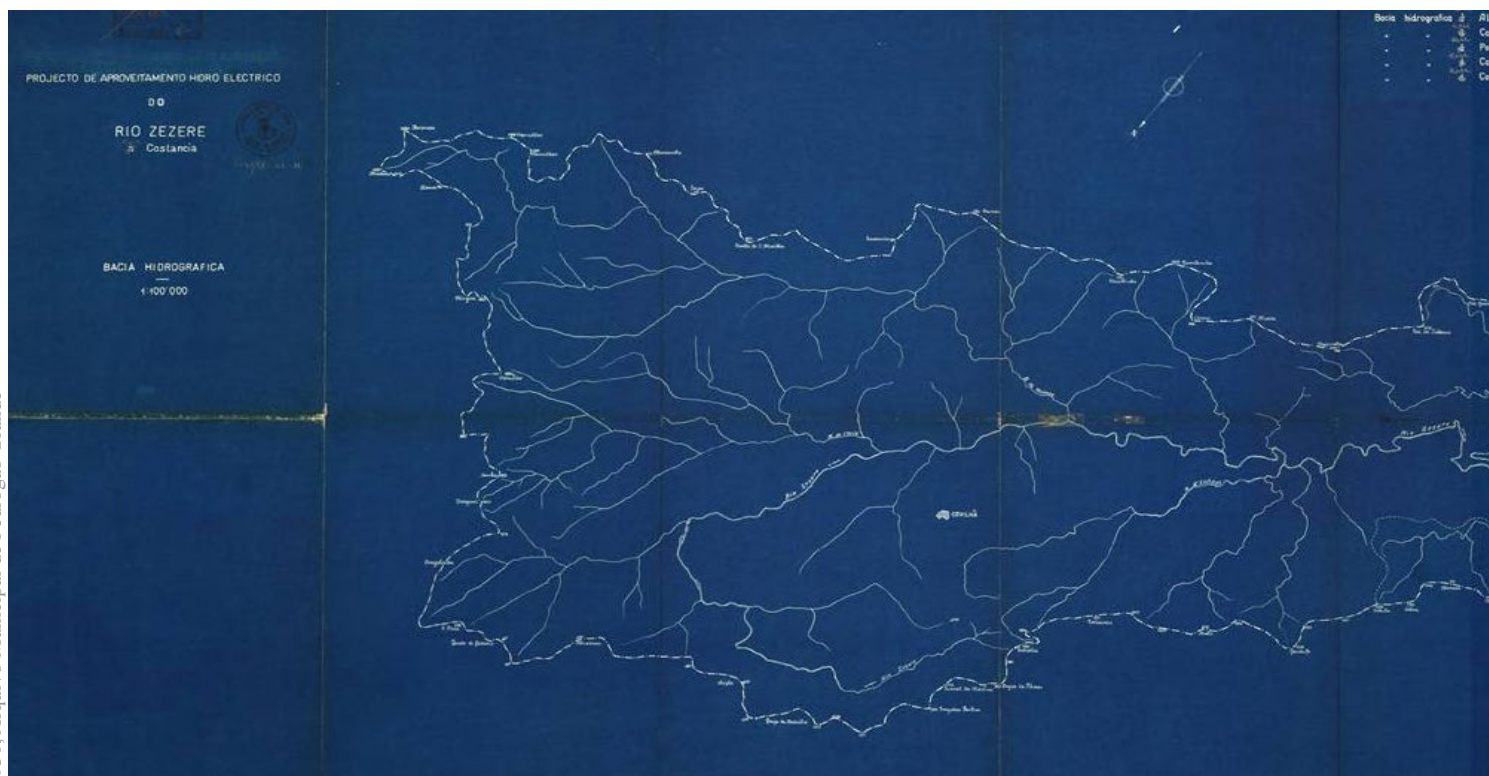
A economia local acabou por sofrer bastante com esta transformação social, acabando por voltar a enfrentar bastantes dificuldades a níveis económicos.

A promoção de obras públicas de grande escala como foi o caso da barragem do Cabril, foi também uma estratégia do governo reforçar e vangloriar os poderes do regime ditatorial. Esta estratégia política, ordenada sem estudo prévio das comunidades que lá viviam, foi marcada por uma desconexão entre as decisões políticas e as realidades locais, contribuindo para o distanciamento entre as populações de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno.

4. Serafim, Joaquim Laginha(1962), *As grandes barragens dos aproveitamentos hidráulicos portugueses* (Memória nº. 187) Fonte: Coleções Fundação EDP

5. Testemunhos realizados sobre a barragem do Cabril, exposição dos 60 anos da Barragem do Cabril (2014)Arquivo municipal de Pedrógão Grande

6. Testemunhos realizados sobre a barragem do Cabril, exposição dos 60 anos da Barragem do Cabril (2014)Arquivo municipal de Pedrógão Grande



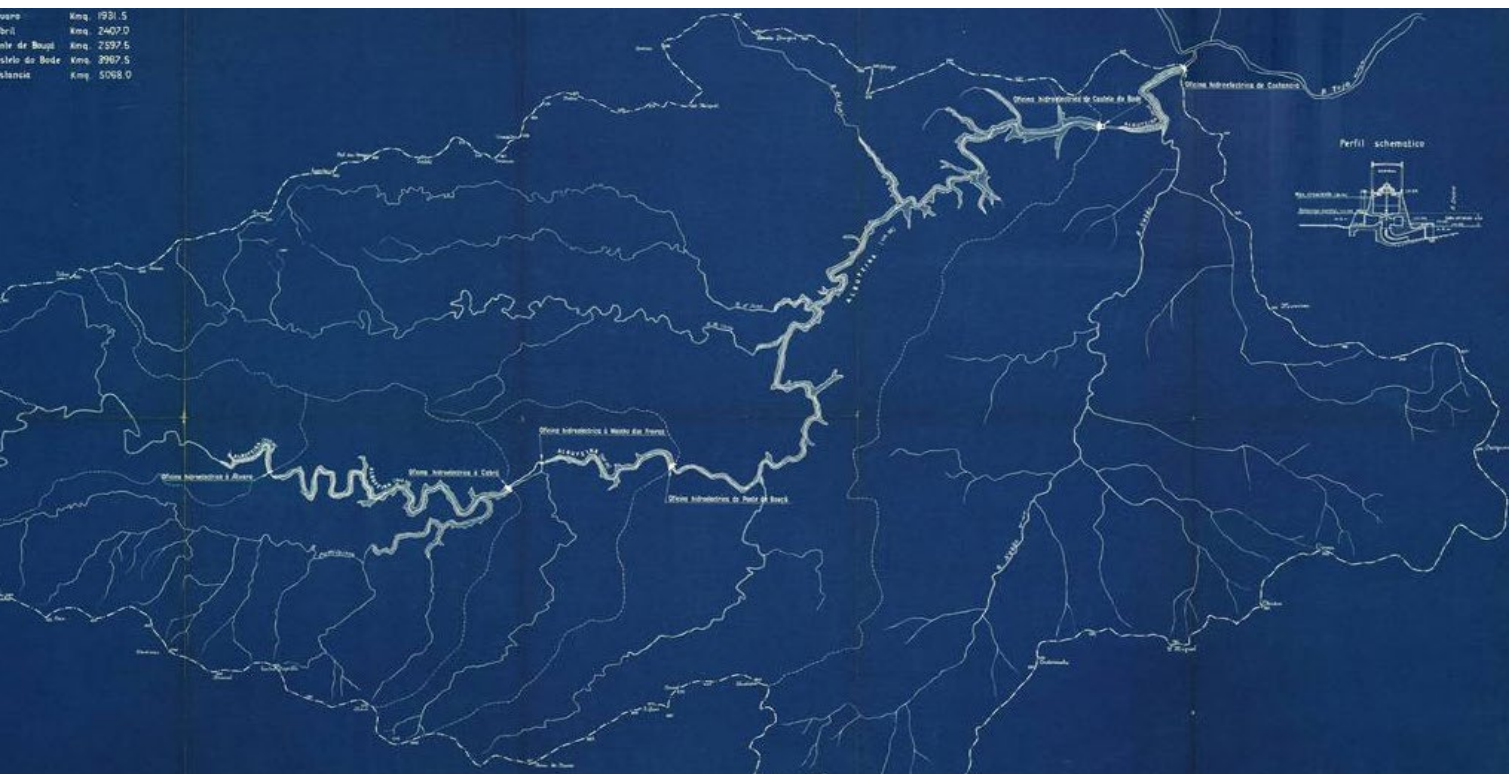
O impacto profundo desta construção, não se limitou apenas à sua fase de construção. A construção da barragem do Cabril teve repercussões que ainda se sentem nos dias de hoje. Uma vez que a obra da barragem provocou grandes mudanças nos acessos inter-municipais, acabou por haver um grande distanciamento das comunidades. A conexão rodoviária criada pela Nacional 2 prometeu aproximar estas duas terras, mas no entanto, pelo facto de os acessos passarem a ser maioritariamente rodoviários, acabou por acentuar a sua separação, contrariamente ao que era esperado.

Atualmente, a barragem continua a ser um ícone da produção de energia hidroelétrica, e continua a ser um grande marco da engenharia portuguesa, embora tenha ganho uma nova identidade.

A albufeira criada por esta parede, que noutros tempos havia sido avassaladora, destruindo aldeias e ecossistemas, é hoje em dia um ponto atrativo turístico.

Através deste setor, ambos Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, conseguiram, atraindo visitantes interessados na beleza “natural” da albufeira, revitalizar parcialmente a economia local.

Essencialmente, a intervenção violenta que foi feita neste território, que outrora devastou o ecossistema e que se impunha como um símbolo ditatorial, é, nos dias de hoje, a principal fonte de rendimentos, que é impulsionada pelo turismo que é atraído por esta “natureza construída”. É também interessante, relembrar que a barragem do Cabril representa o ponto central entre estas duas terras vizinhas, pertencendo a ambas de igual forma. Ambas as comunidades usufruem desta albufeira, seja como atração turística, ou até para a prática de desportos aquáticos ou pesca.



“Vou para a barragem com alguma frequência. Sou apaixonado pelo Rio Zêzere, adoro dar um mergulho e estar sentado a olhar para a natureza.”

“Já não vejo Pedrógão sem a barragem. Foi muito bom a nível económico e turístico.”⁷

7. Testemunhos realizados à população de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno, pelo Atelier Na Margem (outubro de 2023)

8. Jorge Gomes é engenheiro civil, formado pelo Instituto Superior Técnico e doutorado em Ciências de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vencedor do prémio Engenheiro Cruz Azevedo. Em 2006 recebe o Grau de Especialista em Barragens do LNEC. Centra a sua investigação em modelação experimental, modelação física de barragens de betão, modelação numérica de cenários de rotura de barragens, entre outros.

Atualmente, a população vê na barragem e na sua albufeira, uma nova identidade da região. Desde a data da sua construção, o ecossistema mudou completamente, a fauna e a flora mudaram, enquanto o rio, para além da produção de energia, passou a ter inúmeras outras funções, como a prática de desportos aquáticos, o lazer, a pesca e o apoio no combate aos incêndios. O rancor que outrora permeava as gerações que viveram o impacto da construção desta obra de Estado Novo, foi com o passar dos anos, desvanecendo.

Esta nova paisagem construída é o testemunho edificado da capacidade de resiliência e de adaptação da natureza à mão humana.

Esta realidade sublinha o princípio importante de que a natureza encontra sempre maneiras de se reequilibrar, e que o ser humano será sempre capaz (se estiver disposto a fazê-lo) de se transformar e adaptar a ela.

No seguimento do Ciclo de Conversas do Tomo I do Atelier na margem, é relevante salientar algumas conversas que se relacionam diretamente com a barragem do Cabril.

Uma das conversas a sublinhar, deu-se com o engenheiro Jorge Gomes⁸, engenheiro especialista em barragens do LNEC.

O atelier fez uma visita ao Departamento de Barragens do LNEC, onde se faz o estudo das estruturas das grandes barragens em betão, de forma a ajudar no planeamento e na preservação das mesmas.

Figura 7. (Autor desconhecido), Fotografia da construção da barragem do Cabril,
Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

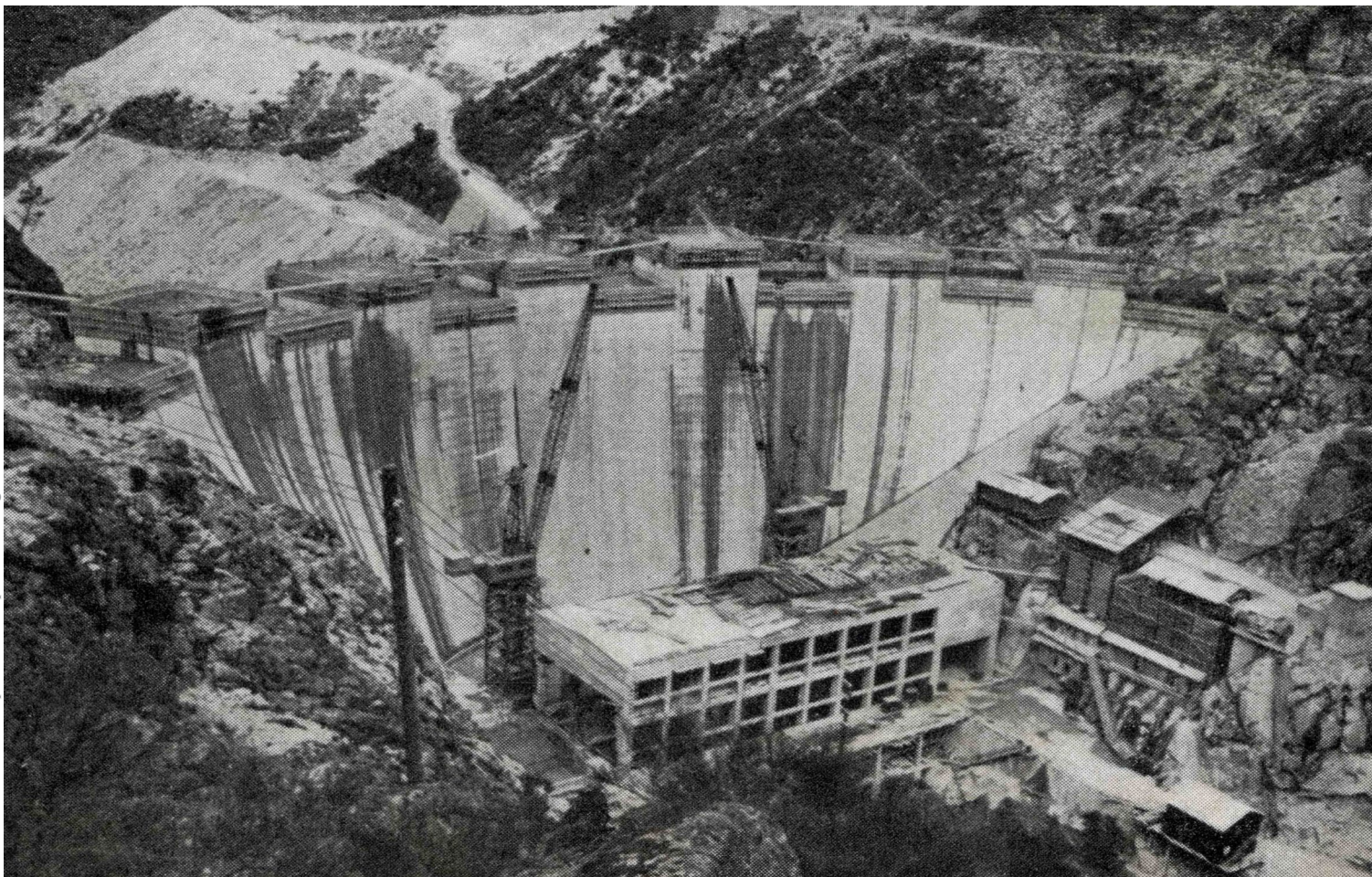
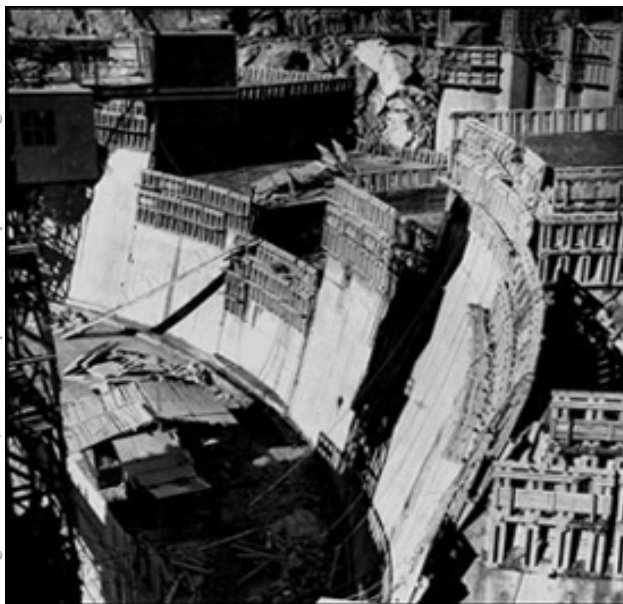


Figura 8. (Autor desconhecido), Fotografia da construção da
barragem do Cabril, Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande



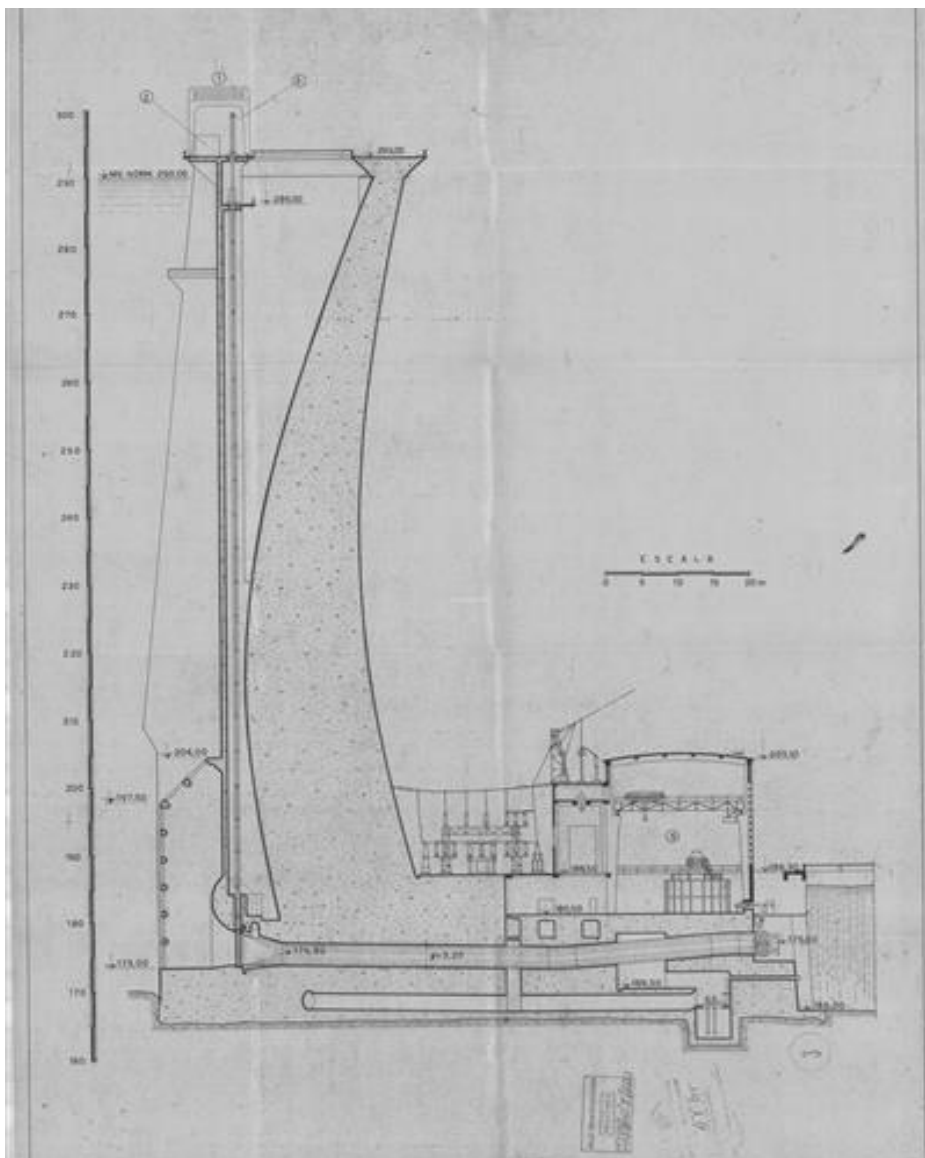


Figura 9. Corte transversal da barragem do Cabril pela conduta de água. Fonte: Fundação EDP



Figura 10. (Autor desconhecido) Fotografia da montagem de uma das turbinas da central hidroelétrica, Fonte: Fundação EDP

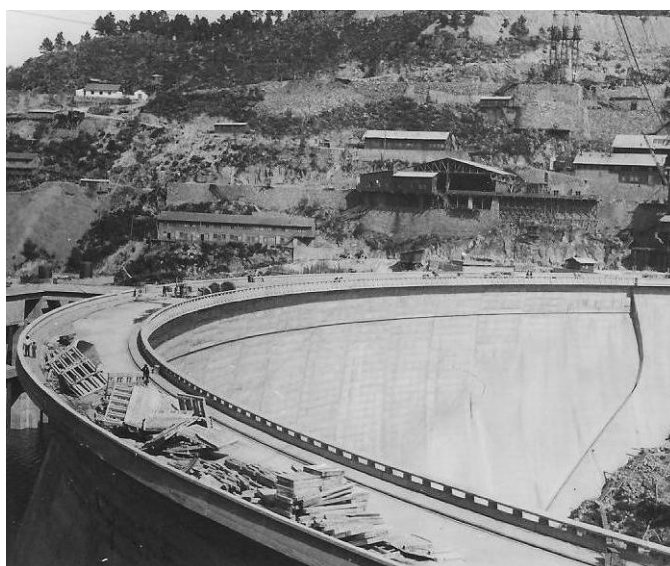


Figura 11. (Autor desconhecido), Fotografia da construção da barragem do Cabril, Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Pequeno

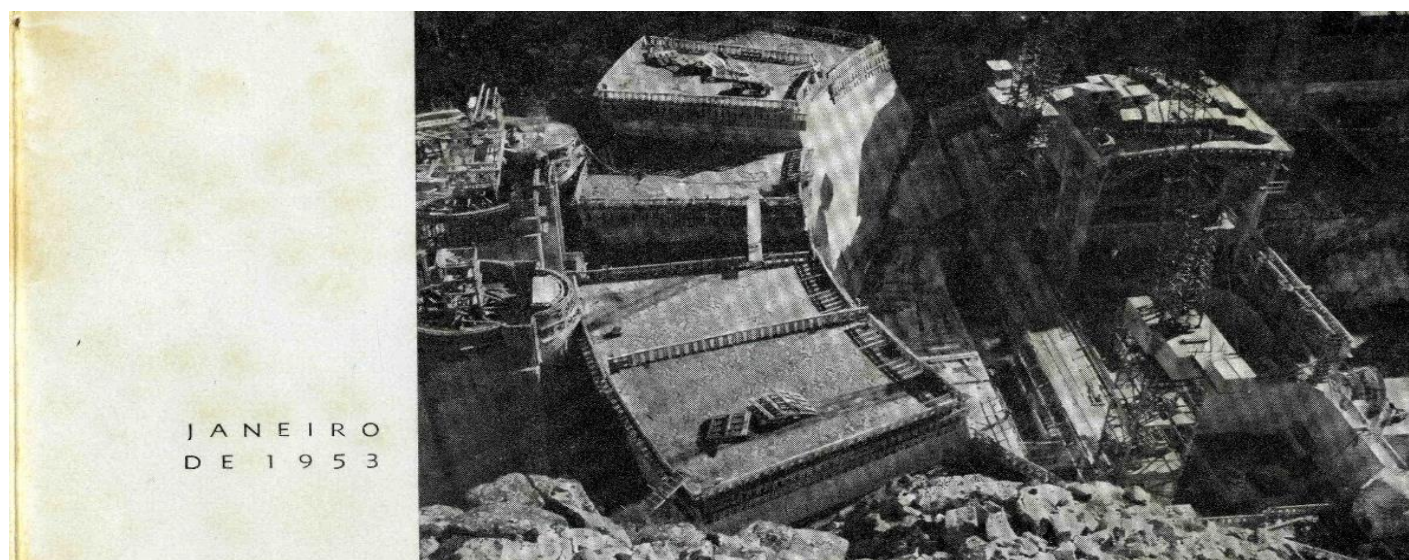
9. Joaquim Moreno é arquiteto licenciado na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e fez seu mestrado na Escola Técnica de Arquitectura de Barcelona, Espanha. Desenvolveu sua tese de doutoramento em Teoria e História da Arquitetura na Universidade de Princeton, EUA.

Sendo obras que têm o “poder” de mudar a geografia, são criados modelos que testam todos os tipos de possíveis acontecimentos, com o intuito de as construir da forma mais delicada e segura para o meio envolvente. Na visita que o Atelier Na Margem fez ao LNEC, o engenheiro sublinhou o facto de que as barragens têm uma vida útil de cerca de 50 anos e precisam de uma manutenção constante. Dado que o objeto de estudo desta investigação, a barragem do Cabril, se encontra no seu septuagésimo ano de vida, esta conversa acentua temas muito urgentes, como por exemplo a questão do cessar da energia hidroelétrica no Cabril. Concluimos em atelier que, está na hora de começar a investir em fontes de energia que não explorem os recursos naturais, sendo necessário encontrar novas soluções energéticas.

No dia 2 de dezembro de 2023, Joaquim Moreno⁹ teve a sua participação no ciclo de conversas, onde propôs ao atelier Na Margem olhar de uma forma diferente para as grandes infra-estruturas como as barragens. Incentivando-nos, a ter uma visão crítica sobre a exploração dos recursos naturais e o impacto que grandes infra-estruturas como as barragens, têm no meio ambiente. Joaquim Moreno reforça, desta forma, a urgência de uma maior consciencialização sobre o limite da utilização dos recursos, e a necessidade de alcançar a justiça ambiental.

Para um jovem arquiteto, é importante reter a mensagem de que, em vez de continuar a construir incessantemente, é necessário ser sensível ao meio ambiente e repensar a arquitetura, procurando soluções mais sensíveis e justas com o meio ambiente em que se inserem. Como por exemplo o reuso e a adaptação.

Figura 12. Brochura da inauguração da barragem do Cabril





“ Se a cultura se encontra intimamente ligada às formas de habitar o território, a Arquitetura, como sistema que especializa essa Cultura, desempenha um papel cada vez mais decisivo no processo de transformação ambiental a que o mundo está sujeito. ”¹⁰

Esta frase de Lucinda Correia¹¹, transmite-nos uma mensagem que a arquiteta partilha no seu livro *Contra-Arquitetura: Reconstruir a Realidade*, sobre a necessidade de repensar a arquitetura no contexto atual. O modelo tradicional de arquitetura que privilegia o lucro e o desenvolvimento desequilibrado à custa do meio ambiente, encontra-se inadequado ao contexto ambiental que o planeta enfrenta. Lucinda Correia promove a ideia de “contra-arquitetura”, como uma abordagem disruptiva e inovadora, que desafia as normas pré-estabelecidas e propõe a criação de espaços que priorizam o impacto ambiental e social, em vez de apenas a sua forma estética. É de destacar também, a importância da participação pública nos processos arquitetónicos, uma vez que as necessidades locais e a sustentabilidade das obras, formam uma das partes mais importantes do projeto arquitetónico.

Através do seu livro, Lucinda Correia, convida-nos a repensar o papel que o arquiteto desempenha na política, na economia, na sociedade e no meio ambiente, defendendo, uma arquitetura mais responsável, inclusiva e consciente, uma “Contra-Arquitetura”.

“ A Contra-Arquitetura é um veículo de revelação de um qualquer reverso da realidade do espaço humanizado, uma Arquitetura possível., como uma ação transformadora do meio ambiente entendido como habitat de múltiplas espécies, que suporta a nossa existência como seres iológicos. ”- Lucinda Correia, Contra-Arquitetura: Reconstruir a Realidade

10. Correia, Lucinda, (2021),
Contra-Arquitetura: Reconstruir a Realidade,
Fundação EDP/MAAT

11. Lucinda Correia é arquitecta e investigadora. Actualmente desenvolve relações produtivas entre educação, investigação crítica e edição, para além da prática de projecto.

2º ATO

O PROGRAMA

12. Informações retiradas do Diário do Governo n.º 217/1933, Série I de 1933-09-23, páginas 1662 - 1664, Fonte: Diário da República.pt

13. Diário do Governo n.º 217/1933, Série I de 1933-09-23, páginas 1662 - 1664, Artigos 1º e 4º, Fonte: Diário da República.pt

A Casa do Povo

O conceito de Casa do Povo surgiu em pleno do regime ditatorial. Instituídas como parte da estratégia do regime para implementar um sistema corporativo. As Casas do Povo tinham como objetivo criar uma rede de organismos locais que promovessem a gestão, o controlo social e a integração da população rural nas “estruturas” do estado.

Tendo sido projetadas para operar nas freguesias mais rurais, estas instituições, para além de servirem um papel educativo na sociedade, proporcionando uma educação básica aos sócios da Casa e promovendo algumas atividades culturais e recreativas, ofereciam também serviços necessários à comunidade como a assistência médica e social, sendo essenciais nos contextos em que o acesso a cuidados de saúde era limitado.¹²

Apesar de serem organizações criadas pelo regime, como forma de “controlar” as sociedades rurais, as Casas do Povo passaram a ser locais, onde os cidadãos iam para conviver. O facto de estas instituições públicas serem heterogéneas, abrangendo toda a população, fazia com que estes espaços fossem caracterizados pela sua harmonia social. Ao oferecerem a possibilidade de participarem em inúmeras atividades culturais, como ranchos, teatros ou bandas, estas Casas eram um terreno fértil para o equilíbrio social.

Com a queda do regime, a obrigatoriedade da criação de Casas do Povo deixou de existir. E com o passar dos anos e a evolução da sociedade, deixou também de haver a necessidade de englobar nestas obras, as necessidades básicas, sendo que estas passaram a ser mais acessíveis ao público em geral.

Por estas razões, as Casas do Povo, deixaram de oferecer a maior parte dos serviços que o Decreto-Lei impostas pelo governo de Salazar. Progressivamente, a oferta que se manteve constante nestas organizações, foram as atividades culturais, não só pela conveniência da localização das Casas, mas também pelo espaço disponível para a organização de atividades.

Artigo 1º. É autorizada a criação em todas as freguesias rurais de organismos de cooperação social, com personalidade jurídica, denominados Casas do Povo(...)

Artigo 4º. Os fins das Casas do Povo são os seguintes:

a) Providência e assestência.

b) Instrução.

c) Progressos locais.¹³

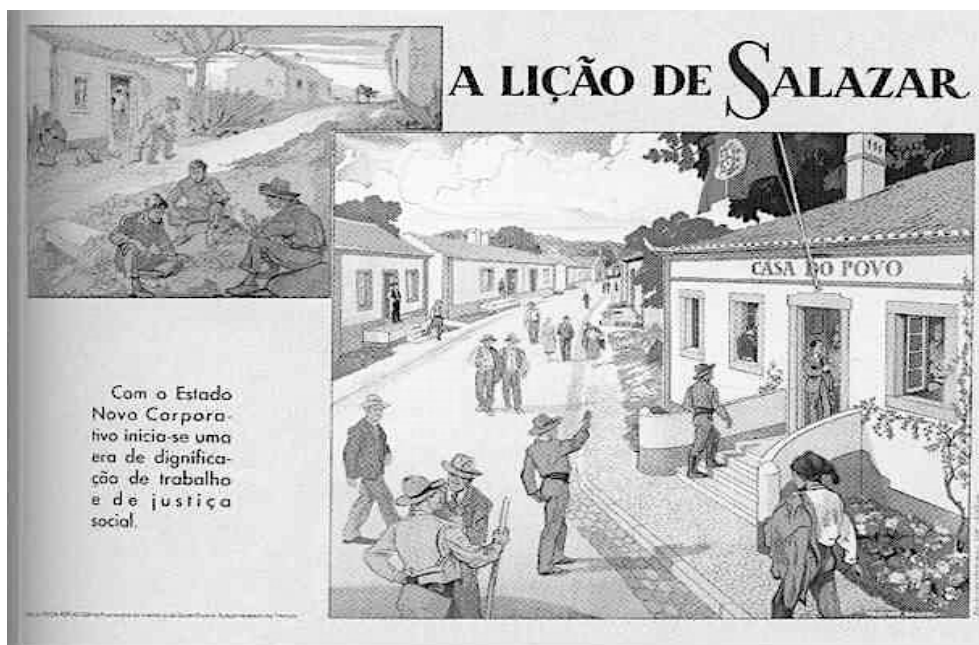


Figura 14. A lição de Salazar, Martins Barata, 1938.
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

No entanto, pela redução de oferta de atividades, as Casas do Povo começaram a cair em desuso. O êxodo rural teve um grande papel no despovoamento e envelhecimento das sociedades rurais, o que levou à queda da prática das tradições culturais e, conseqüentemente, à necessidade de grandes espaços onde estas se desenvolvessem.

Nos dias de hoje, o conceito de Casa do Povo é extremamente distante ou mesmo, completamente desconhecido pela população mais jovem, que não reconhece este termo no seu “dicionário” atual.

No que toca às Casa do povo de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno, infelizmente a documentação existente é bastante escassa.

Em relação a Pedrógão Grande, sabemos que este concelho teve em tempos uma casa do povo, que posteriormente deu lugar à atual Casa da Cultura de Pedrógão Grande. Esta instituição teria começado com o mesmo fim das outras Casas do Povo instituídas pelo governo na altura da ditadura. Contando com organizações de providência e assistência aos sócios, organizações responsáveis pela educação, cooperação nas obras de utilidade comum e serviços de higiene pública. Com o passar dos anos e já depois da queda do regime, a população em geral começou a ter melhores condições de vida, que culminaram no declínio da necessidade de um polo que oferecesse todas estas funções.

A Casa do Povo de Pedrógão Grande, passou posteriormente a acolher apenas algumas atividades culturais, como o Rancho Folclórico, um grupo de teatro e, contrastando com a agenda cultural, o departamento da Segurança Social.¹⁴

O crescente envelhecimento da população, levou à perda de investimentos na área da cultura e a perda gradual de interesse da juventude nestas tradições, o Rancho Folclórico acabou por cessar atividades, tal como o grupo de teatro da Casa do Povo, deixando a instituição praticamente desocupada, com a exceção da Segurança Social.

Por volta dos anos 2000, a Câmara Municipal desativou o único gabinete que ainda mantinha as suas funções. Passado uns anos, esse espaço foi recuperado e reaproveitado, dando lugar ao que atualmente é a Casa da Cultura de Pedrógão Grande.

Por sua vez, em Pedrógão Pequeno, também existiu em tempos uma casa do povo, mas a informação sobre esta é quase inexistente, à exceção de informações orais de alguns moradores que viveram nesse tempo e experienciaram a Casa do Povo de Pedrógão Pequeno¹⁵.

14. Costa dos Santos, José, (1985) *Monografia de Pedrógão Grande*, Câmara Municipal de Pedrógão Grande

15. Entrevista concedida a Susana Coelho, técnica superior do arquivo municipal de Pedrógão Grande, realizada no arquivo. (julho de 2024)

ESBOÇO DA CASA DO POVO DE
DIPLOMAO GRANDE, A CONSTRUIR.

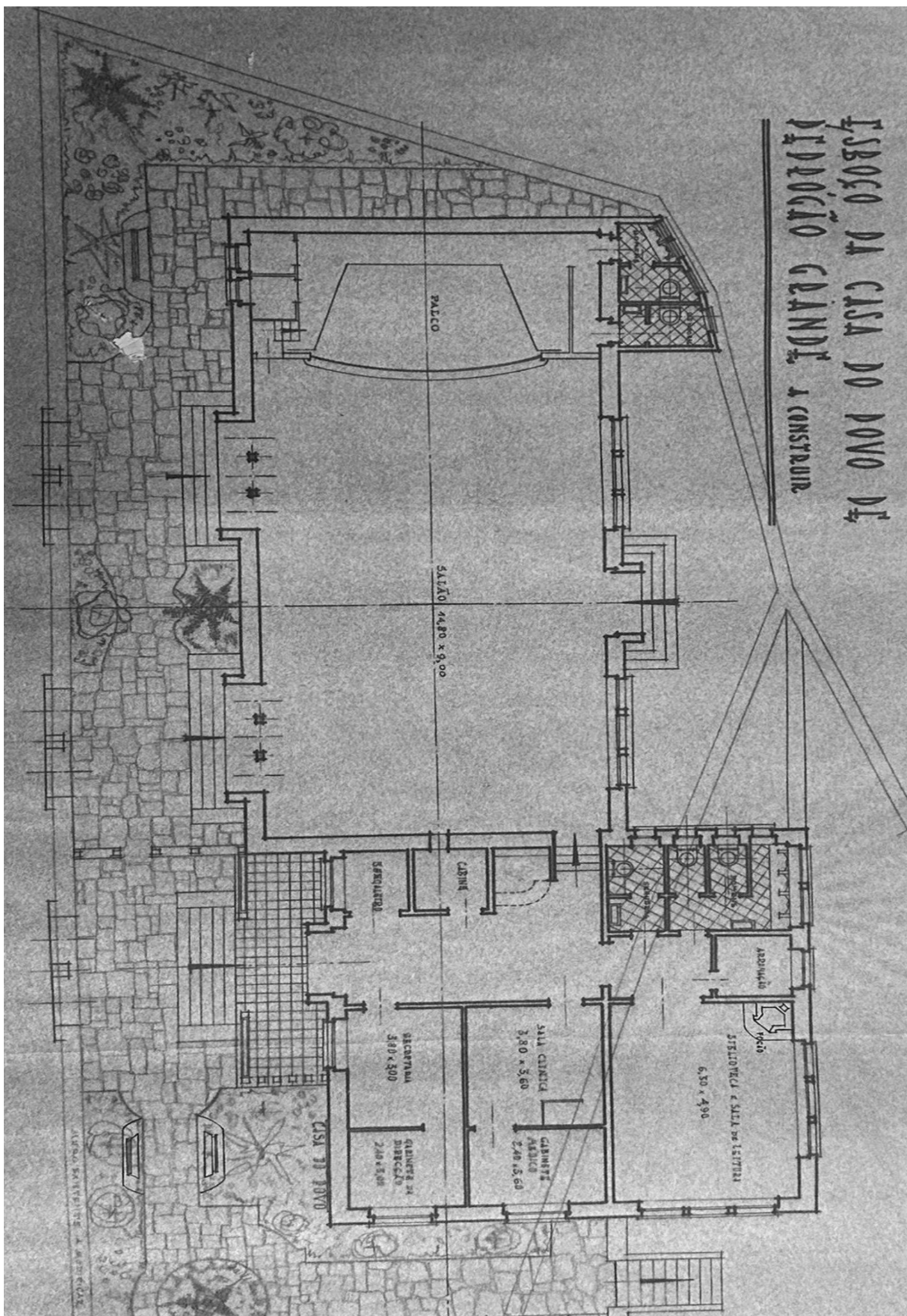


Figura 15. Planta do piso 0 da antiga Casa do Povo de Pedróvão Grande, Arquivo Municipal de Pedróvão Grande

3º ATO

A MATÉRIA

A harmonia do Cabril

Passados 70 anos da construção da barragem do Cabril, a população que outrora se tinha estabelecido e criado famílias nestas terras foi envelhecendo.

Devido aos acontecimentos do êxodo rural e da monopolização das indústrias e dos empreendimentos nas grandes cidades, as pessoas mais jovens sentiram-se na obrigação de se deslocarem para as grandes cidades em busca de melhores condições laborais e de vida. As tradições que eram, antigamente, partilhadas de geração em geração, de avós para pais e de pais para filhos, acabaram por se perder.¹⁶

É necessário não deixar morrer a cultura destas terras, as nossas raízes são a base da nossa identidade, portanto, ao deixá-las desvanecer, estamos a perder parte do nosso “Ser”.

Por esta razão, é urgente abordar o tema da cultura nas terras mais rurais. O envelhecimento da população não pode ser o fim da nossa identidade cultural.

As tradições culturais do povo do cabril estão diretamente ligadas à sua história, geografia e política e religião. Estas localidades mantêm viva uma herança cultural rica e diversificada, que se está infelizmente a extinguir, principalmente pelo problema da população envelhecida, mas também pela grave falta de espaços onde se possam praticar e lecionar estas atividades culturais.¹⁷

A influência da igreja católica está diretamente ligada ao desenvolvimento das tradições culturais de comunidades rurais como é o caso de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno. Ao incentivar à devoção espiritual como por exemplo com as missas e ao encontro comunitário como por exemplo com as procissões, a igreja ajudava a criar um espírito harmonioso, que vinca a identidade e a herança cultural destas comunidades.

16. Costa dos Santos, José, (1985) *Monografia de Pedrógão Grande*, Câmara Municipal de Pedrógão Grande

17. Conclusões retiradas da entrevista concedida a Susana Coelho, técnica superior do arquivo municipal de Pedrógão Grande, realizada no arquivo. (julho de 2024)



Figura 16. Desfile do Ranco infantil nas Festas de Verão (1992), Arquivo Municipal de Pedrógão Grande



Figura 17. Procissão da Semana Santa (1982). Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

Tal como na maior parte do território português, não é preciso procurar muito para se encontrar alguém vestígio do património religioso.

As igrejas e as capelas, para além de desempenharem um papel muito importante no património histórico e arquitetónico destas terras, moldaram também a maneira como as atividades culturais se foram desenvolvendo.

A organização das festividades, proveem maioritariamente de celebrações em honra de santos padroeiros e procissões que acabavam por reunir a comunidade toda para o mesmo propósito.

Estas celebrações foram também, o ponto de ligação entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno. As pessoas deslocavam-se de uma terra para a outra de forma a presenciarem as procissões e as festas dos santos aos quais eram mais devotos.

Este sentido de união e de fé, embora não sendo o único, acabou por ser o principal catalisador da maior parte das atividades culturais que ainda prevalecem nos dias de hoje.

A música e a dança sempre tiveram um papel muito importante nestas celebrações. Mesmo sendo muitas vezes organizadas pela Igreja, as festividades locais contavam habitualmente com a presença das bandas filarmónicas, e dos grupos de danças folclóricas, tornando estas celebrações em autênticas demonstrações do legado cultural destas comunidades.

Atualmente, é palpável o crescente desinteresse por certas tradições que foram passando de geração em geração. É compreensível que, com o envelhecimento galopante da população rural seja complicado manter vivas as festividades e tradições, no entanto, é muito importante investir na cultura e proteger o património e a identidade destas comunidades.¹⁸

18. Conclusões retiradas da entrevista concedida a Susana Coelho, técnica superior do arquivo municipal de Pedrógão Grande, realizada no arquivo. (julho de 2024)

Promessas

A. Keil.

Moderato *Andante*

VOZ

PIANO

Due pedale

ritard. molto

pp

p

anim.....

ritard.

atempo

p

ritard.

Nos... sa

Se_nho...ra do Pran_to, Tu, que em Dornes és ra_i_nha, Dá-me a

quem de...se-jo tan-to, P'ra se_nhor da vi-da mi_nha! Eu

te promet...to dois ci...rios, Mai...o...res que o meu a

mor,... Mais u_mac'roa de ly_rios P'ra te en-fei_tar teu an_

• N.º 10 •

dor.

f a tempo

D.C. & Para acabar

Andante

Des-de a ru-a á fronta-ri-a Su-bi-rei... sem des-can-

Mi-nha trança hei de cortar Dos meus se-do-sos ca-

Dia e noi-te, um mez ac-ce-sa Tu-a lam pa-da te-

Sem-pre, sem pre sin-to mê-do Não vá n'outra a-char en-

çar De jo-e-lhos a escada-ri-a Que me le-va ao teu al-tar... Se bem

bel.los, In-ve-ja d'este lo-gar Que ne-nhu.ma os tem mais bellos... E

rei,... P'ra que me allu-mie a re-za Que ás Trinda des... re-za-rei... Por Je-

can to Se des-cu bro... tal se-gre do Ai de mim! Virgem do Pranto!. P'ra bem

di-zes mi nha es-co.lha Eu pro-met to... dar-te um véo... De sé-da, novinho em

prendo-a com branca fita Na pa-re-de... d'a-zu-le-jos Quando tu Virgem bem

sus, cruci-fi-ca-do Tu-do eu te ju-ro fa-zer Se o meu qu'rido conver-

lon-ge tal a-goí-ro Mas se eu sei que me tra-hiu, Dou-te, crê! minhacruz

D.C. & Fim

fo-lha To-do a-zul, da côr do ceu!

di-ta, Sa-lis-fa-ças meus de-se-jos!

sa-do Não mu-dar de pa-re-cer!

d'oi-ro E de- pois dei-to-me ao rio!

Figura 19. (Autor desconhecido) Fotografia da Sociedade Filarmónica União Pedroquense, (finais do século XIX), Arquivo Municipal de Pedrógão Grande



Figura 20. (Autor desconhecido) Desfile da Sociedade Filarmónica União Pedroquense, Festas de Verão de Pedrógão Grande. (1992), Arquivo Municipal de Pedrógão Grande



O legado cultural de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno

Em termos de cultura, Pedrógão Grande promove diversas atividades que reforcem sua identidade local. As feiras de artesanato e produtos regionais, como o azeite e o mel, são oportunidades para valorizar o trabalho dos artesãos e agricultores locais.¹⁹ O Centro de Interpretação e Cultura, uma instituição dedicada à preservação e promoção da herança cultural, promove exposições, palestras e eventos que celebram a história desta região.²⁰ As festas em honra de São Sebastião, o padroeiro da vila, são o ponto alto do calendário religioso, marcadas por procissões, missas solenes e celebrações que unem habitantes e visitantes. Além do mais, a Festa de Nossa Senhora da Piedade e a Semana Santa são momentos de devoção em que participa uma grande fatia da comunidade.²¹ Fizeram também parte do calendário cultural deste município, um rancho folclórico e um grupo de teatro, que participavam em todas as festividades locais. Porém, com o passar dos anos, foram perdendo participantes gradualmente, até que, por volta dos anos 2000, acabaram por cessar atividade.

É, contudo, impossível referir o legado cultural de Pedrógão Grande sem falar da banda Sociedade Filarmónica União Pedroguense.¹⁹

Fundada em 1863, esta banda surgiu, como a maior parte das bandas filarmónicas, como elemento de identificação dos partidos monárquicos, na segunda metade do século XIX. O seu propósito encontrava-se na propagação do sentido de união nacional, tendo passado a ser um símbolo de harmonia entre a população de Pedrógão. Esta banda centenária, conta hoje com 30 membros, e é conhecida na região pela sua participação em cortejos religiosos, touradas, memoriais (em memória das vítimas dos incêndios de 2017), e muitas outras festividades.²²

O repertório desta banda tem-se adaptado à evolução dos tempos, privilegiando, no entanto, obras de autores portugueses. A maior parte das obras executadas por esta filarmónica eram, antigamente, maioritariamente, provenientes de cancioneros populares, naturais destes contextos rurais, sendo tocados com partituras escritas à mão pelos maestros, ou mesmo sem partituras, apenas de ouvido. Este teor popular, oferecia à comunidade uma oportunidade para cantar em conjunto com a banda que marchava pelas ruas, criando um contexto de comunhão e sintonia entre o povo.

Hoje em dia, esta banda adapta-se bastante aos temas mais atuais, nunca deixando de tocar alguns dos mais célebres temas que remontam à sua data de criação, tentando sempre manter viva a história da *Sociedade União Pedroguense*.

19. Câmara Municipal de Pedrógão Grande, Agenda de Eventos,

Fonte: cm-pedrogaogrande.pt

20. Aires B. Henriques e Nuno R. Soares, (2018), *Pedrógão Grande e o Cabril: Encantos Mil*, Câmara Municipal de Pedrógão Grande

21. Costa dos Santos, José, (1985) *Monografia de Pedrógão Grande*, Câmara Municipal de Pedrógão Grande

22. Município de Pedrógão Grande, (2024), Revista Municipal



Figura 21. (Autor desconhecido), Procissão da Semana Santa no Largo da Igreja Matriz, Anos 60, Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

23. Aires B. Henriques e Nuno R. Soares, (2013), *Pedrógão Pequeno: Jóia do Cabril*, Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno

24. Rui Pedro Lopes, *Pedrógão Pequeno: uma história milenar*, Câmara Municipal da Sertã

25. Aires B. Henriques e Nuno R. Soares, (2013), *Pedrógão Pequeno: Jóia do Cabril*, Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno

Pedrógão Pequeno, embora sendo uma freguesia com uma escala relativamente pequena, conta com uma riqueza patrimonial que é indissociável da sua herança histórica e arquitetónica. Fazendo parte das Aldeias de Xisto, este território atrai bastantes visitantes que procuram experiências culturais autênticas. A procura turística, nesta região, foi um dos grandes motivos para a preservação do património arquitetónico local, a presença de monumentos históricos como a Ponte Filipina e barragem do Cabril e a sua albufeira, reforçam a importância da preservação destas memórias do passado que moldaram estas comunidades.

Relativamente ao património histórico e cultural, em semelhança ao seu concelho vizinho, Pedrógão Pequeno também associa a maior parte das festividades à Igreja, sendo palco de inúmeras cerimónias religiosas que envolvem missas, procissões, concertos e eventos recreativos em honra dos santos padroeiros do local.²³

À semelhança de Pedrógão Grande, a freguesia de Pedrógão Pequeno é também conhecida por organizar eventos que contam com atividades tradicionais locais e com o legado destas pessoas no geral, como o artesanato, a gastronomia e a música.

Algumas feiras, como a feira de Artes e Sabores, apresentam, por exemplo, os produtos típicos desta região tais como o mel, e o queijo. Estas feiras, para além de ajudarem a manter vivas as tradições e os costumes destas pessoas, são também muito importantes por darem a conhecer a cultura local a quem escolhe ir visitar estas terras.

Tal como acontece nos concelhos vizinhos, a fé é uma peça constante na vida destas pessoas. Por esta razão, as festas religiosas são fundamentais na vida comunitária, destacando-se então a Festa em honra de São Pedro, o padroeiro da aldeia, que inclui procissões, missas, e outras tantas celebrações que fortalecem a fé e a união dos habitantes, tais como as atuações do Rancho Folclórico de Pedrógão Pequeno, ou da Sociedade Filarmónica Aurora Pedroguense.²⁴

A Sociedade Filarmónica Aurora Pedroguense nasceu a 15 de Abril de 1891, tendo sido fundada por um grupo de músicos liderado pelo músico que mais tarde se viria a tornar também no diretor desta banda, Adelino Duarte Pessoa dos Santos.

Dado ao seu nascimento ter acontecido no auge da revolta republicana em Portugal, o nome “Aurora”, simbolizava a mudança e o nascer de uma nova alma musical que defendia um futuro mais justo, fraterno e solidário, soltando-se das exigências do regime monárquico e defendendo a liberdade e a instituição da República.²⁵

Os dados históricos dos primeiros anos de vida desta filarmónica são escassos. Ao ter sido criada por um grupo de músicos independentes, esta banda não teve por muitos anos, uma sede própria, sendo acolhida por diretores ou membros da banda em diferentes espaços cedidos para ensaios ou reuniões.

Figura 22. (Autor Desconhecido) Grupo de teatro de Pedrógão Pequeno, Câmara Municipal da Sertão





Figura 23. (Autor desconhecido), Sociedade Filarmônica Aurora Pedroguenense, Fonte: página de Facebook da Sociedade Filarmônica Aurora Pedroguenense

Independentemente da falta de uma sede, a Sociedade Filarmónica Aurora Pedroguense estava presente na maior parte das celebrações religiosas e populares da região, tendo inclusive marcado presença na inauguração da barragem do Cabril, fazendo a receção do Presidente da República, General Craveiro Lopes, e fazendo posteriormente parte dos festejos.²⁶

Apesar da sua história musical exemplar, a Sociedade Filarmónica Aurora Pedroguense foi reconhecida como Instituição de Utilidade Pública oficialmente apenas em 1988.

Atualmente, contando com 40 músicos, esta banda continua a marcar presença em diversas festividades locais, bem como em eventos de música em todo o país.

Pedrogão Pequeno conta frequentemente nas suas celebrações também com o Rancho Folclórico de Pedrogão Pequeno. A criação deste grupo de danças tradicionais remete ao ano de 1956. Criado pelo padre Serafim Serra, que juntou um grupo de rapazes e raparigas para cantarem e dançarem na festa anual na Casa das Beiras, este grupo passou a ensaiar e a apresentar as danças tradicionais de Pedrogão Pequeno por todo o país, após a sua revelação na festa na Casa das Beiras em Lisboa.

Desde a criação deste Rancho, a sua coabitação com a Sociedade Filarmónica Aurora Pedroguense não foi muito pacífica. Por terem elementos em comum, o Rancho e a Filarmónica tornavam-se incompatíveis pela dificuldade de gerir os ensaios e os concertos. Estes desentendimentos levaram, por volta de 1980, ao desaparecimento deste grupo²⁷. Após a publicação do livro “Rancho Folclórico de Pedrogão Pequeno”, da autoria de Januário Antunes Fernandes, antigo diretor deste mesmo rancho, alguns habitantes de Pedrogão Pequeno juntaram-se para participar no Carnaval da Sertã, em memória do antigo Rancho Folclórico de Pedrogão Pequeno.

26. Aires B. Henriques e Nuno R. Soares, (2013), *Pedrogão Pequeno: Jóia do Cabril*, Junta de Freguesia de Pedrogão Pequeno

27. Januário A. Fernandes, (1987), *O Rancho Folclórico de Pedrogão Pequeno: (1956-1984)*, Com. Reg. de Turismo dos Templários, Floresta Central e Albufeiras, Câmara Municipal da Sertã

A partir desse momento, os constituintes deste novo grupo passaram a organizar-se e a participar em eventos regularmente, até que se apresentaram ao conselho técnico da Federação do Folclore Português em 2001, passando então a ser sócios efetivos da mesma.

Embora ambos Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno sejam ricos em património cultural, estes costumes já não têm a mesma influência e importância que outrora tiveram na agenda cultural destas pessoas. O decréscimo galopante da juventude nestas terras, aliado à falta de investimentos na preservação das tradições locais, resultou num efeito muito profundo na sociedade destes locais, e as atividades que antigamente aconteciam com alguma frequência, acontecem neste momento, mais esporadicamente, devido ao número mais reduzido de participantes e espectadores.

A preservação do património histórico, arquitetónico e cultural representa portanto, não apenas uma questão de homenagem ao passado, mas também uma urgência para garantir a continuidade e a preservação da identidade e da herança destas pessoas.



Figura 24. (Autor desconhecido) Rancho Folclórico de Pedrógão Pequeno
Fonte: página de Facebook do Rancho Folclórico de Pedrógão Pequeno





Figuras 25 e 26. (Autor desconhecido) Rancho Folclórico de Pedrógão Pequeno
Fonte: página de Facebook do Rancho Folclórico de Pedrógão Pequeno

4º ATO

A ESTRATÉGIA

28. Bachelard, Gaston, (1998), *A Poética do Espaço*, Martins Fontes

29. Conceito de “topofilia”, ou amor a um lugar, idealizado pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, que inicia a discussão sobre a relação de intimidade e afeto que o Ser Humano cria com os espaços que habita. Tuan defende que, seja qual for o espaço, se uma pessoa interagir vezes suficientes com ele, acaba por desenvolver uma conexão afetiva, permeando e deixando-se permear pela sua essência.

O espaço público: das pessoas para as pessoas

A forma como o Ser Humano se apodera do espaço público tem sido tema de discussão e estudo, desde o início dos tempos.

Ao abordar o tema do espaço público, a grande maioria das pessoas associa este assunto aos grandes espaços exteriores que as pessoas utilizam como passagem, como as ruas e as praças. Porém, pretende-se, neste capítulo, estudar diferentes formas que o espaço público pode tomar, e como as pessoas podem viver nestes espaços.

O filósofo, químico e poeta francês *Gaston Bachelard*, aborda, no seu livro, *A Poética do Espaço* (1958), o conceito de espaço habitado como espaço que transcende o espaço geométrico. A relação que o Ser Humano tem com os lugares que habita, reflete uma conexão que ultrapassa em grande escala a necessidade no mundo construído.

“uma casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” - Bachelard G.²⁸

Bachelard aborda a ideia de que um espaço é muito mais do que um universo geométrico e estéril.

Explora profundamente a relação entre o ser humano e os espaços que ele habita, e reflete sobre a conexão íntima que as pessoas desenvolvem inevitavelmente com os ambientes que ocupam.²⁹

Este argumento permite confirmar a ideia de que o “espaço”, não se trata apenas um local físico, mas sim, de uma construção poética e psicológica onde as experiências, as emoções, e a identidade se entrelaçam. Este capítulo pretende então, aproveitando a ideologia de Bachelard, fazer uma análise de espaços públicos, como por exemplo, as Casas do Povo, como espaços para o público.

How is a bench used?

Jan Gehl, "People on Foot", Arkitekten no. 20/1968"
- Mark Von Vodtke



There's a bench.



A+B: "Great, let's sit..."



*A+B: "... so I can puff on my pipe"
(The man in the background is still waiting.)*



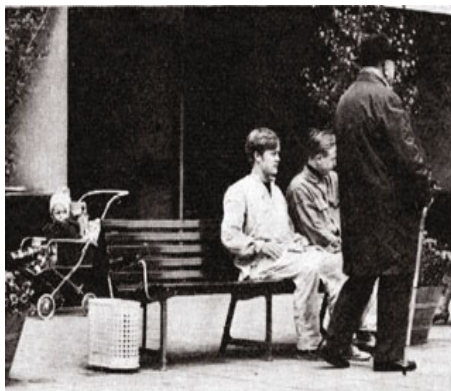
C: "Ah, an empty seat on the end: I'll grab that."



A+B: "Well, time to move on."



C: "This is a good place to sit."



C: "Here come two apprentices with paint all over their pants. I think I've been here long enough."



D+E: "Wow, did you get a look at her?"



There's an empty bench.



F: "Ah, an empty bench. I wonder if there are any red ones left?"



G: "This is a nice place. I'll sit at the opposite end. What on Earth is that white stuff? Fresh paint! - well, I'm not going to sit there"



F: "So he didn't really want to sit down. I guess I'll manage with my own company"... (The little guy is still waiting patiently in his stroller.)

*Quais são as nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado?
Como o percebemos, estruturamos e avaliamos?
Quais foram e, quais são, os nossos ideais ambientais?
Quais são os laços entre o meio ambiente e a visão do mundo?*³⁰

Os Seres Humanos têm, constantemente, interações com o meio ambiente em que vivem, seja este o meio construído, ou o meio natural. Estas interações caracterizam-se por serem relações de partilha mútua. Enquanto que nós nos deixamos “permear” pelo meio ambiente em que vivemos, somos também “permeados” por tudo o que nos rodeia. E estas relações são fortemente ditadas pela nossa cultura. Tudo o que nós somos e o que sentimos, parte de uma pré-existência social e cultural que nos molda enquanto pessoas. E as nossas culturas partem de uma mescla de histórias que se foram contando ao longo dos tempos. Enquanto arquitetos, torna-se indispensável considerar esta filosofia, sendo que a percepção das pessoas do espaço que as rodeia, está intrinsecamente ligada às suas origens e aos seus costumes culturais.³¹

Quando pensamos no dia a dia das pessoas, e nos seus percursos, pensamos em espaço público, como por exemplo os edifícios, as ruas, e as praças. Elementos que permanecem quase inalterados enquanto as sociedades evoluem à volta deles. Os espaços públicos são criados para conter as vivências públicas, no entanto, nem sempre evoluem ao mesmo ritmo que a população.

Ao analisar a evolução do espaço público nas cidades, é possível constatar que na antiguidade, a vida pública e o espaço público foram evoluindo de uma forma coesa, tendo sido estudados e tratados como um só elemento. As cidades iam crescendo gradualmente, de acordo com as necessidades das pessoas, sendo que o planeamento era feito com uma certa intuição em relação às carências sociais, que era resultado de uma tradição de construção que passava de geração em geração.³²

Estes métodos foram, ao longo dos anos, desaparecendo. A evolução da tecnologia e da educação das sociedades, fez com que este trabalho deixasse de ser um conhecimento passado de geração em geração. E o planeamento dos espaços públicos, embora com algumas exceções, deixou de ter o Homem como personagem principal. Quando se fala do espaço público no meio rural, embora com traços menos marcantes do que nas cidades, também é possível observar este lapso nas estratégias urbanísticas.

No caso português, até à época do regime ditatorial, as zonas rurais do país evoluíam de acordo com as necessidades das pessoas que lá viviam. A construção destas terras era feita pelos próprios habitantes, que, conhecendo intimamente a vida pública do meio em que viviam, tinham em conta todas as suas particularidades e necessidades, sem necessitarem de um grande estudo do comportamento da sociedade.

30. Tuan, Yi-Fu, (1930), *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, DIFEL

31. Adichie, Chimamanda, (2009), The danger of a single story, Youtube

32. Gehl, Jan and Svarre, Birgitte, (2013) *How to study public life*, Islandpress (p. 2-19)

33. EDP (2019), *Uma história de dois séculos: Portugal acende a primeira lâmpada*,
Fonte: EDP.com

Quando Portugal entrou no regime ditatorial do Estado Novo, foram feitos grandes esforços para tornar Portugal num país mais independente financeiramente. Com as guerras mundiais a acontecerem “lá fora”, era do interesse do governo, começar a investir na dinamização das indústrias e da economia portuguesas, sendo um desses investimentos a energia hidroelétrica.

Estes investimentos foram feitos em forma de barragens por todo o país, sendo uma delas, a barragem do Caril.³³ A vida pública de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno, mudou completamente da noite para o dia, quando começou a construção desta obra.

Os espaços públicos que tinham sido cuidadosamente planeados, com uma associação direta à vida pacata das populações locais, deixaram de ser proporcionais à quantidade de novas pessoas que passaram a habitar aqueles espaços.

O volume crescente de tráfego humano naquele contexto rural, obrigou a um “repensar” do espaço público.

Porém, este “Boom” populacional teve uma vida relativamente curta. O crescimento das indústrias e das tecnologias nos grandes centros urbanos, originou uma quantidade enorme de novas oportunidades de trabalho, e melhores condições de vida, o que provocou um êxodo repentino das gerações mais jovens que residiam nestes meios rurais. Na década seguinte à construção da barragem do Cabril, a sociedade dos meios rurais teria quase voltado à sua densidade populacional original, deixando para trás apenas os vestígios do que teria sido a vida após a construção da barragem.

A ENERGIA COMO FATOR ESSENCIAL PARA O PROGRESSO DO PAÍS

O grande impulso para o setor elétrico em Portugal surgiu na década de 1940, nomeadamente com a Lei 2002 de 1944, que definiu as linhas mestras da eletrificação do País. Neste âmbito a partir de 1950, realizaram-se grandes empreendimentos hidroelétricos levando à criação das primeiras grandes empresas portuguesas: a Hidroelétrica do Zêzere, para fornecer energia a Lisboa; a Hidroelétrica do Cávado, para abastecer a cidade do Porto; a Hidroelétrica do Douro; a que se juntou a Companhia Nacional de Eletricidade, com a concessão das linhas e subestações de transporte, e a Termoelétrica Portuguesa.

As referidas empresas viriam a fundir-se, em 1969, na Companhia Portuguesa de Eletricidade (CPE), a qual acabou por ser nacionalizada, dando lugar à Eletricidade de Portugal (EDP), em 30 de Junho de 1976, ficando esta com o monopólio da produção, transporte e distribuição de energia no Continente.

João Pedro Reino - (CEPAD – Centro de Estudos da População Ambiente e Desenvolvimento - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Lisboa)

HIDROELÉTRICA

Constituída em fins de 1945, a Hidroelétrica do Zêzere contribui para a eletrificação do país e proporcionou à engenharia portuguesa experiência com diversas obras de significativo alcance económico.



A construção dos primeiros grandes aproveitamentos hidroelétricos deu corpo a uma estrutura de dimensão nacional que tornou possível não só o fornecimento às redes de distribuição da energia, como

ainda, a satisfação de novos consumos gerados pela expansão industrial, nomeadamente nos setores das indústrias eletroquímicas, siderúrgicas e pela eletrificação ferroviária.





Figura 28. Poster da exposição dos 60 anos da barragem do Cabril, (2014), Arquivo Municipal de Pedrógão Grande



Figura 29. Fotografia de Ateller. Na Margem. Miguel Matos

Renovar, Ressuscitar, Renascer

O Ser Humano tem causado graves feridas nos territórios e no planeta em geral. A crise climática tem vindo a agravar-se e a necessidade da eliminação dos combustíveis fósseis é uma urgência.

A maior parte das construções atualmente, têm um impacto ecológico que pode e deve ser evitado. É, desta forma, urgente repensar o papel dos arquitetos, como responsáveis pelos impactos ambientais das suas obras. O arquiteto tem uma responsabilidade ambiental para com o território em que está a intervir, por este motivo, é urgente desenvolver práticas de construção que viabilizem a utilização de materiais sustentáveis, é também importante aproveitar os recursos existentes, como edifícios obsoletos, e fazer uma gestão consciente dos recursos naturais utilizados durante a obra.

É indispensável, para uma arquitetura sustentável e para um menor impacto no meio ambiente, regenerar os territórios e dar-lhes uma nova vida, e isto pode também ser fundamental na reabilitação e regeneração da população local.

*“A sustentabilidade não se trata apenas de um problema técnico, mas sim de um problema profundamente social. Trata-se da nossa relação com o meio em que vivemos, com as outras pessoas e com as futuras gerações.”*³⁴- Jeremy Till

Por estes motivos, torna-se extremamente importante olhar para a sustentabilidade, como um compromisso e uma responsabilidade contínua, e procurar soluções arquitetónicas ambientalmente sustentáveis e socialmente justas.³⁵

O arquiteto e teórico britânico Jeremy Till, defende que vai muito além de soluções técnicas ou estéticas isoladas, defende que o arquiteto tem uma responsabilidade ética para com o território. Para Till, a verdadeira sustentabilidade deve considerar, não apenas os aspetos ambientais, mas também os aspetos sociais, económicos, políticos e culturais em que os edifícios se inserem.

*“A sustentabilidade não se trata apenas de um problema técnico, mas sim de um problema profundamente social. Trata-se da nossa relação com o meio em que vivemos, com as outras pessoas e com as futuras gerações”*³⁵- Jeremy Till

A teoria de Till desafia os arquitetos a repensarem a ideia da sustentabilidade como um compromisso e uma responsabilidade contínua, procurando soluções ambientalmente responsáveis e socialmente justas. Esta responsabilidade ética para criar um mundo mais sustentável, une-se profundamente ao conceito de recuperação, adaptação e reabilitação de edifícios pré-existentes.

*“É necessário construir edifícios que são eficientes, não só na atualidade, mas que se conseguem adaptar às constantes mudanças e necessidades que a sociedade do amanhã trará. A flexibilidade é a chave para a verdadeira sustentabilidade”*³⁶-Till

Por estas razões, o projeto Casa do Povo do Cabril, propõe repensar o papel do arquiteto, abordando as questões ambientais, culturais e sociais do território em questão. Respeitando a história do edifício e a identidade local, a reabilitação da central hidroelétrica garante que as memórias do passado perdurem, reduzindo, ao mesmo tempo, o impacto ambiental através da reutilização de recursos.

34. Till, Jeremy, (2018),Citação retirada da Ted Talk: Design Beyond the Object, UCL Institute for Innovation and Public Purpose, Fonte: Youtube

35. Till, Jeremy,(2018),Citação retirada da Ted Talk: Design Beyond the Object, UCL Institute for Innovation and Public Purpose, Fonte: Youtube

36. Till, Jeremy,(2018),Citação retirada da Ted Talk: Design Beyond the Object, UCL Institute for Innovation and Public Purpose, Fonte: Youtube

5º ATO

A Casa do Povo do Cabril

O Atelier Na Margem intervém neste território, no cenário hipotético, mas realista da desativação da barragem do Cabril, propondo um conjunto de projetos.

Projetos estes que, através de intervenções “cirúrgicas” e conscientes, procuram criar um novo epicentro de recursos e de atividades neste território. Mais do que projetar edifícios, estas intervenções arquitetónicas procuram fazer uma interpretação da arquitetura, utilizando métodos sustentáveis, e ajudando na recuperação da natureza e da sociedade. Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno enfrentam, atualmente, um clima marcado por divergências políticas e declínio cultural e ambiental. Motivando uma colaboração entre os projetos que se situam nas proximidades da barragem do Cabril, o Atelier propõe criar uma nova identidade para este “monumento”. Intervindo com um mercado, habitações a custos controlados, e um novo centro de recuperação, a “peça” que servia de separação destes dois municípios, passa agora a ser o que os une.



Figura 30. Fotografia do Atelier Na Margem, Miguel Matos

A Casa do Povo do Cabril faz parte do conjunto de intervenções por parte do Atelier Na Margem. Dando um novo fim ao edifício da central hidroelétrica do Cabril, este projeto pretende, através de uma intervenção sensível neste edifício histórico, devolver este marco do regime, ao povo.

Ao proporcionar um novo espaço recreativo comum como um ponto de encontro entre as duas terras, com o intuito de reavivar tradições, preservar e promover o património cultural, reforçaria não apenas, o sentido de identidade das comunidades locais, mas também ajudaria a promover a coesão social a nível regional.

Ao ser caracterizado como um espaço neutro onde a população dos municípios em análise, bem como a população dos municípios vizinhos se podem reunir, a Casa do Povo do Cabril tem como objetivo promover as atividades recreativas locais, possibilitando também um novo calendário cultural que estimula à preservação das tradições.

Esta intervenção tem como intenção, transformar a barragem do Cabril num símbolo da identidade cultural deste sítio, fortalecendo a ligação destas comunidades às suas raízes, e incentivando um sentimento de orgulho e respeito mútuo pelo património comum.

Criando uma nova casa do povo, e oferecendo um espaço para as atividades culturais se desenvolverem, estaríamos a atrair investimentos e a viabilizar o turismo cultural, contribuindo também para o desenvolvimento económico desta região.



A recuperação do edifício da central hidroelétrica do Cabril, tem como objetivo, dar-lhe uma nova vida e preservar a história deste edifício emblemático, mantendo sempre a sua conexão ao passado. Criando um ambiente comum onde se podem desenvolver programas culturais para as comunidades de Pedrógão Grande, Pedrógão Pequeno e todas as comunidades vizinhas, este edifício, outrora dedicado à produção de energia, renasce agora, com o objetivo de promover as culturas locais, tornando-se num ponto de encontro e de comunhão entre as diferentes formas artísticas e as tradições destas comunidades.

Embora representando um período difícil para o povo do Cabril, este edifício tem uma história profunda e marca igualmente uma época de transformações e progresso para estas comunidades. É importante respeitar, não só a sua história, mas também as pessoas que trabalharam nesta obra. Como tal, preservar o património industrial deste edifício torna-se num objetivo elementar. As particularidades associadas diretamente às funções originais do edifício, como por exemplo as turbinas, continuarão a ser um marco visual e simbólico do passado. Este gesto permite que esta obra se torne num testemunho vivo dos progressos da engenharia e da indústria da energia hidroelétrica do século XX, devolvendo esta criação do regime, ao povo.

A Casa do Povo do Cabril procura promover uma dinamização cultural das comunidades locais, destacando-se as áreas reservadas para os ensaios da Sociedade Filarmónica União Pedroguense, da Sociedade Filarmónica Aurora Pedroguense, bem como do Rancho Folclórico de Pedrógão Pequeno.

Estas organizações estão, atualmente, em vias de extinção. O envelhecimento vertiginoso da população e a falta de infra-estruturas que recebam este tipo de atividades, é um ponto de fratura para os amantes destas tradições musicais.

Na visita que o Atelier Na Margem fez ao Cabril, foram organizadas conversas com os presidentes da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno, respetivamente, sendo que ambos os presidentes realçaram a sua insatisfação pela falta de espaços disponíveis para os ensaios das bandas e do rancho. Sublinharam também que, pela falta de infra-estruturas disponíveis para estes fins, estas práticas estavam a desaparecer, e consigo levavam um legado inigualável.

O investimento na cultura tem repercussões sociais extremamente profundas. Para garantir a sobrevivência da identidade destas terras nos meios rurais, torna-se então necessário assumir estratégias que, através de métodos ambientalmente sustentáveis, promovam uma dinamização da cultura, cultivando também novas oportunidades para os habitantes. Um dos impactos mais significativos de um investimento deste género no meio rural, seria o fortalecimento da coesão comunitária. Resgatando a memória coletiva de tradições como as festas populares, as danças folclóricas e as músicas tradicionais, promove-se o orgulho nas raízes locais, e acaba por fortalecer, consequentemente, o espírito de comunidade.

“A criação de uma memória coletiva, transmitida por instituições como escolas, meios de comunicação e cerimónias pública, é essencial a continuidade cultural e nacional.” - Benedict Anderson³⁷

37. Anderson, Benedict, (1983), *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*

A Casa do Povo do Cabril tem como intenção, usufruir das qualidades geográficas deste epicentro que é o edifício da central de hidroelétrica, criando um espaço público de apoio aos projetos culturais tradicionais. Contando com espaços dedicados a concertos e a palestras, salas de ensaio para o rancho e para as bandas filarmónicas, e com um espaço exterior que usufrui da concavidade da parede da barragem para criar um auditório exterior com uma qualidade sonora única, e com espaço suficiente para receber festividades com um número elevado de espectadores.

Para além dos espaços dedicados às artes, é também importante oferecer espaços de repouso e de convívio, como por exemplo um quiosque e uma esplanada coberta sobre o rio. Um dos grandes catalisadores para a reutilização deste edifício, é o facto de este se encontrar na charneira entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno. As comunidades das zonas em questão, enfrentam nos dias de hoje um grande afastamento marcado por políticas divergentes e visões do mundo económico contrastantes.

Por estas razões, propõe-se, com a Casa do Povo do Cabril, criar um espaço de comunhão, que seja imparcial politicamente, e que crie uma fusão harmoniosa entre o passado e o futuro, com intenções de oferecer um local que celebra a identidade destes habitantes, usufruindo do que ambas estas comunidades têm em comum, o rio e a barragem.

A intervenção

Situada na fronteira entre o distrito de Leiria e o distrito de Castelo Branco, o projeto da Casa do Povo do Cabril pretende intervir no edifício da central hidroelétrica do Cabril.

Anteriormente, este edifício era constituído por uma área de escritórios, situada na ala oeste do edifício, uma sala com um pé direito de à volta de 20 metros, onde se encontram as turbinas que fazem a produção de energia, uma zona de cargas e descargas, situada na ala este do edifício. Na zona a norte, ao nível do piso -2, encontram-se diversas salas com máquinas que fazem a distribuição da energia gerada pelas turbinas, para os cabos de alta tensão que se situam diretamente por cima destas máquinas, mas no exterior ao nível do piso 0.

A intervenção arquitetónica da Casa do Povo do Cabril, procura criar uma ligação direta entre o passado e o futuro, dando deste modo, especial importância à recuperação e à preservação do edificado original. A produção de energia hidroelétrica teve um impacto muito grande a nível regional. Para além de mudar completamente a geografia deste local, a construção desta obra marcou um crescimento populacional que estas terras nunca tinham presenciado. Torna-se então um dos objetivos principais deste projeto, devolver esta peça ao povo, concedendo-lhe uma nova vida e um novo significado.

Deste modo, a Casa do Povo do Cabril é caracterizada por um conjunto de intervenções arquitetónicas que aproveitam a grandeza do edifício e respeitam e valorizam o cariz industrial da central de hidroelétrica.



O projeto da Casa do Povo do Cabril, visa a recuperação do edifício da central hidroelétrica do Cabril, concedendo-lhe um novo fim e adaptando os seus espaços a usos contemporâneos.

A ala oeste do edifício(A), (a antiga zona administrativa), pretende permanecer-se inalterada, conservando a sua materialidade e as suas formas originais, mudando apenas o seu uso, passando agora a dar lugar à escola de música do Cabril, às salas de ensaio para as bandas filarmónicas e ao rancho folclórico.

Na zona central do edifício(B), onde se encontra a sala das turbinas, propõe-se um aproveitamento do grande pé-direito, fazendo a instalação de uma sala de espetáculos suspensa, em formato de caixa(C). A estrutura deste elemento é revestida a madeira, de forma a criar um contraste entre o carácter industrial do edifício, e proporcionando adicionalmente um conforto acústico e térmico a este elemento. A sala de espetáculos conta também com ligações aos pisos 0 e 3 da ala oeste. A ligação ao piso 0, é realizada através do interior da sala de espetáculos, e utiliza a sala da ala oeste como backstage. A ligação ao piso 3, é feita através da cobertura da sala, de forma a permitir, não só uma vista panorâmica da sala das turbinas, mas também, uma conexão visual ao topo da barragem, que é feita através de um óculo que perfura a cobertura do edifício e permite a partilha visual entre a vida interior do edifício e a barragem. A sala de espetáculos conta também, na sua parte inferior, com um recorte abobadado, acrescentando uma plasticidade ao piso -2 e ampliando o seu uso. A versatilidade de usos deste espaço abobadado, torna este piso multifuncional, possibilitando as mais variadas atividades como conferências, exposições ou performances artísticas.

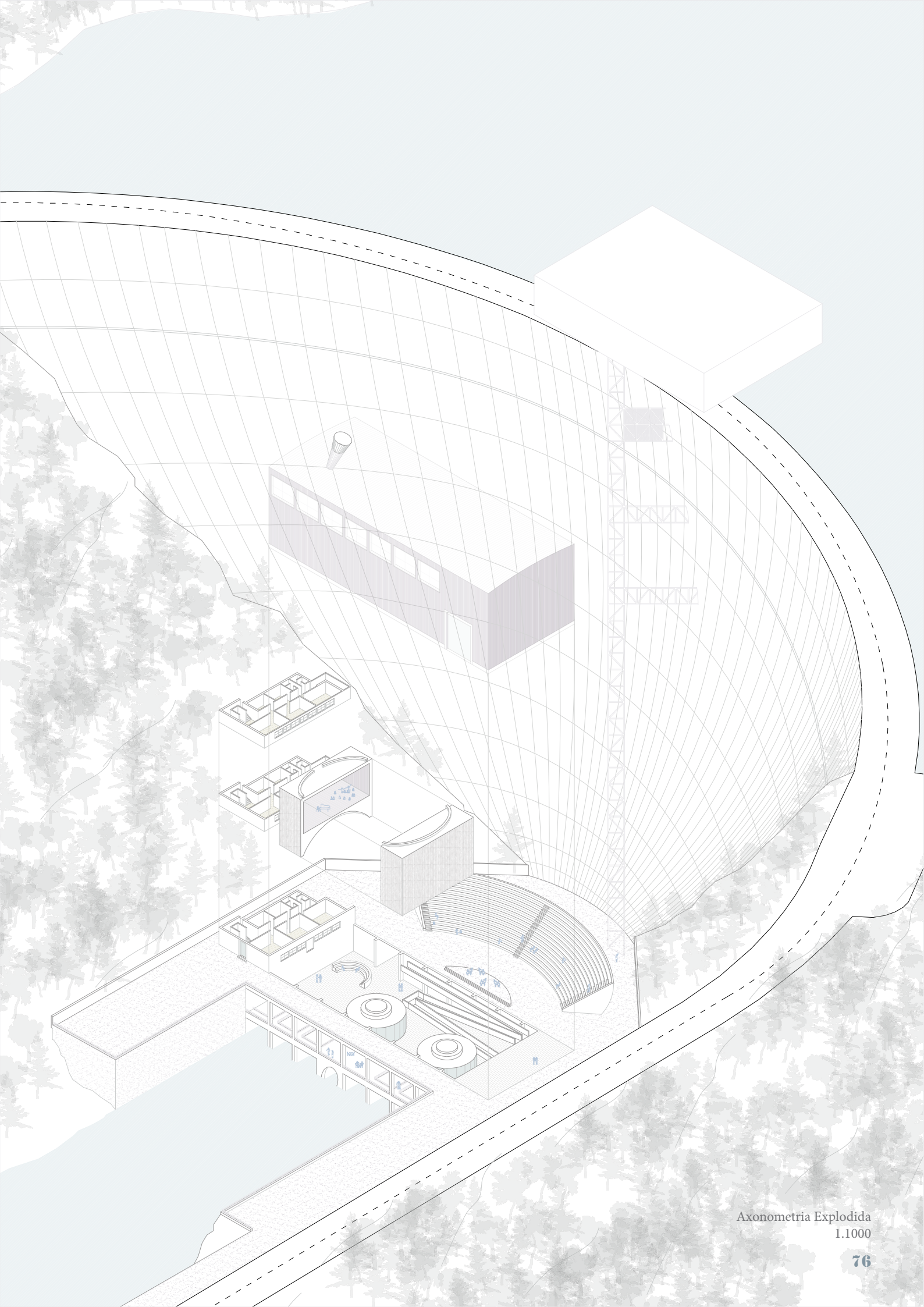
Propõe-se preservar a turbina direita como elemento escultórico, e testemunho da história do edifício, e manter a expressão industrial da turbina esquerda, retirando a máquina do seu interior e adaptando este espaço cilíndrico, transformando-o num quiosque.

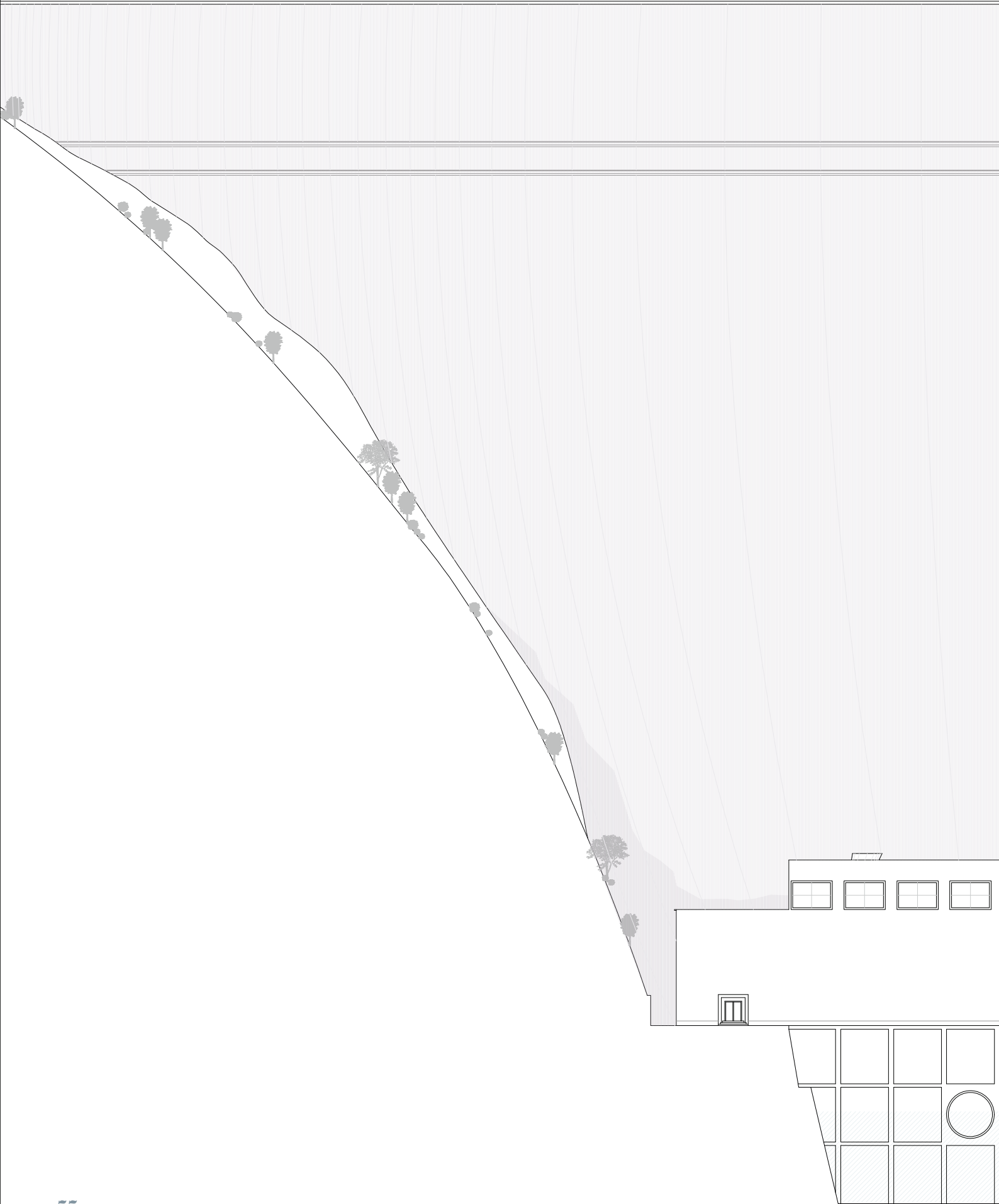
De forma a criar uma ligação mais forte com o exterior, e para aproveitar as características únicas deste lugar, propõe-se abrir vãos entre os pilares, criando uma passagem direta do interior da sala das turbinas, às varandas exteriores(D). Este edifício conta também com uma sala de máquinas no lado oposto às varandas, onde se acrescentaram apenas casas de banho de apoio às atividades que acontecem neste piso.

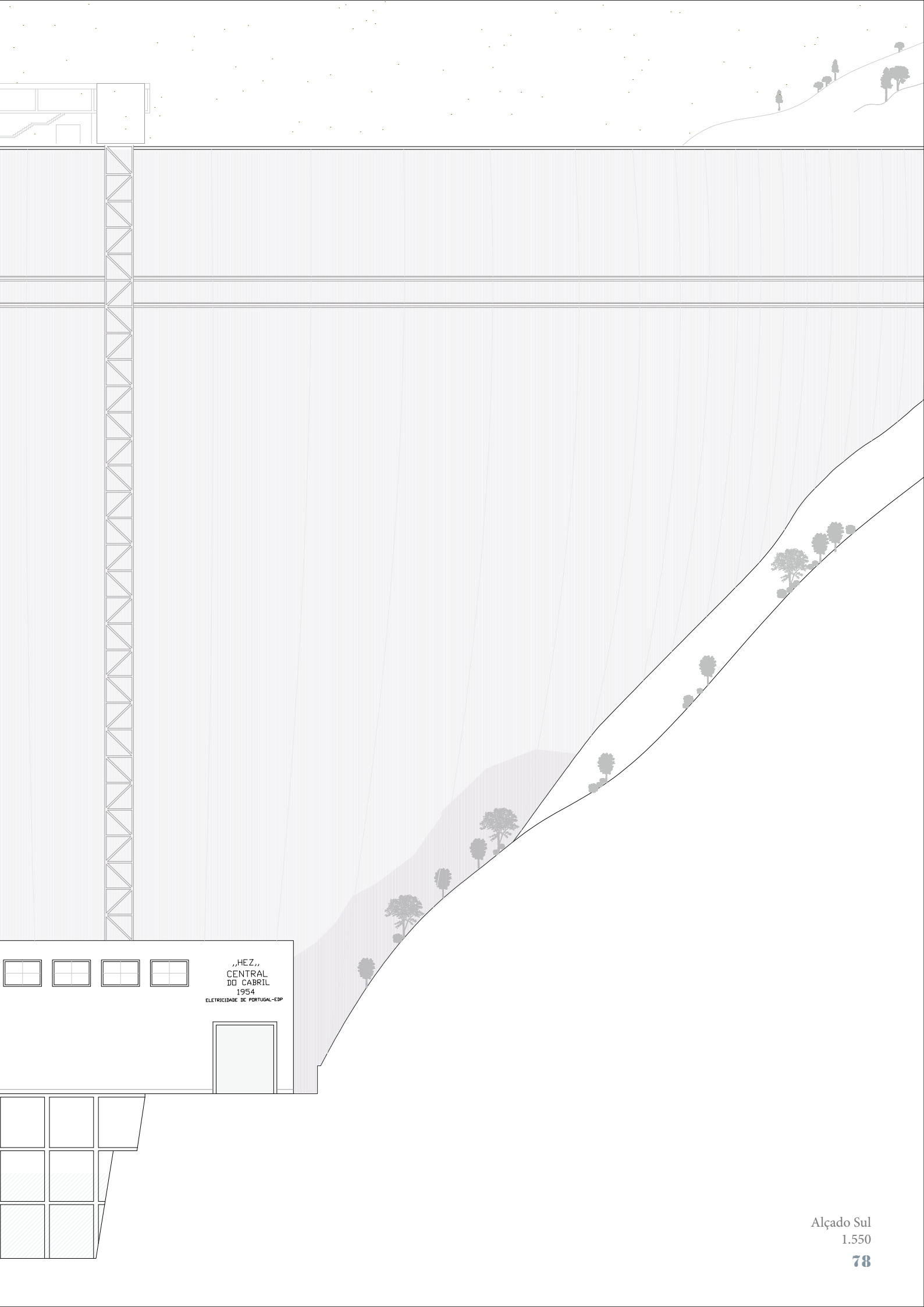
O acesso do público a esta sala, é feito através de rampas que fazem a ligação entre este piso ao átrio de entrada do edifício, oferecendo um percurso acessível a qualquer visitante.

Na área posterior do edifício, mais próximo da parede da barragem, propõe-se um anfiteatro público(E) que aproveita a concavidade desta estrutura e as suas particularidades acústicas para criar um espaço com características sonoras únicas, que tornam este espaço ideal para performances ao ar livre.

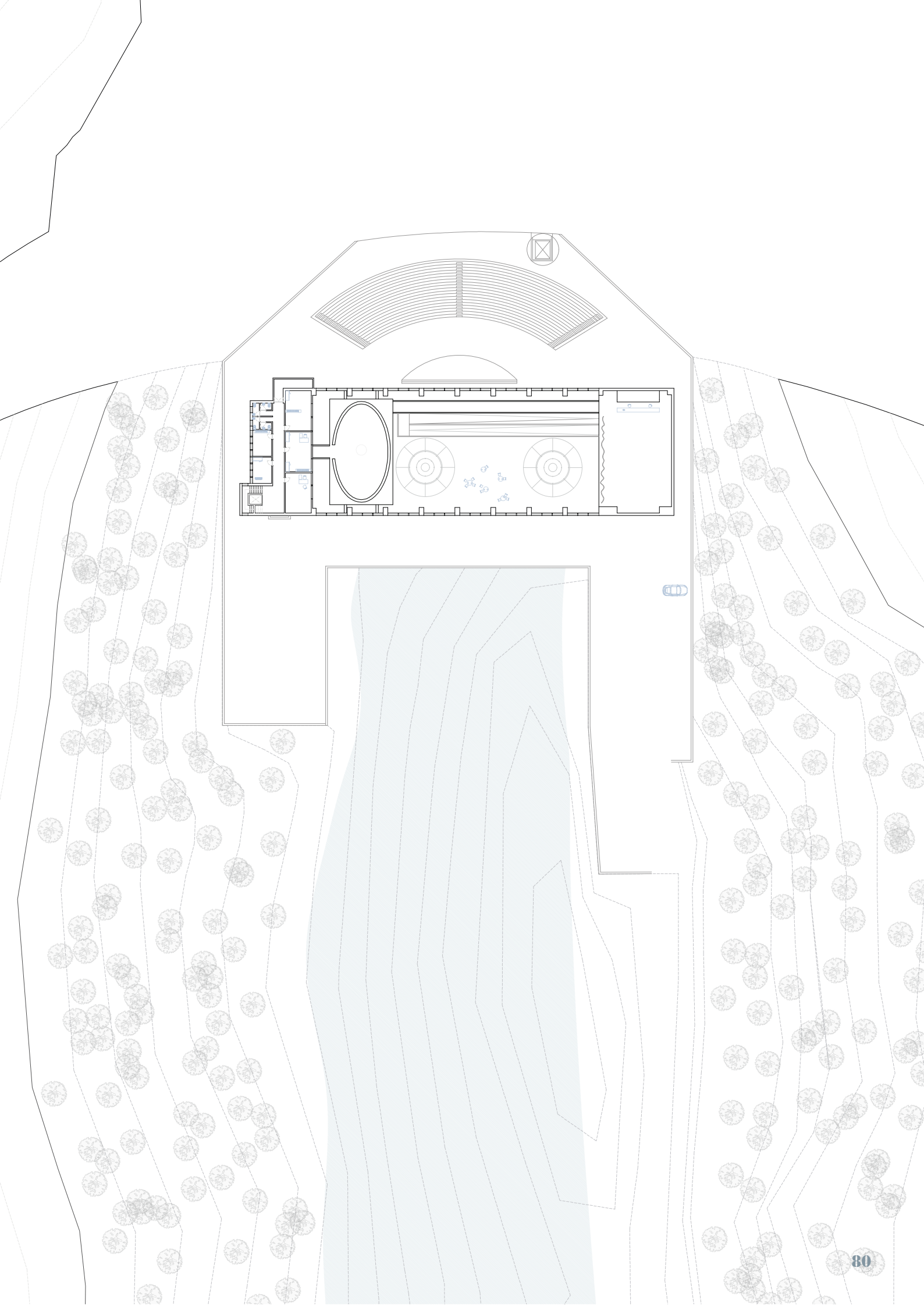
Este conjunto de intervenções, pretendem criar, de uma forma sensível um diálogo entre o passado industrial do edifício e uma nova era musical.

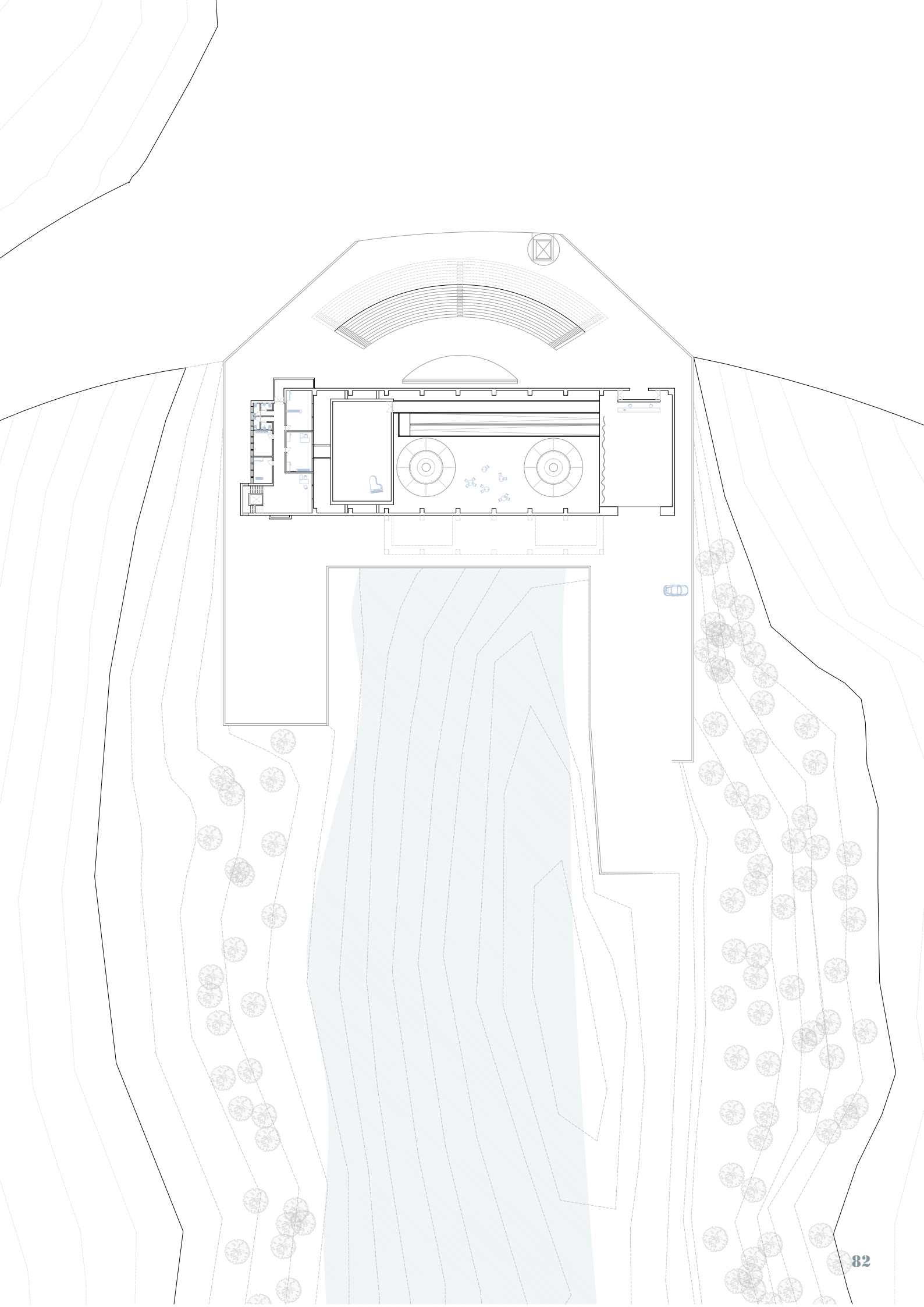


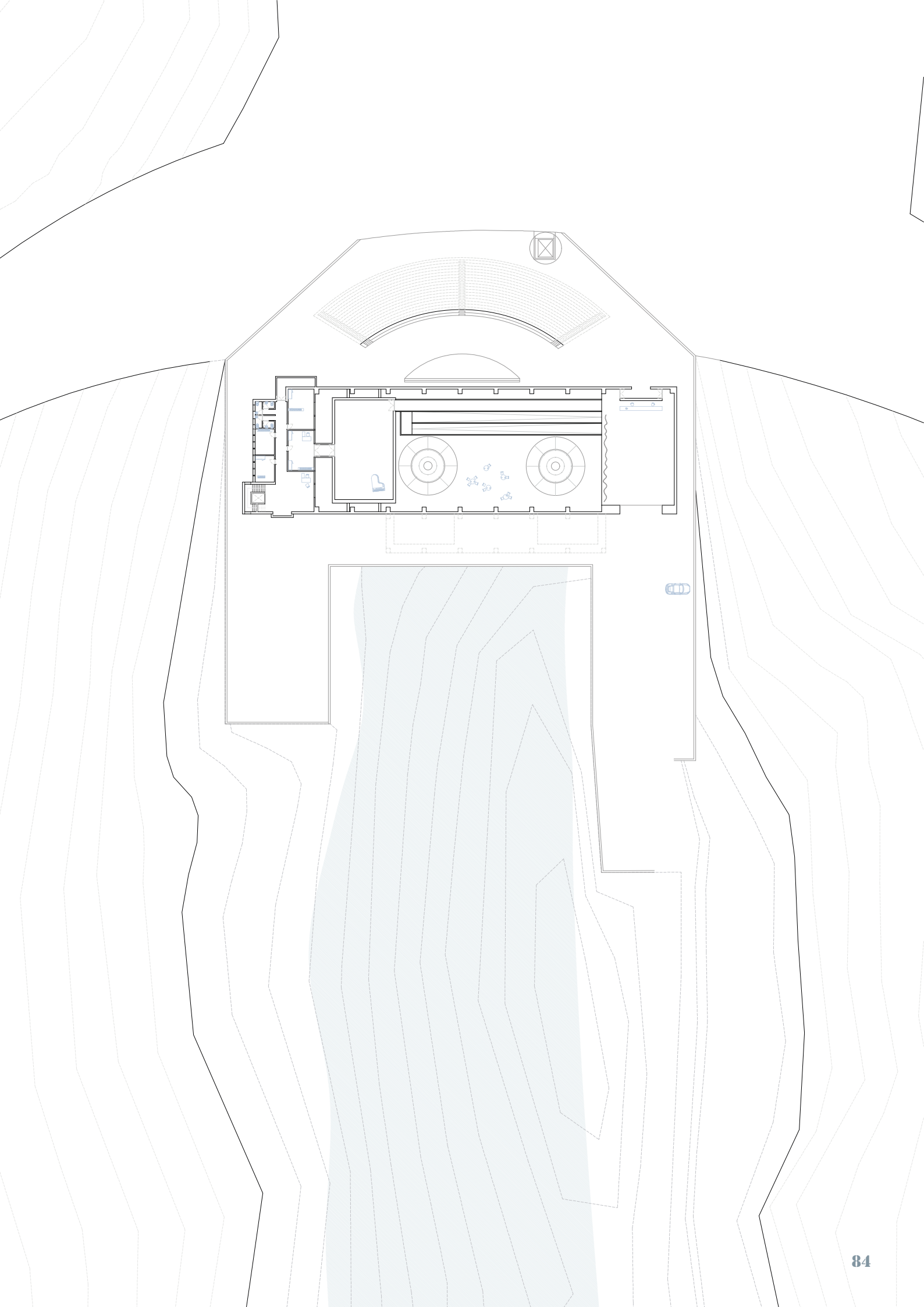


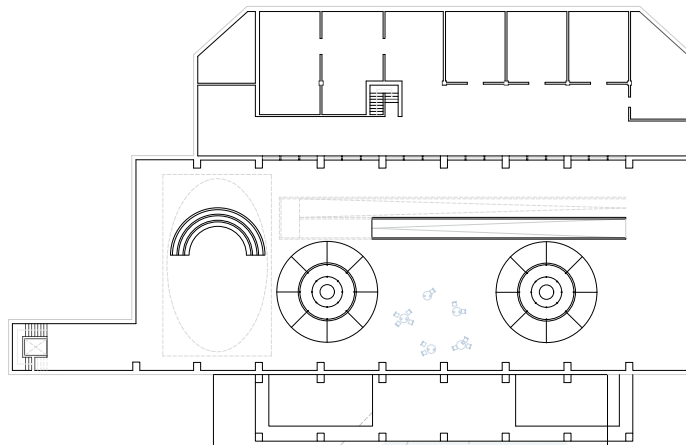


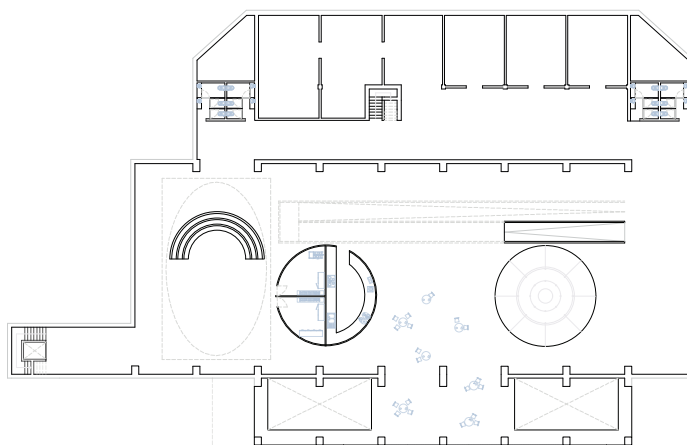
„HEZ,,
CENTRAL
DO CABRIL
1954
ELETTRICIDADE DE PORTUGAL-ESP

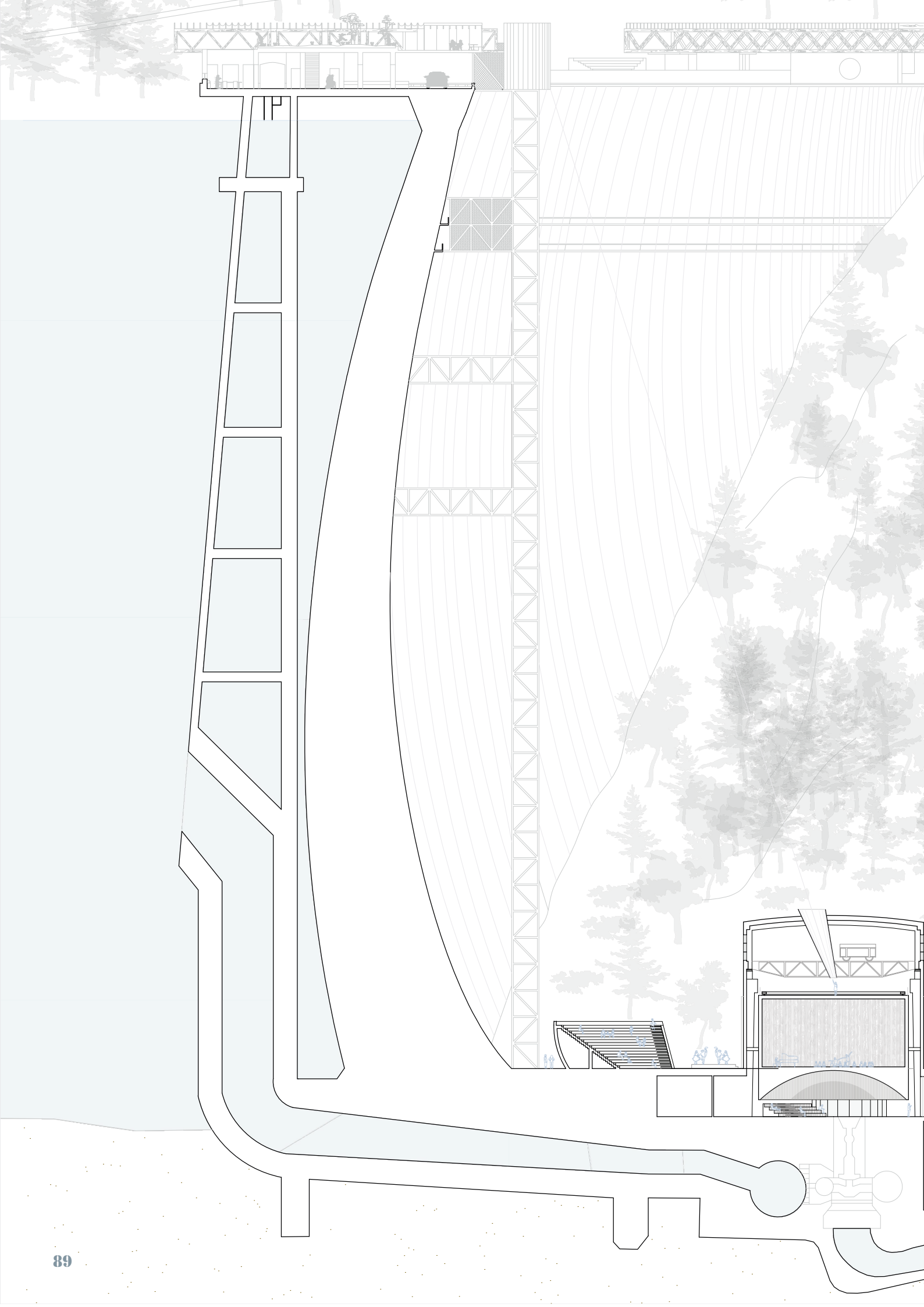


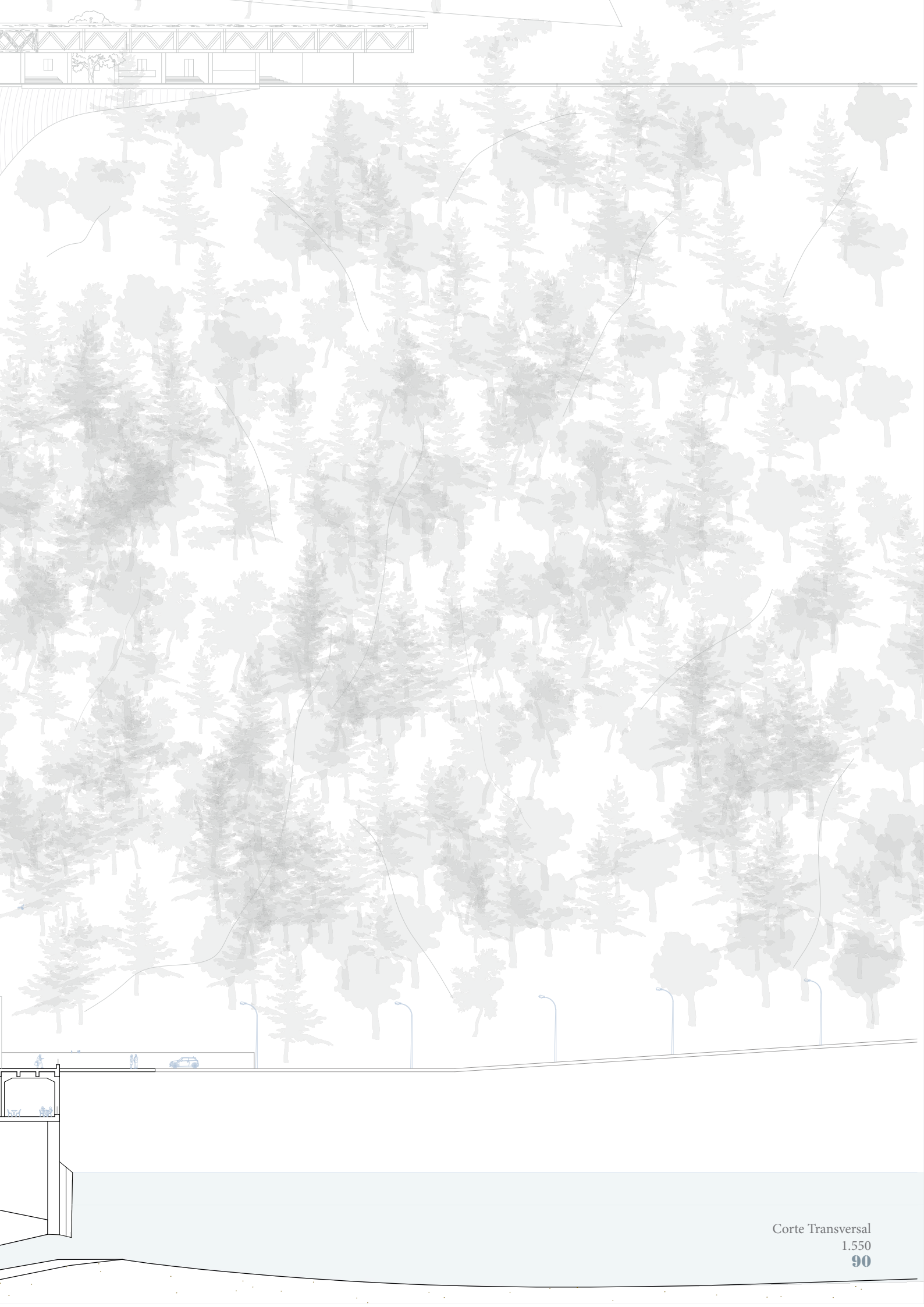




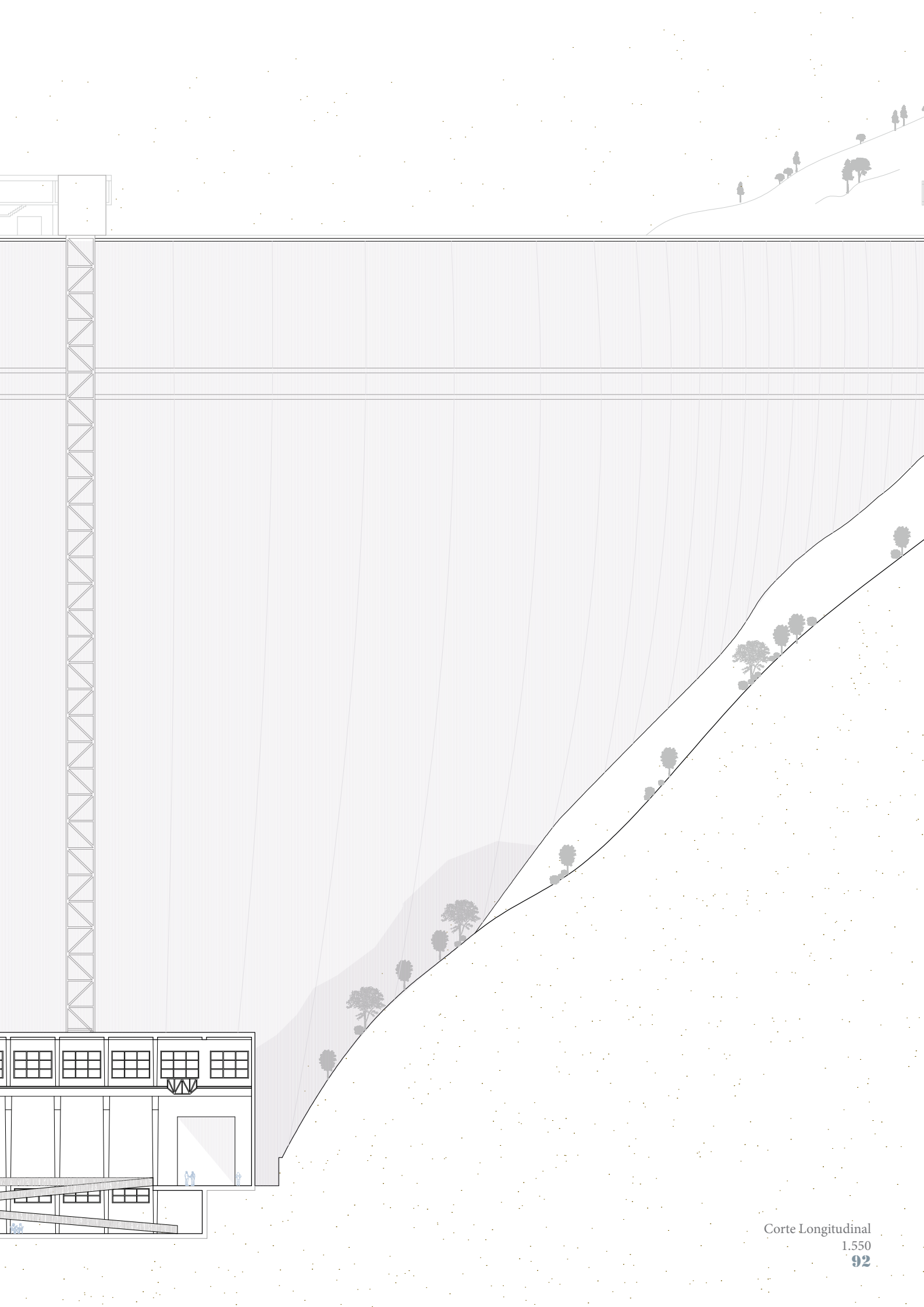


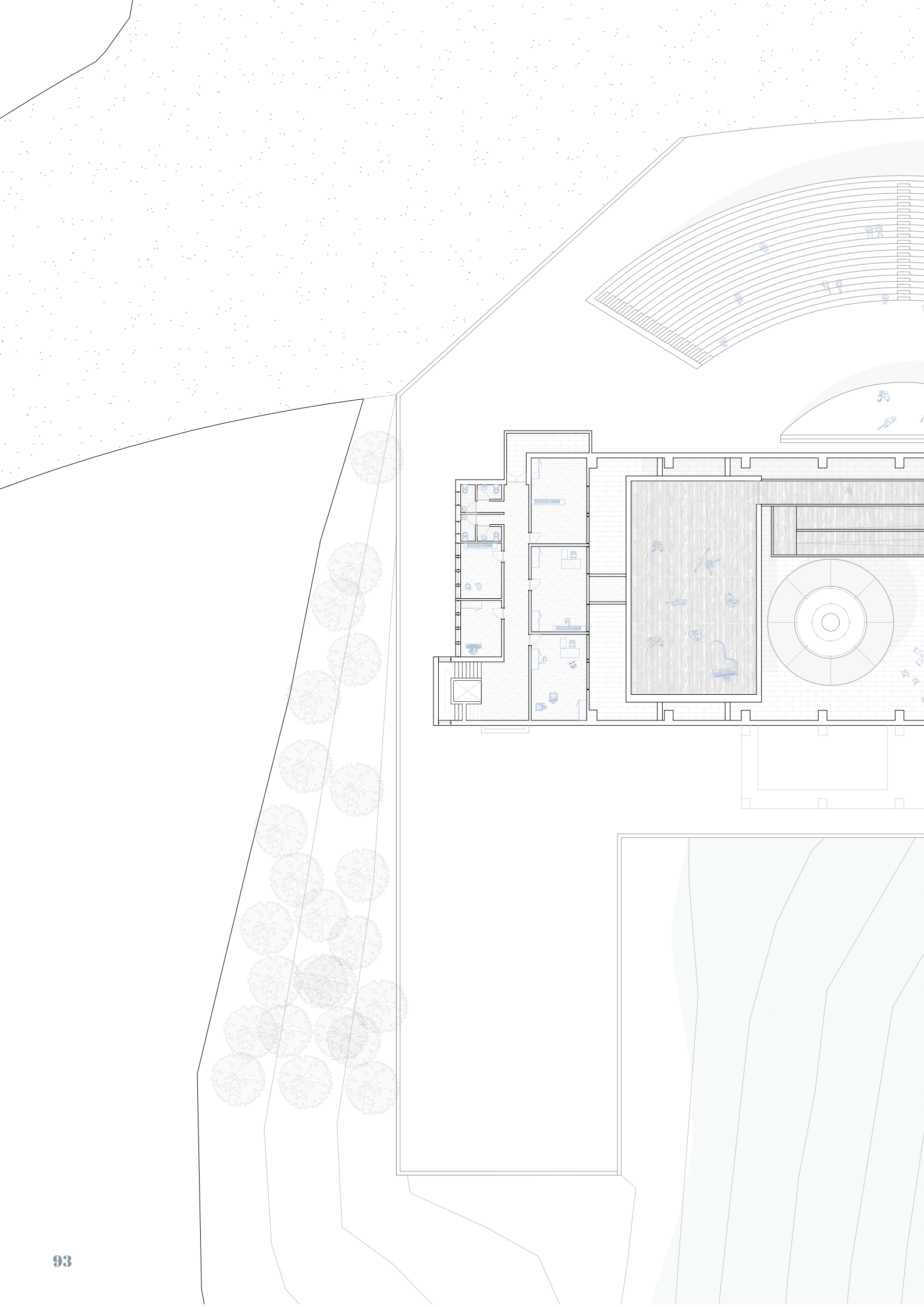


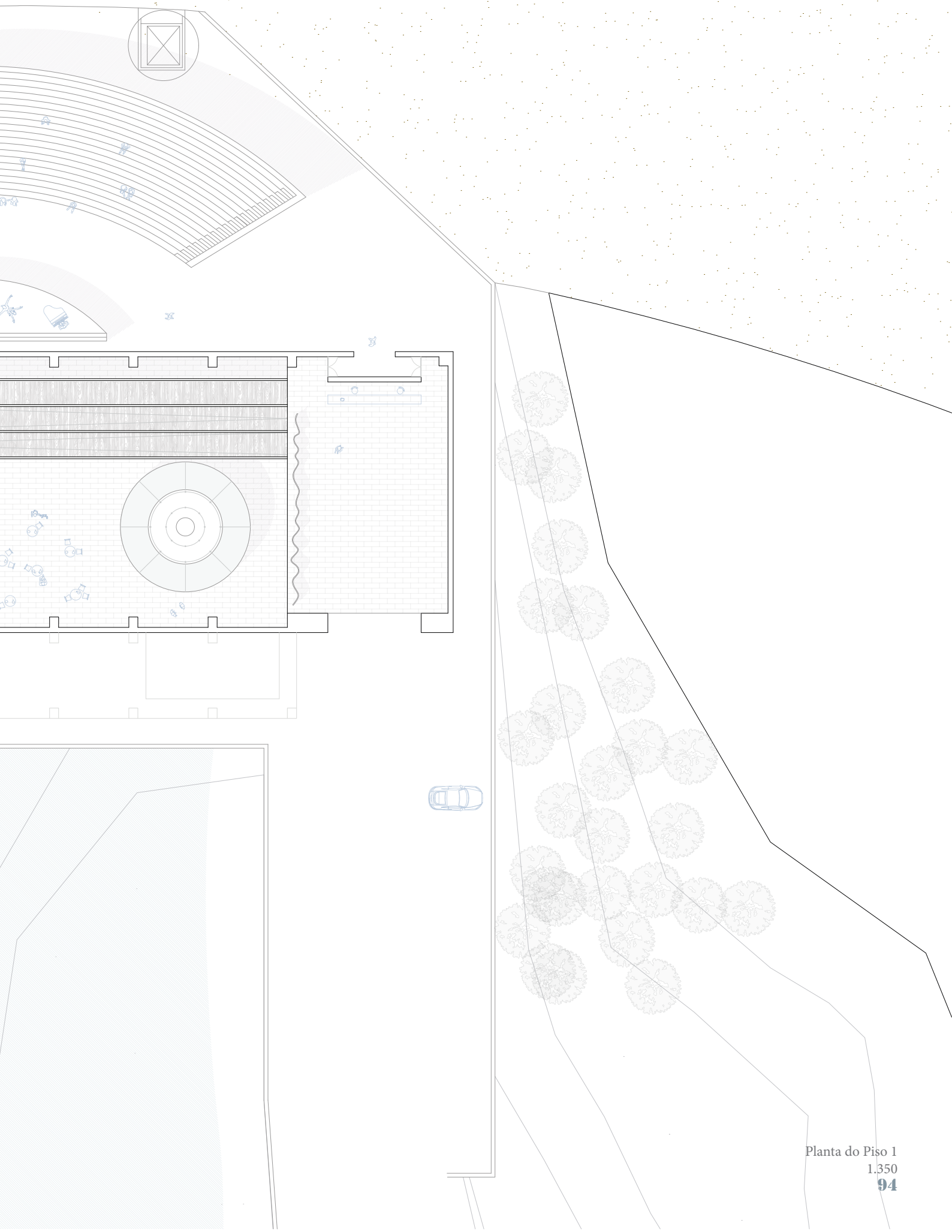














Considerações finais

O projeto da Casa do Povo do Cabril tem como objetivo recuperar este elemento que faz parte do legado destas comunidades. Agindo de forma consciente sobre esta obra histórica, esta recuperação pretende criar um espaço de comunhão entre as comunidades do Cabril, criando um clima de intermunicipalidade, e proporcionando uma intervenção sensível e consciente, tendo em consideração as particularidades do local e as necessidades da população.

O Atelier Na Margem propõe uma visão sensível e considerada sobre este território, sendo um ponto fulcral desta intervenção geral, a questão da sustentabilidade.

A recuperação de edifícios como a barragem do Cabril, é uma prática que combina o respeito pela história de uma sociedade, com a responsabilidade ambiental, e a oportunidade de inovação e reabilitação de locais e das comunidades. As construções que perduram no tempo são os testemunhos materiais da história e da identidade das cultural e social das comunidades. Ao recuperar estes edifícios, estamos diretamente a ajudar a preservar o legado arquitetónico e a manter viva a memória do passado para as futuras gerações.

Fazendo uma adaptação de um edifício como a central de hidroelétrica do Cabril, serve também de catalisador para a revitalização de áreas urbanas e espaços públicos que estão desajustados à vida contemporânea. A intervenção da Casa do Povo do Cabril pretende, desta forma, uma melhoria na qualidade de vida das pessoas que habitam aquela área. Para além disto, recuperando este edifício pré-existente, evita-se a demolição desta construção que ficaria de outra forma obsoleta, impedindo assim, a criação de entulho e resíduos que de outra maneira seriam prejudiciais para o meio ambiente, diminuindo em grande escala o impacto ambiental desta intervenção arquitetónica

“Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”-Lavoisier

A escassez de recursos naturais torna-se cada vez mais preocupante, pelo que a adaptação e reutilização de edifícios pré-existentes é absolutamente crucial, não só para preservar a memória dos edifícios mas também projetar para o futuro, garantindo que essas estruturas se mantenham vivas e funcionais num mundo em permanente mudança.

Referências Bibliográficas

A. Fernandes, J. (1987). O Rancho Folclórico de Pedrógão Pequeno: (1956-1984) Com. Reg. de Turismo dos Templários, Floresta Central e Albufeiras. Câmara Municipal da Sertã.

Adichie, C. (2009). The danger of a single story [YouTube].

Anderson, B. (2006). Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. London: Verso. (Original work published 1983)

António José Ferreira Quinteira. (1980). Pedrógão Grande : (subsídios para uma monografia). Coimbra: Epartur.

Antunes Pinto Neves, M. A. (2005). Portela do Fojo: A História e a Memória. Junta de Freguesia de Portela do Fojo.

Australian Science Education Project. (1974). Places for people. Melbourne: Govt. Pr.

B. Henriques, A., & R. Soares, N. (2013). Pedrógão Pequeno: Jóia do Cabril. Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno.

B. Henriques, A., & R. Soares, N. (2018). Pedrógão Grande e o Cabril: Encantos Mil. Câmara Municipal de Pedrógão Grande.

Bachelard, G. (2008). A poética do espaço. São Paulo (Sp): M. Fontes.

biblioteca.pg@gmail.com. (2022a, March 31). Barragem do Cabril - Construção. Retrieved from YouTube website: <https://www.youtube.com/watch?v=fecOWJ4JI90>

biblioteca.pg@gmail.com. (2022b, March 31). Barragem do Cabril - Construção. Retrieved from YouTube website: <https://www.youtube.com/watch?v=g3RlpvQt9II>

Brooker, G., & Stone, S. (2004). Rereadings : interior architecture and the design principles of remodelling existing buildings. London: Riba Enterprises.

Brooker, G., & Stone, S. (2019). Re-readings: 2. Routledge.
Companhia Portuguesa de Eletricidade, CPE. (1962). Hidroelétrica do Zêzere. Revista Hidroelétrica Do Zêzere.

- Correia, L. (2021). *Contra-Arquitetura: Reconstruir a Realidade*. Fundação EDP/MAAT.
- Costa dos Santos, J. (1985). *Monografia de Pedrógão Grande*. Câmara Municipal de Pedrógão Grande.
- EDP. (n.d.). Uma história de dois séculos: Portugal acende a primeira lâmpada. Retrieved from edp.com website: <https://www.edp.com/pt-pt/historias-edp/uma-historia-de-dois-seculos-portugal-acende-a-primeira-lampada>
- Freire, D. (2012). *Estado Corporativo em Acção: sociedade rural e construção da rede de Casas do Povo*. Coimbra: Edições Almedina.
- Fundação EDP. (2006). *Cabril Bouçã : 50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país / EDP-Energias de Portugal*. EDP Produção.
- Gehl, J., & Svarre, B. (2013). *How to study public life*. Washington: Island Press.
- Keil, A. (1907). *Tôjos e Rosmaninhos*. A Editora.
- Laginha Serafim, J. (n.d.). *As Grandes Barragens dos Aproveitamentos Hidráulicos Portugueses*.
- Lessa, E., & Moreira, P. (2022). *Paisagens e Património: O som, a Música e a Arquitetura*.
- Moura Ferreira, F., Azevedo Mendes, F., & Natália Pereira. (2016). *A Conquista Social do Território: Arquitetura e Corporativismo no Estado Novo*.
- Portela, M. (2016). *A restauração do concelho de Pedrógão Grande em 1898*. *Jornal Da Golpilheira*.
- Serafim, J. L. (n.d.). *As grandes barragens dos aproveitamentos hidráulicos portugueses (Memória no. 187)*. Coleções Fundação EDP.
- Till, J. (2018). *Design Beyond the Object* [YouTube].
- Till, J., & Schneider, T. (2016). *Flexible Housing*.
- Tuan, Y.-F. (1974). *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values*. New York: Columbia University Press.
- Yale School of Architecture. (2018). *Rebuilding Architecture: Jeremy Till, "Educating Otherwise"* [YouTube Video]. Retrieved from https://www.youtube.com/watch?v=k_rvUfKgOGk
- Zevi, B. (1996). *Saber ver a arquitetura*. São Paulo (Sp): M. Fontes.
- Zumthor, P. (2006). *Atmósferas : entornos arquitectónicos - las cosas a mi alrededor*. Barcelona: Gustavo Gili.

1º Edição de
ARQUITECTURAS NA MARGEM: O QUE TE FAZ FELIZ?

Beatriz Duarte
Beatriz Ribeiro
Carolina Künster
Cláudia Costa
Davi Souza
Diogo Vitorino
Flávio Ferreira
Inês Silva
Irina Benchechi
Júlio Paiva
Matilde Monteiro
Miguel Matos
Patrícia Barbas

Outubro de 2024

ARQUITECTURAS NA MARGEM

O QUE TE FAZ FELIZ?

PFA
NA MARGEM

Esta é a viagem que vos convido a fazer este ano, porque a arquitectura é também uma forma de repensar a realidade. Na continuação da Unidade Curricular de PFA, 2019/2020, Arquitecturas da Cidade: O que te faz feliz?, pretende-se abordar temas e programas suficientemente diversificados que contribuam para a experimentação e a investigação, colectiva e individual dos alunos.

Num tempo em que se discutem as consequências da acção humana, do turismo em massa ou a indústria da felicidade, da crise climática, da necessidade da supressão dos combustíveis fósseis, de decrescimento, de não demolir, de não extrair. É importante refletir sobre o papel e a responsabilidade da arquitectura e dos arquitectos em contribuir, activa e civicamente, na transformação do território.

Desta vez saímos da cidade e, o lugar escolhido é o da barragem do Cabril, entre a vila de Pedrógão Grande, no distrito de Leiria e, infelizmente conhecida pelo grande incêndio de 17 de Junho de 2017, e a vila de Pedrógão Pequeno, no distrito de Castelo Branco e pertencente à rede de Aldeias de Xisto. A barragem, inaugurada a 31 de Julho de 1954, é parte integrante do grande projecto de construções de barragens em Portugal.

O rio Zêzere, o segundo maior rio totalmente em território nacional, nasce na Serra da Estrela e desagua no rio Tejo, junto a Constância, num percurso de aproximadamente 200 Km. Pelas características do seu curso, com desníveis acentuados, podemos encontrar outras duas barragens ao longo do rio com exploração hidro-eléctrica, a montante encontramos a barragem da Bouça e a jusante a barragem de Castelo de Bode, que também abastece de água a cidade de Lisboa. Esta é, por isso, a oportunidade de reflectir sobre a relação entre a arquitectura, energia hidroeléctrica/infraestrutura e a ecologia.

Nesta geografia hidráulica, difícil de classificar entre a infraestrutura, a ruralidade ou urbanidade e, num cenário ficcionado, de desactivação da exploração hidro-eléctrica da infraestrutura da barragem do Cabril— considerando a

real repercussão das nossas actividades transformadoras no ecossistema—, propomos reflectir sobre a forma como olhamos o mundo e, como repensamos as expectativas relativas aos usos de materiais e recursos, e ao paradigma da arquitectura, numa transformação em curso e que ser requer colectiva na sua ambição global.

Pretende-se que, com intervenções cirúrgicas e, restrições técnicas e materiais, regenerar a área de estudo e medir o seu impacto às múltiplas escalas. Cuidar o lugar, a memória e a ecologia, com e no tempo, na capacidade de fazer menos e de necessitar de menos. Transformar mais do que construir, com recurso ao reuso, seja de materiais, lugares ou edificações, com a certeza que somos apenas uma pequena parte do ecossistema, na relação com a água.

O primeiro semestre será dedicado à análise da área de estudo e dos temas relacionados, que implicará a investigação, levantamento e tratamento de várias fontes, materiais e trabalho de campo. Esse trabalho e definição da estratégia de intervenção será elaborado em equipa (turma) e, resultará na definição crítica dos programas e locais de desenvolvimento dos projectos individuais, articulando a componente de projecto e componente teórica (ensaio). Olhar para compreender, documentar, registar, reflectir criticamente, e, em equipa, encontrar o gesto justo para as intervenções a desenvolver no segundo semestre.

Este trabalho de investigação será acompanhado por várias visitas de estudo, a arquivos vários, a exposições e área de estudo, um ciclo de conversas com vários convidados, de áreas de conhecimento distintas, mas complementares, que nos guiarão por temas e livros que nos ajudarão na nossa viagem. Essa viagem, pela margem, será registada através de ensaios visuais e escritos que documentem o processo, numa publicação em formato A4 e uma página de Instagram.

Quais são
os impactos do
APROVEITAMENTO
HIDROELÉTRICO?

O Território por Construir?

**TERRITÓRIO ONDE
EXISTE**

Albufeira do Cabril atinge acima
de 80% da capacidade em 2023

A Central de **Energia Solar do
Cabril**: Primeiro projeto flutuante

BIODIVERSIDADE



foi inaugurada
a 31 de julho
de 1954

OS METAIS PESADOS NO

Produção
em Massa
na Agricultura

RIO ZÊZERE

Ruínas da
Aldeia do
Vilar

OS QUE PESCAM

MAIS **ACHIGÃ**

emergem
com a seca
de 2022

**ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO
AGRICULTURA E PRODUÇÃO**

Roteiro do Zêzere:
Rio Errático e das Cigarras

A pesca desportiva como
atividade lúdica e tradicional

**NO CABRIL
ANDA-SE
A PÉ**

**A BARBAGEM
DO CABRIL**

Os Eucaliptos como proprietários dos Baldios

Ambientalistas denunciam
“persistência de ilegalidade”
com Eucaliptos em Pedrógão Grande

REFLORESTAR

Pedrógão Grande, seis anos
depois do incêndio de 2017:
uma floresta à espera de mudanças
num território com recursos limitados

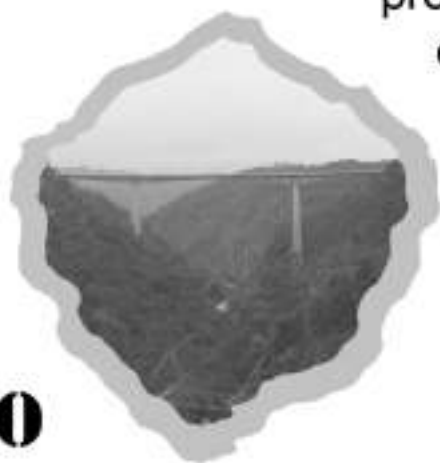
ESPÉCIES INVASORAS VS ESPÉCIES AUTÓCTONES

JUSTIÇA SOCIAL

As Casas da Revolta:
a Habitação renasceu
e deu frutos

Arquitetura
e Emissões
de CO₂

ECOCÍDIO



Associações denunciam
ilegalidade num
projeto de reflorestação
em Pedrógão Grande

Percursos
Pedestres
e Rodoviários

JUSTIÇA
AMBIENTAL

Tirar a Floresta das mãos do Eucalipto

Festa dos Milagres em Pedrógão Grande

O QUE TE FAZ FELIZ NO CAMPO?

Um roteiro para
exploração:

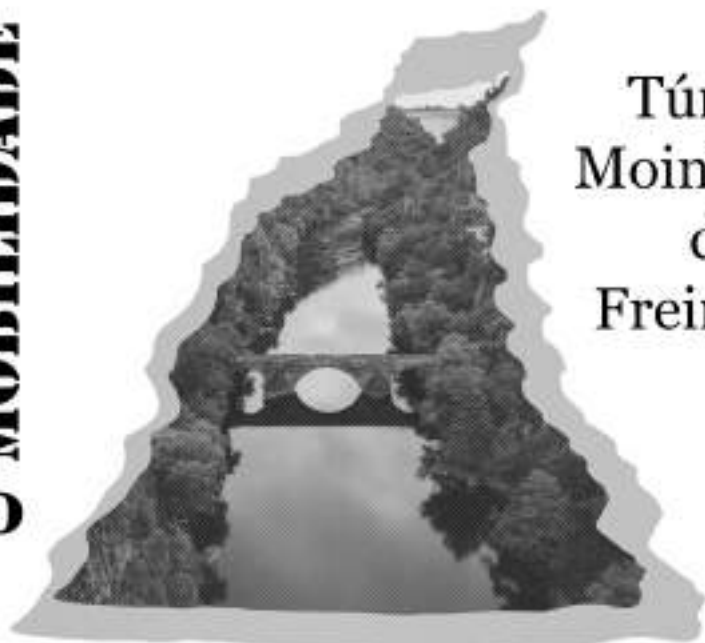
TRILHO
DOS BUFOS

Pedrógão Pequeno,

Aldeia do Xisto

Barragem do Cabril

MOBILIDADE



Túnel
Moinho
das
Freiras

integra a **N2** NOSSA SENHORA DOS MILAGRES







2. Ilustração da Barragem do Cabril em "O lodo e as estrelas", 1960, Chichorro Rodrigues.

As consequências agregadas à construção de uma barragem não estão à vista de todos. "No Dorso da Albufeira" revela os vários pontos de vista sobre a construção de uma obra de tal dimensão, desde os trabalhadores e as suas condições de vida, à opinião exterior de quem passa e vê o novo plano de água a surgir. O livro de "O lodo e as estrelas" da autoria de Telmo Ferraz contém poemas que retratam factos e histórias do quotidiano do povo, no processo de construção da barragem do Cabril, bem como noutras obras da mesma dimensão, o que levou este livro a ser censurado pelo regime.

No Dorso da albufeira

A barragem do Cabril está uma maravilha!

Os visitantes ficam entusiasmados!

Que técnica! Que harmonia de linhas, e a albufeira tão azul,
a refletir nas margens as casas, as árvores e as flores!

Encanto!

Pois nela o Ramalho apanhou uma silicose quando
marteleiro e capataz nos túneis. Está quase no último grau.

Um dia vem-lhe a ideia de se matar.

Noutro, fica meio louco.

Noutro, conforta a mulher e os filhos.

Noutro estende-se na pobre cama e chora.

Noutro sai da barraca, tira a boina e... pede esmola.

Que vergonha para nós!

Quando, em nossa terra, a reforma e a assistência a que o
Ramalho tem direito?

Que linda está a barragem do Cabril!

Em dias claros, podemos vê-la reflectida nas águas.

Quando lá passo, vejo sempre a boiar, no dorso da albufeira,
os pulmões do Ramalho

5 de Abril de 1957.

(Ferraz, 1960, pp. 63-64)

INDICE

NO DORSO DA ALBUFEIRA
Introdução

PO **PARA ONDE FORAM AS CABRAS?**
Diagnóstico de um território

- 18** O RIO ZÊZERE E A BARRAGEM DO CABRIL
- 36** ATLAS FOTOGRÁFICO
- 80** CONTEXTO HISTÓRICO
- 86** MAPAS DE ANÁLISE
- 116** ATLAS DE ESPÉCIES
- 126** VIAGEM AO CABRIL

CC **CICLO DE CONVERSAS**

- 130** **POWERPOINT**
Eduardo Corales
- 136** **CANARY IN THE MINE**
Silvia Benedito
- 140** **VISITA AO ARQUIVO LNEC**
Jorge Gomes
- 144** **PAISAGENS DA INFRASTRUTURA**
Joaquim Moreno
- 148** **PEDRÓGÃO GRANDE: O DIREITO À ARQUITETURA PÓS-INCÊNDIO**
Tiago Mota Saraiva
- 152** **REPARAR**
Guída Marques
- 156** **LIVRO VERDE: CONTRA-ARQUITETURA, RE-CONSTRUIR A REALIDADE**
Lucinda Correia
- 162** **NO CAMINHO DO PLURIVERSO**
Miguel Santos
- 164** **BUILDING IDENTITY**
Francisco Moura Veiga
- 168** **VIAGEM ÀS ARQUITETURAS ENERGÉTICAS INSULARES**
Inês Vieira Rodrigues

GJ **GESTO JUSTO**
Prognóstico para um território

- 174** **ESTRATÉGIA DE GRUPO**
- 176** **AS 12 INTERVENÇÕES**

GL **GLOSSÁRIO**

PARA ONDE FOR

Inspirados no capítulo “*Where did the cows go?*” de *Countryside, A Report*¹, o atelier Na Margem põe em cima da mesa as questões que foram sendo lançadas ao longo da investigação e é certo que, foram elas que conduziram e alimentaram o processo e o diagnóstico deste território. O diagnóstico é apresentado através de fotografias, cartografias e desenhos originais, entre outros elementos que nos ajudam na aproximação a este lugar rural.

1. Koolhaas.R, (2020), “Where did the cows go?”, “Countryside, A Report” (pp.324-351)

AM AS CABRAS?



3. Cabras na parede de uma barragem no norte de Itália, 2013, Paolo Seimandi. <https://www.dailymail.co>.

Quem é o dono da margem? A margem é propriedade pública ou privada?

Quem vive nas povoações?
 Que relações existem entre povoações?
 A que distância se encontram os equipamentos públicos?
 O que é suficiente para a felicidade?
 O que precisamos para ser felizes depende do lugar onde nos encontramos?
 A felicidade depende do lugar?
 O que é o campo?
 De que forma o tempo alterou o local?
 Qual é o percurso do rio Zêzere?
 O que é local e o que é global?
 O que determina uma comunidade?
 O que é que nos faz feliz?
 Será a industrialização, a solução?
 Só existe quietude no meio rural?
 A natureza é silenciosa?
 O que é um território?

Para quem é a arquitetura?

O que é que acontece se houver uma seca extrema no território?
 O que é harmonia? Qual é a escala? E qual a proporção?
 Como se dá o ato criativo?
 Como se compõe o espaço?
 Qual é a nossa hipótese de escolha?
 O que é que o mundo nos diz sobre os recursos hídricos?
 Como viver e deixar viver?

A água

O que te faz feliz no campo?
 O que distingue um contexto rural de um urbano?

O campo

O que é que o campo tem, que a cidade não tem?
 A felicidade está na simplicidade?
 O meio rural só é relevante se estiver afastado da urbanização?
 O que é o êxodo rural?
 Fará sentido retirar a barragem?
 Justifica-se a construção de mais barragens?
 O que é que desapareceu com a barragem?
 O que é que apareceu com a albufeira?

Reparar ou reparar?

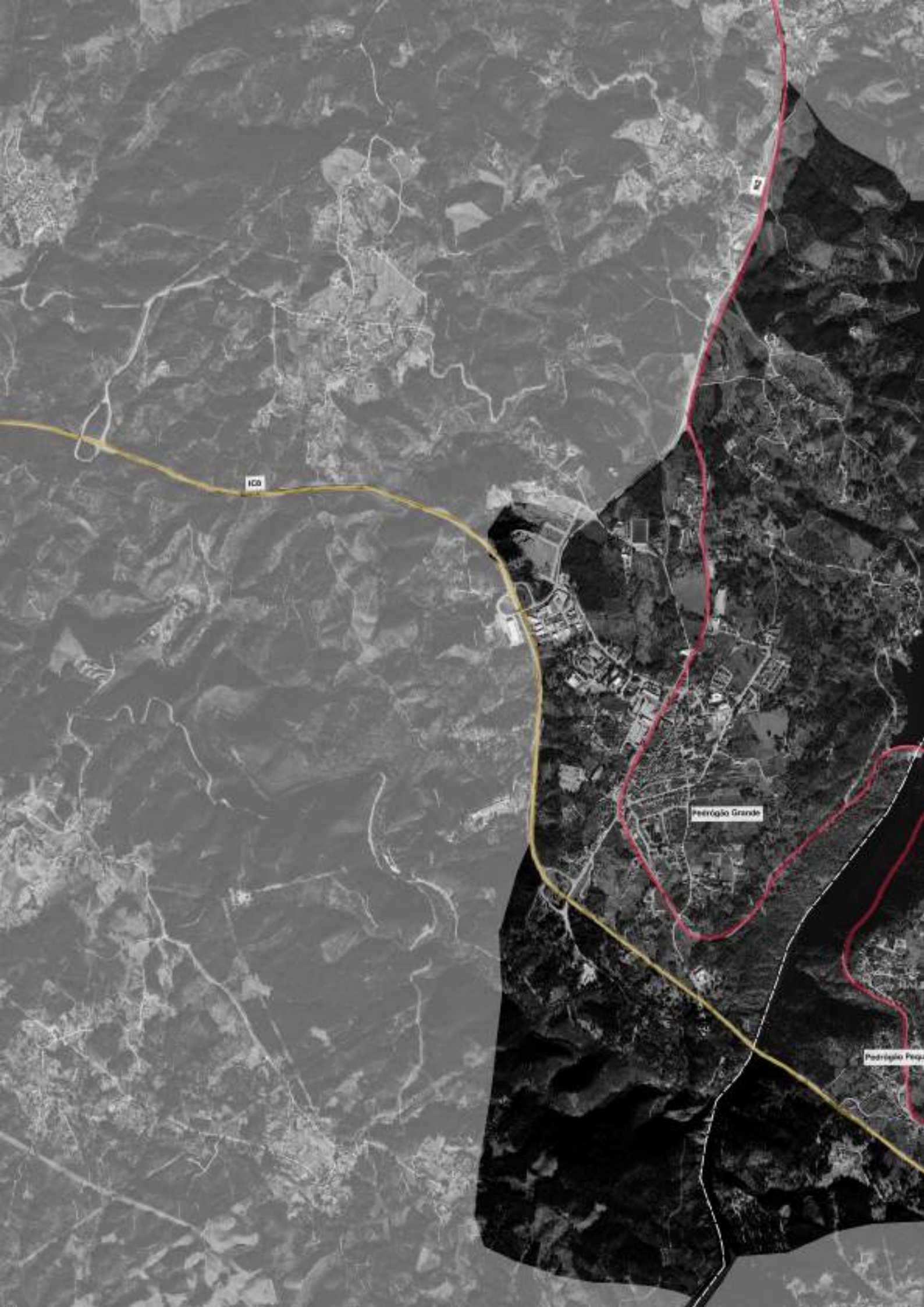
O que queremos para o futuro? E o que devemos fazer?
 Temos consciência dos nossos atos?

Power: poder ou energia?

Estamos a apropriar-nos de algo que não é nosso?
 Existe arte para não humanos?
 Porque é o Homem o centro de tudo? E se não for?
 Quando começa o consumo excessivo?

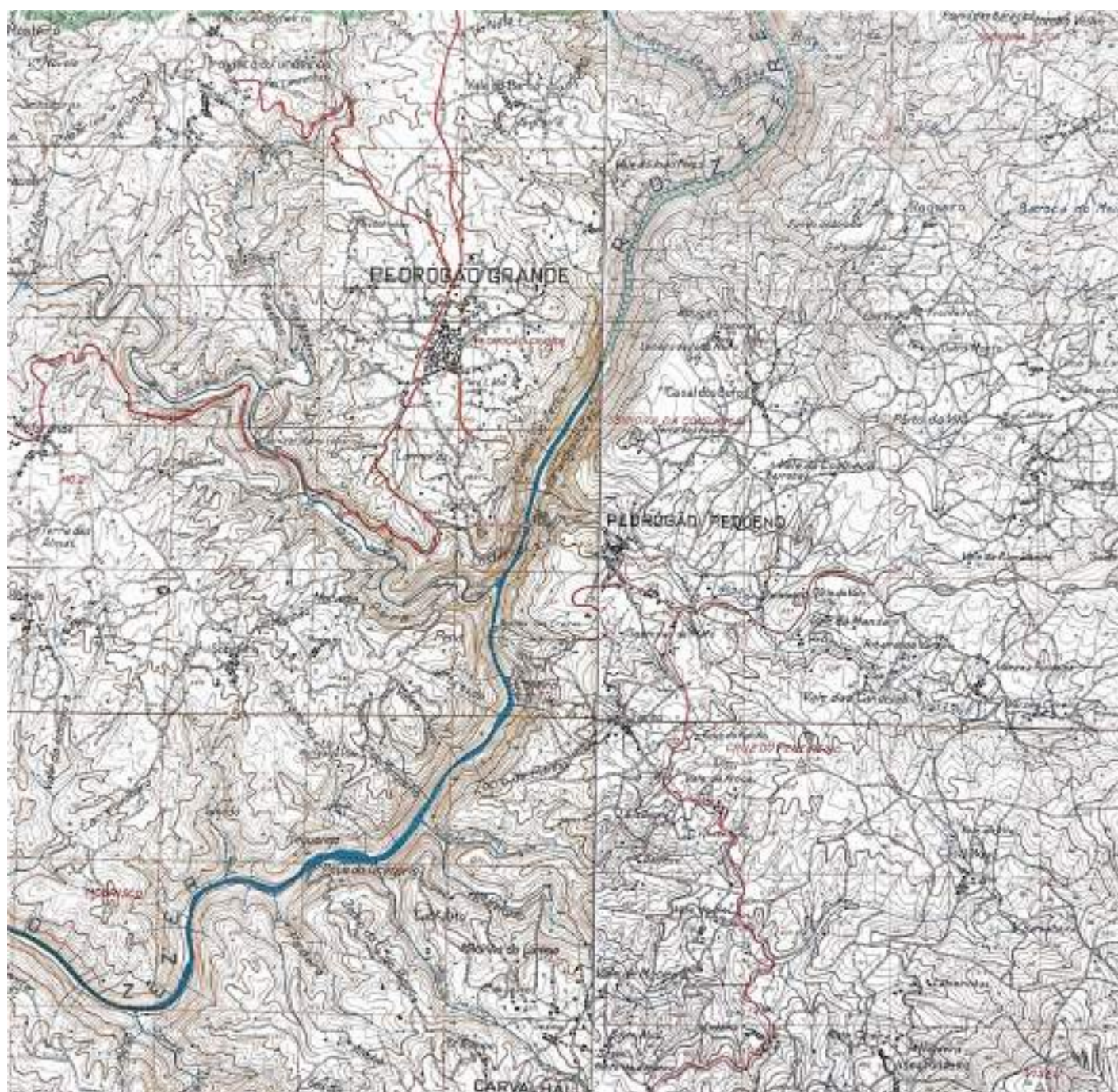
Qual será a medida das nossas ações para salvar o planeta?

E preciso repensar as relações com a natureza?
 Pertencemos a algum lado?





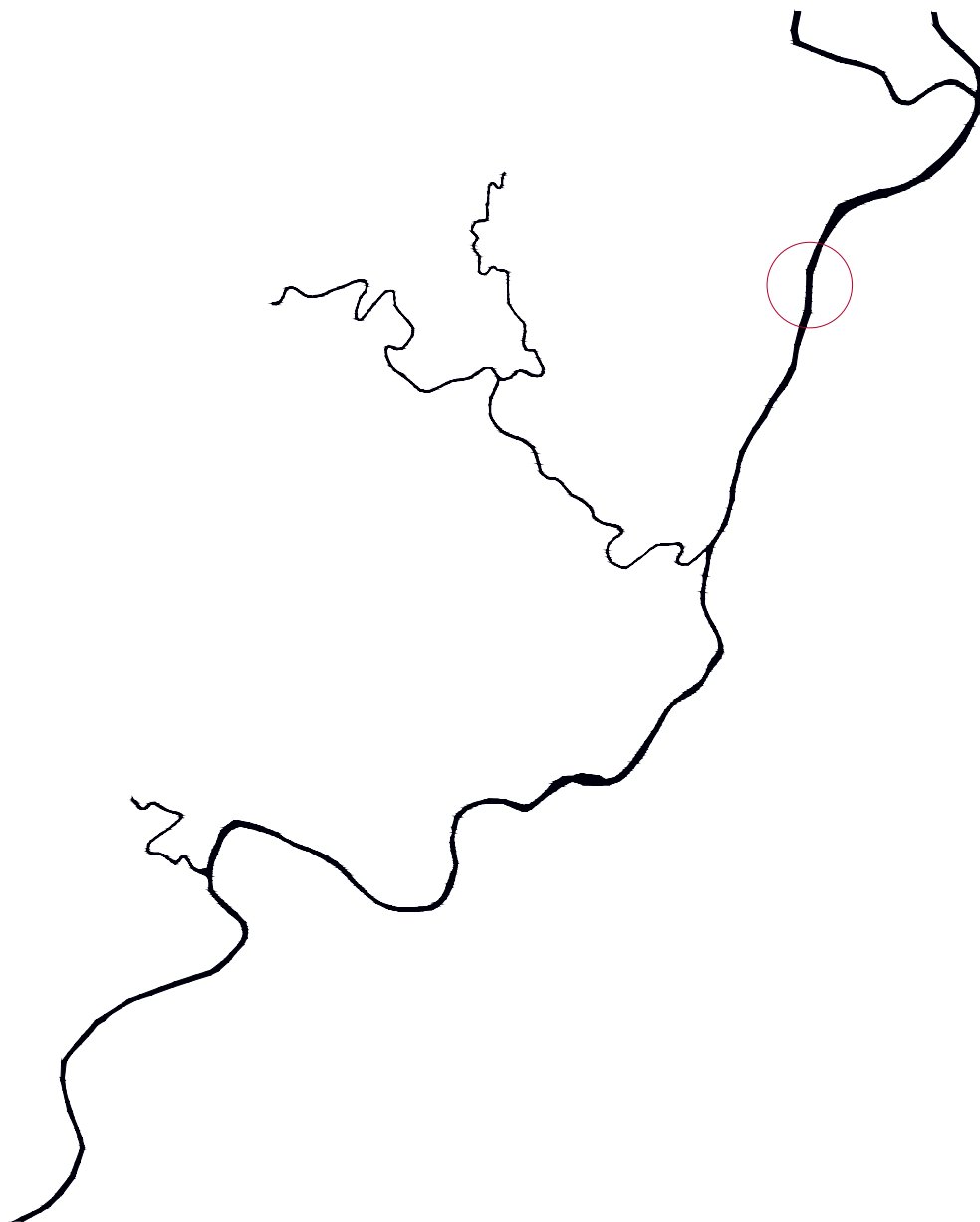
4. Ortofotomapa da área de estudo, com base em fotografia do Google Earth, 2019.



5. Carta Militar de Portugal de 1946 / 1947. Fonte: Centro de informação Geoespacial do Exército.



6. Carta Militar de Portugal de 2018. Fonte: Centro de informação Geoespacial do Exército.

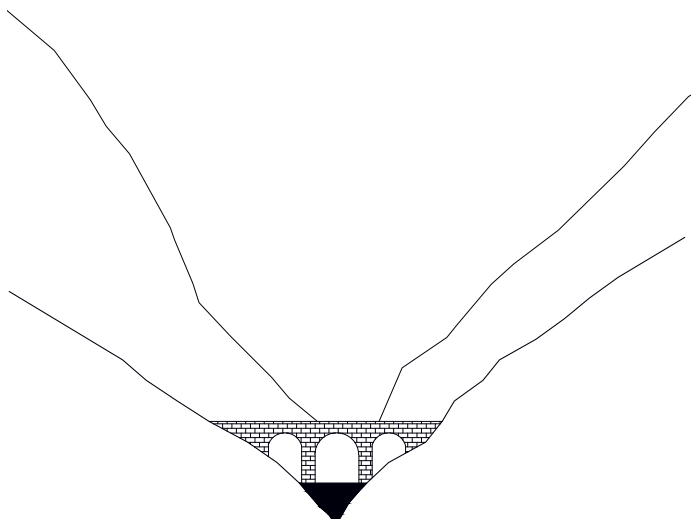


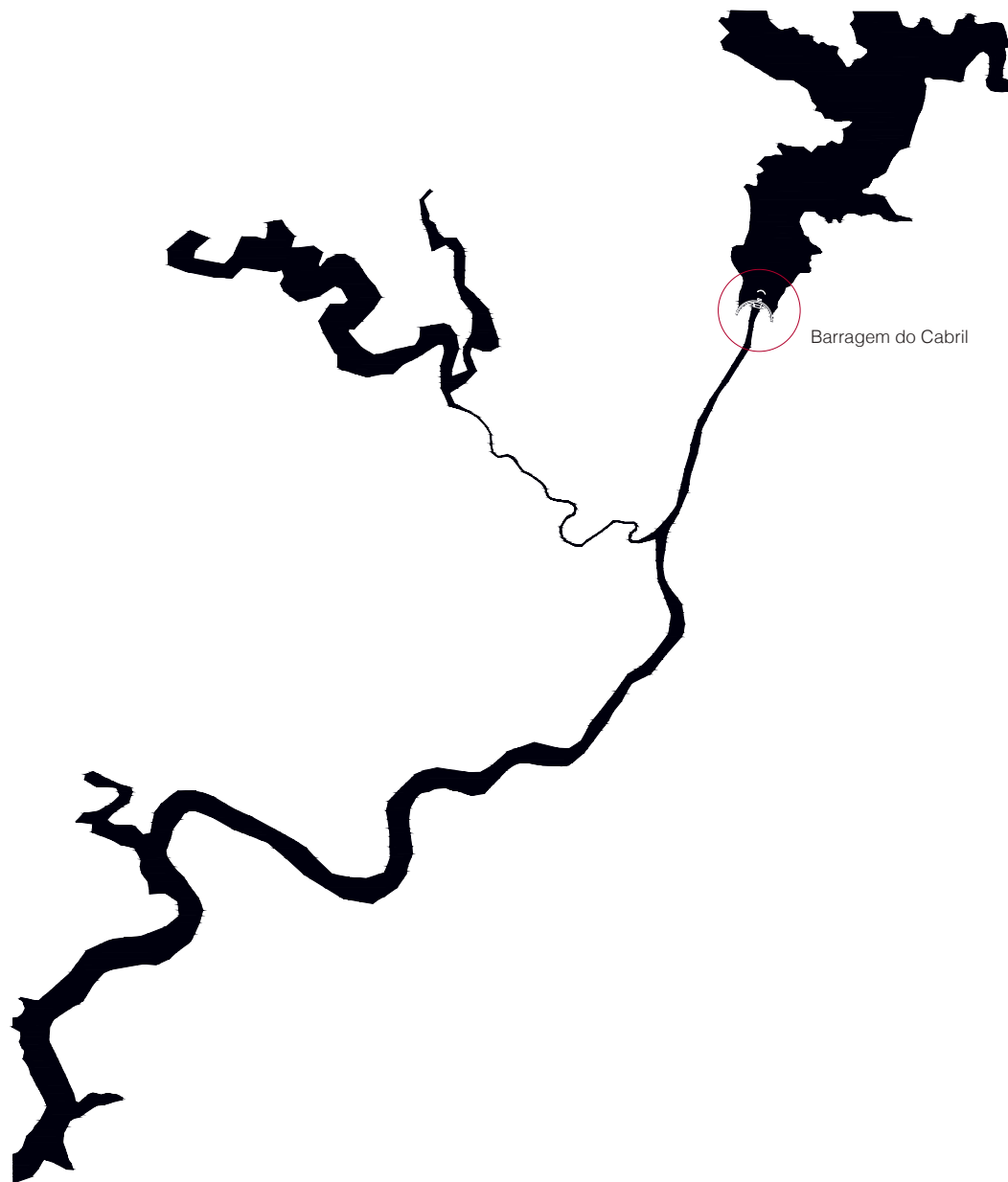
A construção da Barragem do Cabril em 1954 produziu diversas alterações no território do Rio Zêzere. Os diagramas retratam o rio Zêzere no período que antecedeu a construção da barragem [4] e o rio atualmente [4]¹. A relação do rio, com o vale e com a ponte Filipina alterou-se com a subida de 15 metros do rio a jusante.

7. Planta e secção esquemática do rio Zêzere antes da construção da Barragem do Cabril.

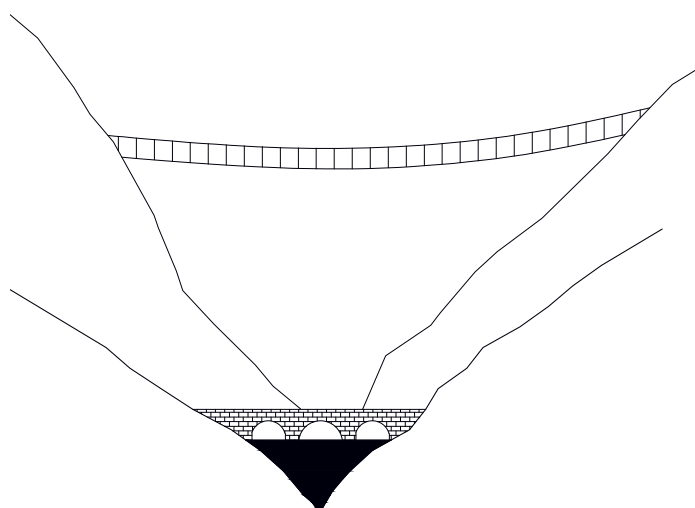
8. Planta e secção esquemática do rio Zêzere após construção da Barragem do Cabril.

2. Diagramas elaborados através da transposição das Cartas militares de 1946/1947 e 2018, obtidas no Centro de informação Geoespacial do Exército.





Barragem do Cabril



“487 barragens removidas em 2023.”

A construção de uma barragem cuja função é a produção hidroelétrica, como é o caso da barragem do Cabril, tem grandes questões inerentes à sua construção e às consequências no território. O que à partida se considera uma fonte de energia renovável, hoje é claramente uma algo que não podemos tomar por garantido face à problemática do clima. O novo paradigma exige um repensar deste tipo de infraestruturas.

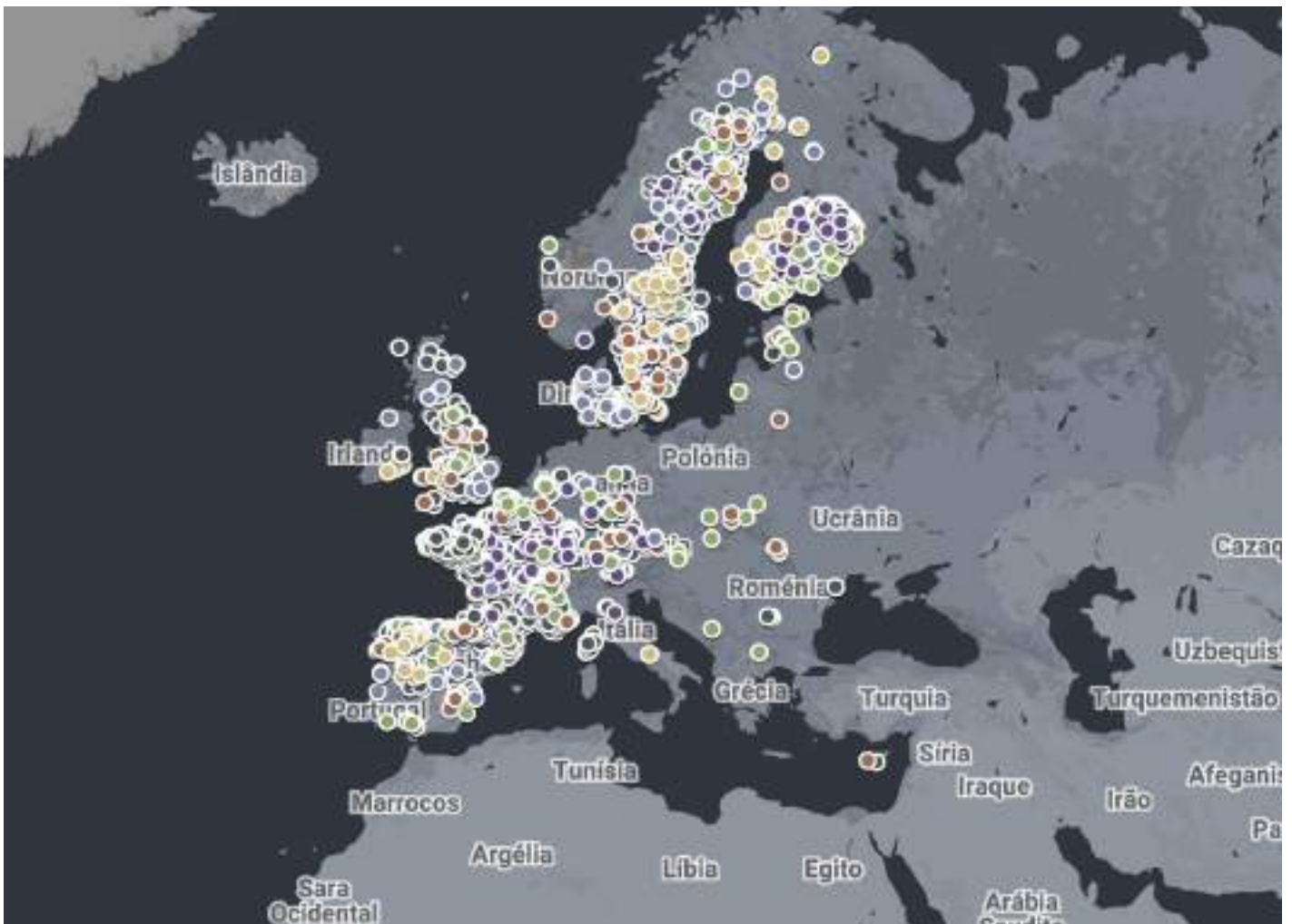
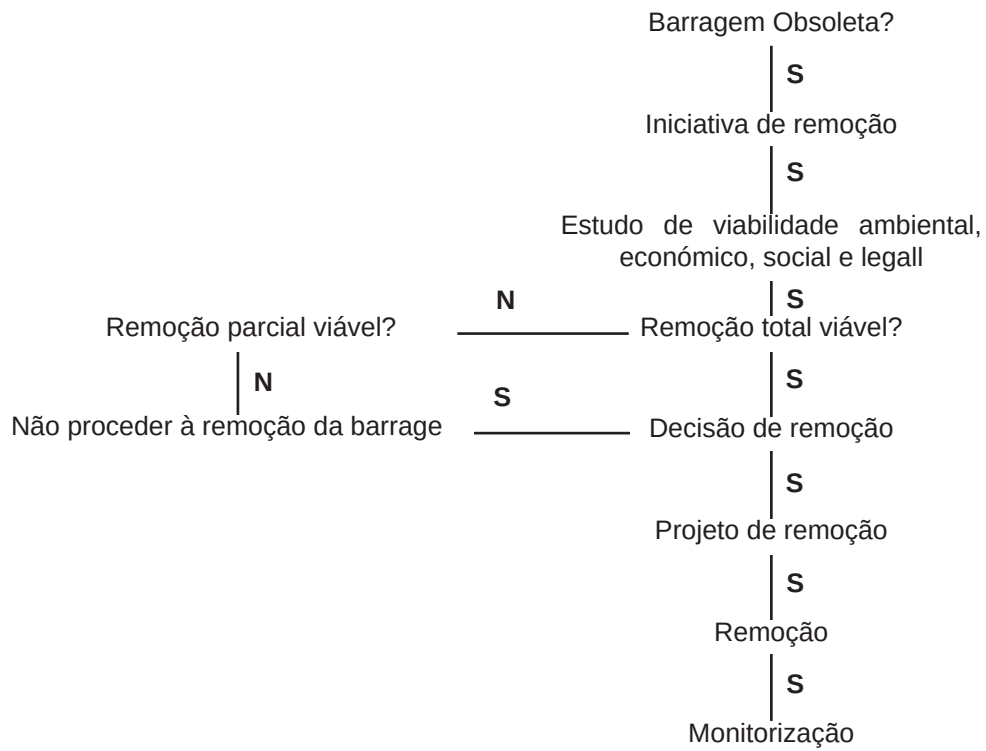
No caso da barragem do Cabril, que constitui uma parede de betão de 132m de altura, como em tantas outras no mundo, a sua construção deu origem a uma albufeira que por um lado permite a prática de desportos náuticos por outro, deixa aldeias submersas e exige o deslocamento de populações em questão. No que toca às florestas, o acesso das populações à água em caso de incêndio é mais fácil, mas as margens que outrora eram escarpas íngremes e zonas de pinhal agora encontram-se descaracterizadas e assoreadas tendo perdido grande parte da sua biodiversidade. Até a possibilidade de irrigação dos territórios envolventes poderia ser uma mais valia se esta não fosse utilizada de uma forma excessiva na agricultura, cujo retorno à albufeira trás consigo contaminação derivada de pesticidas. Visto que se trata de um grande volume de água estagnada, a albufeira torna-se num local de decomposição de seres vivos, que constituem uma elevada libertação de metano para a atmosfera.

Para além da grande alteração no ecossistema e no clima, a barragem constitui desde logo uma barreira no fluxo natural do rio, que altera por completo o processo de migração, reprodução e sobrevivência de espécies aquáticas. O estado dos solos, tendo em conta a sua hidrografia superficial e subterrânea deixa de ser natural com a criação destas barreiras, e por isso, a sua remoção já é posta em causa. No caso da barragem do Cabril, a sua dimensão e a ligação que estabelecem entre concelhos são dois fatores que tornam a presença desta infraestrutura uma mais valia, contudo não invalida que a sua permanência no território não seja avaliada, por questões de segurança e objetivos ambientais.

Devemos deixar os rios correr?

9. Esquema sobre a remoção de barragens. Baseado em esquema de Francisco Godinho.

10. Mapa da Europa, com as barragens que foram demolidas até 2023. Fonte: Dam Removal Europe.





“A construção da barragem do Cabril provocou um verdadeiro êxodo no Vilar e outros lugares, que a albufeira consequentemente tornou inabitáveis.” ¹

A margem do rio caracterizava-se por terrenos agrícolas em socalcos, minas e aldeamentos que ficaram submersos, como é o caso da Aldeia de Vilar de Amoreira [5]. Em momentos de seca extrema como sucedeu em 2022 foi possível ver as ruínas desta aldeia [6].

11. Imagem de satélite de 1985. Fonte: Arquivo do IGOT.

12. Recorte do Jornal “A Comarca de Arganil” de 27 de Março de 1954 – Ano da inauguração da barragem do Cabril. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

13. Fotografia da Aldeia de Vilar da Amoreira, 2022. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

3. Testemunhos, Barragem do Cabril, Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.



POLTELA DO FOJO

perde a sua melhor povoação

Vilar da Amoreira

já desapareceu debaixo das águas da represa do Zezere

NO CABRIL DE PEDRÓGÃO

RIBEIRO DO SOUTELINHO, 25. — Começa a produzir os seus efeitos a barragem do Cabril, pois Vilar da Amoreira já desapareceu do mundo civilizado. Vêem-se subtr as águas, de maneira assustadora, tudo alagando, devido às abundantes chuvas que têm caído nos últimos dias. Os habitantes daquela localidade, chorando e lamentando-se, nem tempo têm tido para retirarem das casas os seus haveres. Triste, muito triste! E' confrangedor vermos ficar

tudo debaixo de água — mobílias, lenhas, madeiras, etc. Tudo se vê, assim, desaparecer para nunca mais.

Gente boa e trabalhadora, chora, e com toda a razão, pois perdem tudo o que tinham e todas as suas regalias. Quadro desolador, que nos choca profundamente!

Vilar da Amoreira é, sem dúvida, quem mais motivos tem para chorar.

Mas não é só o Vilar da Amoreira que está já a sofrer: todos os outros povos da freguesia têm mais ou menos prejuízos, vendo-se privados das suas comunicações, das suas passagens. Se quisermos ir para as carreiras de Lisboa ou Coimbra, às 5 e 6 da manhã, como fazê-lo, se temos apenas uma simples e frágil barca na Ponte de Padrões e na Amoreira? E as mercadorias do sul da freguesia, como as devemos transportar? E para os nossos doentes, como iremos chamar o médico e aviar as receitas à farmácia? E se for preciso sairmos de noite, como já tem sucedido?

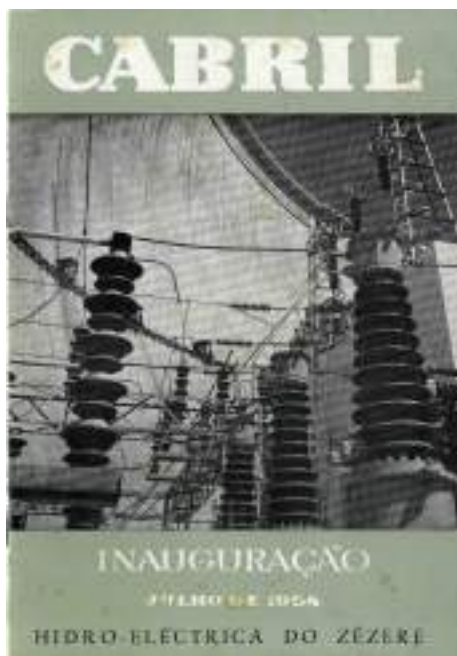
Pedimos providências a quem de direito, para remediar estes males, pois não estamos a pedir o que não tínhamos.

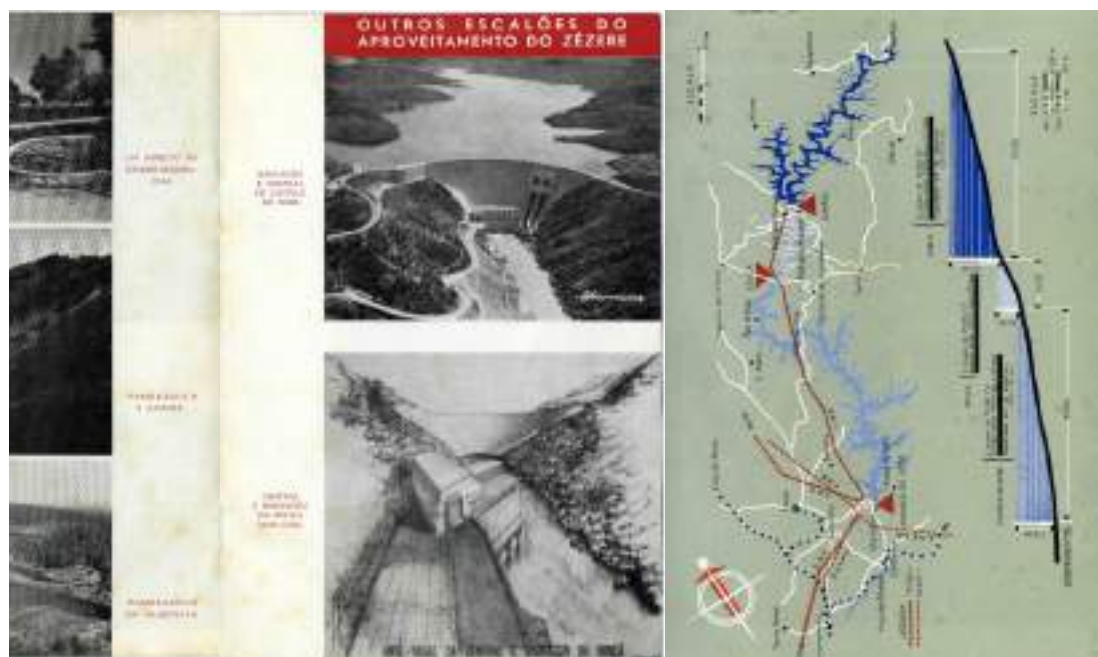
Como acima dizemos, a Ponte de Padrões tem apenas um barco e igualmente a Ponte de Amoreira.

E o Castelejo? Pica a dormir? Tinha uma estrada para carros de bois e mulas, pela qual se podia transitar durante todo o ano, e, agora, fica sem nada. Não deve ser.

A esclarecida atenção de quem de direito submetem o caso, para que o pondere devidamente — com humanidade.



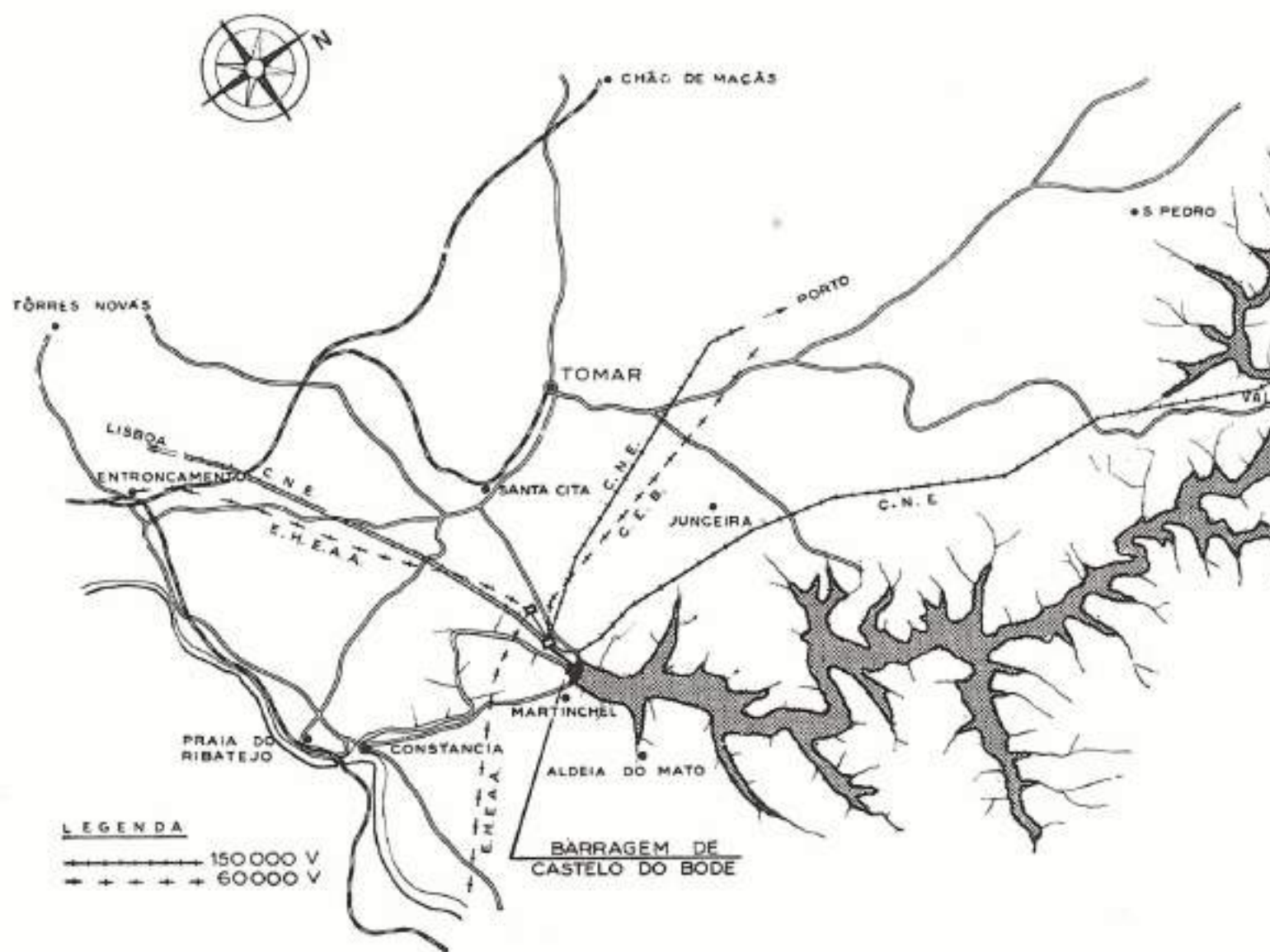




14. Brochura de Inauguração da Barragem do Cabril, 1954.
Hidro-elétrica do Zêzere.

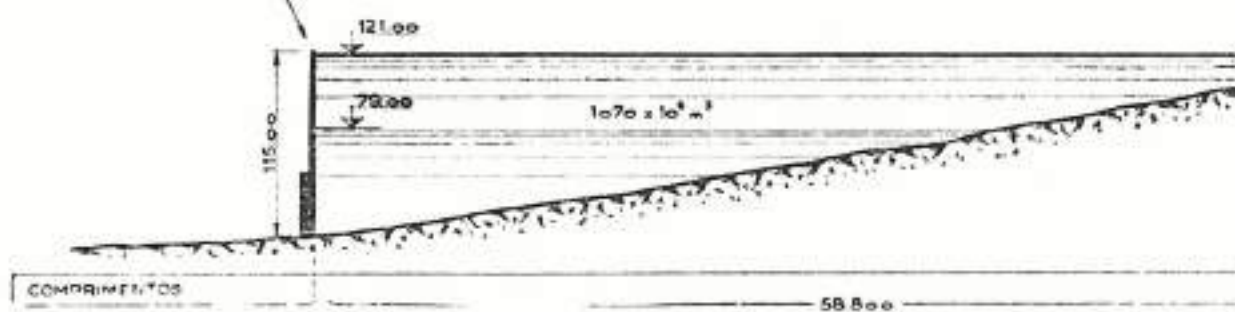
Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

ESQUEMA DO APROVEITA

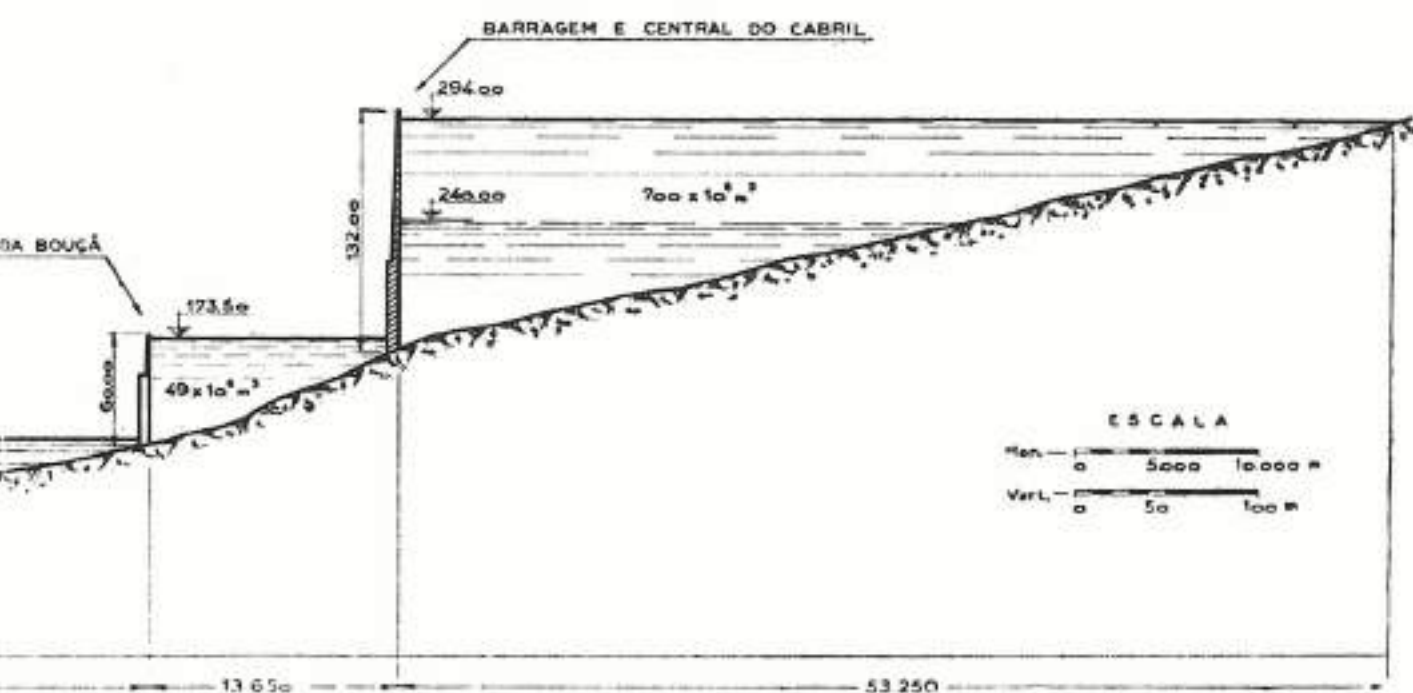
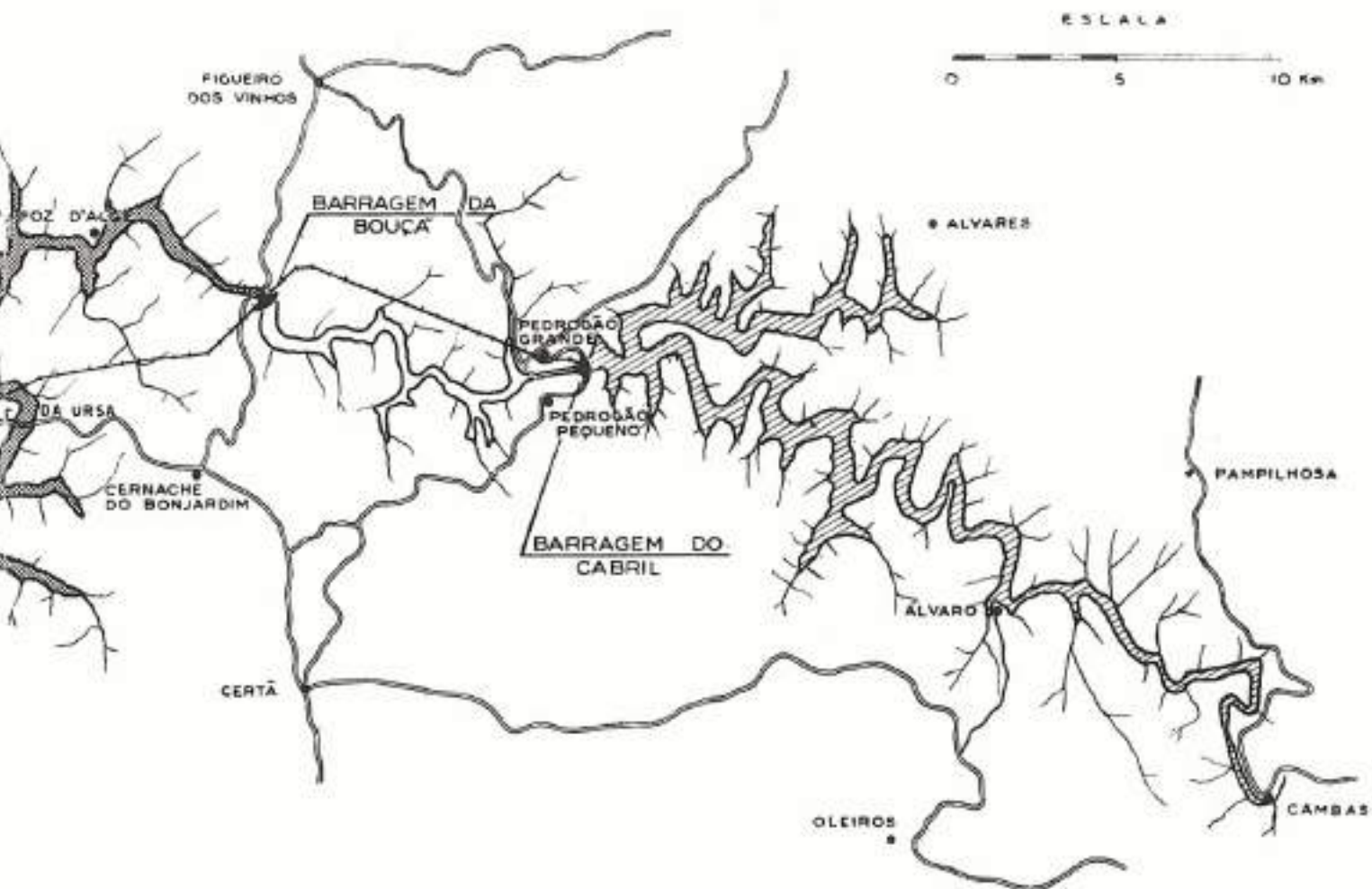


BARRAGEM E CENTRAL

BARRAGEM E CENTRAL DE CASTELO DO BODE



AMAMENTO DO RIO ZÊZERE

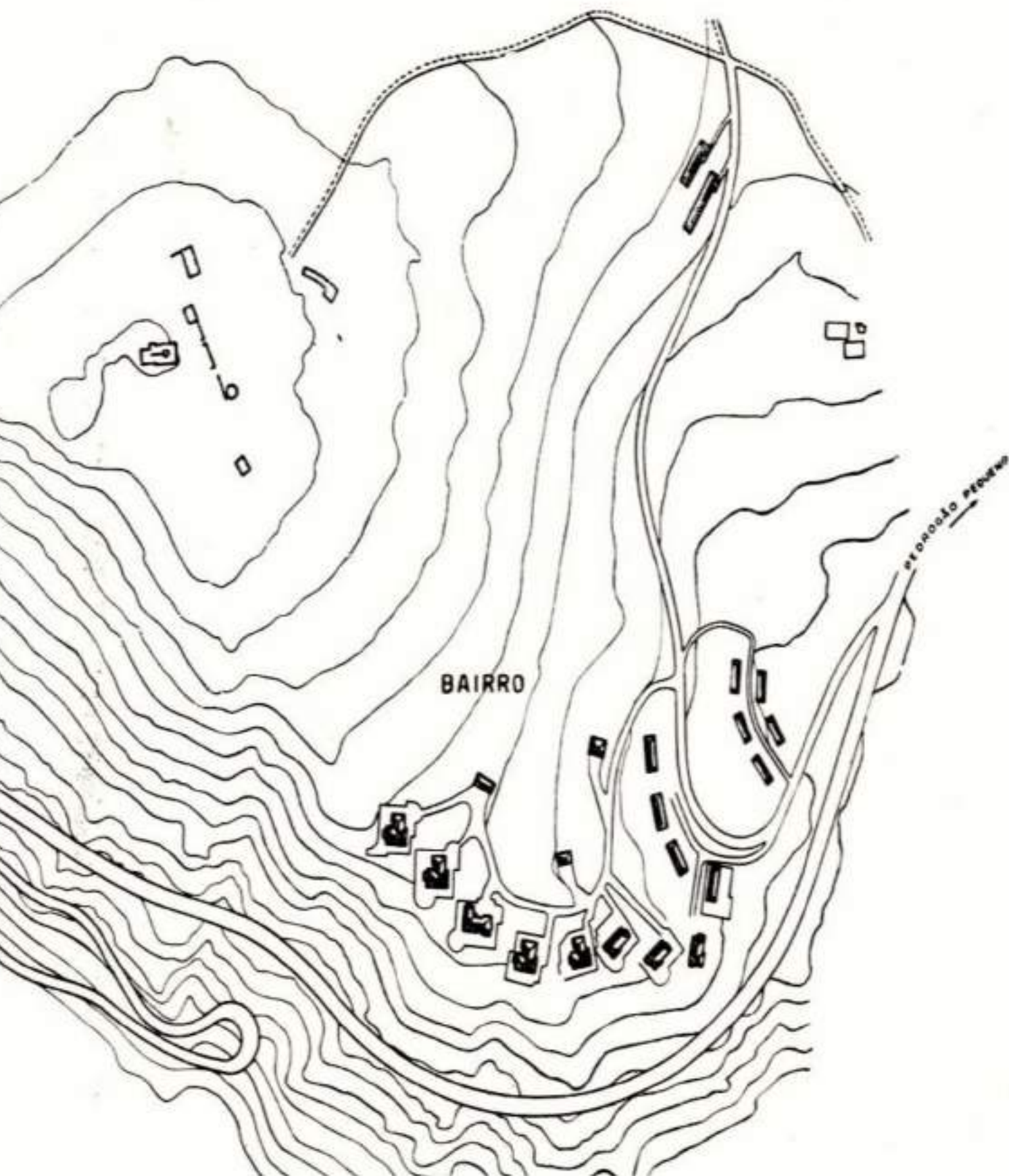


15. Esquema do aproveitamento do rio Zêzere. 1954. Hidro-elétrica do Zêzere. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrogão Grande.

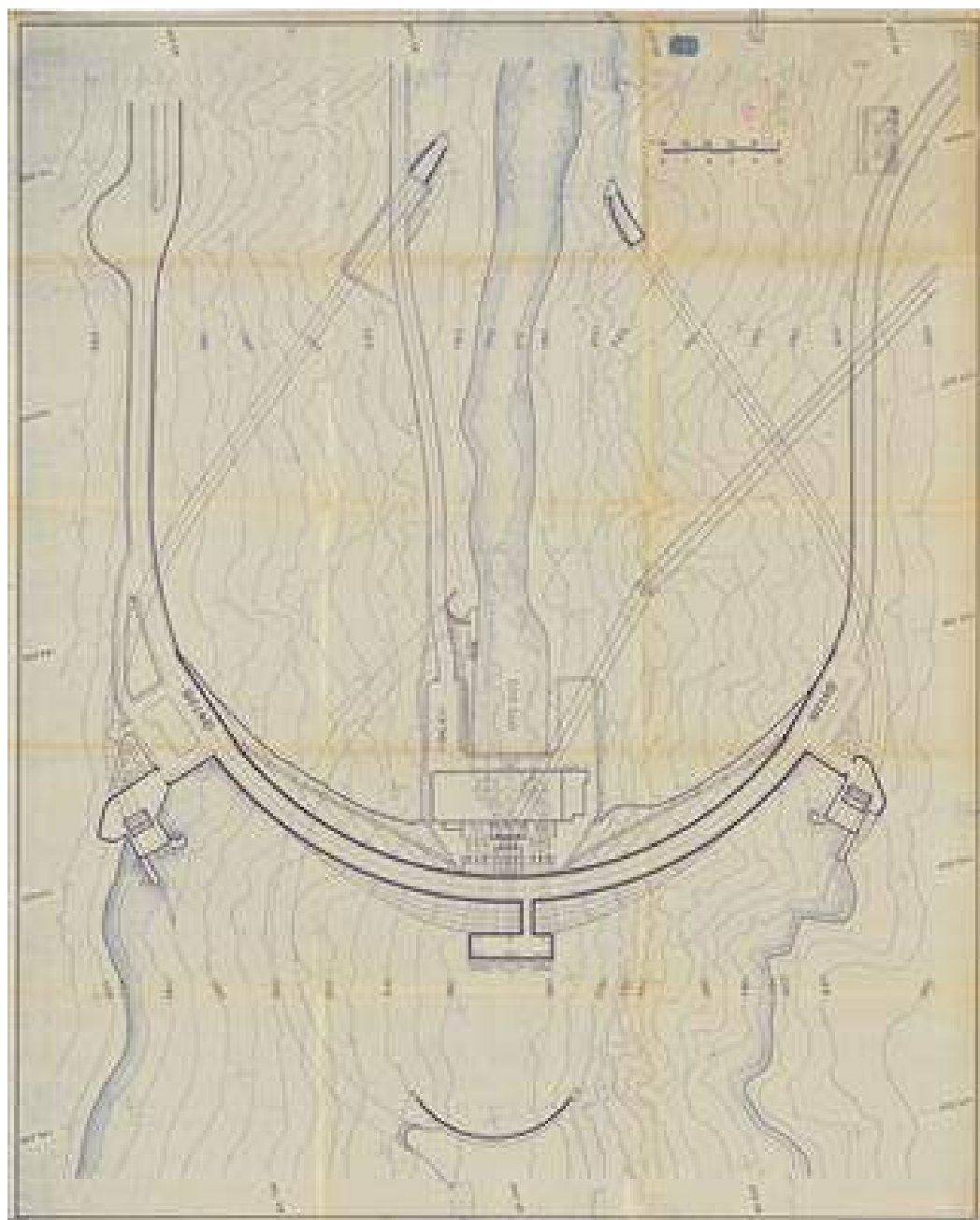
PLANTA GERAL DA SITUAÇÃO



PLANO DE AÇÃO DAS OBRAS



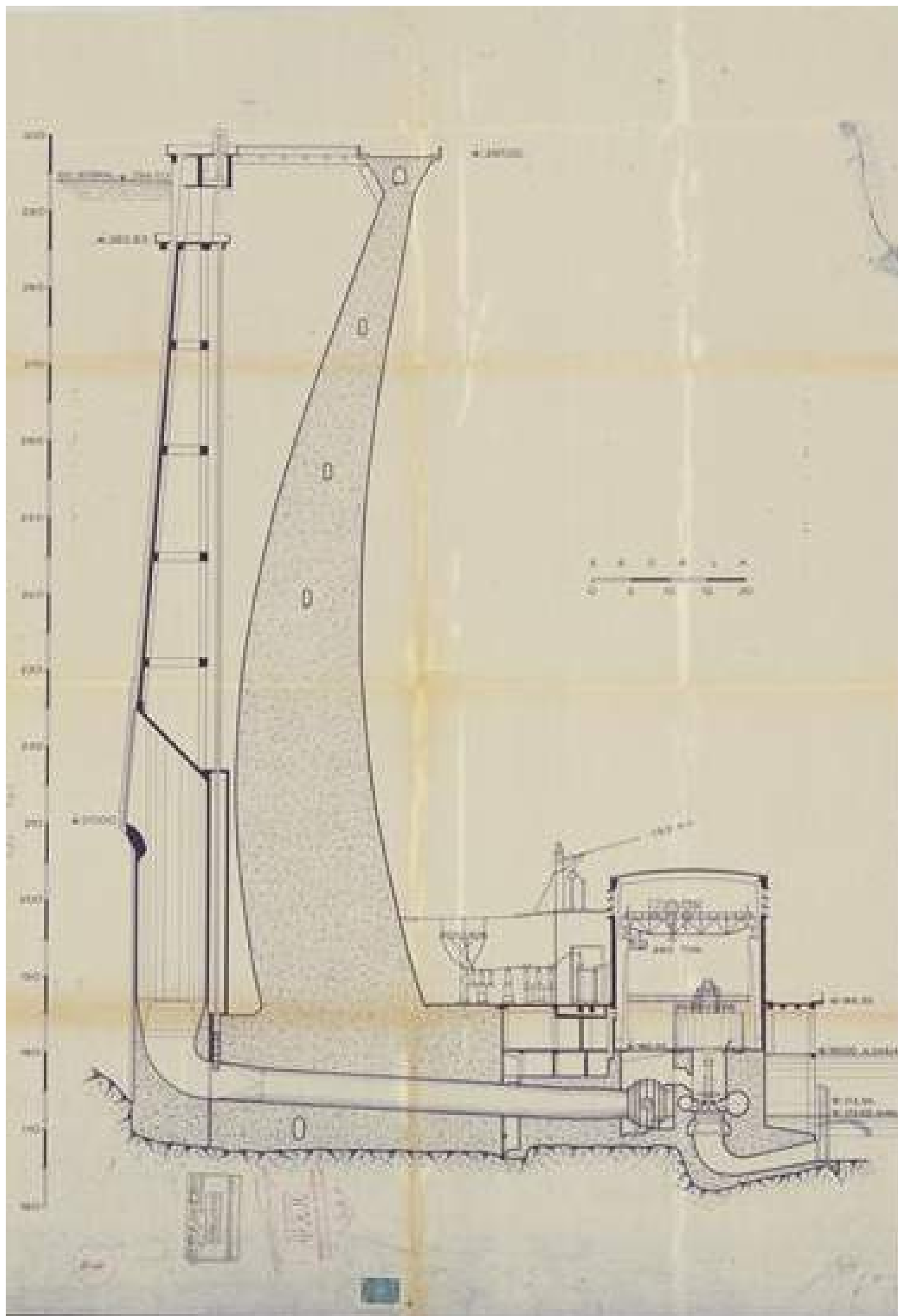
16. Esquema do aproveitamento do rio Zêzere. 1954. Hidro-elétrica do Zêzere.
Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.



Os desenhos técnicos da barragem cedidos pela EDP, nomeadamente a planta que secciona uma cota ligeiramente acima da nacional 2 e a secção vertical sobre a estrutura e edifício da barragem, permitem-nos perceber a escala e imponência desta obra. A planta demonstra a vista superior da parede da barragem que permite ao longo de 290m de estrada -EN2- a comunicação e acesso a ambos os sentidos, o pequeno dique usado para retenção das águas do rio durante a construção, os túneis de descarga e respetivas bocas e ainda a estação de transformação para a rede elétrica distribuída pelos cabos de alta tensão. A secção por sua vez, mostra-nos a parede abobadada da estrutura em betão com uma altura de 136m, o túnel de entrada de água com as suas turbinas subterrâneas debaixo da sala dos geradores e em vista a estação de transformação de energia hidro-elétrica entre a parede da barragem e o edifício de controlo.

17. Desenhos Técnicos da Barragem do Cabril - planta. Fonte: Arquivo EDP.

18. Desenhos Técnicos da Barragem do Cabril - corte Transversal. Fonte: Arquivo EDP







20.



21.



22.



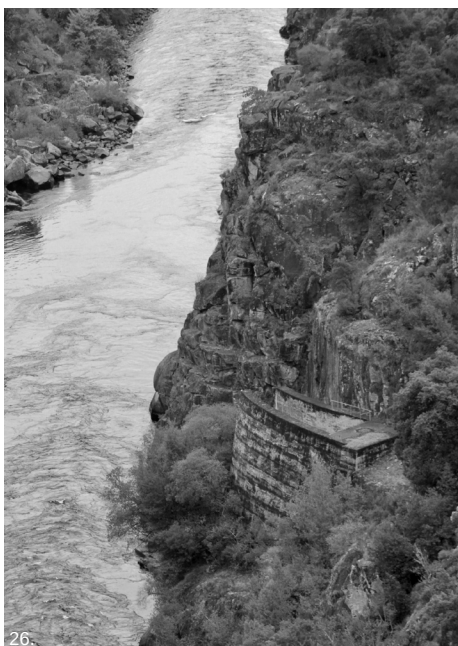
23.



24.



25.



26.



27.

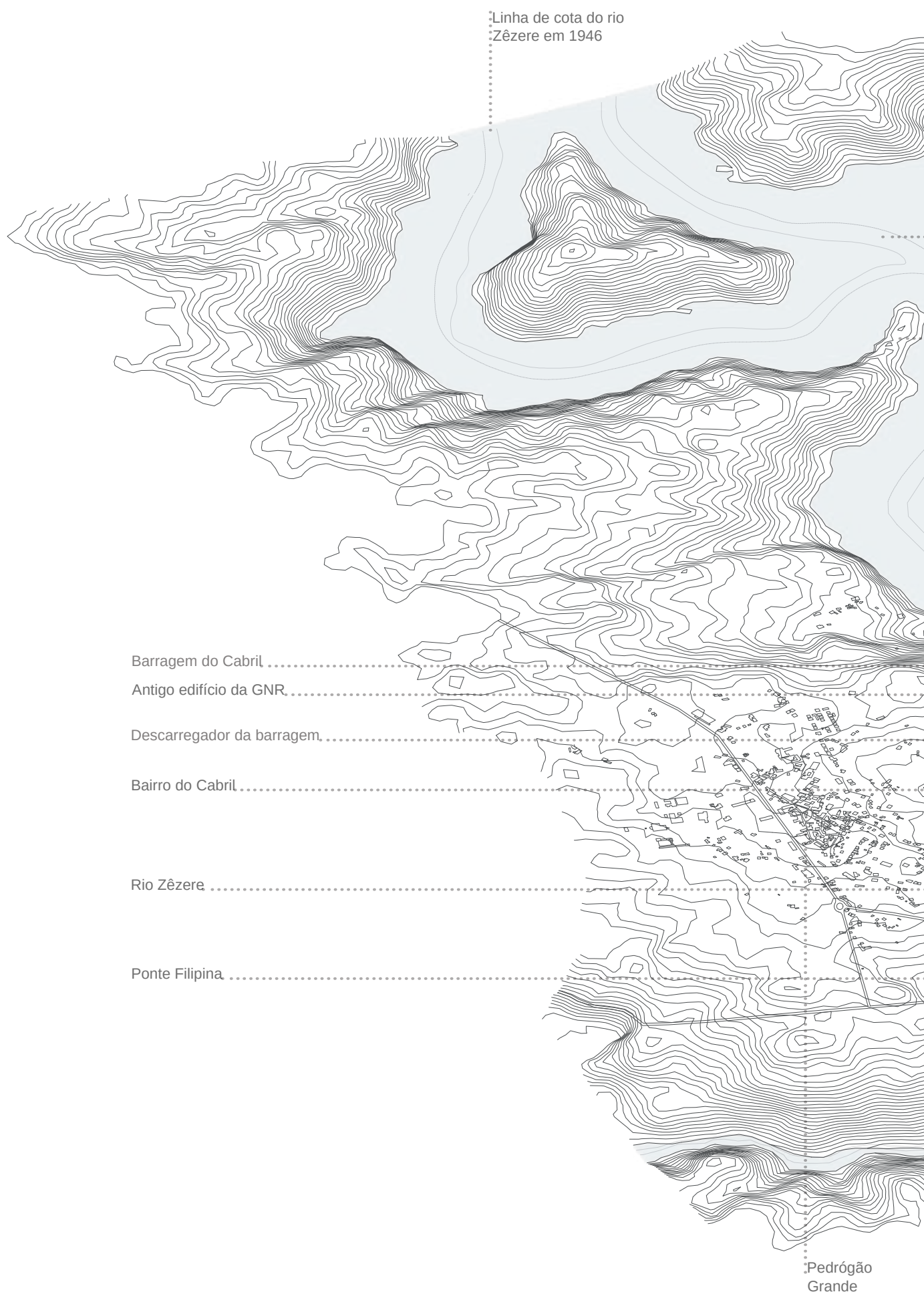


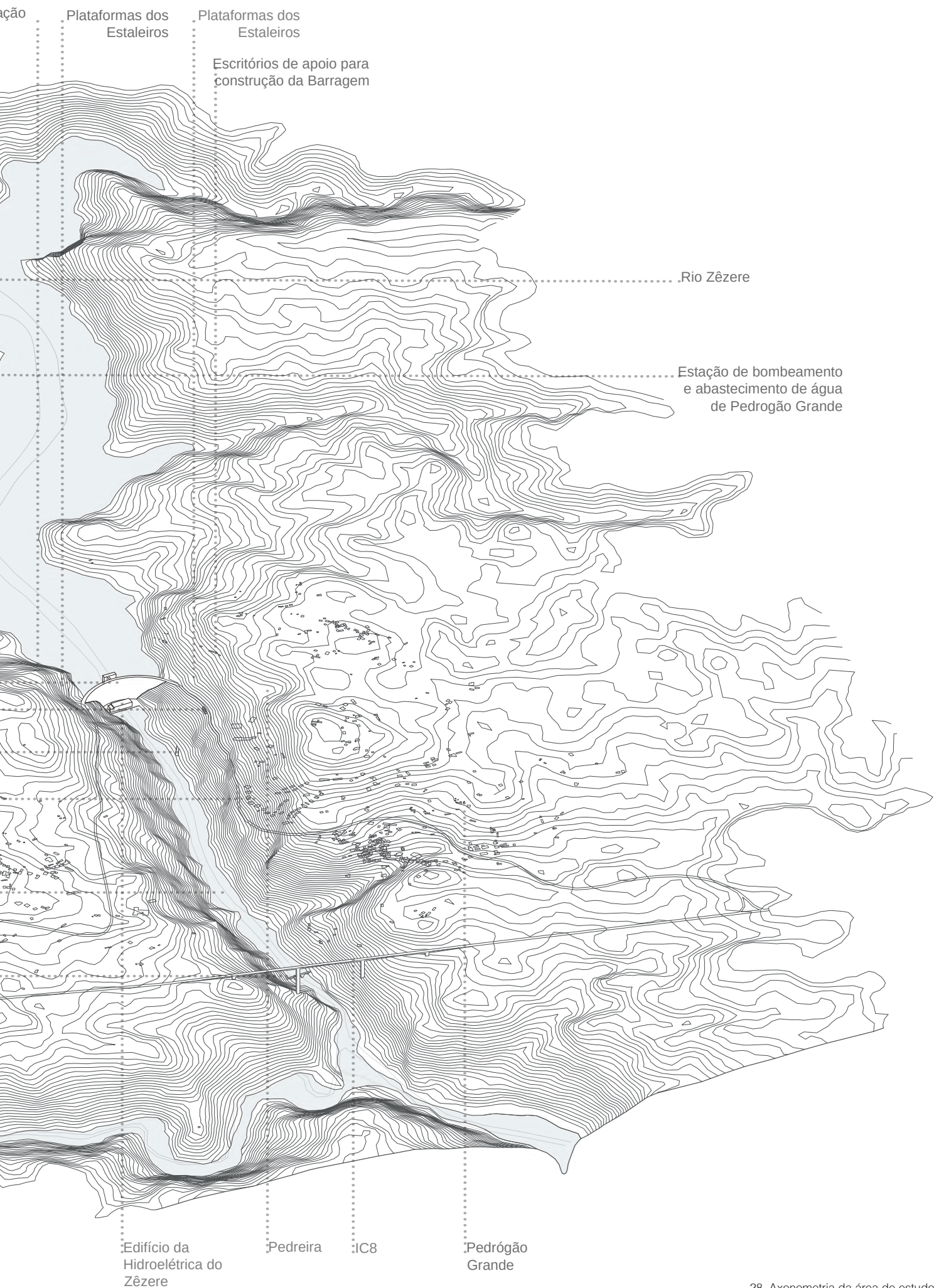
19. Ortofotomapa de localização, 2019. Fonte: Google Earth.
20. Barragem do Cabril.
21. Edifício da GNR
22. Bairro do Cabril
23. Estaleiros
24. Pedreira
25. IC8
26. Descarregadores
27. Ponte Filipina

Durante a construção surgem vários edifícios temporários, novas acessibilidades são criadas e paisagens são alteradas. No caso da barragem do Cabril, a sua construção resultou numa marca de subtração no terreno, a pedreira, de onde foi extraída a pedra para a estrutura. Após ser extraída, era transportada para uma cota inferior, para os estaleiros da barragem, que se localizavam na encosta do vale. Neste local, a pedra era transformada em brita para a produção do betão.

Uma infraestrutura como uma barragem, reúne um elevado número de trabalhadores, como tal foi desenhado um alojamento em Pedrógão Pequeno, o bairro do Cabril. Ao lado da barragem foi construído um edifício usado para controlo da albufeira do Cabril, o edifício da GNR.

A barragem redesenhou o vale e a forma como este era atravessado. Anteriormente à sua construção, a única forma de o fazer era através da Ponte Filipina. Atualmente, o atravessamento também é possível ser feito pelo IC8, uma via que veio aproximar os municípios. Desta forma, a N2 tornou-se numa via mais calma e com menos tráfego.







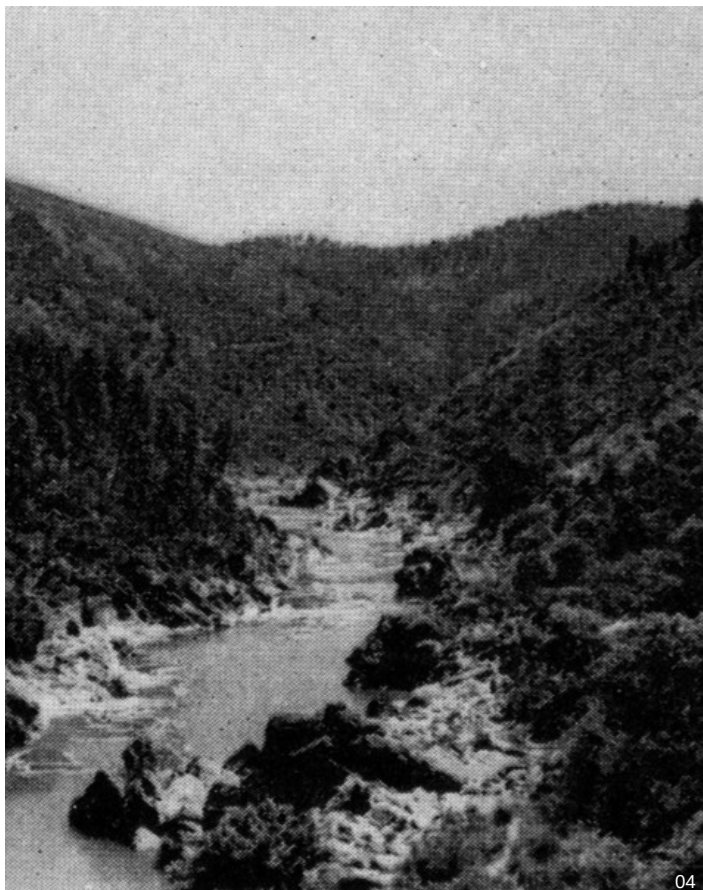
29.



30.



31.



04



32.









36.



37.

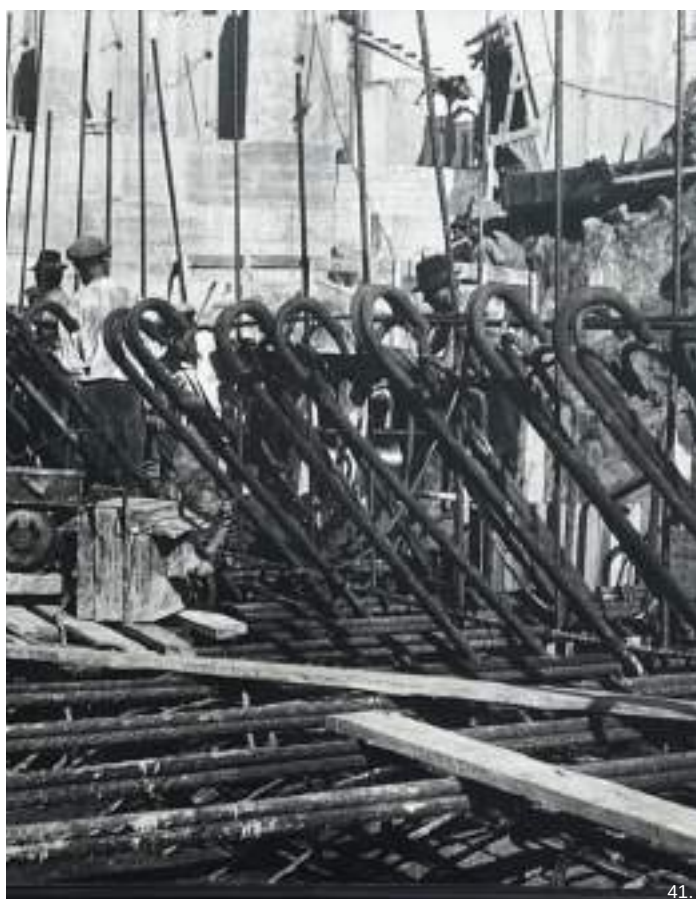


38.





40.



41.



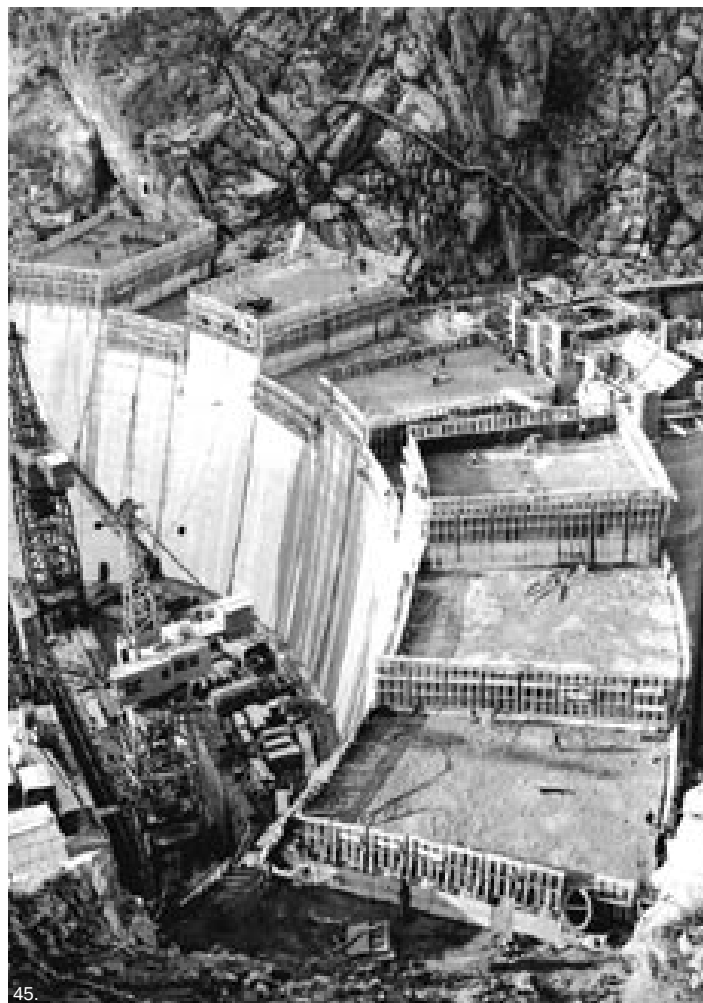
42.



43.



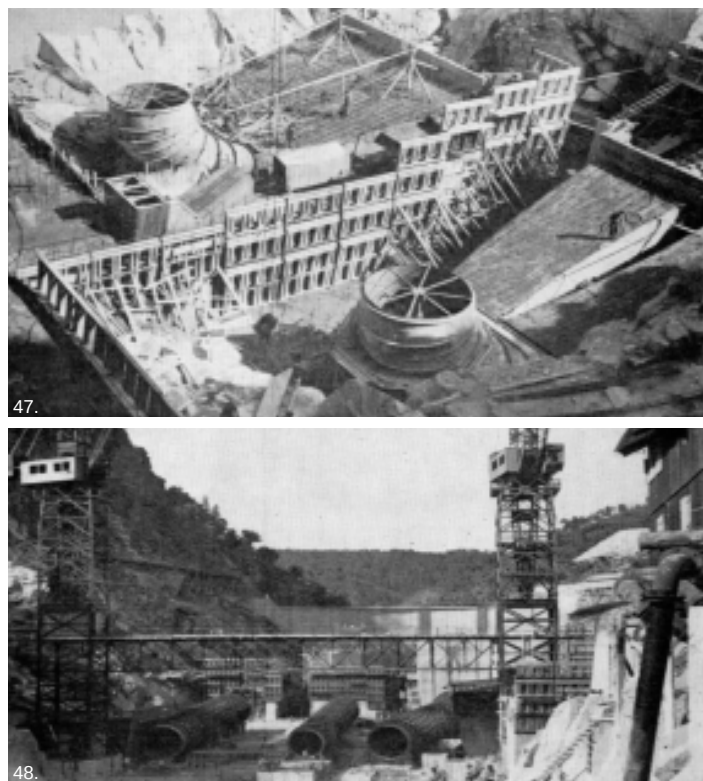
44.



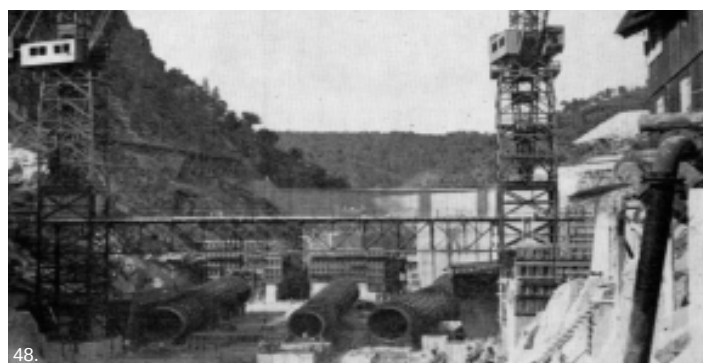
45.



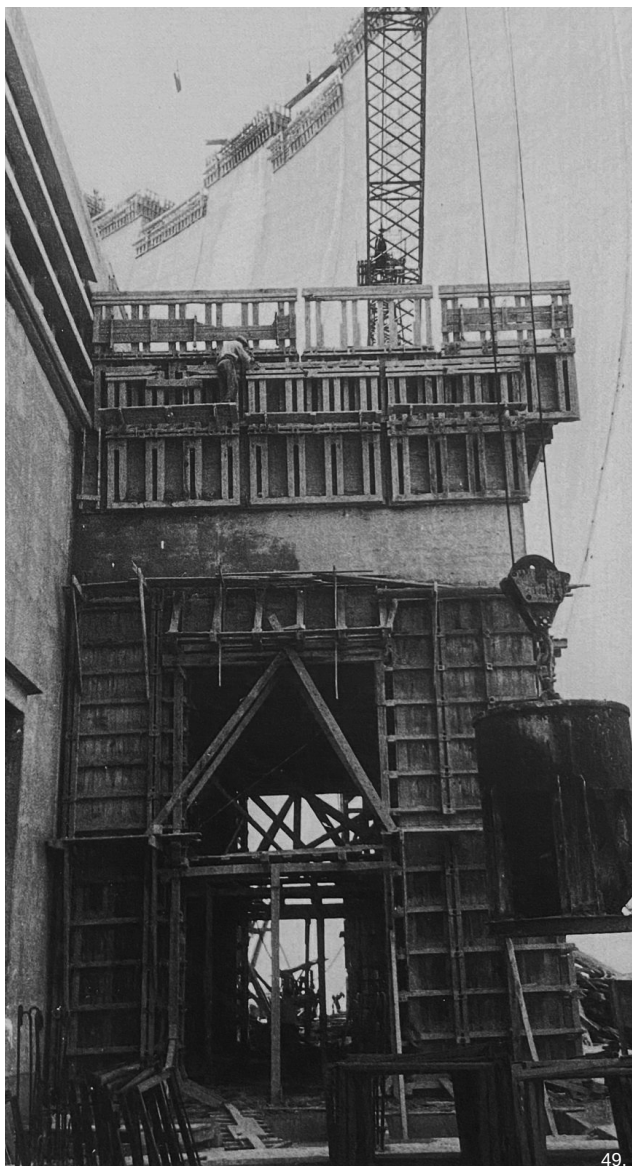
46.



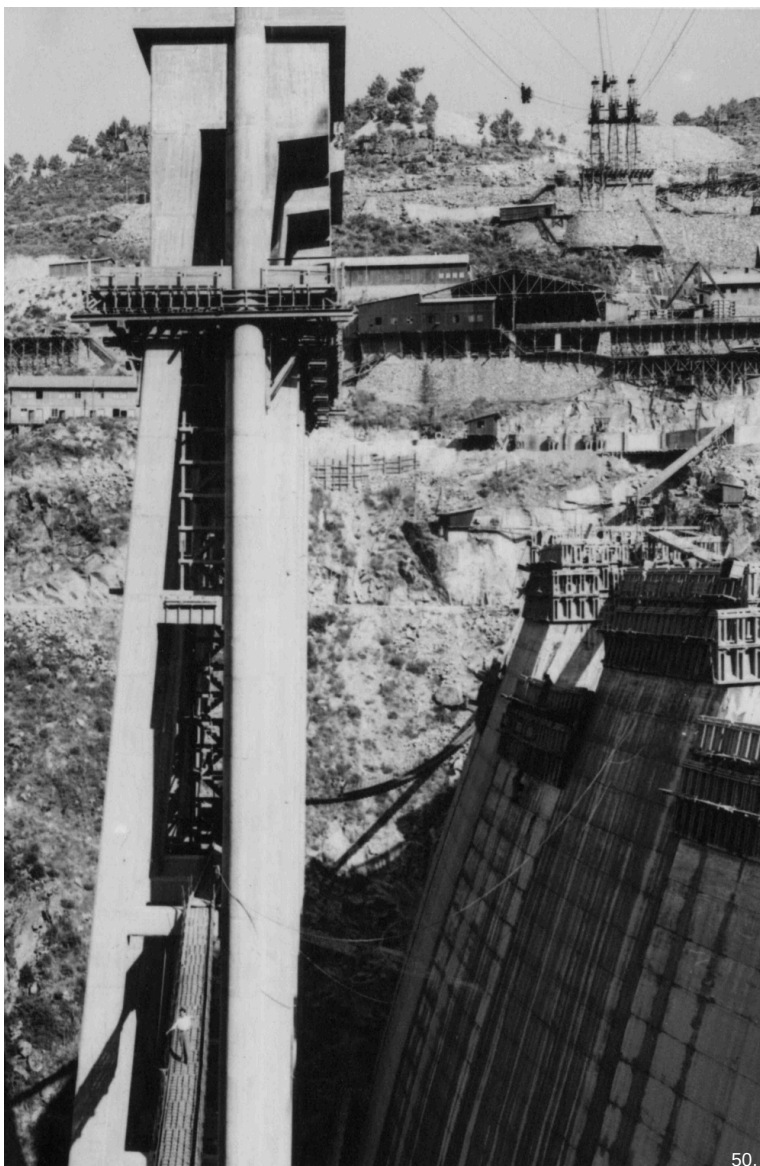
47.



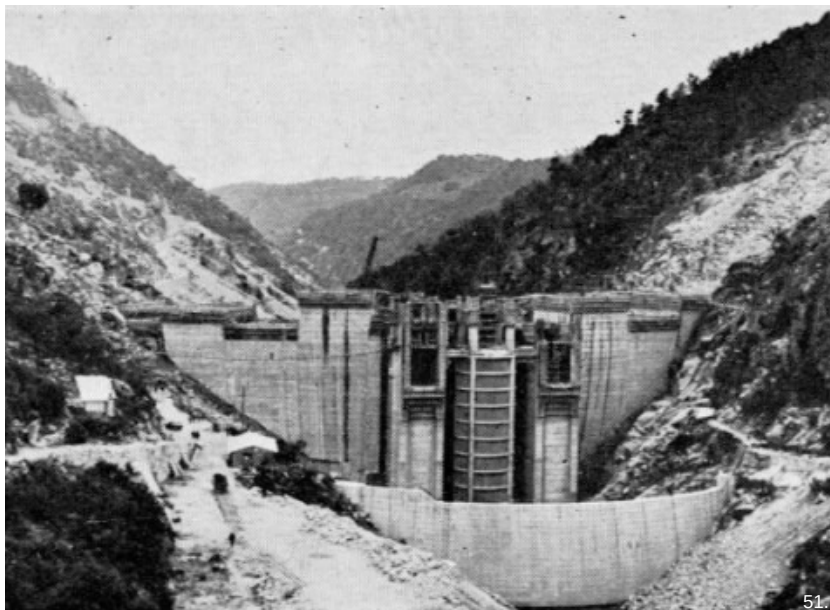
48.



49.



50.



51.



52.

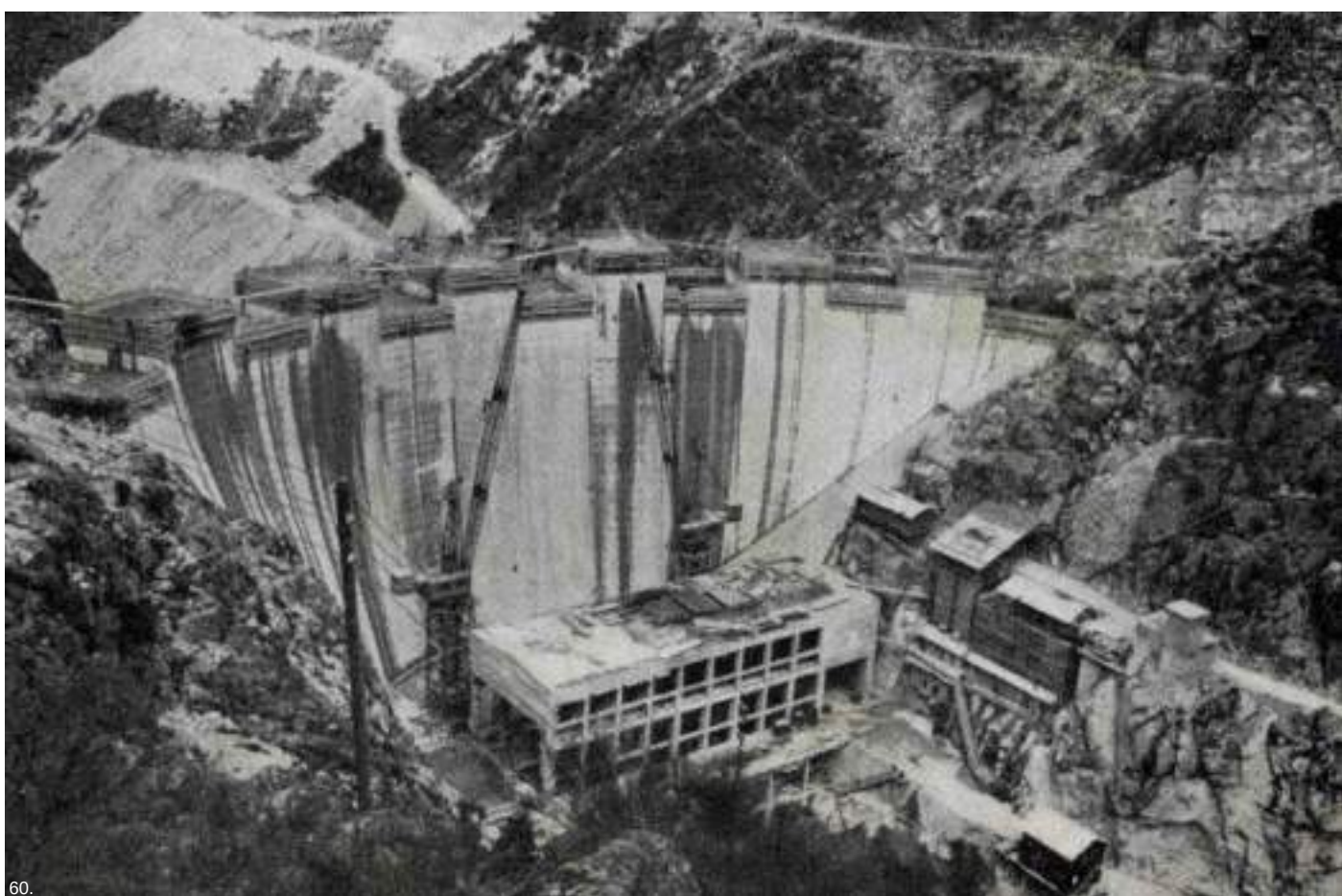


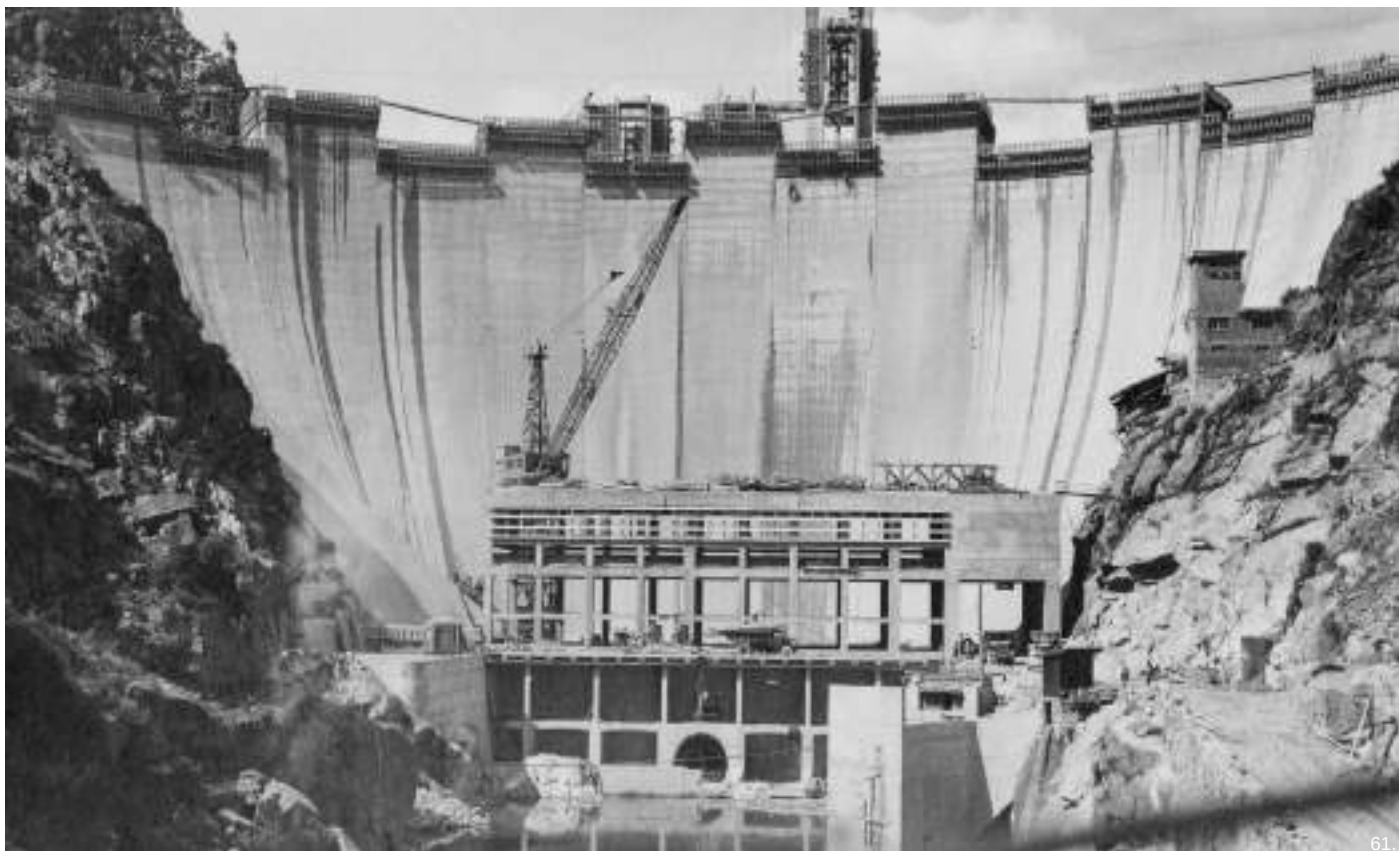
53.



55.





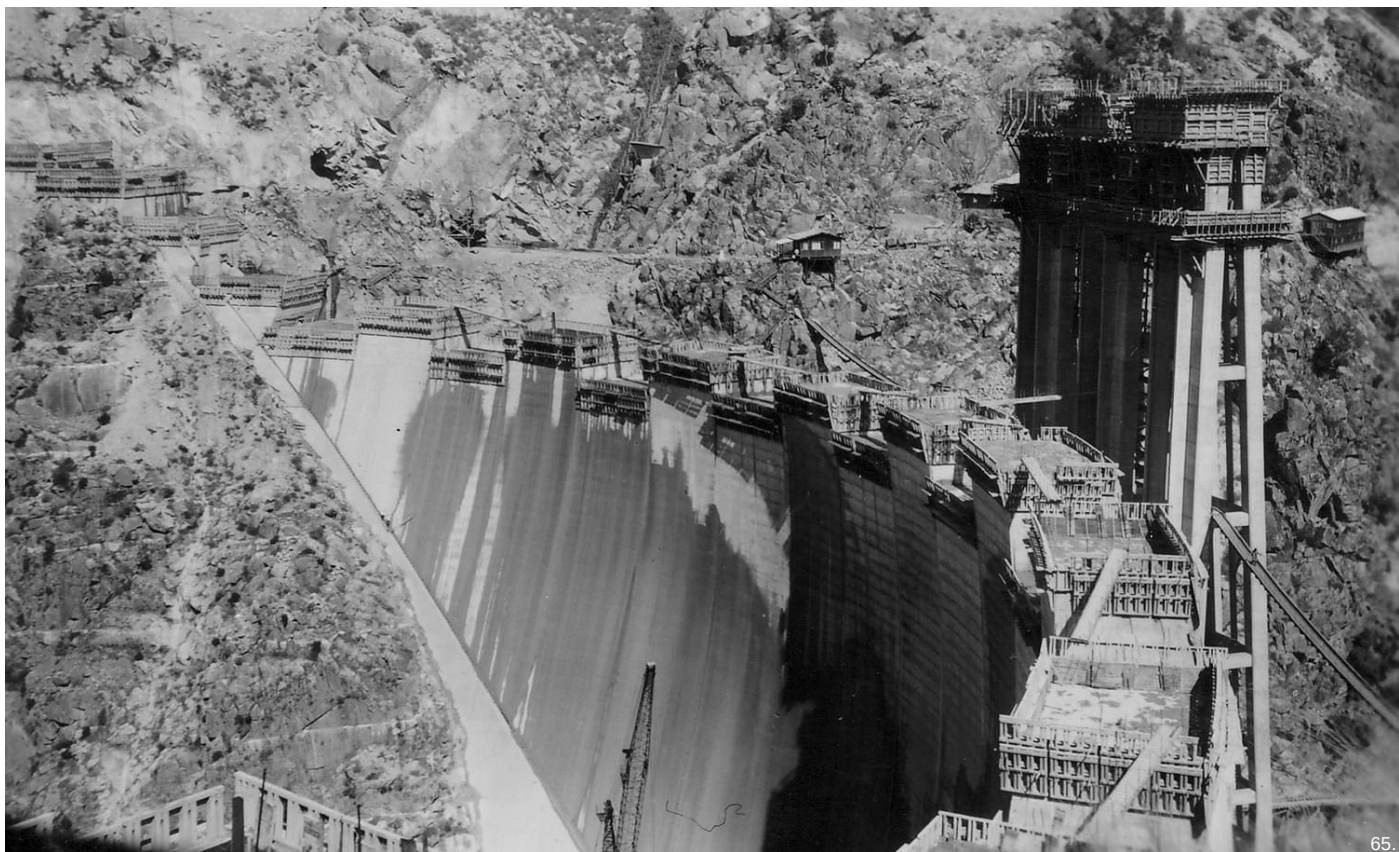


61.

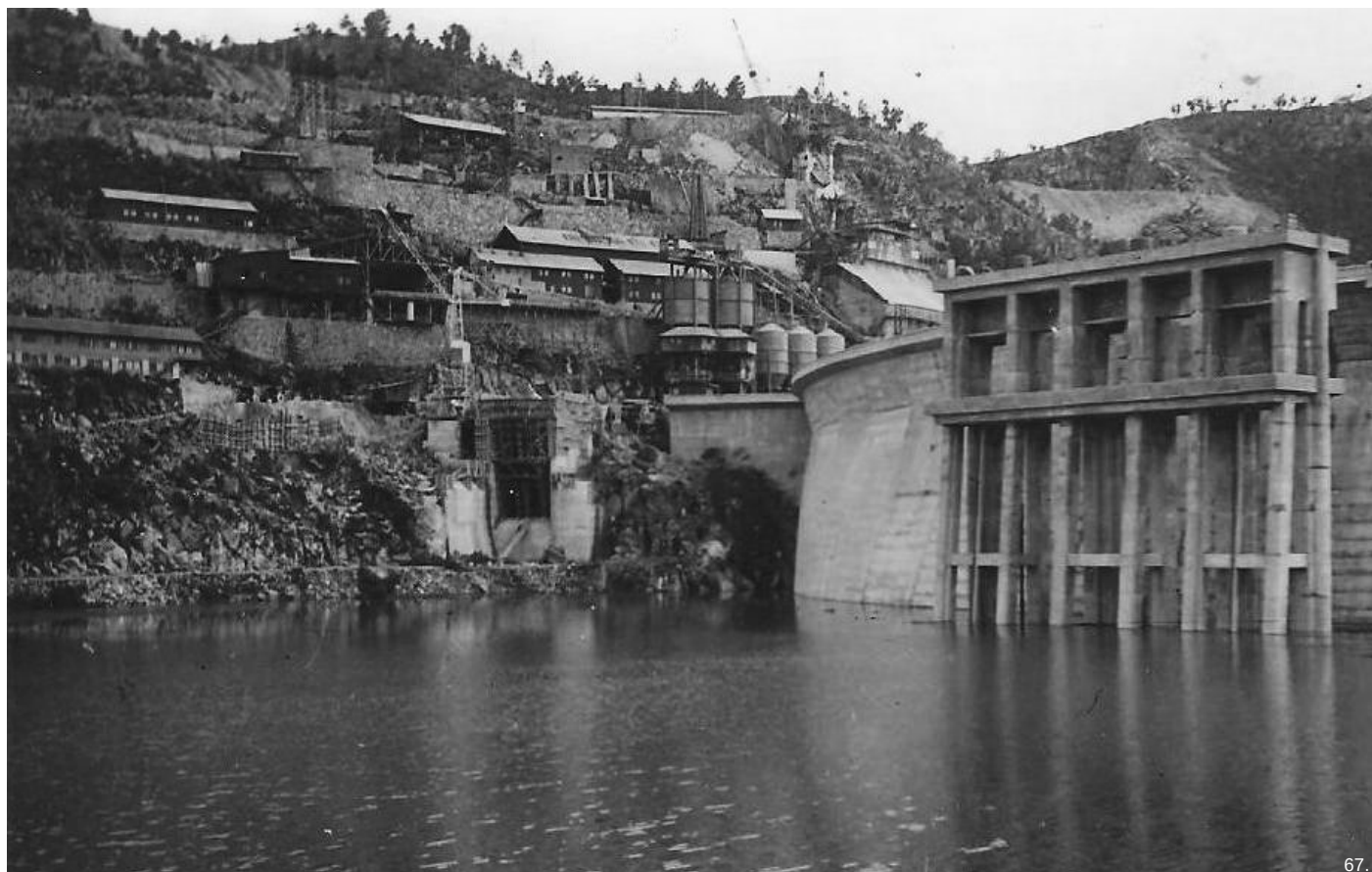


62.

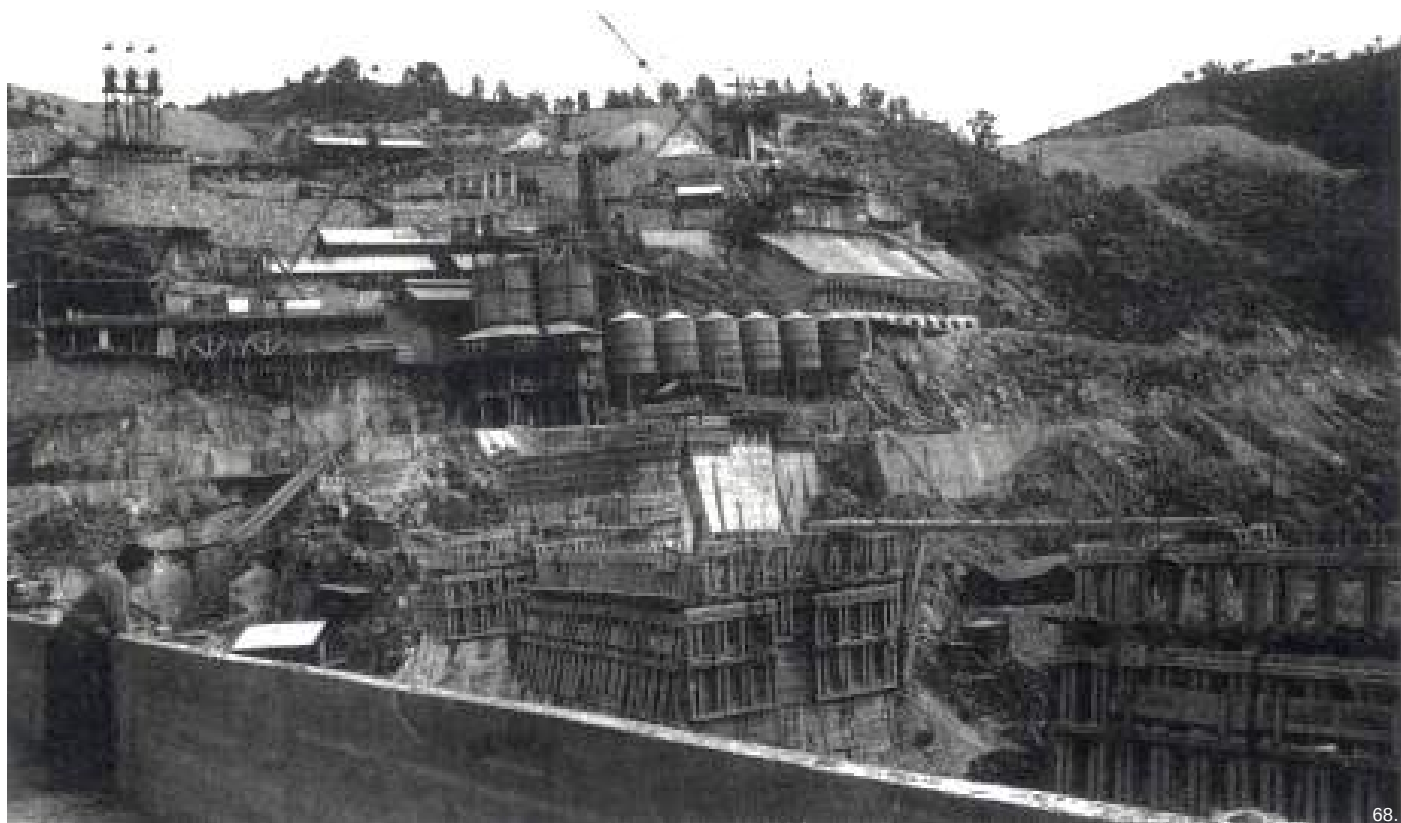




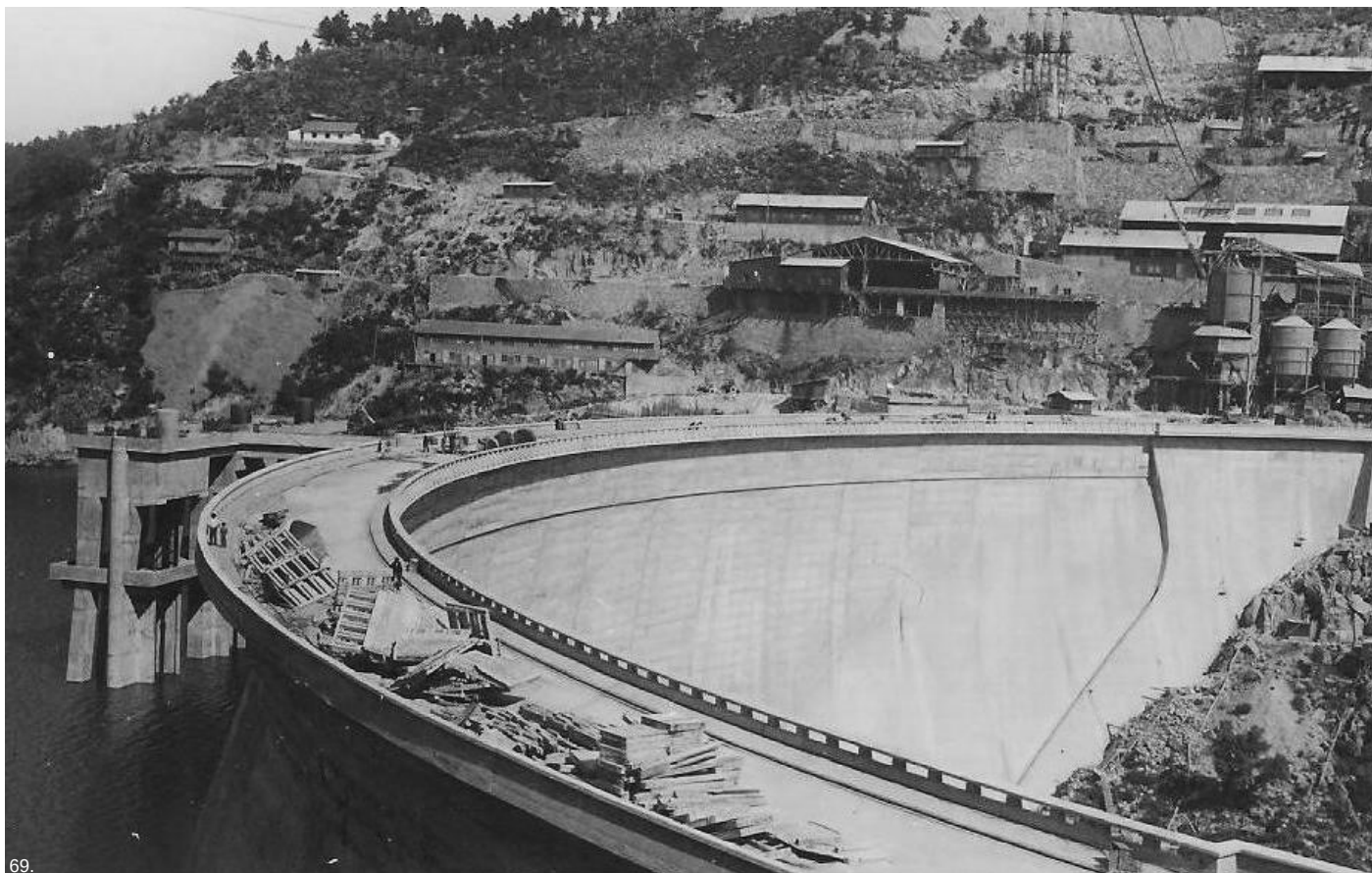




67.



68.



69.



70.





73.



74.



75.



76.



77.



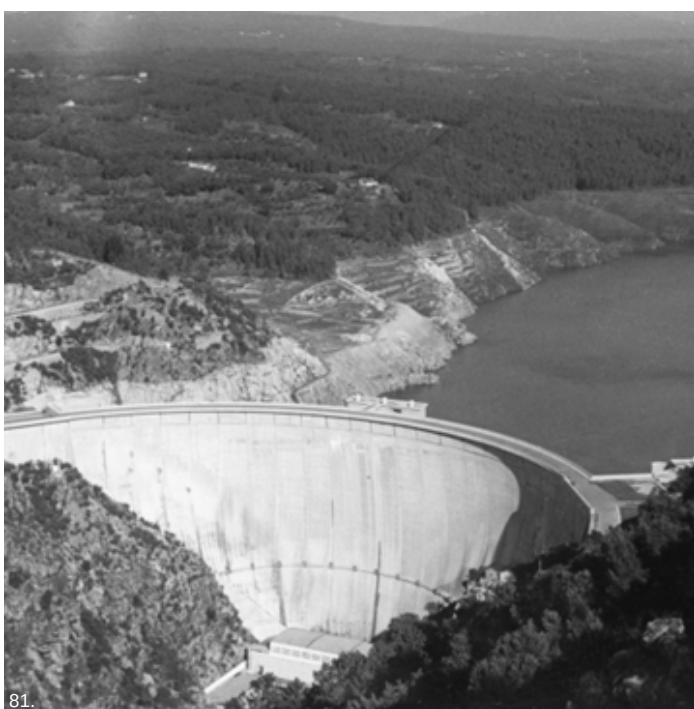
78.



79.



80.



81.



82.



83.



84.



85.

29. Postal 5. Vale do Cabril (192?) Pedrógão Pequeno, Portugal. Edição: R. Pedroso das Neves. Rio Zêzere e antiga ponte Filipina, única ligação até 1954.
30. Postal 4. Vale do Cabril (192?) Pedrógão Pequeno, Portugal. Edição: R. Pedroso das Neves. Rio Zêzere e antiga ponte Filipina, única ligação até 1954.
31. Vale do Zêzere (192?) Pedrógão Pequeno, Portugal. Edição: R. Pedroso das Neves.
32. Vale do Zêzere antes de construção da Barragem do Cabril. Panorâmica a jusante. Revista Hidroeléctrica do Zêzere de 1962. CMPG.
33. Condução dos toros de madeira ao longo do rio Zêzere. Foto da primeira metade do século XX. Autor: Alberto David, Arq^a. Villa Isaura / Aires B. Henriques. Revista Espiritualidade e sociedade em Portugal ao tempo de Frei Luís de Granada.
34. Rio Zêzere e construção do dique da Barragem do Cabril. Fonte: poster da Exposição da Barragem de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
35. Idem.
36. Rio Zêzere e construção dos túneis de evacuação de cheias da Barragem do Cabril. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
37. Rio Zêzere com vista a jusante. Construção dos descarregadores de evacuação de cheias da barragem do Cabril. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
38. Rio Zêzere com vista a jusante. Descarregadores de evacuação de cheias da barragem do Cabril. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
39. Rio Zêzere com vista a jusante. Túnel de evacuação das cheias. Fonte: 50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país- Cabril os aproveitamentos hidroeléctricos de Cabril e Bouçã. Arquivo EDP. 2014.
40. Barragem do Cabril- vista de jusante. Fonte: Brochura de inauguração da Barragem do Cabril de 1954. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
41. Sistema construtivo da barragem. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
42. Idem.
43. Trabalhadores da barragem. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
44. Barragem do Cabril –montagem das condutas forçada. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
45. Barragem do Cabril- vista da margem esquerda. Observando-se os blocos mais altos da barragem estão já ao nível do coroamento. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
46. Barragem do Cabril em obra. Fonte: Arquivo municipal de Pedrógão Pequeno.
47. Barragem do Cabril- Vista montante da barragem e da torre das tomadas de água. O nível médio dos blocos da barragem é 230,00m. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
48. Vista dos tubos de aspiração das turbinas, nota-se a parte metálica já montada e os moldes para a execução em betão armado dos troços de jusante. Fonte: Poster da Exposição da Barragem. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
49. Barragem do Cabril em obra, 1951-52. Fonte: Poster da Exposição da Barragem. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
50. Barragem do Cabril -Construção do Edifício da central. Fonte: Poster da Exposição da Barragem 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
51. Barragem do Cabril Construção da torre da tomada da água. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
52. Barragem do Cabril- vista de montante. Observando-se a torre de tomada de água, com a grande de descarga de fundo do centro. O nível médio dos blocos da barragem é 281,50m. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
53. Barragem do Cabril- vista da margem esquerda. Observando-se os blocos mais altos da barragem estão já ao nível do coroamento. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
54. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
55. Barragem do Cabril em obra. 50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país- Cabril os aproveitamentos hidroeléctricos de Cabril e Bouçã. Fonte: Arquivo EDP. 2014.
56. Idem.
57. Visita a obra, engenheiro Arantes e Oliveira, Ministro das Obras Públicas. 50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país - Cabril os aproveitamentos hidroeléctricos de Cabril e Bouçã. Fonte: Arquivo EDP. 2014.
58. Idem.
59. Idem.
60. Barragem do Cabril- vista de montante. Após seis meses de trabalho o nível médio dos blocos da barragem é 281,50m. A sala das máquinas da central esta praticamente terminada. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
61. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
62. Idem.
63. Idem.
64. Silva, Américo Lourenço. (12 de abril de 2021). Construção da Central Hidroelétrica do Cabril. Facebook.
65. Idem.
66. Barragem do Cabril- torre da tomada da água e o estaleiro. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
67. Barragem do Cabril- vista da margem esquerda e o estaleiro. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
68. Idem.
69. Barragem do Cabril - últimos pormenores da obra. Fonte: Poster da Exposição da Barragem. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
70. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
71. Barragem do Cabril, central e estrada N2 terminadas. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
72. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
73. Bairro do Cabril. Fonte: Estúdio Horácio Novais 1945-1954. Arquivo Gulbenkian.
74. Bairro do Cabril. Fonte: Estúdio Horácio Novais 1945-1954. Arquivo Gulbenkian.
75. Bairro do Cabril. Fonte: Estúdio Horácio Novais 1945-1954. Arquivo Gulbenkian.
76. Bairro do Cabril- habitações unifamiliares para os trabalhadores com família, Pedrógão Pequeno 1953. Fonte: ACMGP.
77. Bairro do Cabril- habitações coletivas conhecidas como "casões", Pedrógão Pequeno 1953. Poster exposição da Barragem de 2014. Fonte: ACMGP.
78. Vista para o bairro do Cabril- habitações unifamiliares e coletivas, Pedrógão Pequeno 1953. ACMGP.
79. Idem.
80. Barragem do Cabril. Vista de jusante para montante e a albufeira. O nível da água muito alta. Estúdio Horácio Novais 1945-1954. Arquivo Gulbenkian.
81. Barragem do Cabril. Vista para montante e a albufeira. O nível da água baixa. RIBEIRO, Orlando (1957), CEG. IGOT.
82. Barragem do Cabril- A cerimónia de inauguração, 31 de julho de 1954 Pedrógão Pequeno. A ocasião contou com a participação de uma expressiva comitiva governamental, liderada pelo Engenheiro Arantes e Oliveira, Ministro das Obras Públicas e o Presidente da República, General Craveiro Lopes. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=HkCppl0z6hs&t=1s>
83. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
84. Barragem do Cabril - A cerimónia de inauguração, 31 de julho de 1954 Pedrógão Pequeno. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=HkCppl0z6hs&t=1s>
85. Idem.



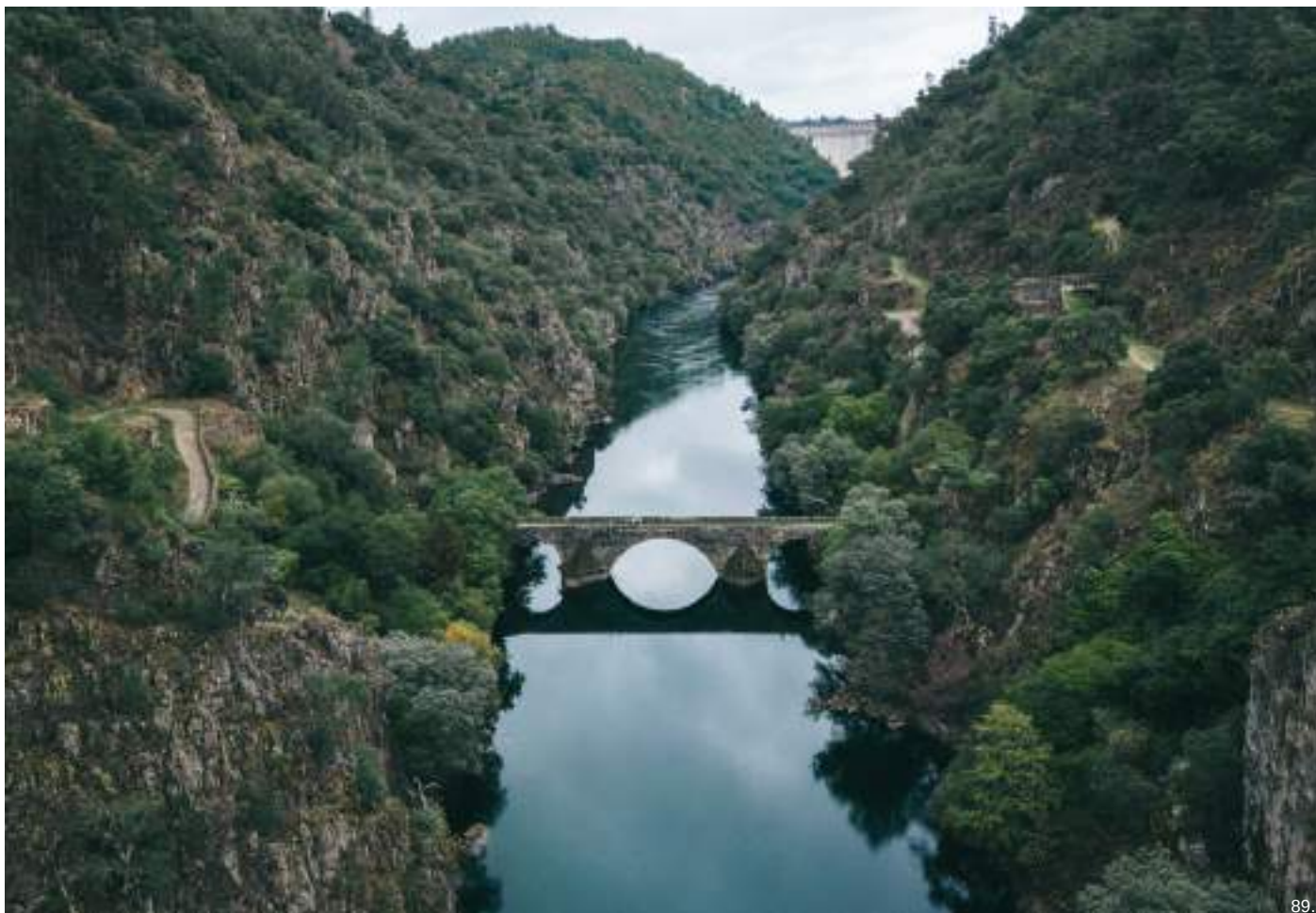
86.



87.



88.



89.



90.



91.



92.



93.



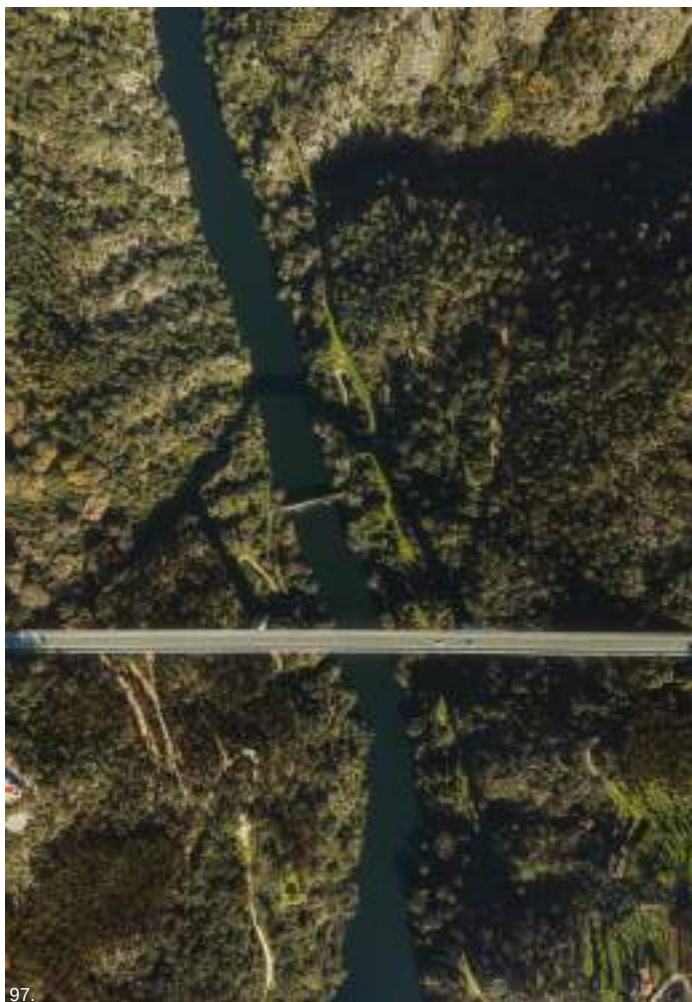
94.



95.



96.



97.



98.



99.



100.





102.



103.



104.











NACIONAL

INTERNACIONAL

1910-1945

Proclamação da República (5 de outubro)

1914-1918

Primeira Guerra Mundial
Gripe Espanhola

Inauguração da Central Tejo

1921

Ditadura Militar

1926

Começo do regime do Estado Novo
liderado por Antônio de Oliveira Salazar

1930

1920-1930

Crise Econômica Global

Lei n.º 2002 - Lei da Eletrificação Nacional

1944

1939-1945

Segunda Guerra Mundial

1945-1974

Companhia Nacional de Eletricidade - CNE

1947

Guerra Fria

Guerra Colonial

1940-1950

1954

Desenvolvimento da Energia Nuclear - primeira usina nuclear do mundo em Obninsk, na então União Soviética, atual Rússia.

90% da potência elétrica estava nas barragens

1960

1957

Corrida Espacial - Homem na Lua

1960

Primeiro computador eletrônico com disco rígido, empresa IBM.

Encerramento da mina de carvão do Cabo Mondego

1965

1961

Construção do Muro de Berlim

1964

IBM lança o primeiro chip de computador.

Incêndios Florestais Serra de Sintra
25 militares do Regimento de Artilharia AntiAérea Fixa de Queluz

1966

Encerramento da mina de carvão de São Pedro da Cova

1970

1973-1974

Crise do Petróleo

1974-2000

Revolução 25 De Abril

Eletricidade de Portugal (EDP) é constituída e herdou um cenário complexo de desequilíbrio na eletrificação de todo o território

1976

Portugal atinge o seu recorde de dependência energética do exterior de 93%

1980-1981

1985

Incêndios Florestais Viseu-Armamar
causou a morte de 14 bombeiros

1986

Incêndios Florestais Aveiro-Águeda
causou a morte de 16 pessoas: 13 Bombeiros e 3 civis

1986

O pior acidente nuclear da história. Usina nuclear da cidade de Chernobil, União Soviética.

1987

Crise Econômica

1989

Queda do Muro de Berlim

1993

Criação Da União Europeia

Portugal ingressou na Comunidade Econômica Europeia (CEE)

Fim do carvão nacional. Encerramento da ultima mina de carvão do Pejão, em Castelo de Paiva

1994

Fundação da REN-Rede Elétrica Nacional, S.A.(Subproduto da Unidade de Negócios da EDP)

Portugal adota o gás natural importado da Argélia, estimulando centrais Termoelétricas.

1997

2000-2024

Concessão de 50 anos de Eletricidade (2000-2050) Estado Português detém 70% da empresa

2003

Incêndios Florestais -Algarve e no centro
área ardida de 425 726 ha

Expo'98 e Euro

2004

2005

Incêndios Florestais área ardida de 330 262 ha

Eólicas disparam

Governo aprova programa de construção para 7 novas barragens até 2020.

2007

2008-2009

Crise Econômica Global

Portugal inaugurou o Parque Eólico de Penacova

2012

2013

Incêndios Florestais -Bragança e região Norte
área ardida de 14 135 ha

2017

Incêndios Florestais -Pedrógão Grande
64 mortos e cerca de 200 desalojados área ardida de 215 988 ha

2018

Incêndios Florestais -Região Centro e Norte
área ardida de 27 000 ha de floresta

2018

Incêndios Florestais -Algarve, Alentejo, Centro e Norte

Renováveis atingem 24% energia primaria consumida.

2014

Aquisição dos ativos de armazenamento subterrâneo de Gás Natural da Galp

2015

2015

Acordo de Paris sobre mudanças climáticas, com o compromisso de reduzir as emissões de gases de efeito estufa. (UNFCCC)

Aquisição da Transmel no Chile (Transmissão Energética)

2019

2019-2022

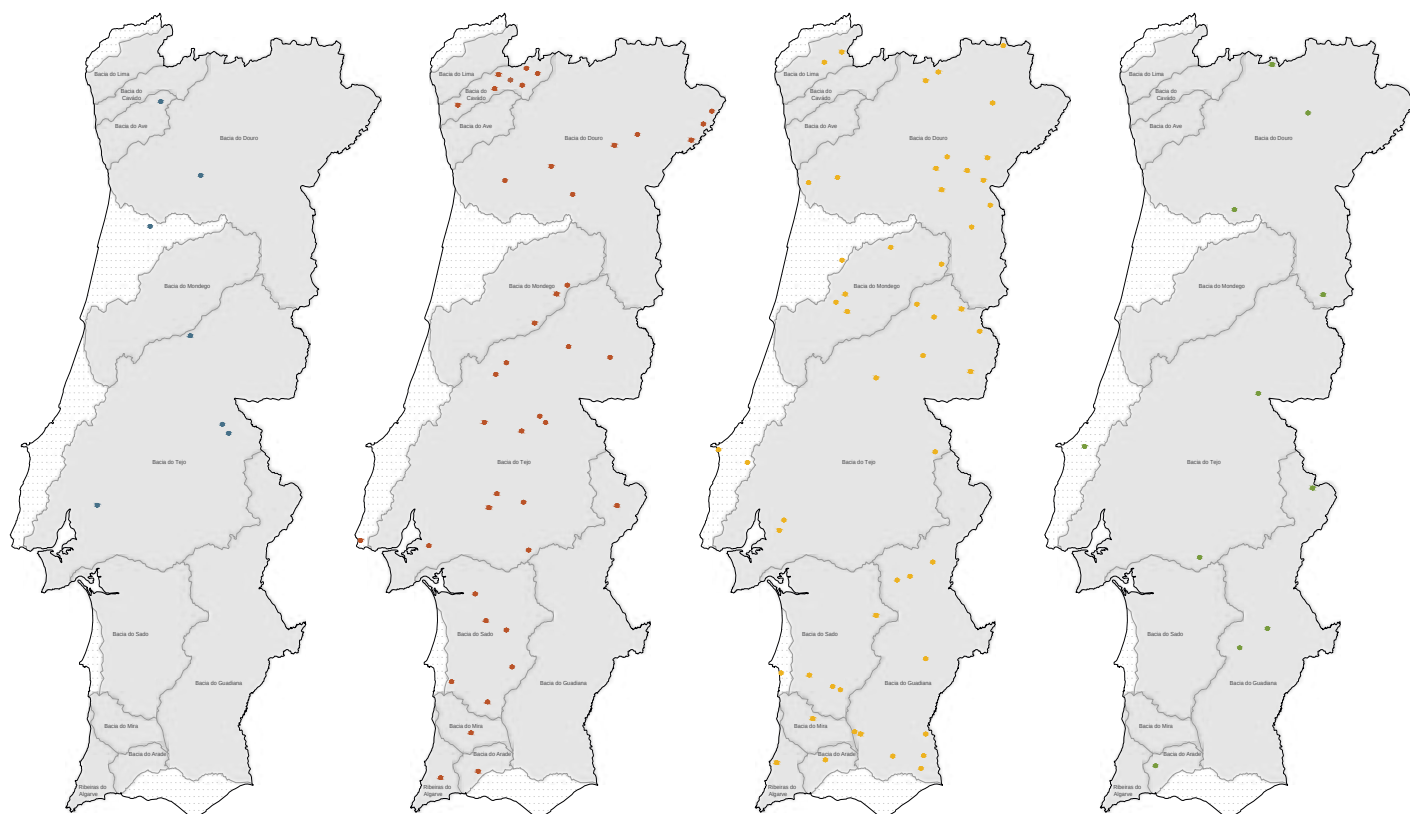
Pandemia de COVID-19

Renováveis atingem 61% da energia primaria consumida.

2023

2021

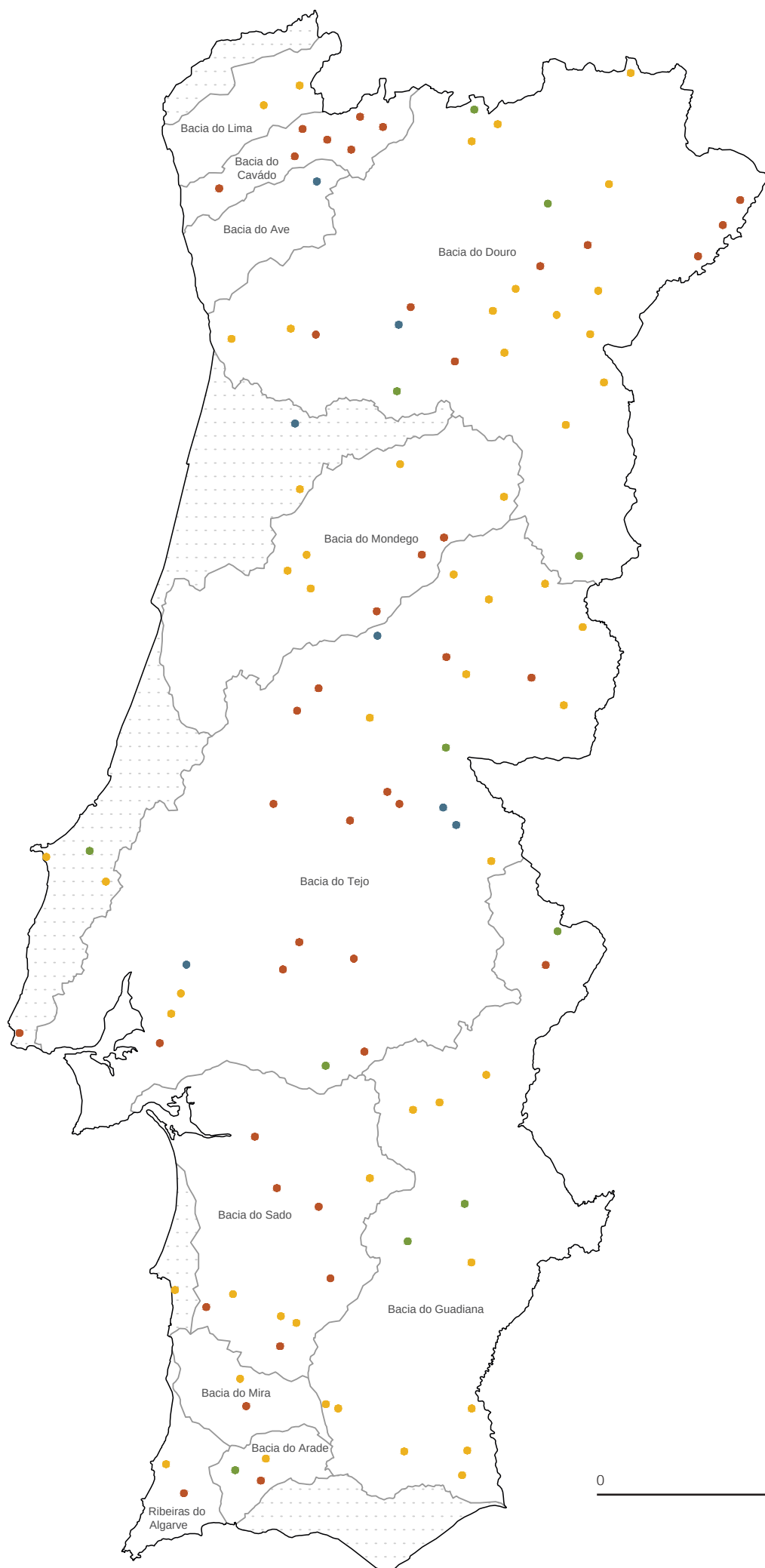
Invasão da Ucrânia pela Rússia



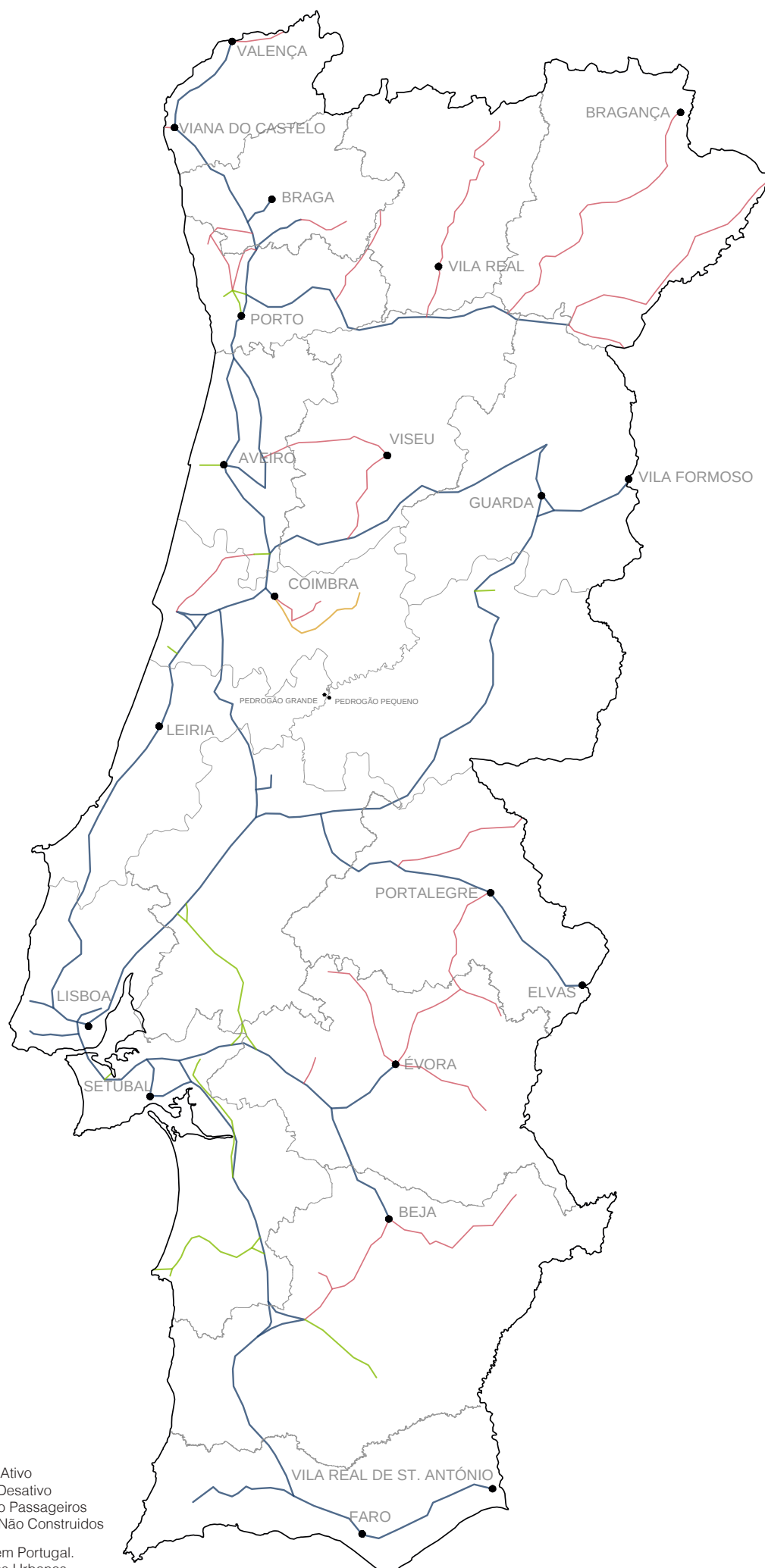
A bacia hidrográfica do Tejo, da qual faz parte a barragem do Cabril, apresenta-se como a maior zona de exploração hidroelétrica no país, possuindo o maior número de barragens construídas. A grande maioria destas barragens foram construídas no período de ouro da hidroelétrica e da ditadura, em Portugal. Foi a partir do período da ditadura, que a política hidroelétrica começou a tornar-se uma nova forma de demonstração de poder, através da implementação e do investimento em novas políticas da água.

O território em análise, onde se encontra a barragem do Cabril encontra-se bastante isolado dos centros urbanos, estando apenas conectado aos mesmos, através de via automóvel. Apesar de ter sido planeado um ramal de linha férrea, que ligaria Arganil a Coimbra, este nunca foi construído. A sua existência iria potenciar a proximidade do Cabril ao centro urbano mais próximo, Coimbra, e assim encurtava também as potenciais ligações a outros centros urbanos a partir da mesma.

- Período de Guerras Mundiais
- Período do ouro da hidroelétrica e da ditadura
- Período pós-ditadura
- Período das novas formas de energia

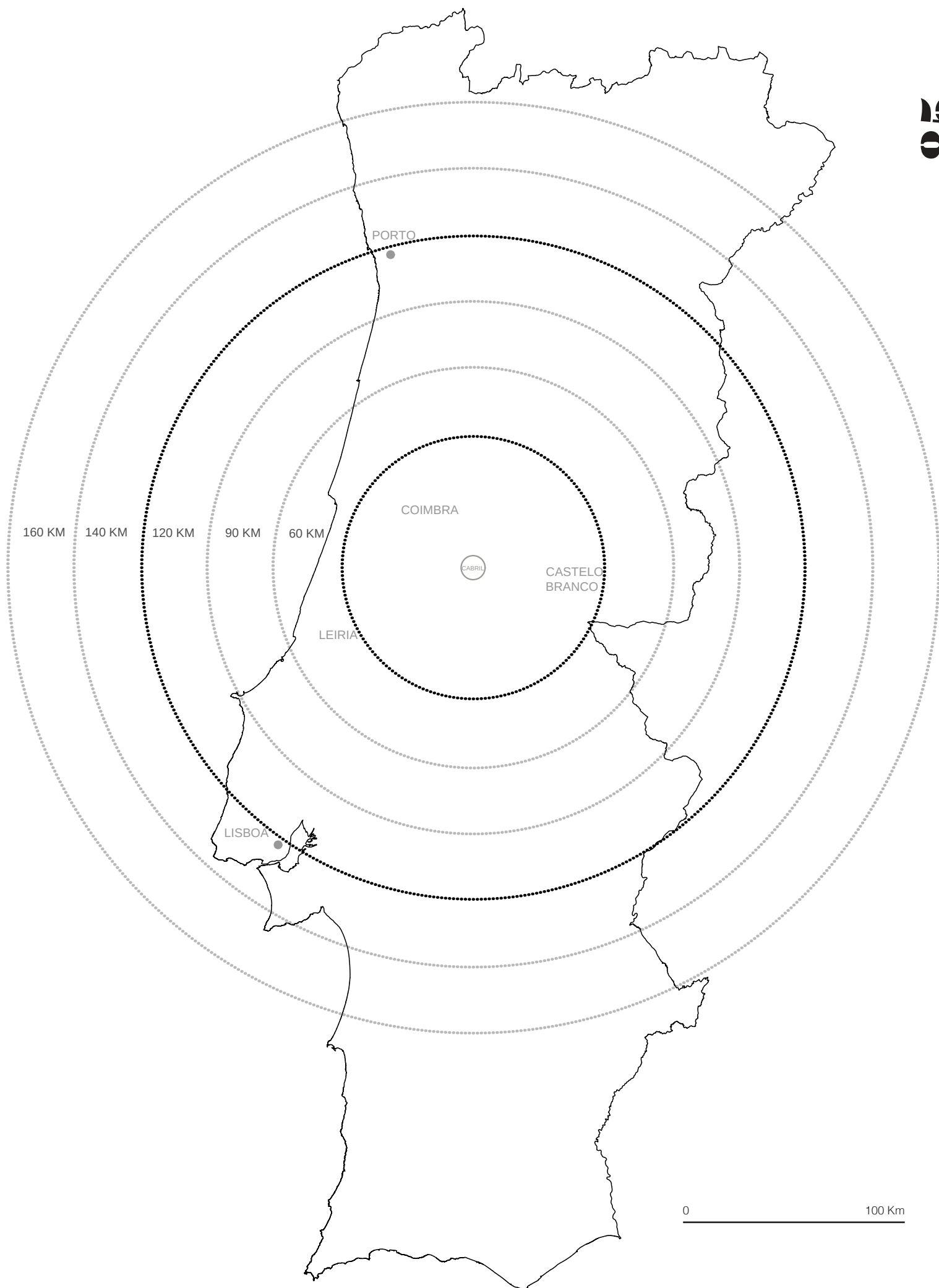


0 100 Km

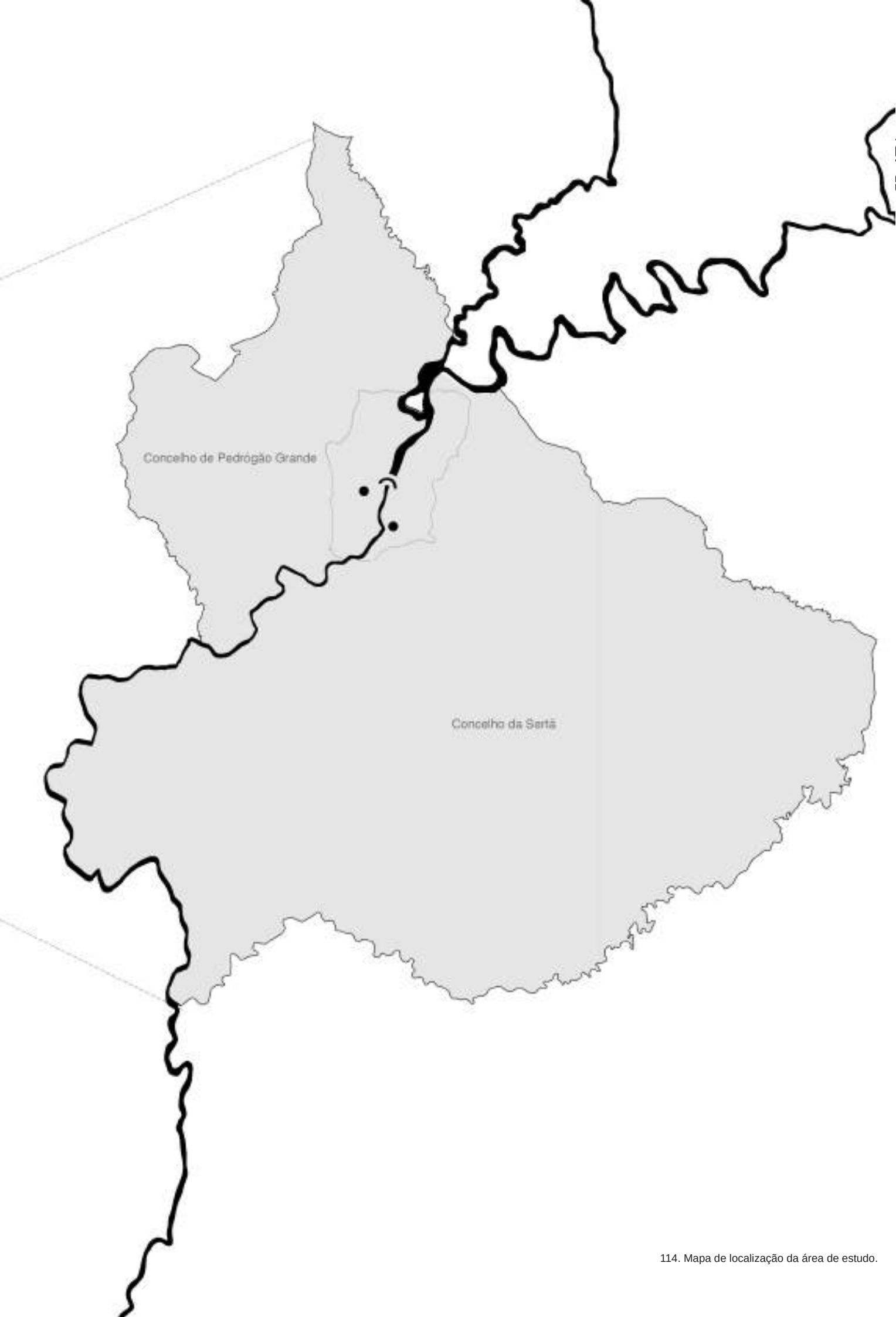


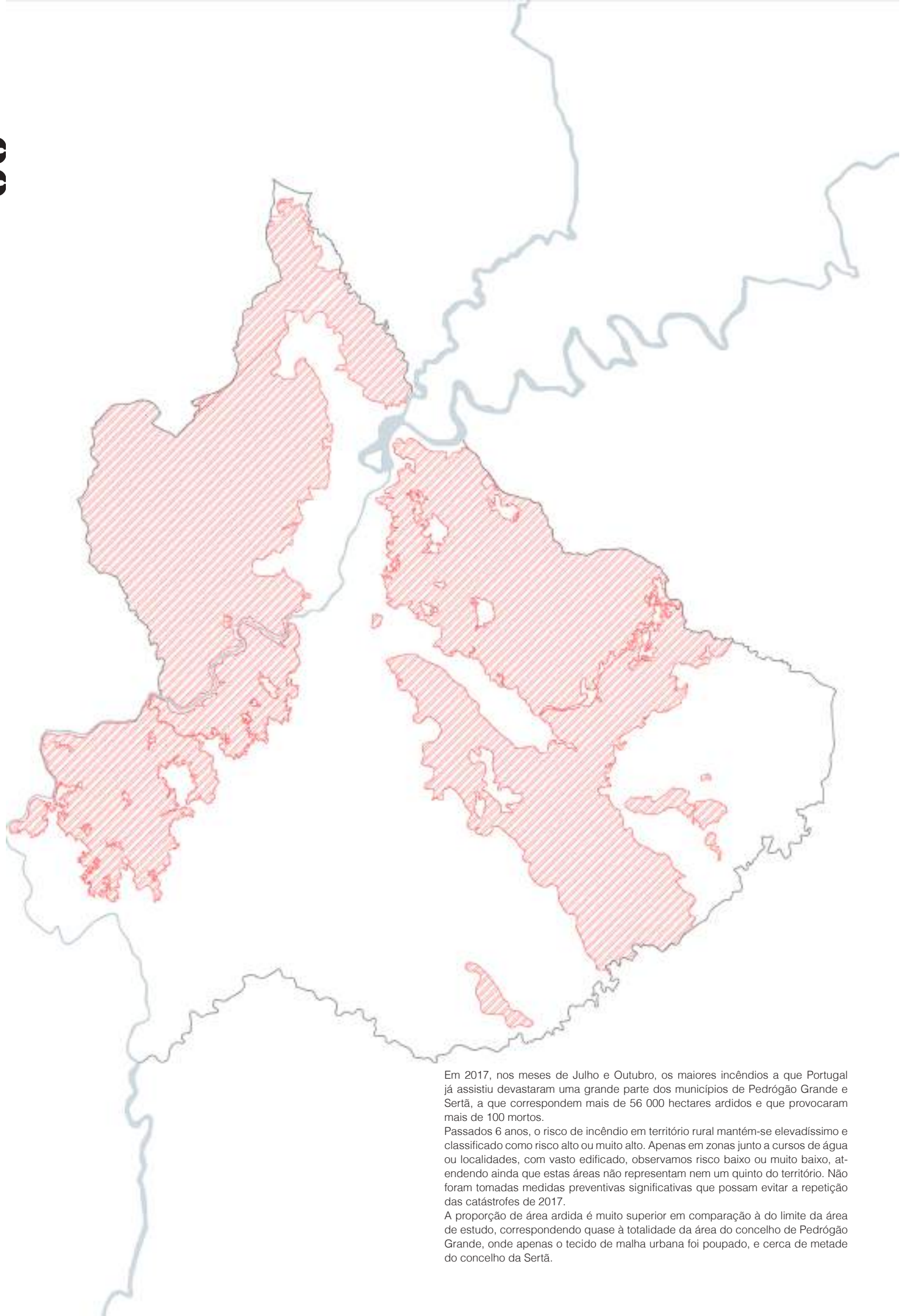
- Linhas e Ramais com Tráfego Ferroviário Ativo
- Linhas e Ramais com Tráfego Ferroviário Desativo
- Linhas e Ramais com Tráfego Sem Serviço Passageiros
- Caminhos de Ferro Planeados em 1895 - Não Construídos

112. Linhas e Ramais de Tráfego Ferroviário em Portugal.
113. Mapa de Distâncias aos Grandes Centros Urbanos.





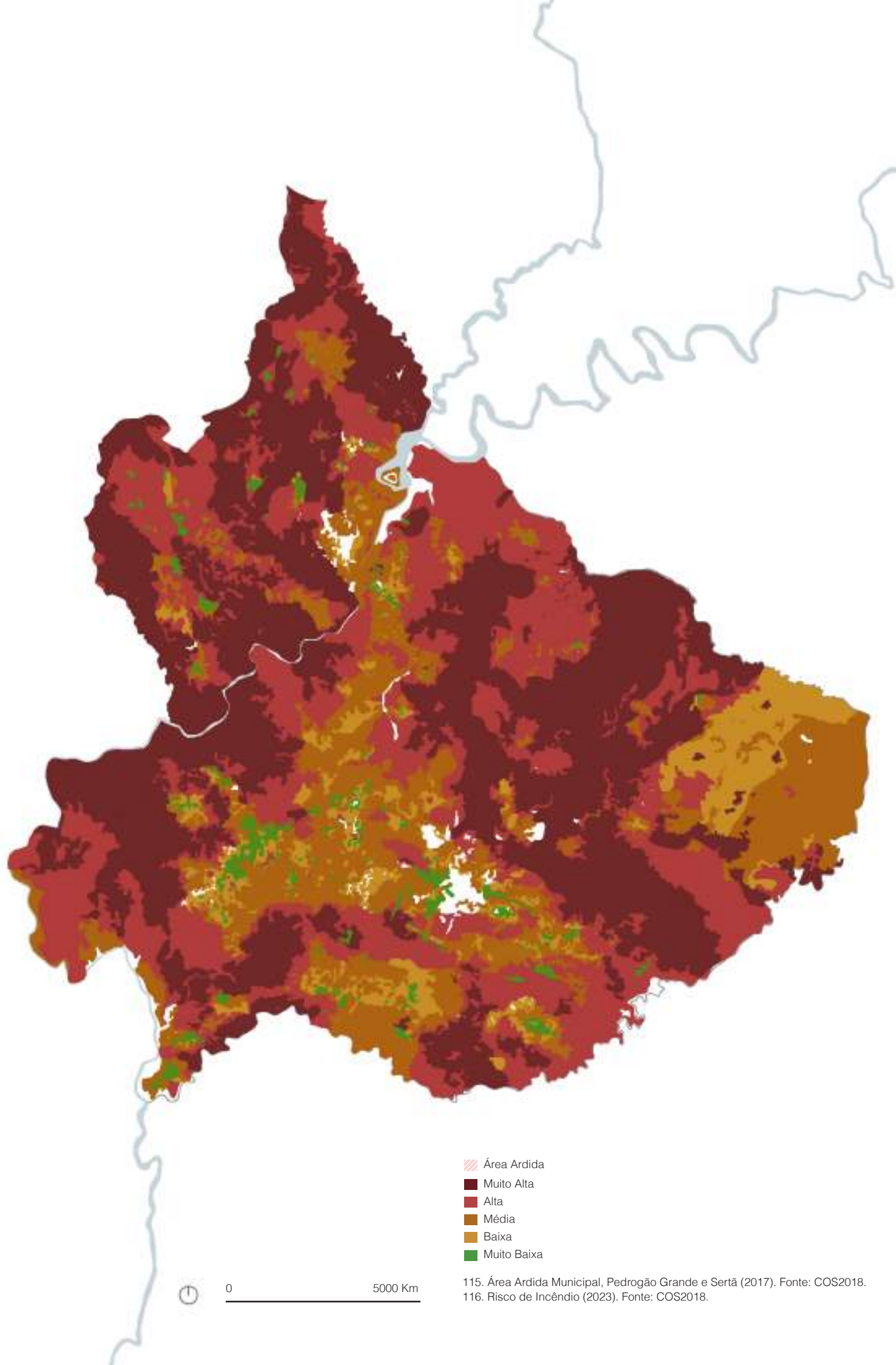




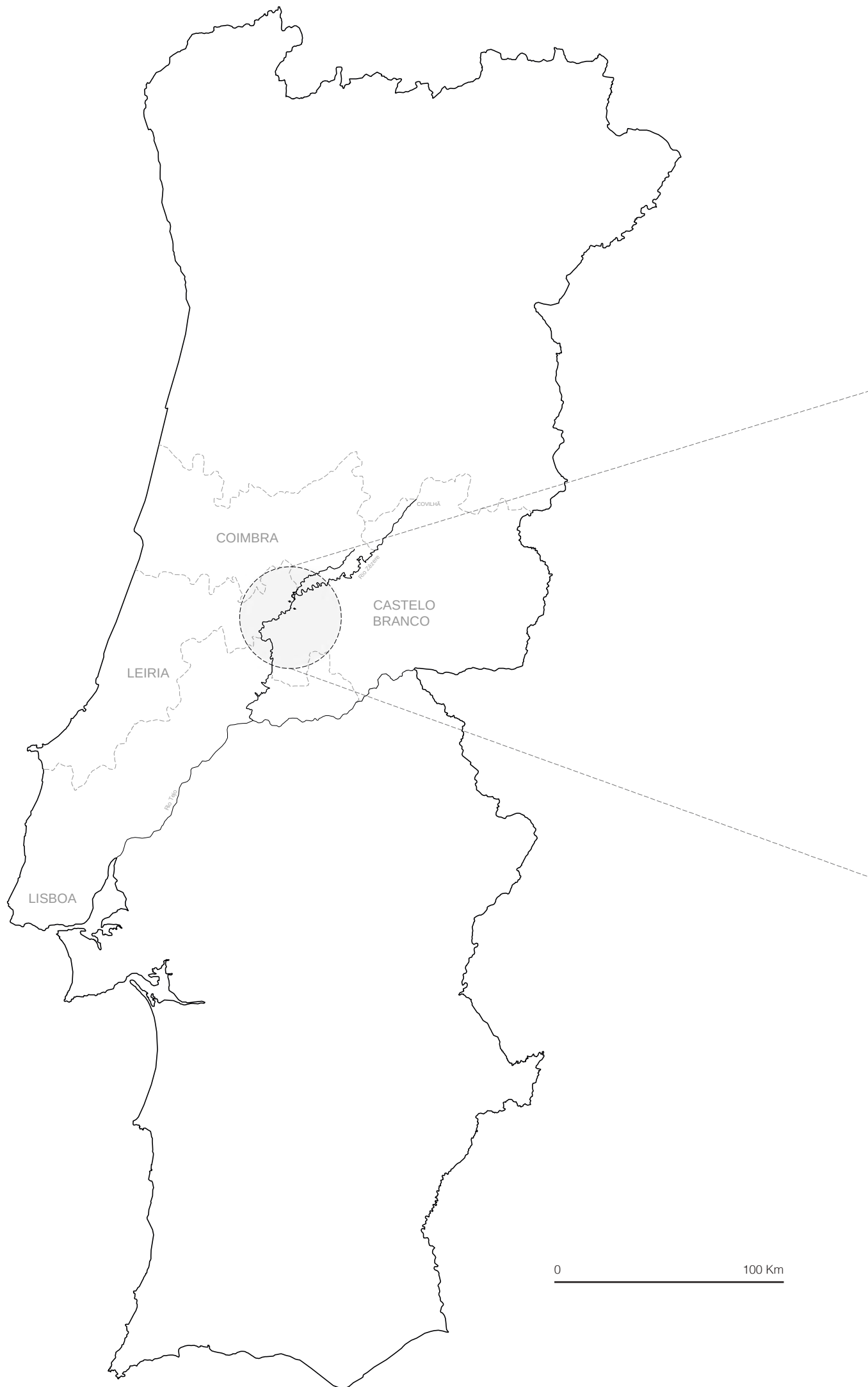
Em 2017, nos meses de Julho e Outubro, os maiores incêndios a que Portugal já assistiu devastaram uma grande parte dos municípios de Pedrógão Grande e Sertão, a que correspondem mais de 56 000 hectares ardidos e que provocaram mais de 100 mortos.

Passados 6 anos, o risco de incêndio em território rural mantém-se elevadíssimo e classificado como risco alto ou muito alto. Apenas em zonas junto a cursos de água ou localidades, com vasto edificado, observamos risco baixo ou muito baixo, atendendo ainda que estas áreas não representam nem um quinto do território. Não foram tomadas medidas preventivas significativas que possam evitar a repetição das catástrofes de 2017.

A proporção de área ardida é muito superior em comparação à do limite da área de estudo, correspondendo quase à totalidade da área do concelho de Pedrógão Grande, onde apenas o tecido de malha urbana foi poupado, e cerca de metade do concelho da Sertão.



115. Área Ardida Municipal, Pedrogão Grande e Sertão (2017). Fonte: COS2018.
116. Risco de Incêndio (2023). Fonte: COS2018.



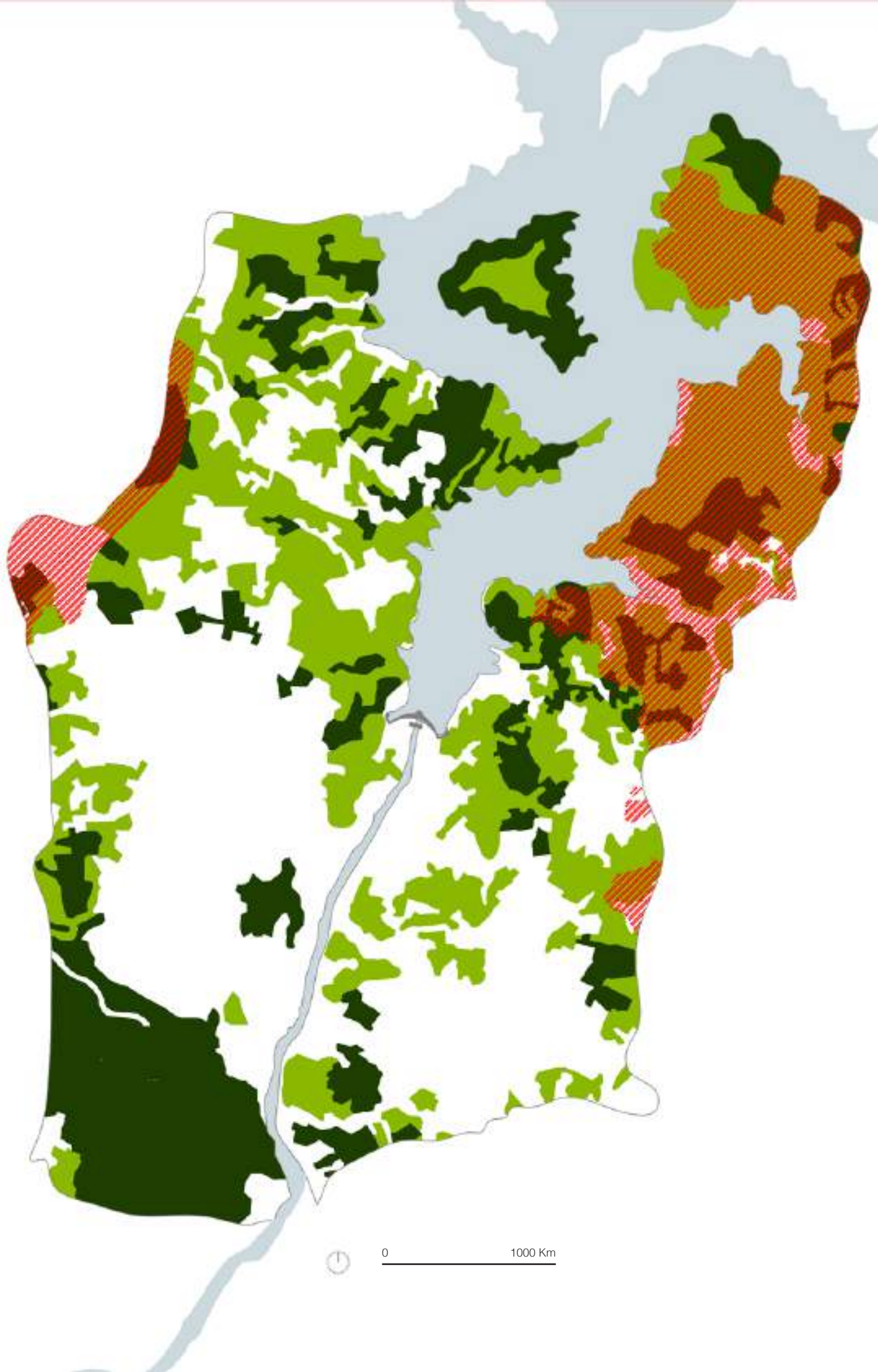


A ferocidade destes incêndios atingiu em grande parte os territórios nortes de ambas as freguesias. Uma vasta área classificada como Reserva Ecológica Nacional em Pedrógão Pequeno e uma área menor na freguesia de Pedrógão Grande. Em ambas, a área ardida corresponde predominantemente à área de plantação de eucaliptos e pinheiro-bravo. A propagação descontrolada destas espécies, proporciona um perigo iminente perante os incêndios, nomeadamente pelo seu fácil alastramento e pela libertação e projeção de fagulhas incandescentes que alcançam largas distâncias. O Eucalipto em específico, sendo considerado uma espécie invasora à escala nacional, é a maior ameaça atual para um ecocídio.

Como é possível, tendo em conta os fogos de grande impacto de 2017, o risco de incêndio manter-se tão elevado? Após um dos incêndios mais mortíferos e destruidores do território nacional, não houve planeamento de território nem ações de prevenção.

É indignante um território que observámos ser queimado vivo há menos de uma década, hoje ter exatamente o mesmo descuido, os mesmos hábitos potencialmente perigosos e principalmente a mesma desvalorização alarmante por mudar o território do interior de Portugal. Um território que se continua a caracterizar pelas incessantes explorações e plantações de monoculturas que constantemente limitam a biodiversidade, secam terrenos e que em caso de incêndio atuam como proliferadores de fogo. Enquanto em sociedade o pensamento antropoceno se manteve e a natureza for escrava para todos os caprichos do Homem, não haverá mudança possível e continuaremos a potencializar um futuro perigoso para todos.

-  Área Ardida
-  Eucalipto
-  Pinheiro Bravo



A prática de agricultura, uma das atividades centrais e que faz parte da herança histórica e cultural deste território, está gradualmente, a ser abandonada, e os lugares que eram por ela ocupados, substituídos por grandes espaços florestais de produção¹. A expansão em massa destes lugares, detidos por proprietários privados² que muitas vezes, não efetuam uma boa gestão dos terrenos que possuem, contribui para a degradação da paisagem rural. Se for efetuado um rácio entre espécies invasoras e autóctones no território ao longo dos últimos 30 anos, conclui-se que o aumento do número das invasoras é irrefutável. Em 1995 havia 8594 hectares de espécies invasoras. Em 2015 esse número quase que duplicou, constituindo 15906 hectares de floresta. Em relação às espécies autóctones, existiam em 1995, 46220 hectares, sendo que em 2015 esta área reduziu para 38710 hectares.

Em 2017, nos grandes incêndios de Pedrógão Grande, a área ardida atingiu os 26827 hectares. Passados 7 anos este território ainda não se conseguiu reestruturar, mostrando ainda uma grande prevalência das espécies invasoras.

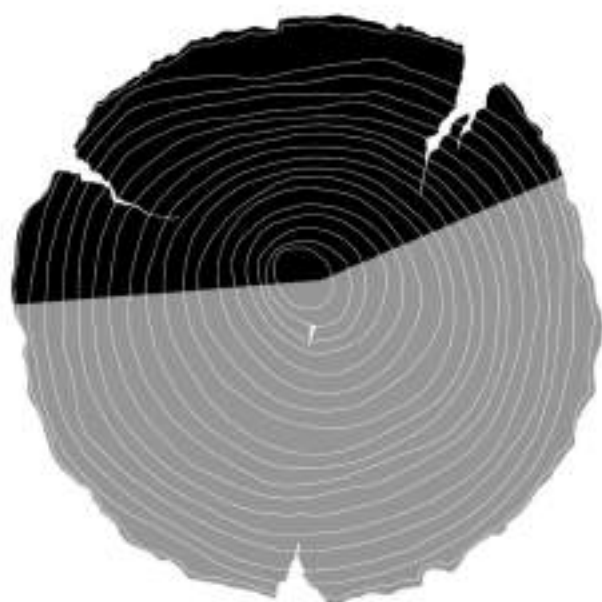
119. Diagrama da relação da área ardida e não ardida. Fonte: COS 2018.

120. Diagrama da relação da existência de espécies invasoras em relação às autóctones - 1955. Fonte: COS 1955.

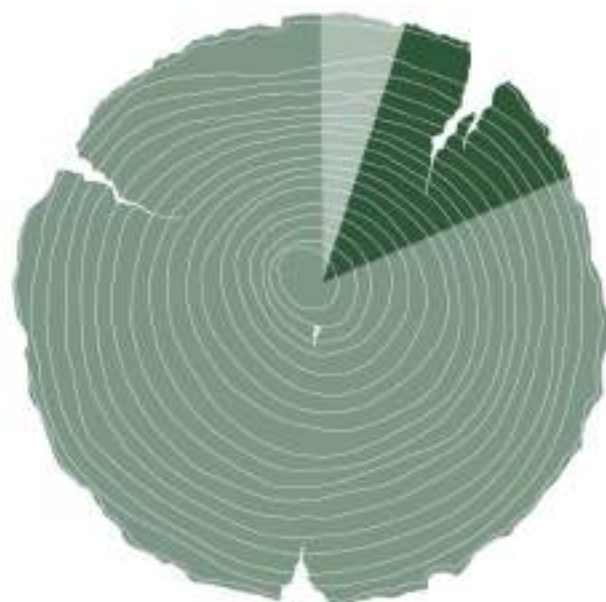
121. Diagrama da relação da existência de espécies invasoras em relação às autóctones - 2015. Fonte: COS 2015.

4.O espaço florestal de produção corresponde a zonas, não inseridas na Reserva Ecológica Nacional, ocupadas por povoamentos florestais dominados por pinheiro-bravo ou eucalipto e com fins de exploração intensiva.

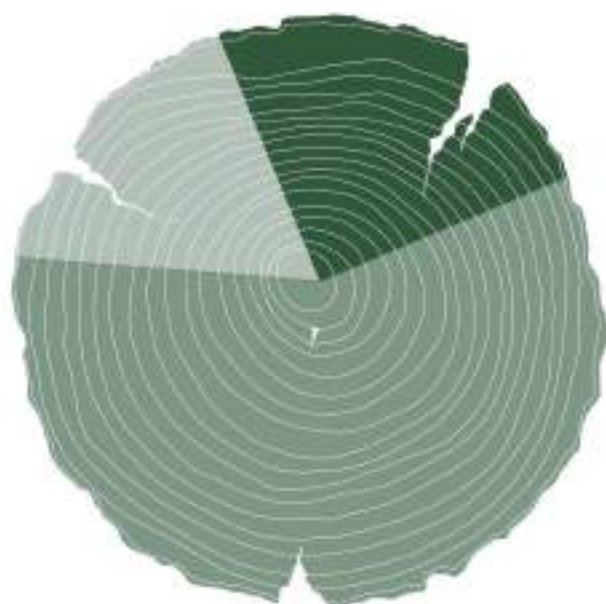
5.Portugal, R. e T. de. (2015, November 11). Eucalipto, a árvore que reina sobre a floresta nacional. Eucalipto, a Árvore Que Reina Sobre a Floresta Nacional. https://www.rtp.pt/noticias/incendios-2015/eucalipto-a-arvore-que-reina-sobre-a-floresta-nacional_es86992



Área ardida



1955

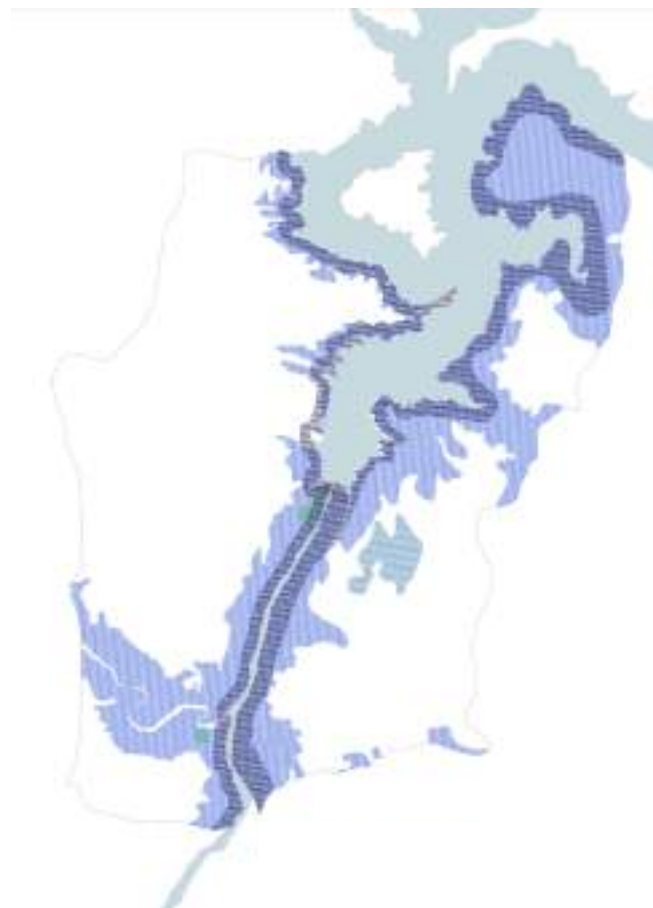


2015

- Área ardida nos municípios
- Área municipal não ardida
- Espécies invasoras
- Espécies autóctones
- Outras espécies



122.



123.

As plantações de Pinheiro-Bravo e Eucalipto ocupam uma grande mancha florestal no território destas freguesias e caracterizam fortemente a encosta do rio que os separa. A Reserva Ecológica Nacional, que pretende resguardar estas mesmas áreas envolventes do rio, para uma preservação e saúde eficaz do mesmo, acaba por ser comprometida negativamente quando estas espécies são plantadas ou invadem o seu território. O Pinheiro-Bravo e o Eucalipto cobrem densamente esta área, provocando um efeito tampão que impede a infiltração e propagação da água nos solos, limitando a biodiversidade na sua área de ocupação como nos restantes terrenos que as envolvem. O que é natural e desejável para qualquer faixa de proteção das albufeiras é a existência de galerias ripícolas, constituídas por espécies como freixos, amieiros e salgueiros. O descontrolo destas espécies perante o território é uma reflexão do abandono por parte da população nestas zonas do país. É a substituição alarmante e feroz de espécies autóctones ou plantações que demoram décadas a crescer, por produções de monoculturas para um lucro rápido.

-  Risco de Erosão
-  Faixa de Proteção das Albufeiras
-  Infiltração
-  Escarpas

122. Mapa de Pinheiro-bravo e Eucalipto. 2018.

123. Mapa da Reserva Ecológica Nacional (REN) . 2018.

124. Sobreposição dos 2 mapas anteriores.





125.



126.



127.



128.



129.



130.

A presença destas espécies nesta área justifica-se pelo seu maior retorno financeiro. A plantação de um eucalipto em Portugal consegue gerar um pequeno rendimento aos proprietários ao fim de apenas 10 anos desde a primeira plantação, enquanto que a plantação de um sobreiro, por exemplo, apresenta um tempo de crescimento muito mais lento, que pode chegar aos 25 anos.

O progressivo despovoamento deste território leva a que haja, deste modo, uma mudança na mentalidade dos proprietários, que antes decidiam plantar uma árvore que apenas iria gerar rendimento aos seus filhos ou netos, mas que dada a situação de desertificação do território, optam antes por plantar espécies que lhes dêem um lucro mais rápido. Passamos então de uma cultura de plantação de árvores geracionais, para a plantação de meros espaços de produção.

O que acontece a longo prazo com a plantação de eucaliptos é que estes deixam de ser uma fonte de rendimento e passam a ser fonte de gasto em limpeza. “A cada 30 anos, após três cortes, os cepos tinham de ser arrancados e novos eucaliptos plantados¹.” Por isso é que os proprietários ao fim deste período, quando percebem que o arranque e replantação da espécie custa quase tanto como o lucro que tiveram nas três décadas anteriores decidem deixar

os terrenos ao abandono e permitem que outras espécies invasoras, como as mimosas e acácias, também estas espécies de alta combustibilidade, se apoderem destes lugares.

A acrescentar, esta espécie é considerada “nociva” para os territórios onde são plantados, não só porque têm um impacto negativo na destruição dos solos, induzindo resistência à infiltração de água e risco de erosão nos solos, mas também pela pobreza na biodiversidade que gera nos territórios onde é plantada. Isto sucede-se “[...] devido à composição química das suas folhas, cascas e frutos não utilizáveis por outros seres vivos, nem consumíveis e inibidoras do desenvolvimento de outras espécies.”²

Olival
Pinheiro Bravo
Eucalipto
Outras Folhosas
Castanheiro
Sobreiro

125. Olival

126. Pinheiro Bravo.

127. Eucalipto

128. Outras Folhosas

129. Castanheiro

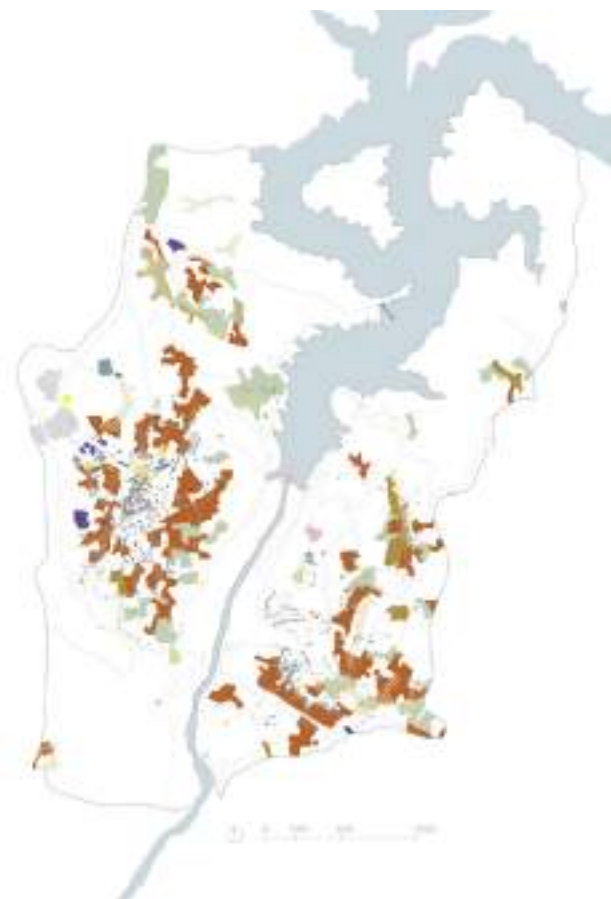
130. Sobreiro

131. Mapa de ocupação do solo com espécies de vegetação. Dados do COS2018.

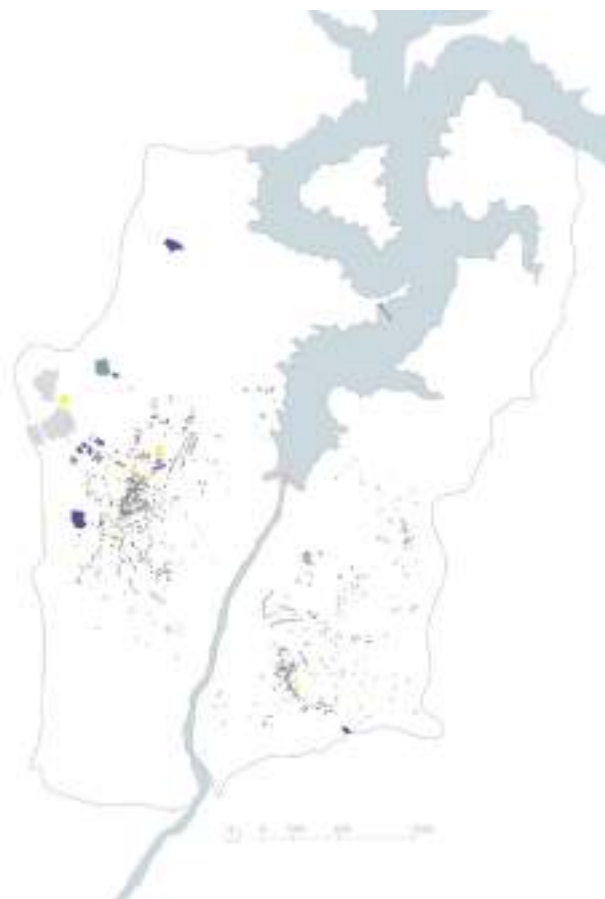
6. Jacinto Silva Duro. (2017, July 14). Portugal é o país com maior área de eucalipto. Jornal de Leiria; Jornal de Leiria. <https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/portugal-e-o-pais-com-maior-area-de-eucalipto-6816>

7. Marques, J. T. (2018, September 11). A expansão descontrolada do eucalipto em Portugal: “E pur si muove”, por José Trincão Marques. Médio Tejo. <https://mediotejo.net/a-expansao-descontrolada-do-eucalipto-em-portugal-e-pur-si-muove-por-jose-trincao-marques/>





132.



133.

A diminuição populacional exponencial desde o período de construção da Barragem do Cabril, até ao momento atual, traça em Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno um retrato equiparável a muitos outros territórios no centro de Portugal. Este é hoje um território envelhecido, com uma baixa densidade populacional, e com carácter socioeconómico cada vez mais frágil.

A falta de uma política de partilha e gestão de recursos intermunicipais gera uma oferta excessiva de determinados equipamentos e uma carência muito grande noutros. A falta de habitação é uma das maiores problemáticas neste momento, não só em grandes cidades, mas também no centro deste território, seja para quem procura residir permanentemente, como para quem visita. Existe, para este último grupo, uma carência de alojamento local e de infraestruturas que sirvam de suporte a atividades relacionadas com o turismo. Como consequência da política de gestão de cada município há uma falta de qualidade dos equipamentos públicos existentes. Havendo uma partilha de recursos entre estes dois territórios, espaços públicos como escolas, mercados e unidades de saúde poderiam ser potenciados e oferecer um melhor apoio ao quotidiano desta população.

Os proprietários privados, de uma grande parte do edificado presente nos centros destas localidades, optam por não vender a possíveis investidores o património que detêm, ou muitas vezes inflacionam os preços de venda, de tal

modo que põe em causa o processo de regeneração deste tecido, necessário à potencialização e à regeneração dos concelhos. A acrescentar, as apertadas normas do PDM, dificultam a expansão da área urbanizável neste território, tornando ainda mais complexo a instalação e melhor gestão de equipamentos.

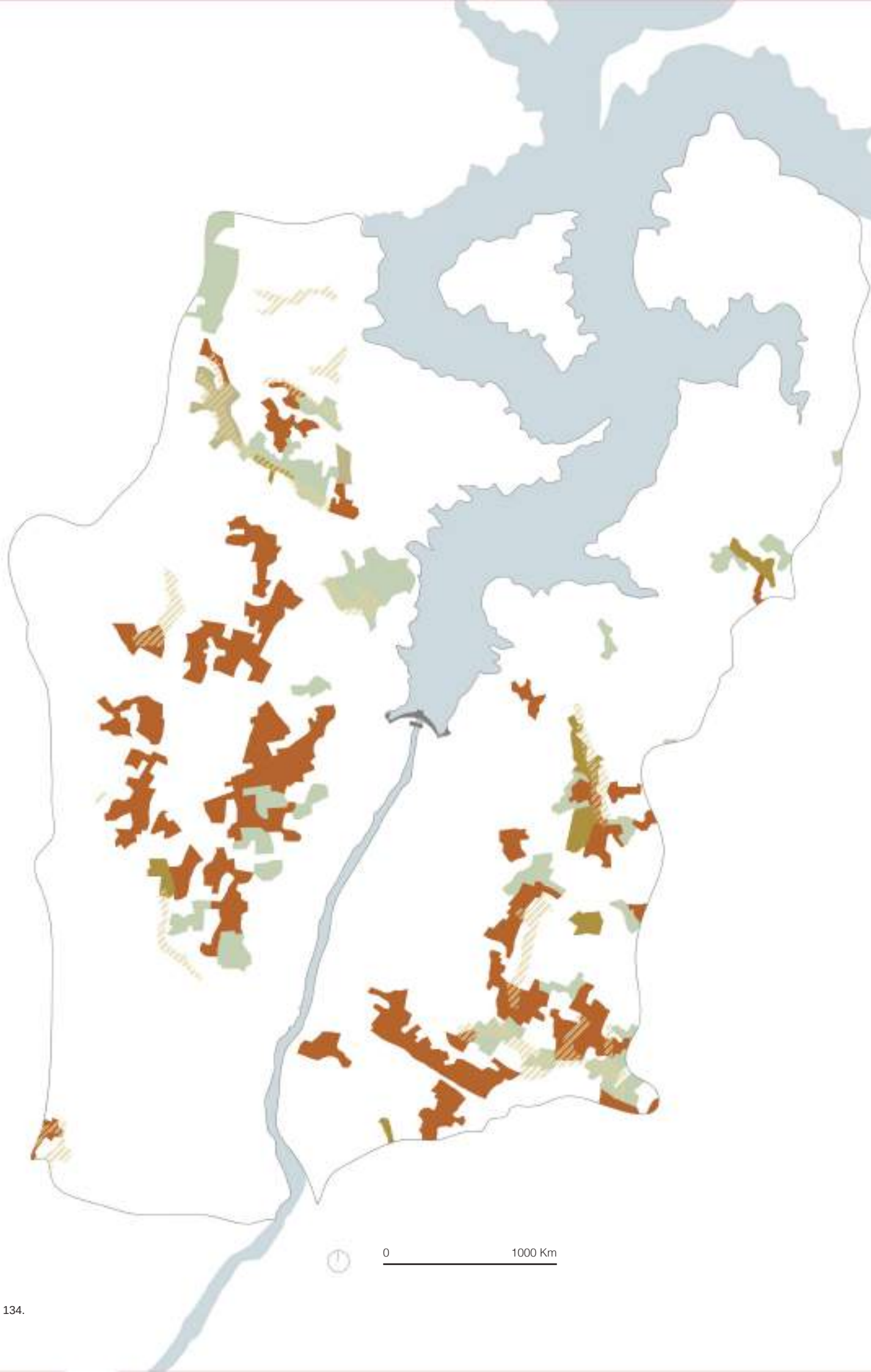
A prática da agricultura neste território, outrora um dos principais setores de atividade no território, ainda subsiste, e culturas como a do olival, presentes neste território desde a sua primeira ocupação pelos romanos, e da vinha, ainda são de algum modo visíveis e fazem parte da herança cultural deste local. No entanto, a mancha que esta atividade ocupa torna-se cada vez menor, em detrimento de uma paisagem silvícola homogênea, que ganha cada vez mais espaço no território.



132. Mapa Reserva Agrícola Nacional (RAN).

133. Mapa de atividades.

134. Mapa de atividades, culturas agregadas e RAN.





135.



136.

135. Mapa das Zonas Geológicas da Sertã. Inquérito Agrícola e Florestal. Concelho da Sertã, 1958.

136. Mapa das Zonas Geológicas de Pedrógão Grande. Inquérito Agrícola e Florestal. Concelho de Pedrógão Pequeno, 1957.

À escala distrital podemos considerar que Leiria e Castelo Branco são distritos ricos em diversos materiais que desempenham um papel importante na economia e no desenvolvimento regional.

O distrito de Leiria possui extensas florestas, predominantemente compostas por pinheiro-bravo. Este é uma fonte de madeira e resina utilizados na indústria da construção e do mobiliário. É rico em fontes minerais, como o calcário, utilizado na produção de cimento e na indústria da cal; a argila, utilizada na cerâmica, produção de telhas, tijolos e louças; e ainda a extração de areia, crucial na indústria do vidro. O distrito de Castelo Branco possui uma área florestal rica em pinheiros-bravos, eucaliptos, carvalhos e sobreiros, cuja madeira, resina e cortiça são utilizados na indústria do mobiliário e da papelaria. Em termos geológicos predomina o xisto, utilizado na construção e produção de ardósias; o calcário utilizado na produção de cimento, cal e brita; e a argila utilizada na indústria cerâmica para a produção de telhas, tijolos e louçaria.

À escala da Área de Intervenção, sobre o Concelho de Pedrógão Grande e a freguesia de Pedrógão Pequeno, a principal indústria foca-se área florestal, através da obtenção de madeira dos eucaliptos para a produção de celulose e pasta de papel e ainda a extração de madeira e resina dos pinheiros-bravos, utilizados para mobiliário. Estas duas localidades encontram-se numa zona de litossolos ácidos e de afloramento de rochas graníticas.

Em termos de métodos construtivos locais, o uso da pedra granítica verifica-se predominante, assim como a madeira de pinheiro na conceção estrutural de telhados e de pisos superiores. Em alguns casos, o barro é usado como argamassa e também elemento impermeabilizante.

137. Fotografia de ruína em Pedrógão Grande.

138. Fotografia de construção com materiais locais.

Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

139. Fotografia do pormenor da construção da estrutura de um telhado em madeira. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

140. Fotografia da estrutura de um soalho em Pedrógão Grande.

141. Fotografia de parede de tabique em Pedrógão Grande.

142. Fotografia de ruína em Pedrógão Grande.

Arquivo Municipal Pedrógão Grande



137.



138.



139.



140.



141.



142.

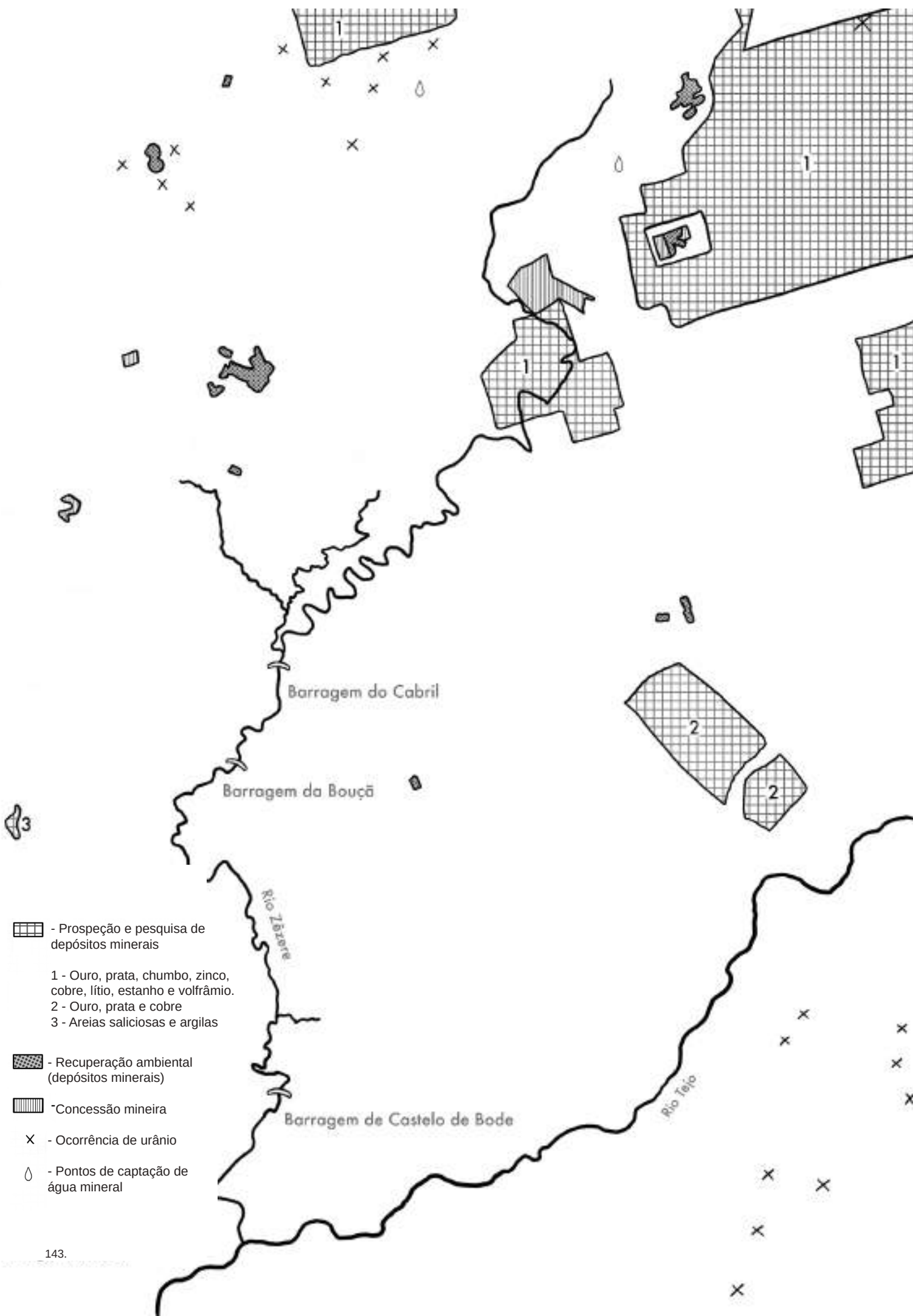
A exploração de minerais tem sido uma atividade constante desde o tempo dos romanos, em Portugal. Como resultado da mineração, é possível encontrar vestígios desta atividade por todo o território nacional. O aumento significativo de unidades de exploração de minérios como lítio, volfrâmio, chumbo, entre outros, acabam por causar um grande impacto nos ecossistemas. A água, que funciona como principal veículo de propagação dos poluentes, distribui estes metais através dos seus cursos, com consequências devastadoras não só para o rio como também atingindo várias populações, incluindo a área metropolitana de Lisboa. Ultrapassando os focos de poluição superficiais, abrange não só áreas próximas do rio, como grandes focos populacionais que é o caso de Lisboa.

Ao entrarem em contacto com os cursos de água poluída, a flora acaba por se tornar igualmente corrompida. Ao entrar no sistema de outros seres, através da ingestão, doses elevadas de metais propagam-se na circulação sanguínea, criando assim um ciclo vicioso de contaminação, do qual se desconhece as consequências.

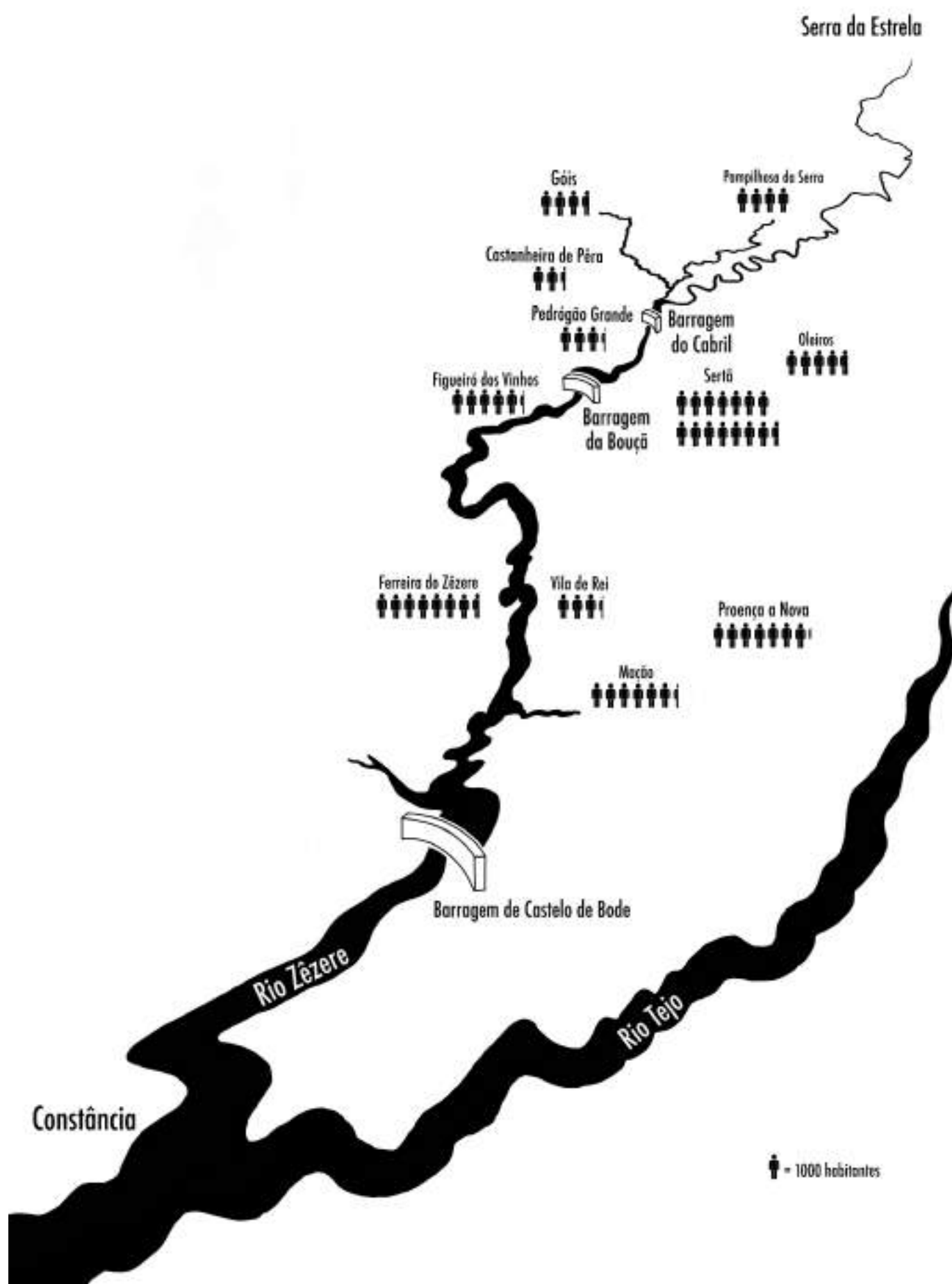
Tomando como base o diagrama à escala do rio Zêzere, é possível constatar que as principais áreas de prospeção e pesquisa de depósitos minerais e de concessão mineira se encontram maioritariamente a norte da barragem do Cabril. As minas de prospeção e pesquisa ocupam uma área extensa no território em análise. A nível dos concelhos, estão a ser exploradas no Fundão, Pampilhosa da Serra, Castelo Branco, Vila Velha de Rodão e Carregal do Sal. Para além das pré-existent minas de prospeção e pesquisa, existem também áreas de concessão admitidas para uma possível futura exploração em São Jorge da Beira, Fundão, Miranda do Corvo e Vila Nova de Ceira.

Isto leva-nos a concluir que todo o curso de água, desde a nascente até à foz, se encontra contaminado. Algumas destas minas, apesar de ainda se apresentarem numa fase de concessão, continuam a libertar metais pesados que contribuem para a contaminação dos solos, e dos lençóis freáticos que se estendem ao longo do curso do rio Zêzere. Numa perspetiva de atenuar a problemática da contaminação das águas, foram instituídas algumas áreas de recuperação ambiental em Góis, no Fundão, em Sarzedas, em Condeixa-a-nova e na Sertã. Embora este seja um esforço positivo, a área ocupada pelas explorações mineiras excede exageradamente a área afeta à recuperação ambiental, tornando este esforço de reabilitação ingrato e irrisório.

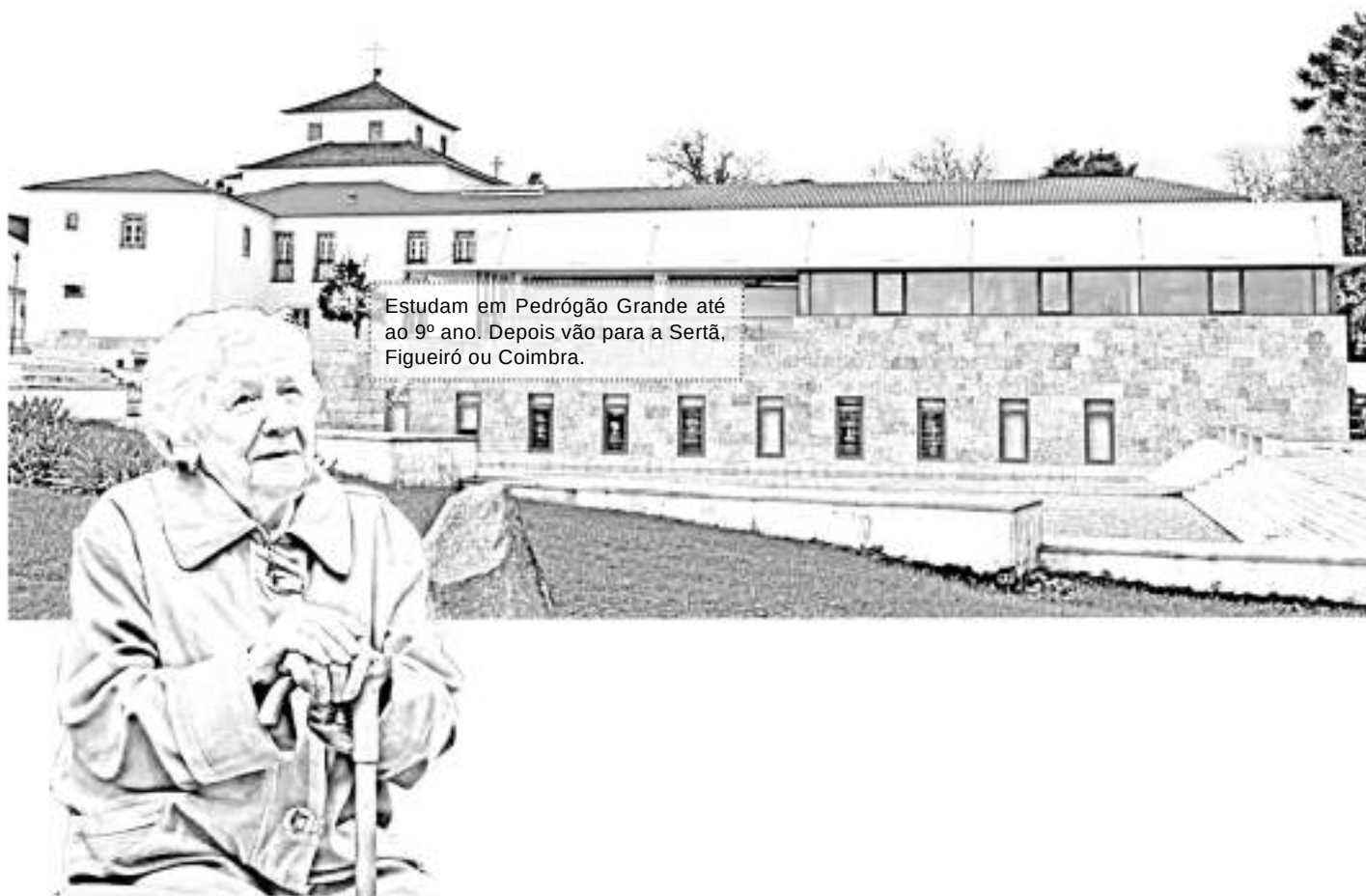
Os pontos de captação de água mineral encontram-se surpreendentemente próximos das áreas de exploração mineira, o que acelera a cadeia de contaminação e a disseminação destes poluentes.

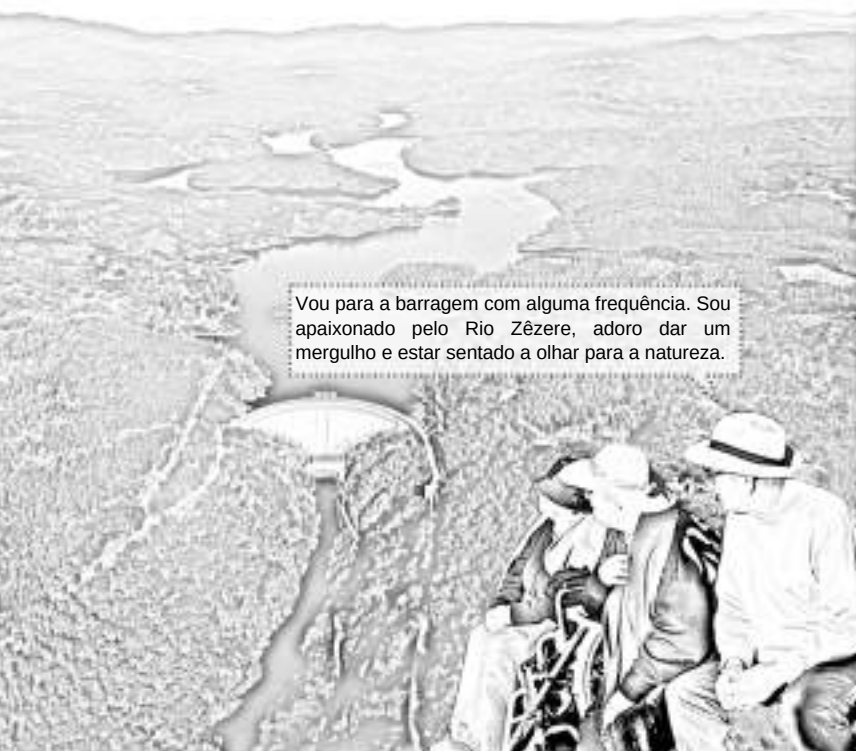


O rio Zêzere organiza-se em 3 níveis, marcados pelas barragens do Cabril, da Bouçã e de Castelo de Bode. A implantação das barragens proporcionou um maior fluxo populacional para as áreas adjacentes às mesmas, criando uma relação direta entre a densidade populacional e as áreas contíguas às barragens. No entanto, com o passar dos anos, as indústrias destes locais foram estagnando, o que fez com que a população mais jovem se deslocasse em direção aos grandes polos urbanos, provocando um êxodo rural. Por exemplo, o município da Sertã, que em 1960 tinha uma população superior a 27 mil habitantes, passa a ter em 2021 menos de 15 mil habitantes, de acordo com os censos.



O monte da Senhora da Confiança ao pé da capela com vista para a barragem é a minha inspiração para a escrita.





Vou para a barragem com alguma frequência. Sou apaixonado pelo Rio Zêzere, adoro dar um mergulho e estar sentado a olhar para a natureza.

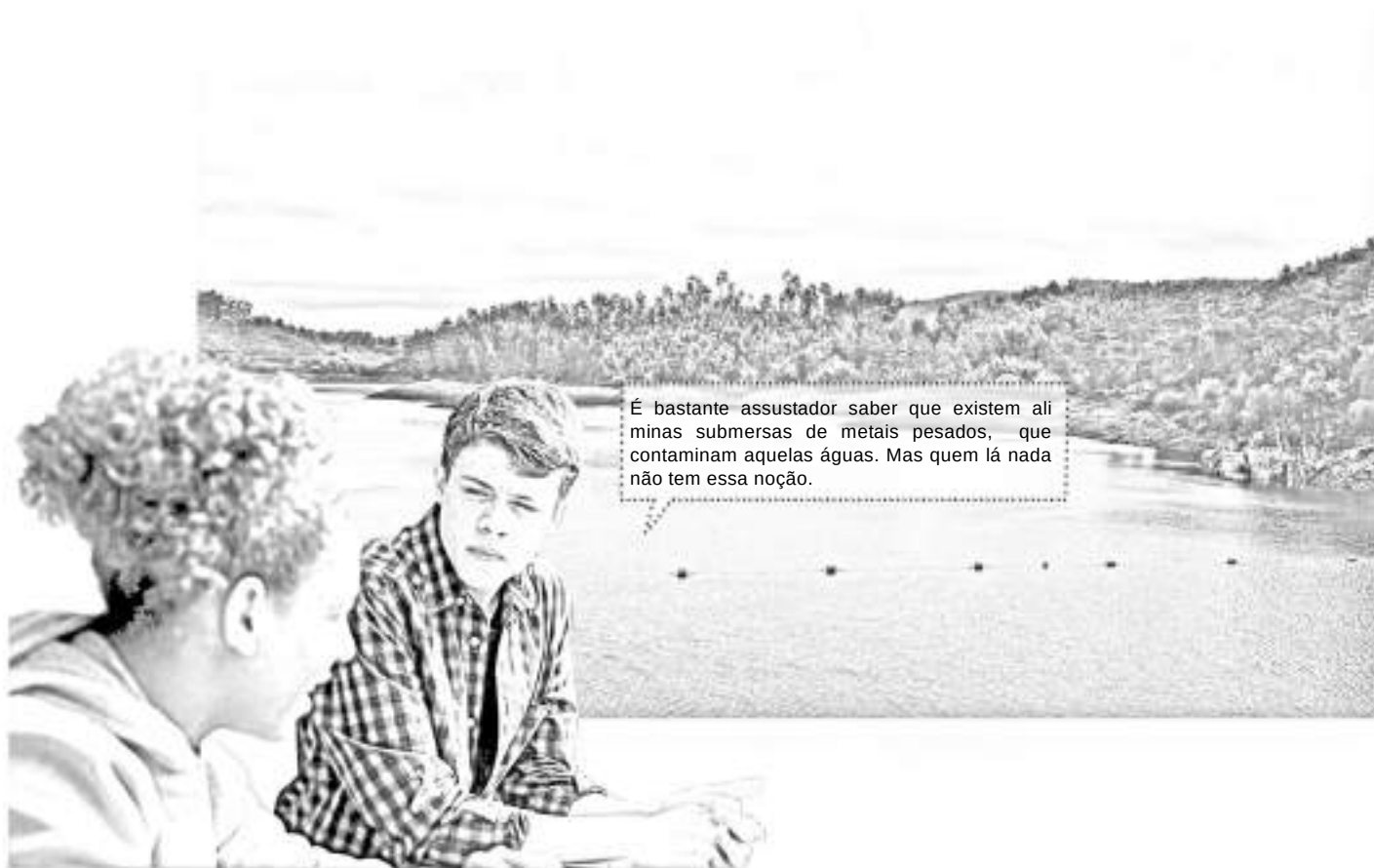
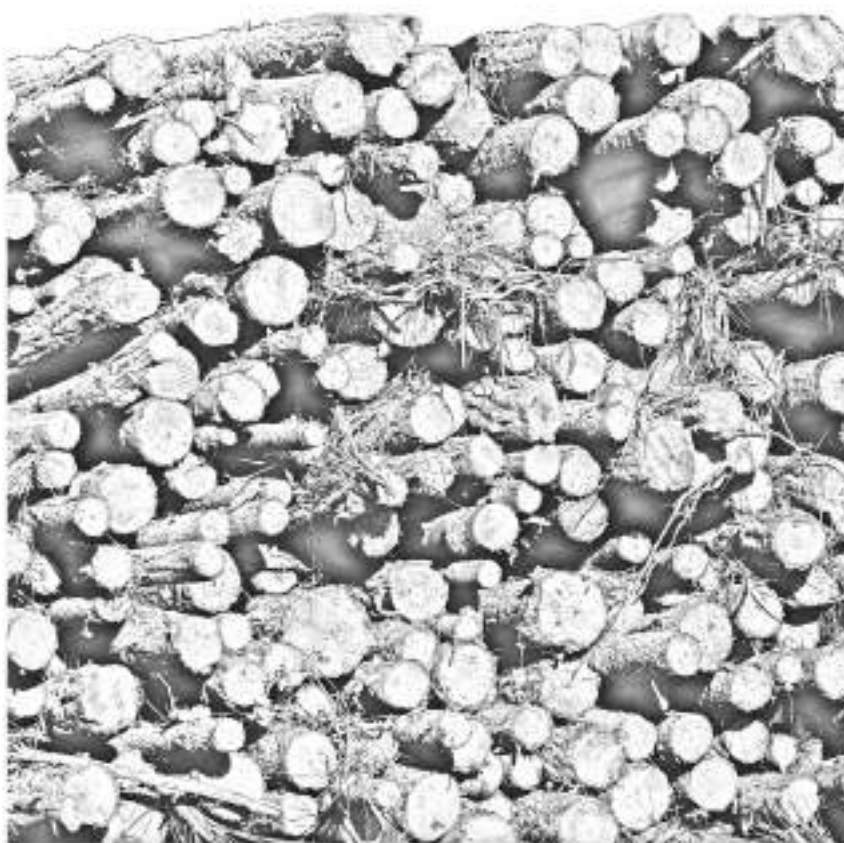


Já não vejo Pedrógão sem a barragem. Foi muito bom a nível económico e turístico.



A vila está cada vez mais envelhecida, os jovens vão-se embora por não terem emprego.





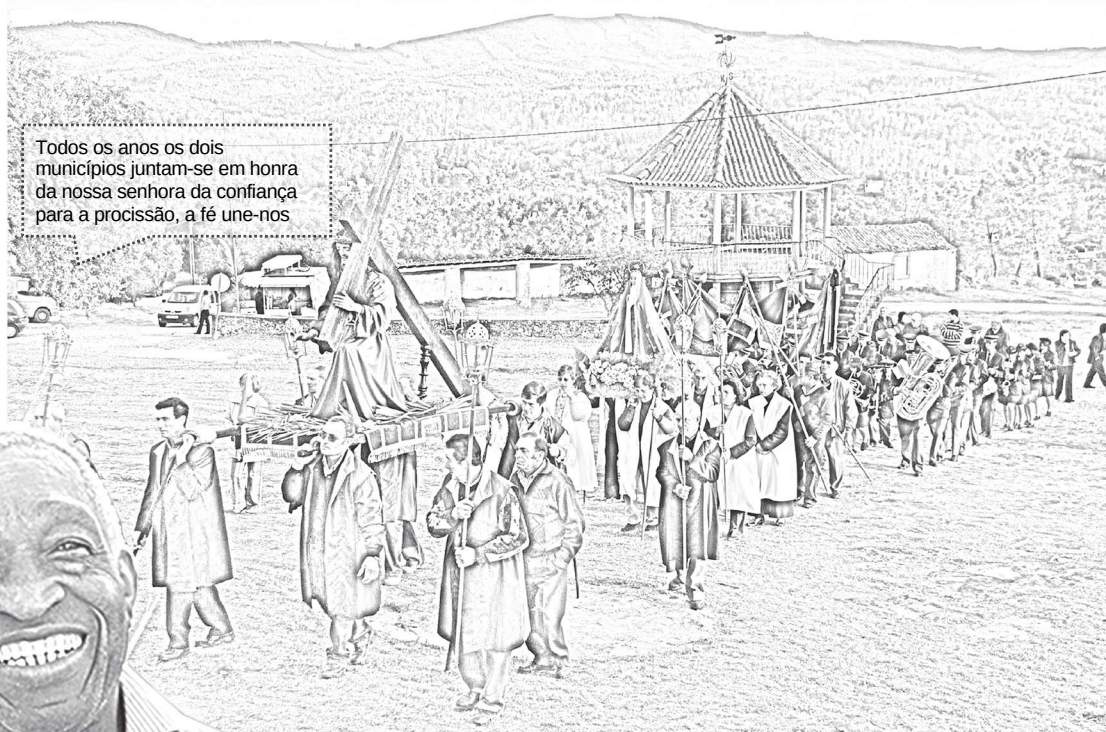
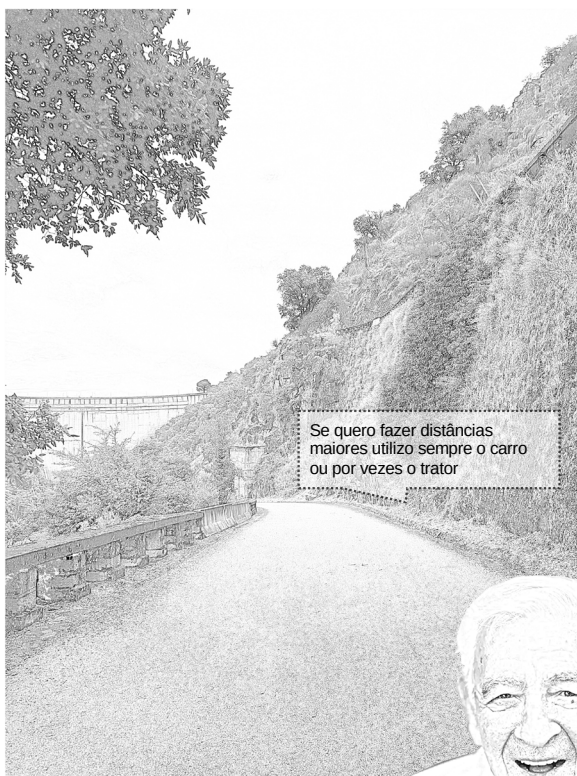


Antigamente a floresta era espontânea e natural, nos dias que correm, a floresta é uma plantação intensiva de eucaliptos que só enriquecem a indústria madeireira e aumentam o perigo de incêndio.

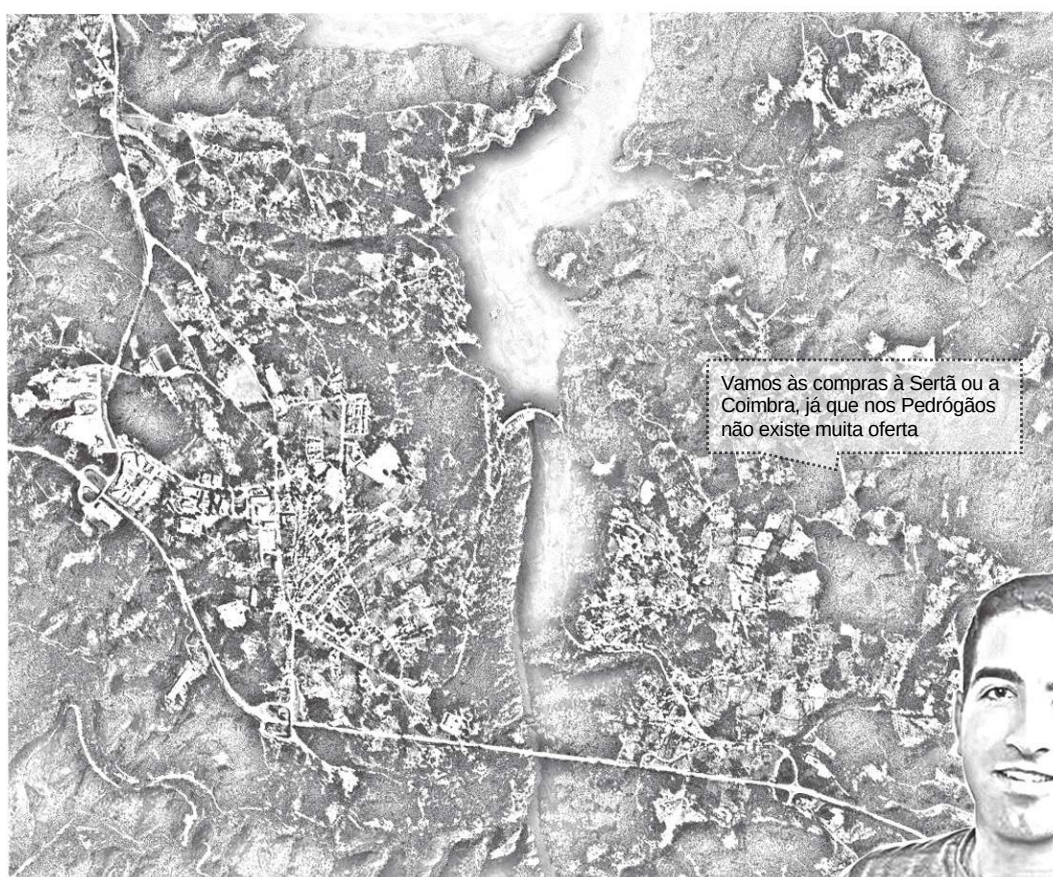
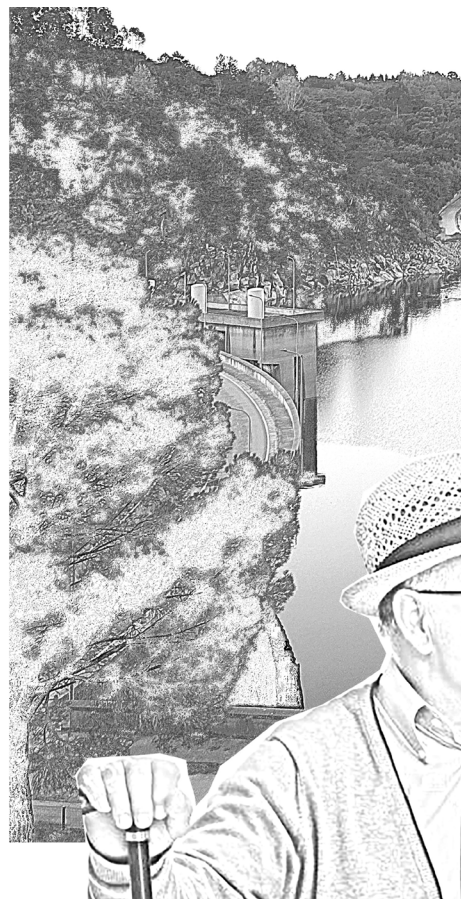


Depois do incêndio trágico de 2017 esperava ver muitas mudanças nas políticas a nível da prevenção contra o risco de incêndio, no entanto não vejo prevenções significativas a serem tomadas.









Vamos às compras à Sertã ou a
Coimbra, já que nos Pedrógãos
não existe muita oferta





FLORA E FAUNA

116

As florestas cobrem as paisagens de territórios rurais e são por isso, parte fundamental do ecossistema. Espécies de árvores autóctones como o sobreiro, o carvalho português e o pinheiro manso, são essenciais para preservar o ecossistema e o habitat selvagem. Por baixo da copa das árvores, existe um sub-estracto composto de arbustos, como a torga ordinária, a esteva, a maleiteira sarmenta e a tripa de ovelha. Por sua vez, a monocultura, quer de pinheiro-bravo, quer de eucalipto, conhecido por consumir grandes quantidades de água do solo, afeta os recursos hídricos disponíveis para outras espécies que tendem a existir junto da albufeira do Cabril e em todo território envolvente, deixando o sub-estracto pobre e impedindo o desenvolvimento de outras espécies como o cedro do Atlas

Ao longo das margens do rio Zêzere, é revelada uma vegetação que inclui salgueiros, mimosas, sabugueiros, fetos que se vêm também afetadas pela existência de eucaliptos e pelas alterações climáticas extremas e repentinas. Estes habitats ribeirinhos são vitais para a estabilização das margens dos rios, para a prevenção da erosão e para o refúgio de uma multiplicidade de espécies, desde plantas aquáticas a anfíbios e aves, e são por isso, áreas que carecem de cuidado e de planeamento. Já as paisagens agrícolas de Pedrogão Grande e Pedrogão Pequeno caracterizam-se por práticas agrícolas tradicionais que moldaram a flora da região. Olivais, vinhas e pomares pontuam o campo, intercalados por manchas de flores silvestres como o rosmaninho, o alecrim e o tomilho. Estas paisagens cultivadas apoiam o ecossistema de espécies polinizadoras e insetos importantes para a biodiversidade.

Nos limites entre os distritos de Coimbra, Leiria e Castelo Branco, existe uma área que apresenta uma mistura única de carácter mediterrânico e atlântico,

promovendo um habitat propício a uma variedade de espécies. As margens do rio Zêzere possuem uma rica diversidade de fauna, contribuindo para a vitalidade ecológica da região, no entanto, ameaçada pelos impactos das mudanças climáticas e pela má gestão do território.

Ao longo das margens do rio Zêzere, podemos observar a pega-azul ou o esquivo guarda-rios a voar sobre o rio, margens estas que se adequam a uma grande diversidade de espécie de aves. Os habitats ribeirinhos fornecem recursos essenciais para os anfíbios, como o tritão-de-ventre-laranja e o sapo-parteiro-comum, sublinhando a importância destes ecossistemas no suporte da biodiversidade.

A presença de mamíferos como a lontra e o lince ibérico, reflectem a interconexão da fauna com a paisagem circundante, e evidenciam o potencial de biodiversidade deste lugar, sublinhando a necessidade de esforços de conservação. A existência de seres-vivos como a lontra, são indicadores de recuperação do habitat face aos incêndios de 2017. Por outro lado, as paisagens agrícolas de Pedrogão Grande e Pedrogão Pequeno albergam espécies como o ouriço-cacheiro e o peneireiro-das-torres, que se adaptaram à coexistência com as actividades humanas. Fatores como a desflorestação, a monocultura do eucalipto que cria um manto tóxico para algumas espécies, a utilização de pesticidas, a poluição das águas com metais pesados no rio têm vindo a ameaçar o habitat das espécies em geral, levando a que algumas, tais como, a salamandra lusitânica, rã ibérica, cobra pentadáctila, lontra-europeia, vaca-loura e rola-brava fiquem em perigo de extinção. É por isso necessário e urgente compreender, preservar e reabilitar esta rica tapeçaria de biodiversidade para promover a coabitação harmoniosa entre os desenvolvimentos rurais e os ecossistemas naturais.

1. Azinheira *Quercus rotundifolia*
2. Trevo Branco *Trifolium repens*
3. Poejo *Mentha pulegium*
4. Violeta-de-Rivinius *Viola riviniana*
5. Miosótis-Dos-Bosques *Omphalodes nitida*
6. Língua-de-Vaca *Echium plantagineum*
7. Sabugueiro *Sambucus nigra*
8. Avenca-Brava *Asplenium trichomanes*
9. Cardo-Roxo *Cirsium vulgare*
10. *Centaurium maritimum*
11. Oliveira *Olea europaea*
12. Norça-Preta *Dioscorea communis*
13. Alecrim *Salvia rosmarinus*
14. Azedinha-de-Flores-Vermelhas *Oxalis articulata*
15. Feto-Do-Monte *Pteridium aquilinum*
16. Tomate-de-Capucho *Physalis peruviana*
17. Funcho *Foeniculum vulgare*
18. Trevo-Dos-Prados *Trifolium pratense*
19. Sobreiro *Quercus suber*
20. Azeda *Oxalis pes-caprae*
21. Maleiteira-Sarmenta *Euphorbia peplus*
22. Medronheiro *Arbutus unedo*
23. Chicória *Cichorium intybus*
24. Ervas-Das-Sete-Sangrias *Glandora prostrata*
25. Polígono-de-Jardim *Persicaria capitata*
26. Mimosa *Acacia dealbata*
27. Agulha-de-Eva *Austrocylindropuntia subulata*
28. Capuz-de-Frade *Arisarum simorhinum*
29. Tripa-de-Ovelha *Andryala integrifolia*
30. Eucalipto *Eucalyptus*
31. Erva-Carapau *Lythrum salicaria*
32. Quelidónia-Maior *Chelidonium majus*
33. Tintureira *Phytolacca americana*
34. Tomate-de-capucho *Physalis peruviana*
35. Catacuz *Rumex crispus*
36. Queiró *Erica umbellata*
37. *Hakea decurrens*
38. Perpétua-Das-Areias *Helichrysum stoechas*
39. Conchelos *Umbilicus rupestris*
40. Feto-Real *Osmunda regalis*
41. Verrucária-Dos-Cultivos *Heliotropium europaeum*
42. Trevo-Branco *Trifolium repens*
44. Esteval *Cistus ladanifer*





1. Sanguinho-Das-Sebes *Rhamnus alaternus*
2. Trovisco *Daphne gnidium*
3. Hiperião-Do-Gerês *Hypericum androsaemum*
4. Folhado *Viburnum tinus*
5. Dedaleira *Digitalis purpurea*
6. Cedro do atlas *Cedrus atlantica*
7. Morango *Fragaria vesca*
8. Castanheira
9. Padreiro *Acer pseudoplatanus*
10. Arvore-Do-Incense *Pittosporum undulatum*
11. Cimbalaria-Das-Ruínas *Cymbalaria muralis*
12. Lâmio-Maculado *Lamium maculatum*
13. Carqueja *Genista tridentata*
14. Pinheiro Bravo *Pinus pinaster*
15. Norça-Preta *Dioscorea communis*
16. Tanchagem *Plantago major*
17. Diospireiro *Diospyros kaki*
18. *Delphinium ajacis*
19. Vitadânia-Das-Floristas *Erigeron karvinskianus*
20. Gilbardeira *Ruscus aculeatus*
21. Rabo-de-Gato *Trifolium angustifolium*
22. Maleiteira - Sarmenta *Euphorbia peplus*
23. Alface-Brava-Âspera *Lactuca serriola*
24. Corriola-Campestre *Convolvulus arvensis*
25. Tabua-de-Folha-Larga *Typha latifolia*
26. Torga-Ordinária *Calluna vulgaris*
27. Jarro-Bravo *Arum italicum*
28. Bole-Bole-Maior *Briza maxima*
29. Mentaastro *Mentha suaveolens*
30. Tuberaria-Mosqueada *Tuberaria guttata*
31. Norça - Preta *Dioscorea communis*
32. Cachapeiro *Verbascum thapsus*





Peixes

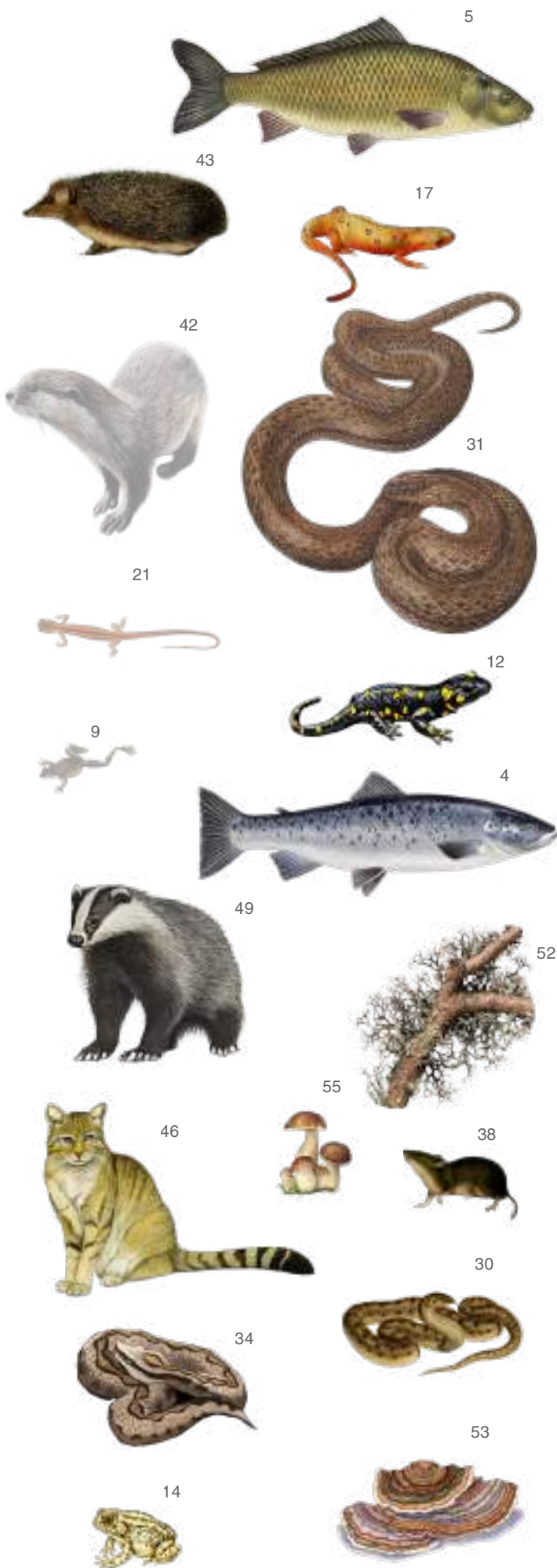
1. Enguia *Anguilla Anguilla*
2. Boga *Chondrostoma polylepis Steindachner*
3. Sável *Alosa Alosa*
4. Truta do Rio *Salmo Trutta Trutta*
5. Carpa *Cyprinus Carpio*
6. Achigã *Micropterus Salmoides*
7. Barbo *Barbus Bocage*
8. Perca-Sol *Lepomis gibbosus*

Anfíbios e répteis

9. Rã-Ibérica *Rana Ibérica* (em perigo de extinção)
10. Rã-verde *Pelophylax perezi*
11. Rela-comum *Hyla arborea*
12. Salamandra-de-pintas-amarelas *Salamandra salamandra*
13. Sapo-comum *Bufo spinosus*
14. Sapo Corredor *Epidalea calamita*
15. Sapo-de-unha-negra *Pelobates cultripes*
16. Sapo-parteiro-comum *Alytes obstetricans*
17. Tritão-de-ventre-laranja *Lissotriton boscai*
18. Lagarto-de-água *Lacerta schreiberi*
19. Osga-comum *Tarentola mauritanica*
20. Cágado-mediterrânico *Mauremys leprosa*
21. Salamandra-lusitana *Chioglossa Lusitânica* (em perigo de extinção)
22. Lagartixa-de-carbonell *Podarcis carbonelli*
23. Lagartixa-do-mato *Psammodromus algirus*
24. Lagartixa-do-mato-ibérica *Psammodromus hispanicus*
25. Lagartixa-verde *Podarcis virescens*
26. Sardão *Timon lepidus*
27. Cobra-de-água-de-colar-mediterrânica *Natrix astreptophora*
28. Cobra-de-água-viperina *Natrix maura*
29. Cobra-de-pernas-tridáctila *Chalcides striatus*
30. Cobra-lisa-meridional *Coronella gironica*
31. Cobra-rateira *Malpolon monspessulanus*
32. Cobra-de-escada *Zamenis scalaris*
33. Licranço *Anguis fragilis*
34. Vibora-cornuda *Vipera latastei*

Mamíferos

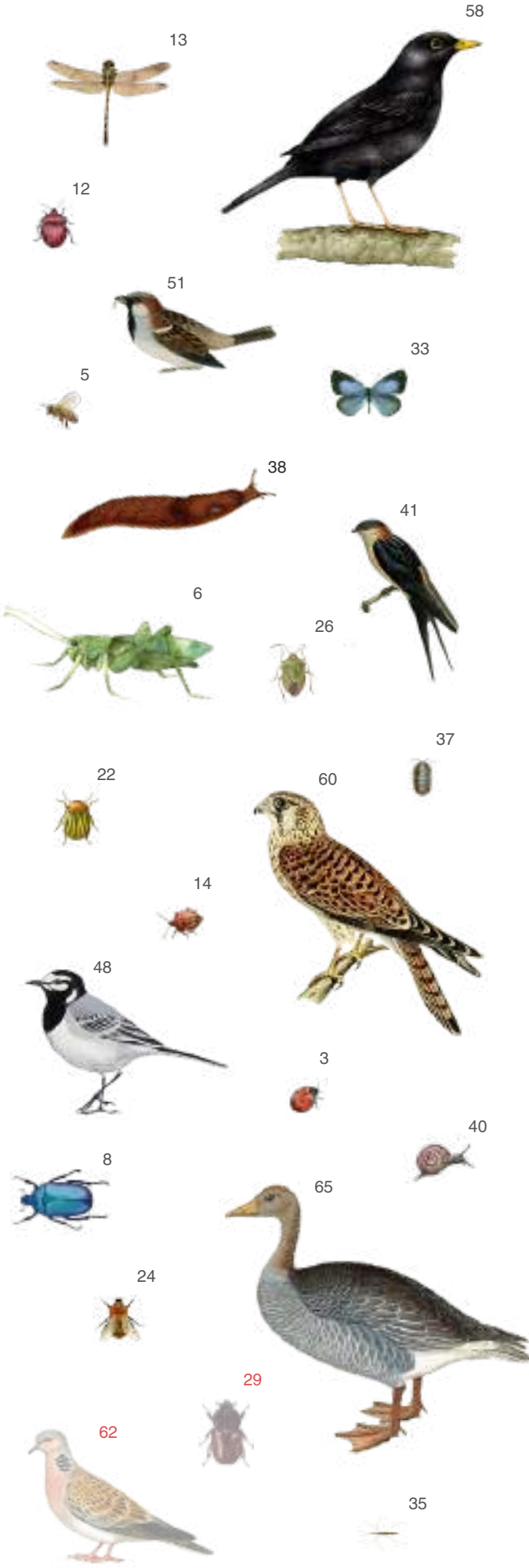
35. Esquilo-vermelho *Sciurus vulgaris*
 36. Ratazana-castanha *Rattus norvegicus*
 37. Ratazana-preta *Rattus rattus*
 38. Rato-das-hortas *Mus spretus*
 39. Rato-do-campo *Apodemus sylvaticus*
 40. Musaranho-de-dentes-brancos-grande *Crocidura russula*
 41. Toupeira *Talpa occidentalis*
 42. Lontra *Lutrinae* (em perigo de extinção)
 43. Ouriço-cacheiro *Erinaceus europaeus*
 44. Saca-rabos *Herpestes ichneumon*
 45. Lince-ibérico *Lynx pardinus*
 46. Gato-selvagem *Felis silvestris*
 48. Raposa *Canidae*
 49. Texugo *Meles Meles*
 50. Morcego *Chiroptera*
- Fungos e Líquenes
51. Pulmonária *Lobaria pulmonaria*
 52. Orzela-do-reino *Evernia prunastri*
 53. Trametes versicolor *Trametes versicolor*





Insectos

- 1. Borboleta *Charaxes jasius*
 - 2. Libelinha *Anisoptera*
 - 3. Joaninha *Coccinellidae*
 - 4. Vespa *Crabro*
 - 5. Abelha *Anthophila*
 - 6. Gafanhoto *Caelifera*
 - 7. Escorpião *Buthus occitanus*
 - 8. Escaravelho *Scarabaeidae*
 - 9. Cigarra *Cicadoidea*
 - 10. Vaca-Loura *Lucanus cervus*
 - 11. Malhadinha *Pararge aegeria*
 - 12. Percevejo do Funcho *Graphosoma italicum*
 - 13. Gongos das Nascentes *Onychogomphus uncatus*
 - 14. Percevejo - Mediterrâneo *Carpocoris mediterraneus*
 - 15. Carpinteiro *Ergates faber*
 - 16. Libelinha Branca *Platycnemis latipes*
 - 17. Guarda Portões *Pyronia tithonus*
 - 18. Caracoleta *Cornu aspersum*
 - 19. Fritilária dos lameiros *Euphydryas aurinia*
 - 20. Libélula Anelada *Cordulegaster boltonii*
 - 21. Gafanhoto do Egito *Anacridium aegyptium*
 - 22. Escaravelho de Batata *Leptinotarsa decemlineata*
 - 23. Gaiteiro Azul *Calopterys virgo*
 - 24. Abelhão Cardador *Bombus pascuorum*
 - 25. Acobreada Ibérica *Lycaena bleusei*
 - 26. Percevejo - Frade *Nezara viridula*
 - 27. Tecedeira-de-Cruz-Cosmopolita *Araneus diadematus*
 - 28. Morcego - de - Grilo *Mangora acalypha*
 - 29. Escaravelho Rinoceronte Europeu *Oryctes nasicornis*
 - 30. Orthetrum dos Ribeiros *Orthetrum coerulescens*
 - 31. Acobreada *Lycaena phlaeas*
 - 32. Libelinha Crespular *Boyeria irene*
 - 33. Azul Celeste *Celestrina argiolus*
 - 34. Abelha Carpinteira Violeta *Xylocopa violacea*
 - 35. Contador de Água *Hydrometra stagnorum*
 - 36. Mil Pés das Florestas *Oxidus gracilis*
 - 37. Bicho da Conta *Armadillidium vulgare*
 - 38. Lesma Leopardo *Limas maximus*
 - 39. Cigarra Prateada *Tettigetta argentea*
 - 40. Caracol Riscado *Cepaea nemoralis*
- Aves de Pequeno Porte
- 41. Andorinha Daurica *Cecropis daurica*
 - 42. Toutinegra de Barrete *Sylvia atricapilla*
 - 43. Abelharuco *Merops apiaster*
 - 44. Melro d'Água *Cinclus cinclus*
 - 45. Milheirinha *Serinus serinus*
 - 46. Tentilhão *Fringilla coelebs*
 - 47. Pintassilgo *Carduelis carduelis*
 - 48. Alvéola-Branca *Motacilla alba*
 - 49. Pardal Montês *Passer montanus*
 - 50. Verdilhão *Chloris chloris*
 - 51. Pardal dos Telhados *Passer domesticus*
 - 52. Cartaxo Comum *Sylvia rubicola*
 - 53. Estrelinha Real *Regulus ignicapilla*
 - 54. Escrevedeira *Emberiza cirius*
 - 55. Andorinha das Rochas *Ptyonoprogne rupestris*
 - 56. Andorinha *Hirundinidae*
 - 57. Rabirruivo *Phoenicurus ochruros*
 - 58. Melro *Turdus merula*
- Aves de Grande Porte
- 59. Águia-De-Asa-Redonda *Buteo buteo*
 - 60. Peneireiro *Falco tinnunculus*
 - 61. Milhafre *Milvus migrans*
 - 62. Rola Brava *Treptopelia turtur*
 - 63. Cegonha *Ciconia*
 - 64. Pato *Anas platyrhynchos*
 - 65. Ganso *Anser anser*





De modo a melhor conhecer a área em estudo, o atelier na Margem realizou várias viagens ao local. A primeira, a dia 16 de outubro de 2023, consistiu numa visita marcada com ambos os órgãos dirigentes e aos respectivos arquivos dos municípios sendo o principal objetivo, recolher o máximo e mais variado tipo de informação possível, não só sobre os municípios, mas também sobre a construção da barragem e o período anterior a esta.

A estratégia definida para a realização deste trabalho de campo, passou pela criação de 3 grupos de trabalho que foram distribuídos pelos municípios. Os grupos dividiram-se pela Câmara Municipal de Pedrógão Grande, pela Junta de freguesia de Pedrógão Pequeno e pelas aldeias mais dispersas: Vale do Barco, Casal dos Bufos e Roqueiro.

O grupo que realizou a visita a Pedrógão Grande iniciou o seu percurso no Arquivo Municipal, onde foi recebido pelas técnicas, Susana e Fátima. À chegada ambas tinham reunido uma seleção de livros, artigos, fotografias e brochuras referentes à Barragem do Cabril, vila de Pedrógão Grande, Pedrógão Pequeno e aldeias envolventes.

Na Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno, o grupo seguinte foi recebido por Marta Martins, responsável pelos arquivos da Junta, que se disponibilizou prontamente para fornecer ao atelier qualquer material que ajudasse no desenvolvimento da pesquisa do território em estudo. Os materiais fornecidos por ambas as localidades englobavam livros, cartografias, fotografias anteriores e do processo da construção da barragem entre outros.

Após esta recolha de informação, o atelier voltou a reunir-se com o intuito de visitar tanto a Barragem do Cabril, como o bairro do Cabril e a ponte Filipina. A ponte construída durante a dinastia Filipina (1607-1610), veio substituir a ponte romana pré existente, constituída por uma estrutura de madeira. Foi construída ao longo de 72 metros com blocos de granito e apresenta 3 arcos cujo maior possui cerca de 22 metros de vão, antiga dimensão da largura do rio. É ainda possível vê-los quando o leito do rio a jusante da barragem se encontra abaixo dos níveis normais. Até à construção da Barragem do Cabril, esta ponte era a única ligação entre as duas margens do rio.

Para além da informação retirada dos arquivos, foi fulcral comunicar com os residentes que experienciaram o local antes e após a construção da Barragem do Cabril. Foi também através destas conversas que o atelier recolheu diversas informações passadas de geração em geração, sobre os terrenos que se encontravam no leito do rio. Territórios estes que outrora foram maioritariamente zonas agrícolas e minas. Através da análise do terreno foi possível constatar que uma das maiores indústrias do local é a madeireira. O rio Zêzere, utilizado como meio de transporte dos tarolos de madeira, cortados nos terrenos adjacentes ao rio. Já relativamente à construção da barragem, uma grande parte dos trabalhadores deste setor eram oriundos da região Norte de Portugal e, arranjando emprego na área, acabavam também por casar e estabelecer família no território.

À época existiu uma grande polémica, relativamente ao local onde se devia construir o Bairro do Cabril. Tanto Pedrógão Grande como Pedrógão Pequeno, tinham interesse que a construção acontecesse no seu território pelos possíveis contributos económicos para a região. É de destacar que o facto destas duas localidades, apesar de bastante próximas uma da outra, se localizam em

concelhos e distritos diferentes, o que levou a esta disputa.

Na segunda visita ao local, que decorreu entre os dias 23 a 25 de novembro de 2023, o atelier teve oportunidade visitar o interior da barragem, com a companhia do engenheiro César Simões. César encarregou-se de fazer a visita guiada às instalações do edifício da EDP, que aborda a estação de hidroelétrica. No início da visita foram apresentados os processos que levaram à construção da barragem do Cabril. Enquanto esta era construída, foi necessário erguer previamente um pequeno dique, para impedir o leito do rio de continuar o seu percurso natural, atualmente submerso.

Apenas com a energia gerada pela barragem, é possível fornecer eletricidade a 15 000 fogos com uma potência controlada de 6,9KWS. A barragem é composta por 3 descarregadores, dois dos quais à superfície e um outro. Percebemos com esta visita, que era possível trabalhar sobre a cota de 276 metros, altura até onde é possível ter as turbinas a funcionar.

Através da reunião que tivemos no dia com o Presidente de Pedrógão Pequeno, onde obtivemos um conhecimento mais aprofundado sobre o projeto elaborado para as levadas, no ano de 1918, que não chegou a ser levado a cabo; e do túnel do moinho das freiras que corresponde à largura da levada que se pretendia construir. Ao observar o terreno, é possível constatar a influência que a grande extensão da monocultura do eucaliptal teve na propagação dos incêndios em 2017.

A câmara, progressivamente vai adquirindo alguns terrenos que utiliza para a plantação de espécies autóctones. Porém o poder exercido pelos proprietários dos terrenos de eucaliptal na região cria obstáculos a uma melhor gestão deste território.

Tanto no arquivo, como na câmara municipal foi debatido o problema no combate da epidemia eucaliptal, e foram apontadas algumas ações de sensibilização efetuadas junto das populações mais novas, que são, no entanto, ineficazes, dada a desconexão destas com a natureza e o ecossistema da região.

Foram apontadas também algumas curiosidades sobre os efeitos no tecido económico dos dois concelhos após o período dos incêndios, que resultou, surpreendentemente num aumento de procura no setor do turismo da região. Um fator um pouco irónico, sendo que apenas quando estas regiões ao abandono sofrem um desastre terrível e mortal é obtida atenção nacional. O mediatismo de toda a situação causou um turismo de catástrofe que trouxe inúmeros turistas à região pelas razões mais infelizes.

Durante a estadia no local, permanecemos no Bairro do Cabril, que exerce parcialmente a função de alojamento local. Muitas das habitações foram sendo adquiridas à Hidroelétrica por proprietários privados que acabaram por efetuar o trabalho de manutenção destas casas. Casas estas que serviram aos trabalhadores da construção da barragem, conservando na sua generalidade, os traços da arquitetura original.

Durante esta visita tivemos também a oportunidade de conversar, na margem da albufeira, com a arquiteta Guida Marques, que, sobre forma de um manifesto, fala da sua perspetiva sobre o papel ativo que o arquiteto e a sociedade devem ter perante as políticas públicas e na conservação do ecossistema.

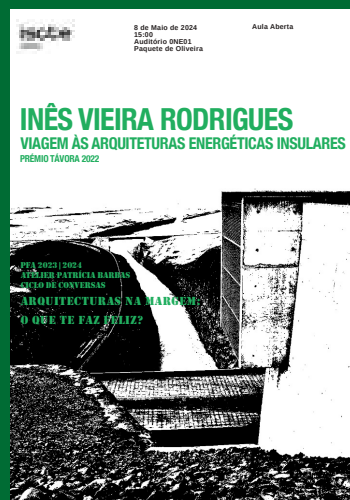
Foi efetuada uma última paragem pelo memorial

de homenagem às vítimas do incêndio, junto à nacional N236, onde foi possível observar a monumentalidade da estrutura em aço, projetada pelo arquiteto Eduardo Souto Moura. Consideramos que o principal objetivo de uma instalação como esta, seja dignificar a vida das pessoas que faleceram, vítimas da ferocidade dos incêndios de 2017.

Após estas visitas, o atelier agradece em especial, a hospitalidade com que foi recebido por toda a população, e pelas conversas com a Susana e a Fátima, responsáveis pelo arquivo de Pedrógão Grande; o presidente de Pedrógão Grande - António Lopes, e o presidente da junta de Pedrógão Pequeno – Manuel Dias, que nos guiaram pela história e pelos lugares mais marcantes e até de algum modo inóspitos, daquele território, tão singular.

153. Visita de estudo ao local de intervenção.





CICLO DE CONVERSAS

EDUARDO CORALES
JORGE GOMES - LNEC
JOAQUIM MORENO
TIAGO MOTA SARAIVA
GUIDA MARQUES
LUCINDA CORREIA
MIGUEL SANTOS
FRANCISCO MOURA VEIGA
SILVIA BENEDITO
INÊS VIEIRA RODRIGUES

No seguimento de “Café e Cigarros”, presente na edição de Arquiteturas na Cidade, Atelier de PFA liderado por Patrícia Barbas no ano letivo 2019/2020. O Atelier Na Margem contou com a presença de 8 convidados e duas visitas guiadas, com o objetivo de enriquecer e aprofundar conhecimentos. Com temas relativos à história dos lugares e das infraestruturas em estudo, às preocupações atuais inerentes ao processo de arquitetura em território rural e a ferramentas para pensar, projetar e ajudar a construir um futuro melhor, este ciclo de conversas organiza estes temas entre “passado”, “presente” e “futuro”, respetivamente.

Os textos seguintes, mostram uma reflexão e opinião do atelier, sobre as conversas com os convidados e a investigação que vai sendo feita em paralelo. Aqui, fazem-se pontos de ligação entre as discussões de grupo e temas chave, sobre os quais tomamos uma posição. Tendo presente a pergunta, **“Arquiteturas na margem. O que te faz feliz?”** o grupo pretende colocar o seu próprio olhar sobre o lugar, sabendo que para isso, também é necessário um distanciamento crítico sobre aquilo que fazemos.

Eduardo Corales é arquitecto pela Universidade Católica do Chile, com Mestrado em Património Cultural, trabalha desde 2014 em diversos projetos, incluindo trabalhos em infraestruturas hidroelétricas portuguesas e pedreiras. Sócio fundador do Atelier CAMPO, lidera a vertente de Design Mobiliário MOB Projects, e colabora com a Trienal de Arquitetura de Lisboa, no apoio à internacionalização. Atualmente, é doutorando em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, no ISCTE, em Lisboa, sob o trabalho de investigação que tem vindo a desenvolver desde 2019, POWERPOINT: Arquitetura hidroelétrica em Portugal e o território como projeto, levantamento audiovisual e gráfico de grandes barragens portuguesas, com apoio da Fundação EDP e da Direção Geral das Artes.

EDUARDO CORALES: POWERPOINT





POWERPOINT

Eduardo Corales

Num território onde a barragem assume um papel transformador, Eduardo Corales vem partilhar os vários impactos desta infraestrutura no ecossistema e acompanhar-nos nesta viagem. “POWERPOINT - Arquitetura Hidroelétrica em Portugal e o território como projeto” é o seu projeto de estudo individual que vem partilhar connosco. A partir do inventário gráfico e audiovisual que produziu, dá-nos a conhecer a genealogia das barragens que surgiram com o plano de eletrificação e industrialização nacional da primeira metade do século XX. A partir da segunda metade do século XX surgem a maioria das barragens em território português, com as quais podemos contar atualmente. A necessidade e vontade de criação de uma rede de exploração hidroelétrica nacional foi projeto da responsabilidade do Estado Português para que a nação pudesse ostentar o “Liquid Power”¹ à semelhança de Espanha – país pioneiro na política da água.

Para perceber o que é uma barragem e as suas consequências, Eduardo define as mesmas como “o motor possante do território que transforma”. Por outras palavras, uma infraestrutura forte, geradora de movimento cujo impacto transforma o território.

No território em análise pelo atelier Na Margem, encontra-se a Barragem do Cabril. Construída em 1954, trata-se da primeira barragem projetada inteiramente por engenheiros portugueses e a mais alta de Portugal, com 132 metros de altura. A barragem está localizada entre os limites dos distritos de Leiria e Castelo Branco, integrando o sistema de energia hidroelétrica do rio Zêzere, à frente da barragem da Bouça e da barragem de Castelo de Bode. Este sistema de reaproveitamento hidroelétrico é responsável pela produção de energia elétrica que é injetada na rede, e a água que por ali passa vai abastecer a cidade de Lisboa.

A produção de energia hidroelétrica é vista como uma “energia renovável”, que a partir da força motriz da água gera a produção de energia elétrica. Apesar de ser apresentada como uma energia verde, as barragens têm consequências inerentes à sua construção e à transformação que causa nos territórios. Estes muros de betão que exploram a água, destroem os ecossistemas afetando os seus fatores bióticos e abióticos. Quando se constrói uma barragem, a água apodera-se dos vales, da floresta, das margens e das aldeias, devastando a casa dos seres que antes lá habitavam. A biodiversidade é alterada drasticamente quando se constrói uma barragem. Como pode a produção hidroelétrica ser uma energia verde, se promove a extinção de árvores autóctones e altera as temperaturas locais e o curso dos rios?

As barragens são infraestruturas com impactos negativos, mas também têm algumas potencialidades. No desenho urbano onde se encontra inserida, a barragem do Cabril atua como agente de ligação física entre a comunidade de Pedrógão Grande e a de Pedrógão Pequeno, através da EN2, que teve origem no âmbito

da construção da barragem e que passa por cima desta, ao longo do seu coroamento. Foi um fator positivo para a economia local, tendo atraído pessoas de todo o país para trabalhar e, também visitar. Tratou-se de um agente dinamizador da comunidade, mas cujo potencial continua a não ser utilizado ao máximo.

Tendo em conta os prós e contras, e face à crise climática em que nos encontramos, será justificável continuar a construir barragens?

Para complementar a reflexão sobre o papel das barragens, a visita à exposição POWERPOINT - por Eduardo - e imersão no inventário gráfico e audiovisual de trinta barragens portuguesas permitiu estabelecer ligações e diferenças entre os casos selecionados. Uma estratégia de representação face à imponente das estruturas na paisagem, que se encontravam representados através de vídeos, fotografias, desenhos e maquetes.

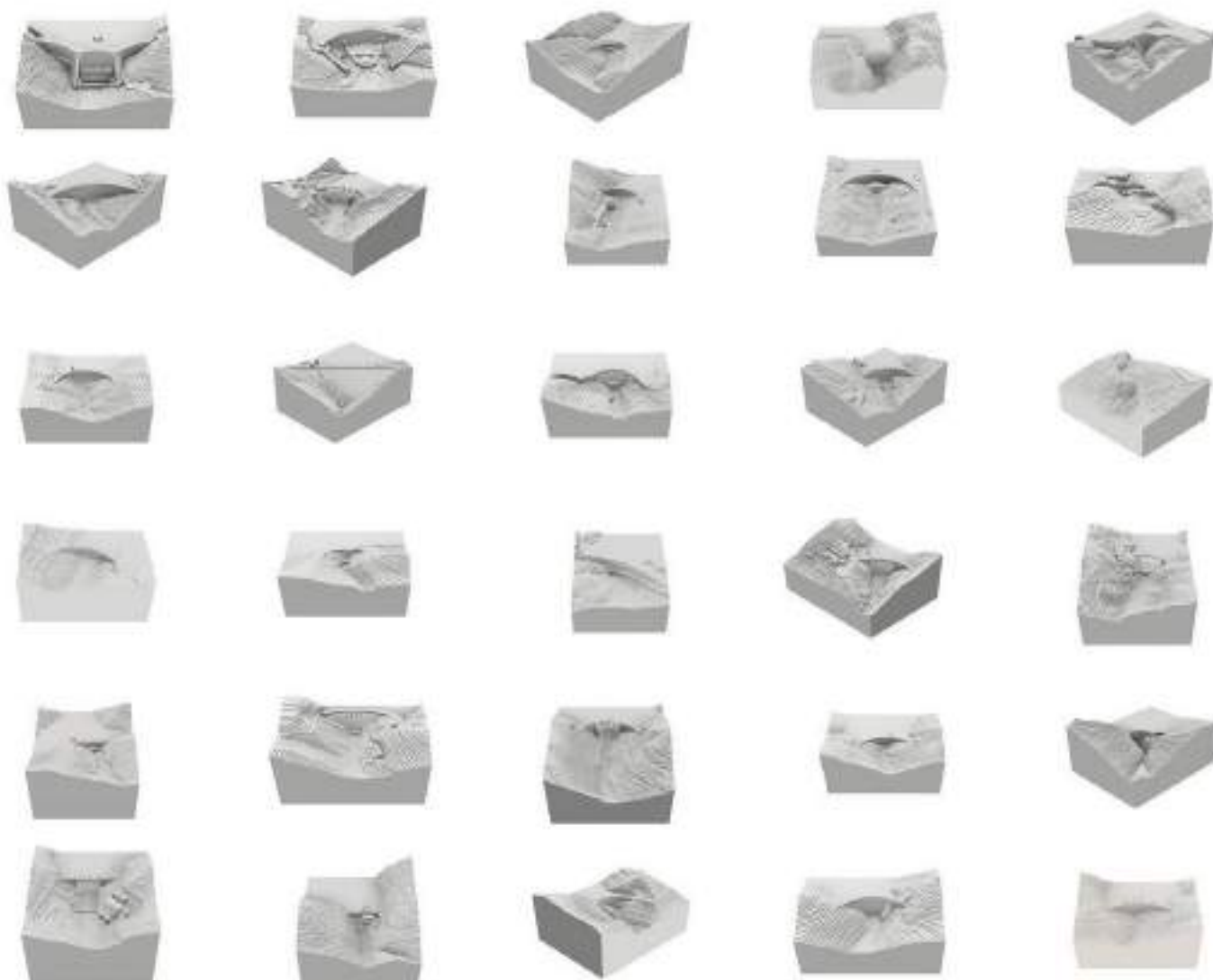
Nem todas as barragens representadas na exposição, apresentavam a função hidroelétrica como a barragem do Cabril e, foi possível perceber que o contexto em que cada uma se encontra é distinto. Apesar das diferenças entre as barragens, estas são claramente um instrumento político de poder - ideia inerente no título da exposição “POWERPOINT” - base do poder, da força, da energia.

A investigação de Eduardo contempla as três barragens constituintes do sistema hidroelétrico do rio Zêzere. No entanto, encontravam representadas apenas uma seleção de vinte barragens. Apesar de ter existido um período no qual houve um maior número de construções de barragens, Eduardo pretende apresentar exemplos que representem diferentes épocas, excluindo por exemplo, a barragem da Bouça. A visita permitiu questionar e discutir temáticas que foram sendo levantadas durante o semestre. O intervalo de tempo entre estes dois momentos, da conversa com Eduardo e a visita à exposição POWERPOINT, revelou a maturação de ideias, uma maior reflexão e inquietação. Os danos causados pela construção das barragens estão feitos e, agora, definem o território onde se encontram. Valerá a pena continuar a construir estas gigantescas infraestruturas?



8. Expressao retirada do Livro “Liquid Power” de Erik Swyngedouw, 2023.

154. Exposição POWERPOINT, MAAT.



155. Maquetes do estudo feito por Eduardo Corales sobre as barragens portuguesas. Eduardo Corales, 2023

Motor possante do território que transforma.



156. Barragem do Cabril, Eduardo Corales.

CABRIL

POWERPOINT
Investigação gráfica e antropológica
da barragem cortaponte
SL/19/30 - 06/01/06

UTILIZAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO
Engraxa	Estação São Bento Cortado São Cortado São São Bento São Cortado São	Engraxa São Bento Cortado São Cortado São Cortado São Cortado São

157. Ficha técnica da barragem do Cabril, Eduardo Corales.



158. Barragem da Bouça, 2024, Filipe Silvestre.

BOUÇA

PROJETO: Inventário gráfico e cartográfico de barragens portuguesas
31/10/22 - 05/02/23



UTILIZAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Abastecimento (Bouça) / Defesa contra cheias / Alagado	Distrito de Leiria Município: Póvoa do Varzim Local: Bouça Bacia hidrográfica: Tejo Linha de Água: Rio Douro	Edição: 2024 Altura acima da fundação: 85 m Data de construção: 1965 Capacidade de armazenamento: 100 m³ Formação: concreto armado Volume de betão: 70 x 1000 m³ Projeto: Arq. António de Almeida Data de inauguração: 1965



159. Ficha técnica da barragem da Bouça, Eduardo Corales.



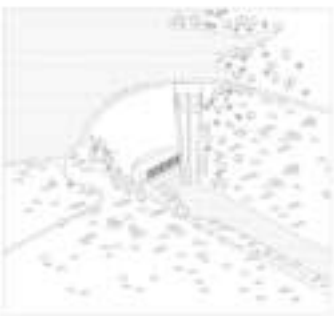
160. Barragem de Castelo de Bode. Eduardo Corales. Fonte: Vimeo

CASTELO de BODE

PROJETO: Inventário gráfico e cartográfico de barragens portuguesas
31/10/22 - 05/02/23



UTILIZAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Abastecimento (Bouça) / Defesa contra cheias / Alagado	Distrito de Leiria Município: Póvoa do Varzim Local: Castelo de Bode Bacia hidrográfica: Tejo Linha de Água: Rio Douro	Edição: 2024 Altura acima da fundação: 104 m Data de construção: 1965 Capacidade de armazenamento: 100 m³ Formação: concreto armado Volume de betão: 40 x 1000 m³ Projeto: Arq. António de Almeida Data de inauguração: 1965



161. Barragem de Castelo de Bode. Eduardo Corales.

Sílvia Benedito é arquiteta e urbanista. Licenciada em Música pelo Conservatório de Coimbra e em Arquitetura pela Universidade de Coimbra. Exerce atualmente o cargo de professora assistente no departamento de Arquitetura Paisagista da Universidade de Harvard, onde fez uma licenciatura em urbanismo e na qual concluiu também a sua tese de doutoramento em 2024, intitulada "Re-materializing the Void: Weather as Space in the Disciplinary Convergence of Architecture and Landscape". Desde 2008, Sílvia Benedito e Alexander Häusler dirigem OFICINA A, um atelier em Nova Iorque que pretende explorar a arquitetura como um olhar multidisciplinar. O trabalho foi reconhecido e inúmeras vezes premiado, tal como a distinção feita ao projeto "Quadrícula emocional: um urbanismo hídrico entre a natureza e arquitetura nas cidades atlânticas portuguesas do século XVI" pelo prémio Fernando Távora.

SÍLVIA BENEDITO: CANARY IN THE MINE



Sílvia Benedito



Julio Paiva



Eduardo Corales



Patrícia Barbas



carolina kunster



iPhone de Matilde



Flávio Ferreira



Beatriz Duarte



Irina Benchechi



Beatriz Ribeiro



Cláudia Costa



Inês



Davi Souza



diogo vitorino

CANARY IN THE MINE

Silvia Benedito

A paisagem não é um cenário estático. É definida pelas relações estabelecidas entre humanos e não-humanos e, é um cenário vivo moldado por agentes ativos. O conceito de paisagem é complexo de descrever, e revela-se evolutivo, um reflexo das mudanças de comportamentos. Desta forma os elementos que a constituem, como é o caso das florestas, também não são permanentes, outrora tratava-se de jardins geridos com diferentes intensidades, e atualmente um espaço sem gestão, repleto de monoculturas. Um exemplo de gestão florestal eficaz são os “baldios”, que constituem uma elevada importância para as comunidades locais.

Silvia Benedito apresentou “Canário na Mina: Incêndios e Comunidades Rurais do Mediterrâneo Interior”, um trabalho realizado por estudantes de arquitetura paisagista de Harvard, cujo território analisado é em Portugal. Este trabalho aproximou-nos de diversas abordagens ao território rural, tendo como temas a água, o fogo, o pastoreio, uso do solo, entre outros. Num território marcado por incêndios, à semelhança do Cabril, foi salientada a necessidade de reavaliar causas, estratégias de gestão e combate a incêndios, considerando o futuro das paisagens rurais e suas vulnerabilidades.

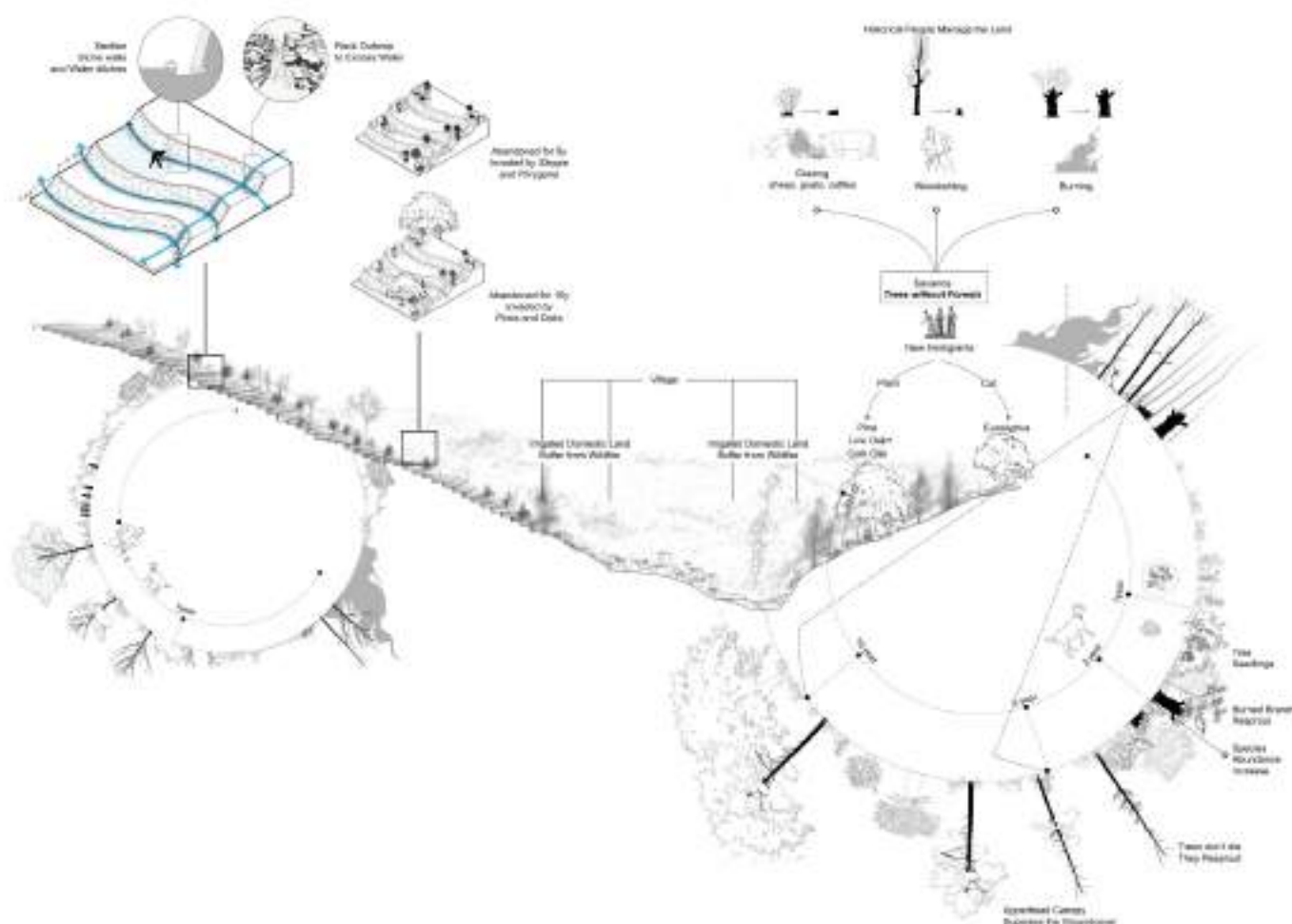
Qual é o futuro das paisagens rurais, e quais são as vulnerabilidades que estas comunidades poderão enfrentar? Como se pode mitigar as vulnerabilidades, e em que escalas? Quais são os riscos da exclusão do fogo como instrumento de gestão da paisagem? Qual será o impacto dos interesses políticos e económicos? O fogo como ferramenta da gestão florestal. Sistemas pré-existent como o de silvicultura, agricultura, agro-silvicultura, turismo, e subsistência de forma integrada, ajudam na resiliência e na contribuição das comunidades locais como estruturas de orientação para esta região. A arquitetura é sobre intervir num local, como tal é importante entender as características biofísicas do mesmo e perceber a melhor forma de intervir no e com o lugar. Neste sentido, abordar e resolver desafios atuais como as mudanças climáticas, justiça social e ambiental, territórios urbanos abandonados, comunidades rurais, é um desafio da arquitetura.

Como é que poderemos deixar para trás os preconceitos que temos vivido face ao uso do fogo e re-imaginar a reabilitação de pequenas zonas urbanas e/ou rurais? O futuro da paisagem exige uma abordagem inovadora que rejeite a supressão total do fogo e que possa reconhecer a sua função integral no ecossistema, apontando para a necessidade de adotar novas práticas de gestão florestal para garantir a nossa coexistência com a natureza.



O que é uma paisagem? 3 Dimensões

O que se vê
Atmosfera
Propriedade



163. Infraestrutura hidrográfica, "Canário na Mina: Incêndios e Comunidades Rurais do Mediterrâneo Interior", Harvard University.

O fogo está dominado por questões tecnocráticas. Como é que poderemos deixar para trás os preconceitos que temos vivido face ao uso do fogo e re-imaginar a reabilitação de pequenas zonas urbanas e/ou rurais?

Jorge Gomes é engenheiro civil, formado pelo Instituto Superior Técnico e doutorado em Ciências de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vencedor do prémio Engenheiro Cruz Azevedo. Em 2006 recebe o Grau de Especialista em Barragens do LNEC. Centra a sua investigação em modelação experimental, modelação física de barragens de betão, modelação numérica de cenários de rotura de barragens, entre outros. Atualmente é investigador principal no Núcleo de «Modelação e Mecânica de rochas (NMMR)» do Departamento de barragens de Betão (DBB) bem como professor convidado no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL).

JORGE GOMES: VISITA AO ARQUIVO LNEC -





VISITA AO ARQUIVO LNEC - LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL

Jorge Gomes

“Considerando a real repercussão das nossas atividades transformadoras no ecossistema”, o atelier Na Margem realizou uma visita, guiada pelo Engenheiro Jorge Gomes, ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil - DBB - Departamento de Barragens de Betão.

O LNEC foi fundado em 1946, num momento crucial em que Portugal dava os primeiros passos no planeamento de construções de barragens para produção de energia hidroelétrica. Sendo uma das oito unidades departamentais do LNEC, o DBB foi criado com o intuito de estudar os comportamentos das grandes barragens de betão, as obras subterrâneas anexas, as propriedades estruturais e suas fundações, bem como as principais forças que atuam sobre as mesmas. É um departamento que tem tido um papel muito ativo no plano de aproveitamento hidroelétrico e que atravessa fronteiras e continentes.

As barragens são um tipo de infraestrutura que altera o território, e é por esse motivo que são precisos tantos testes de minúcia antes de avançar com a construção da mesma. Assim como os Estados Unidos da América, diversos países puderam contar com ajuda do Departamento de Barragens de Betão do LNEC para testar as suas barragens em modelos de escala reduzida que o laboratório desenvolveu. Este contacto, permitiu uma experiência dilatada e uma especialização em diferentes tipos de barragens, face aos diferentes locais de implantação e ainda às diferentes funções que poderiam apresentar.

Tendo em conta todo o reconhecimento global das competências do LNEC em projetos de barragens, como poderia a instituição contribuir para otimizar as barragens portuguesas, de forma a maximizar sua eficiência e funcionalidades?

Durante a visita pudemos observar os vários modelos de escala reduzida, que foram produzidos ao longo de décadas, para efetuar testes estruturais de barragens. Depois de modelados e construídos, os modelos são sujeitos a forças de compressão e tração para melhor compreender o comportamento das estruturas face à força da água, à qualidade e tipo de solos e topografia dos lugares onde serão construídas. Todos estes modelos demoravam meses a ser construídos, bem, como a ser testados através de leituras de dezenas de sensores. Hoje em dia, todos estes sistemas manuais foram substituídos por modelos digitais capazes de simular as mesmas situações, e outras que antes não eram testadas.

Durante a observação dos modelos, Jorge Gomes explicou-nos os diferentes tipos de barragens, barragens em abóbada, barragens em abóbada de dupla curvatura e barragens de aterro. Identificámos que a barragem do Cabril, se trata de ser uma barragem em abóbada de dupla curvatura, o que permite que a espessura de parede seja mais fina e que o volume de betão utilizado seja menor. No entanto, por estas apresentarem um desenho relativamente mais fino e uma menor área de contacto com o terreno, os solos onde assentam têm de ser mais firmes para suportar todas as forças exercidas na barragem.

É necessária, após a construção, uma constante monitorização e manutenção, visto que estas são projetadas para um período de vida útil estimado de meio século. Um período de vida útil que é surpreendente, tendo em conta a brutalidade da construção de uma barragem, os ecossistemas destruídos, as paisagens alteradas e o impacto causado. Apesar da monitorização permitir colmatar desafios constantes a que as estruturas das barragens são postas à prova, há situações de risco inevitáveis como os períodos de seca. As barragens podem ter variações de água nas albufeiras, entre 4 e 6 metros, mas quando o nível baixa destes valores compromete a estrutura, visto que foi concebida para receber uma pressão constante da massa de água. Quando esta pressão não é exercida o muro fica sujeito a risco de colapso em caso de atividade sísmica.

Perante a incerteza que vivemos e a crise climática que atravessamos, apostar num sistema que explora a natureza, é uma má ideia. Se um dia a produção de energia hidroelétrica deixar de existir, as barragens ficarão ao abandono? O futuro não passará por um crescimento no número de barragens construídas. O sistema irá envelhecer e novas medidas terão de ser tomadas.



164. Visita ao LNEC.



165. Foto exposta no LNEC do início da construção da Barragem do Cabril. Fonte: LNEC.

A barragem, em última instância, é um muro que não deixa passar água.

Joaquim Moreno é arquiteto licenciado na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e fez seu mestrado na Escola Técnica de Arquitectura de Barcelona, Espanha. Desenvolveu sua tese de doutoramento em Teoria e História da Arquitectura na Universidade de Princeton, EUA. Atualmente é professor associado e director de curso de mestrado integrado na FAUP e professor convidado na universidade de Columbia, EUA. Além disso, teve envolvido na edição do periódico português InSi(s)tu. Foi curador, em parceria com o filósofo José Gil, na representação portuguesa na Bienal de Arquitectura de Veneza em 2008 e conta com diversas exposições de autoria própria.

JOAQUIM MORENO: PAISAGENS DA INFRA-ESTRUTURA





PAISAGENS DA INFRAESTRUTURA

Joquim Moreno

É necessário quebrar a ideia de que, o que a natureza produz é para ser utilizado, apesar da “exploração dos recursos naturais” ser algo que ouvimos durante décadas. A consciência da finitude dos recursos e das consequências que advêm do seu fim é urgente. Sem justiça ambiental não há justiça social.

Para perceber a gênese do problema, é necessário reavaliar os sistemas sociotécnicos. Produção, distribuição, consumo. Como se produz? Como se distribui? Como se consome? A resposta produz paisagem.

As barragens foram um símbolo da modernidade e continuam a ser uma representação de poder e, à custa de vidas humanas, tornaram-se ferramentas para pôr a natureza a trabalhar. Estas grandes infraestruturas custaram vidas de trabalhadores que ficaram reféns da silicose, como é possível confirmar pelo testemunho do Telmo Ferraz⁹, sendo que a sua tentativa de partilhar esta informação com o mundo foi bloqueada, tendo o seu livro *O lodo e as estrelas* censurado no tempo da ditadura.

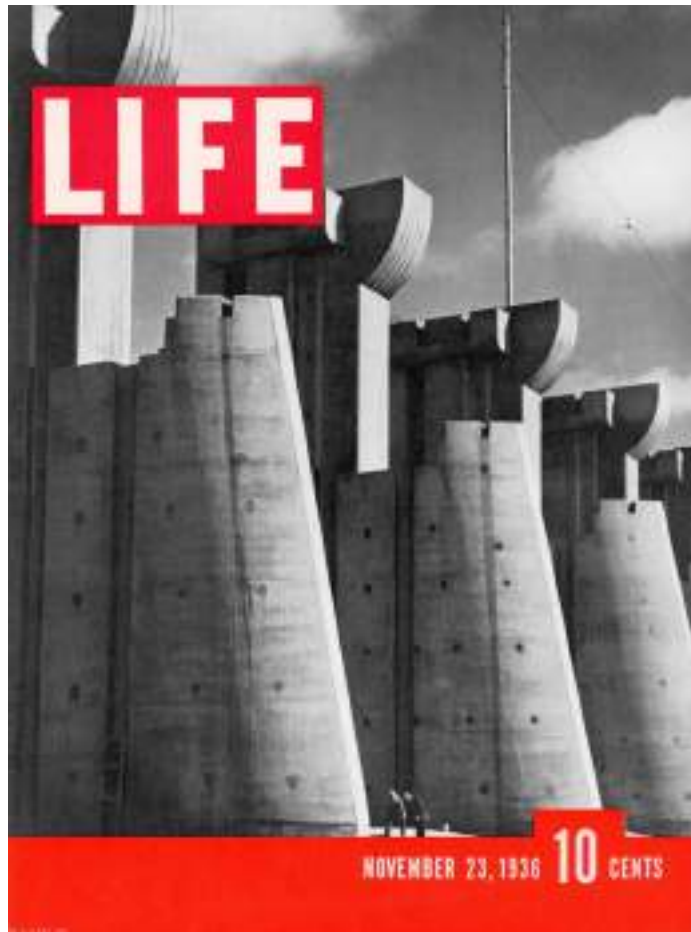
Por outro lado, quando construídas eram ímanes de atração de turistas, para ver o grande feito humano, grandes obras de engenharia e arquitetura que alteraram completamente as paisagens. Já em 1939, a revista americana *LIFE* expunha um número inteiramente dedicado, a esta ideia de futuro, de estilo de vida. As populações locais que mantinham a “Powerhouse” em funcionamento, tornaram-se figurantes. Seriam as barragens casas de energia ou de poder?

Aos dias de hoje, mantem-se massas de água em albufeiras, criadas por estas megaestruturas ao longo do rio deixando diversos habitats submersos e, por vezes até pequenas vilas e bairros que face a esta realidade são deslocados. Animais terrestres abandonam os seus lugares de permanência, espécies marítimas interrompem os seus ciclos e até há extinção de algumas espécies. A necessidade de consumo de energia elétrica e, a manipulação da distribuição de águas para um aproveitamento humano excessivo deste recurso, está limitando e condicionando o curso natural dos rios.

A sociedade de consumo é a grande responsável. Numa era de crédito ecológico, o próximo futuro deve passar por uma mudança na forma de consumo, que diminua a circulação de pessoas e bens e acabe com a produção em massa. Acreditamos que faz sentido agir em conjunto e com pequenas ações, onde cada um faz pequenas e cuidadosas escolhas para um objetivo comum, para o bem-estar comum, percebendo que uma intervenção desta magnitude entorno de uma entidade natural, traz elevadas consequências que se sobrepõem aos benefícios.

Construir uma barragem não vai salvar o mundo. Fará então sentido procurar novas fontes de energia megalómanas? Ou será melhor repensar o nosso estilo de vida? Até que ponto a publicidade por via de revistas e televisão poderia ajudar a mudar e passar a mensagem de um novo estilo de vida?

Não faz sentido tentar mudar o que nos rodeia se não tivermos intenção de nos mudar a nós próprios. Se assim for, num futuro melhor, aquilo que exigiremos ao rio e à água que nele corre, tenderá a aproximar-se da sua origem, onde este fluía naturalmente.



166. Primeira capa da revista americana LIFE. Fonte: Revista LIFE.



167. Turbina de uma barragem. Margaret Bourke-White. Fonte: Revista LIFE.

9. Telmo Ferraz é um Padre que escreve poemas que retratam factos e histórias do quotidiano do povo, no processo de construção da barragem do Cabril, bem como noutras obras da mesma dimensão, e que à data, o levaram a ser censurado.

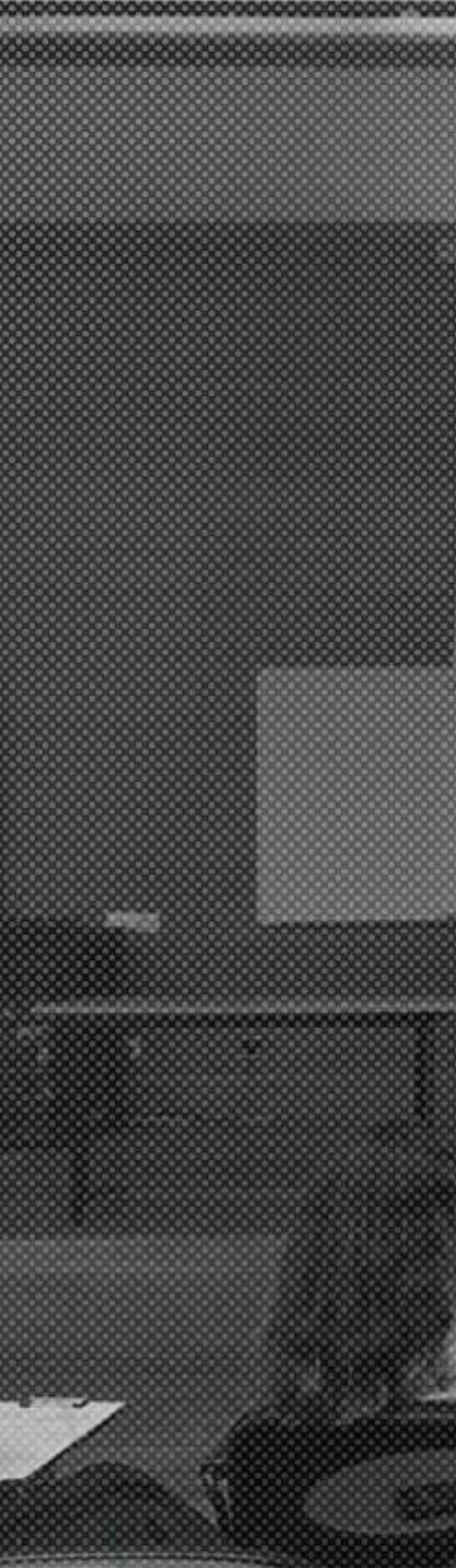
Seriam as barragens, casas de
energia ou de poder?
Como se produz?
Como se distribui?
Como se consome?
A resposta produz paisagem.
Explorar os recursos naturais pode
não ser boa ideia.



168. Dançarinos de Fort Peck. Margaret Bourke-White. Fonte: Revista LIFE.

Tiago Mota Saraiva, arquiteto licenciado no ano de 2000 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, tendo feito um semestre do seu percurso na Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid. Em 2004 fez uma especialização em Arquitectura, território e Memória pela Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Foi membro da delegação portuguesa ao XXII Congresso Mundial da União Internacional dos Arquitectos em Istambul (2005). É professor convidado da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, sócio do ateliermob e dirige a cooperativa Trabalhar com os 99% e a cooperativa de base local Sou Largo.

TIAGO MOTA SARAIVA: PEDRÓGÃO GRANDE:





PEDRÓGÃO GRANDE: O DIREITO À ARQUITETURA PÓS-INCÊNDIO

Tiago Mota Saraiva

A perspectiva de Tiago sobre uma das maiores tragédias ocorridas em Portugal, o incêndio de Pedrógão Grande, em 2017, resulta no livro *Pedrógão Grande: O Direito à Arquitetura pós-incêndio*. Este foi desenvolvido com a cooperação de várias entidades, entre elas a Fundação Calouste Gulbenkian, sobre o processo de reconstrução das habitações devastadas pelo incêndio mais mortífero, até a data, que aconteceu em solo nacional. Nele são apresentados relatos dos processos de projeto e obra de 7 casas, pertencentes a pessoas de variados estratos sociais e nacionalidades, que nos permitem perceber as dimensões reais desta tragédia.

Durante o processo de reabilitação após o incêndio em Pedrógão Grande, o atelier liderado por Tiago Mota Saraiva assumiu uma abordagem notável ao projetar casas que fossem verdadeiramente inclusivas e dignas para qualquer pessoa. Essa abordagem desafiou estigmas e preconceitos contestados por diversas entidades - "Para quem é, bacalhau basta". Ao projetar casas que consideravam a diversidade das necessidades humanas, o atelier abraçou a missão de proporcionar um ambiente que valorizasse a experiência do habitar de cada pessoa. Defendeu promover a igualdade e enfatizou a importância da inclusão social num momento de crise.

A colaboração com diversas entidades no processo de reabilitação pós-catástrofe, que culmina no livro, mostra que a arquitetura pode ser uma força transformadora na construção de um futuro mais resiliente e justo. A consciência de urgência levou à utilização de políticas públicas direcionadas à situação catastrófica e permitiu reduzir o tempo de processo de obra. Num cenário normal, o tempo destinado à aprovação e licenciamentos do projeto rondaria um ano, foram conseguidos paralelamente, enquanto cada projeto estava a ser efetivamente desenvolvido. O atelier, valorizando o contacto e partilha de ideias com os moradores, teve um cuidado no desenho de cada casa e na escolha dos materiais, que permitia a participação dos proprietários na construção das próprias casa, com pequenos empreiteiros locais.

É preciso olhar de perto e perceber as dinâmicas das pessoas e do lugar. Ao contrário de uma ideia subjacente à polémica gerada em torno de fundos para a recuperação de casas, as "segundas habitações" retêm um papel fundamental a nível económico e social neste tipo de territórios. Os habitantes sazonais destas habitações são na maioria emigrantes, que gozam ali das suas férias e dinamizam a economia local. Se deixassem de existir, iríamos assistir a um fenómeno desagregador, a um isolamento das populações ainda maior e, uma diminuição do investimento na economia local. Consequentemente, a desertificação no interior do país, a dificuldade de fixar pessoas nesses territórios é causada em grande medida por questões de mobilidade e à falta de oferta diversificada de postos de trabalho. Devido ao desinvestimento crónico na rede ferroviária, ao longo de décadas, estes territórios ficam isolados, e o automóvel torna-se um meio de transporte necessário para quem quer permanecer, o

que se torna num enorme entrave quando falamos de populações envelhecidas.

Será necessário e urgente transformações no ordenamento do território e, no modo de vida da população, que atraia novas pessoas e contribua para potencializar as ligações entre povoações facilitando e incentivando a se fixarem, mesmo que trabalhando noutro local ou município.

Mas como poderá isso acontecer?

Uma conversa inspiradora, que nos mostrou que a arquitetura vai além da simples construção de edifícios e que, neste caso, não contribuiu apenas para a reconstrução das casas destruídas, mas também serviu como um exemplo de como a arquitetura pode ser uma força na mudança social e na restauração das vidas das pessoas afetadas por catástrofes, como o incêndio. Ao criar espaços habitáveis que oferecem segurança, conforto e beleza, a arquitetura tem um papel essencial na recuperação emocional das pessoas afetadas "O projeto pode servir como reabilitação da própria pessoa".

Esta intervenção do atelier, não se resumiu apenas a colmatar falhas, mas a encontrar o que fazia feliz cada uma das pessoas antes da tragédia e a procurar devolver essa felicidade. Trabalhou a importância de projetar e construir não apenas casas, mas também comunidades que se baseiam na justiça e na empatia, independentemente do contexto desafiador em que se encontram. Demonstrou compromisso, equidade e justiça social na reconstrução das vidas das pessoas afetadas.



169. Incêndio em Pedrógão Grande, 2017, Lucília Monteiro.
Fonte: Revista Visão.



170. Capa do livro "Pedrogão Grande: O direito à arquitetura pós-incêndio". Fonte: Livraria A+A.



171. Casa reabilitada em Pedrogão Grande, 2021, Fernando Guerra. Fonte: Jornal Público.



Se eu sei, da informação que existe, que o futuro será mais quente e seco, então, posso concluir que o problema dos fogos se vai agravar.

Guida Marques é arquitecta formada no ano de 2011 pela Universidade de Coimbra com o tema de tese “Por uma Arquitetura dos Sentidos: uma experiência na arquitetura multi-sensorial contemporânea”, no mesmo ano da sua formação integrou também no mesmo ano o CITAC (círculo de iniciação teatral da Academia de Coimbra) e colaborou no ateliermob até 2015. É também artista formada em Belas-Artes pela Universidade de Lisboa. Atualmente apresenta-se como arquiteta de província, neo-rural, artista mixed media, política e ativista, cujo trabalho reflete um processo de cura – cura da memória e do futuro. Guida participou na representação portuguesa na Bienal de Veneza, Fertile Futures - Médio Tejo.

GUIDA MARQUES: REPARAR





REPARAR

Guida Marques

Os desafios ambientais, são temas cada vez mais presentes nos dias de hoje e, Guida Marques traz-nos sobre a forma de um manifesto, a sua perspetiva sobre o papel ativo que o arquiteto e a sociedade devem ter perante as políticas públicas.

O que é a arquitectura? Qual é o papel do arquiteto? Será o arquiteto um bom planeador? O arquiteto deve apenas desenhar casas?

“Parar, voltar a parar, para a reparação ser possível. É preciso reparar o Zêzere. É preciso reparar a água. É preciso reparar o mundo.”

Na margem da albufeira da barragem do Cabril, o grupo respondeu a um exercício de intuição, com o objetivo de captar a inquietação de cada membro de forma aberta e livre, sobre quais seriam os seus manifestos, apenas reparando em seu redor e trazendo à tona o que seriam as motivações pessoais. Esta atividade, não teve apenas um efeito de sensibilização e expressão individual, mas também suscitou diversos temas que foram discutidos de seguida.

Numa conversa mais informal, Guida Marques procurou explorar temas ligados ao impacto da indústria mineira no Médio Tejo e especialmente na contaminação do rio Zêzere e do que abastece Lisboa e grande parte do país. É necessário repensar as políticas relativas ao extrativismo.

Os metais pesados presentes na água serão prejudiciais à saúde? E, se quem a bebe tivesse consciência disso?

A contaminação do rio Zêzere constitui um problema de saúde pública, do qual se desconhecem as consequências do consumo da água contaminada a longo prazo. Os consumidores revelam-se “ignorantes” na sua grande maioria, face à qualidade da água que consomem diariamente. É necessário questionarmo-nos e fomentarmos a discussão pública, de forma a tornar a situação visível aos olhos de todos, e assim percorrer um caminho em busca de uma solução.

E de que forma poderíamos solucionar este problema? Certamente teremos de olhar para a origem do problema. E se a margem do rio atuasse como um filtro? E se as plantas ajudassem a purificar o rio?

É importante limpar o rio. Purificar o rio. Reparar o rio. As margens do rio Zêzere são terrenos rochosos, sem permeabilidade e capacidade de filtragem. As margens estão adormecidas, sendo que podem adquirir um papel fulcral no tratamento da água. Se no leito do rio existissem margens ricas em flora, os metais que poluem o rio, seriam absorvidos e retidos por esta camada protetora. A extração de metais pesados da água, é bastante difícil, não existindo mecanismos para o resolver. Para isso será necessário parar a extração de minérios em zonas de proximidade com lençóis freáticos, rios e outros cursos de água e contar com a ajuda de vegetação para reparar a água do rio e a sua biodiversidade.

No local onde nos encontrávamos, em Pedrógão Pequeno, uma das problemáticas que todos identificámos

de imediato foi a plantação de monocultura de eucaliptos - relacionada com a indústria do papel. Os efeitos deste tipo de plantação resultam num habitat empobrecido, a nível de fauna e de flora, podendo ainda ser potenciador do empobrecimento do solo, da temperatura e, por isso, um catalisador em caso de incêndios.

A falta de diversidade de espécies é evidente a quem escuta, porque produz silêncio. A natureza não é silenciosa, a não ser que esteja morta.

Uma das estratégias apontadas por Guida para reparar o habitat, é a utilização dos terrenos baldios. Estes terrenos, que outrora eram utilizados pelas comunidades para pastoreio, extração de madeira e até produção de energia como práticas ancestrais. Terrenos que eram de todos e de ninguém, que com o evoluir dos anos foram deixados ao abandono pela desertificação do interior, das populações envelhecidas e que agora começam a ser reabilitados por diferentes associações. Projetos que visam reutilizar estes terrenos e reaproveitá-los como locais de plantação de várias espécies autóctones, de forma a fortalecer a diversidade de culturas, e assim proporcionar a possibilidade de reparar o ecossistema.

A arquitetura para além das estruturas físicas, pode ser construída por manifestos e coragem para reparar. A abordagem de Guida Marques ressoa como um apelo para repensar não apenas a prática arquitetónica, mas também os valores subjacentes à construção. O desafio está em ir além do convencional e, adotar uma arquitetura que não responda apenas às necessidades físicas, mas também sociais e ecológicas da atualidade.



172. Momento de reparar a paisagem.



173. Conversa com a Guida Marques na margem da albufeira do Cabril

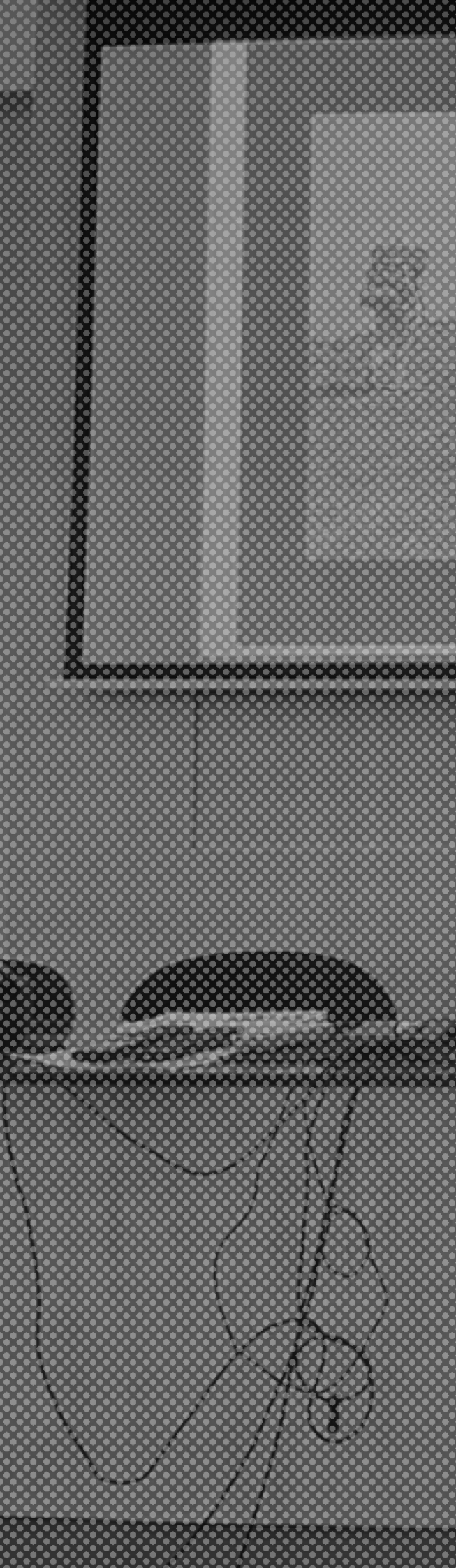


174. Parte do cartaz do manifesto.

Parar, voltar a parar, para a reparação ser possível.
É preciso reparar o Zêzere.
É preciso reparar a água.
É preciso reparar o mundo.

Lucinda Correia é arquitecta e investigadora. Actualmente desenvolve relações produtivas entre educação, investigação crítica e edição, para além da prática de projecto. Foi co-fundadora da Artéria – Humanizing Architecture (2011-2019) e co-fundadora da cooperativa cultural e atelier de arquitectura “Efabula”, explora na sua tese de doutoramento, intitulada “A (In)certeza da Norma. Arquitectura, Direito e Políticas em diálogo”, a importância da contra arquitectura na desconstrução de preconceitos.

LUCINDA CORREIA: LIVRO VERDE: CONTRA-





LIVRO VERDE: CONTRA-ARQUITETURA RE-CONSTRUIR A REALIDADE

Lucinda Correia

O conceito de arquitetura como uma extensão da cultura, presente no 1º artigo da Lei Francesa de 3 de janeiro de 1977, reconhece-a, não apenas como manifestação de design e estética mas também, como expressão profunda da identidade e dos valores de uma sociedade.

No seu livro *Contra-Arquitetura: Re-Construir a Realidade*, resultado de um projeto de investigação que decorreu entre 2020 e 2022, Lucinda Correia destaca a relevância da contra-arquitetura no contexto atual de emergência climática. O livro envolve quatro ações performativas, quatro conferências e quatro conversas, explorando quatro conceitos opostos: Realidade | Fantasia; Controlo | Transgressão; Exibição | Ocultação e Lógica | Absurdo. Estes temas tornam-se fundamentais e urgentes na discussão sobre o impacto ambiental da arquitetura na sociedade. Este conceito da contra-arquitetura, surge na sequência do movimento “contra-cultura” da década de 60 do século XX, aqui adaptado às novas realidades. Este movimento procurava romper padrões estabelecidos, questionar autoridades e promover valores de liberdade, igualdade e justiça. Da mesma forma, a contra-arquitetura propõe uma abordagem disruptiva e inovadora, desafiando normas e convenções, em busca da criação de espaços cujo impacto é mais importante do que propriamente a sua forma. Para que estes ideais sejam aplicados, a participação ativa da comunidade nos processos decisórios torna-se crucial, permitindo que as perspetivas locais e as necessidades específicas sejam integradas no desenho arquitetónico. A complexidade da arquitetura e o seu impacto no quotidiano são temas que serão sempre atuais.

A autora aborda o processo que levou à criação do Livro Verde, destacando a importância da participação pública e do papel do arquiteto como conhecedor de várias áreas. E coloca ainda, em destaque, a necessidade de os arquitetos estarem cientes das características específicas de um local e das necessidades das comunidades que ali vivem. Neste contexto, a afirmação “A arquitetura é uma extensão da cultura” ganha uma nova dimensão.

É preciso ter em atenção a urgência de uma mudança na concepção e práticas arquitetónicas, afastando uma visão capitalista que explora em demasia o meio ambiente em busca de lucro e promove um desenvolvimento desequilibrado, onde o ambiente é sacrificado em prol da produção energética. Também não podemos deixar de lado as questões relativas à ameaça do espaço virtual sobre o espaço social. A contra-arquitetura emerge como uma resposta desafiadora que instiga os arquitectos a questionarem não apenas a forma, mas também a função e o propósito de suas ações.

“Se não estamos a qualificar, então o que é que estamos a fazer?” - Lucinda Correia, 2021

A dependência excessiva da tecnologia, dos incentivos financeiros, da falta de taxaço e deficitária legislação ambiental, são questionadas como tentativas insuficientes de resolver os problemas ambientais criados pela sociedade. Por isso, é importante a ética na prática

arquitetónica e responder à necessidade de qualificação e transformação para ser possível construir um futuro mais sustentável e inclusivo para todos. Caso contrário, “Estamos a falhar-nos, a todas as outras espécies, ao planeta. Continuamos a convocar o poder da tecnologia, dos incentivos financeiros, da eco-taxação, da legislação ambiental, e pensamos que construímos finalmente esse luminoso exterior que nos salvará dos nossos excrementos.” - kaksks,2020

É necessário que a arquitectura recupere uma voz ativa, não apenas em assuntos relacionados com a construção, mas também no que diz respeito à resolução de temas ligados ao meio ambiente e ao espaço que habitamos. Isto exige que os arquitetos desempenhem um papel fundamental nas esferas económica, política e social. Na economia, que contribuam para o desenvolvimento, criando uma distribuição mais equilibrada dos recursos financeiros destinados à produção do espaço. Na política, que influenciem decisões sobre o uso do solo e das edificações, tendo como prioridade práticas sustentáveis. E, socialmente procurem criar espaços inclusivos e culturalmente relevantes, melhorando a qualidade de vida das comunidades.



175. Glastonbury Tor, 1976, Martin Parr. Fonte: <https://britishphotography.org>.

A arquitetura é uma extensão da cultura.

Se não estamos a qualificar então o que é que estamos a fazer?

O que torna os maus poetas ainda piores é o facto de apenas lerem poetas (tal como os maus filósofos só lêem filósofos), quando, por exemplo, tirariam um maior proveito se lessem um livro de botânica ou geologia. Enriqueceremos quanto mais frequentarmos disciplinas afastadas da nossa.



176. Capa do livro. Fonte: Livraria A+A.

Miguel Santos é artista e investigador do Laboratório de Investigação em Artes e Design na ESAD.CR. A sua prática desafia as fronteiras convencionais entre o conceito de arte e ciência, refletindo sobre a coexistência das espécies humanas e não humanas. Em 2011, obteve o doutoramento em Belas Artes pela Sheffield Hallam University com a tese "Poetics of the interface. Creating works of out that engage in self-reflection". Num mundo onde reina o Antropocentrismo, Miguel emerge como um provocador intelectual, desafiando noções dogmáticas que procuram novas formas de entender a arte, a natureza e o nosso papel no ecossistema.

MIGUEL SANTOS: NO CAMINHO DO PLURIVERSO





NO CAMINHO DO PLURIVERSO

Miguel Santos

Em tom de provocação, Miguel apelida-nos de indígenas. Contrariando ideias pré-concebidas, quebra o estereótipo de indígena enquanto membro de uma tribo que resiste à colonização e que vive em simbiose com o meio natural, lembrando-nos das diversas conotações que a palavra tem. Na sua ótica, ser indígena é “alguém com proximidade ao local que o corpo habita”. Ao mesmo tempo, traz-nos uma ideia de desconstrução dos valores antropocêntricos que moldaram a nossa sociedade, destacando a necessidade urgente de uma descentralização.

O espaço que ocupamos é partilhado por animais, plantas, aglomerados de células e bactérias que vivem em simbiose. Esta ideologia é a base do Pluriverso, que se define na inter-relação entre os vários elementos do mundo, para garantir a envolvimento e a liberdade de todos os elementos dos ecossistemas. Enquanto humanos somos apenas uma fração da natureza, um aglomerado de células e bactérias que devem habitar em simbiose com o resto dos seres. No entanto não o fazemos, somos o retrato de uma sociedade antropocêntrica.

Como exemplo da possível relação de simbiose entre os vários organismos, Miguel apresenta-nos o projeto “River Wear” (2015), onde dialoga e fotografa ao longo de um ano o percurso do rio Wear, no Nordeste inglês com o propósito de melhor o compreender. O projeto parte de uma inquietação face à temática da criação de arte para não humanos.

Quais são as consequências que resultam da criação de arte para um público Não Humano?

Para tentar responder a perguntas como esta, Miguel realiza pequenas intervenções utilizando elementos naturais. Uma das suas experiências passa por aglomerar um conjunto de ramos no meio do curso do rio que com a corrente do mesmo, vão bloqueando a passagem de lixo e de espuma. Desta forma o rio estabelece uma comunicação, tornando visível a poluição presente no curso de água. Essa abordagem revela uma tentativa significativa de estabelecer uma linguagem autêntica e comunicativa com o meio ambiente.

O projeto levanta questões cruciais, não só sobre as implicações da criação artística para um público Não Humano, mas também explora maneiras inovadoras de interagir com o ambiente natural.

A segunda parte deste projeto, focada em Brancepeth Beck, evidencia intervenções artísticas feitas na terra, novamente procurando estabelecer um diálogo com o meio ambiente. Através do simples gesto de criar fissuras em ramos, é-lhe possível observar o crescimento de micro-organismos. Estes seres apropriaram-se de algo que não existia, e que foi criado por um humano.

A reflexão sobre como nos descentralizamos da ideia pré-concebida de antropocentrismo, numa sociedade construída “do Homem para o Homem”, é fundamental em todo o trabalho do artista. É necessário promover uma reflexão sobre o significado do desenvolvimento, desafiando a que a sociedade tenha uma necessidade

iminente de um desenvolvimento ético e sustentável que priorize o ambiente e, só depois, a sociedade.

Ao impulsionar este pensamento, não apenas como arquitetos, mas como seres intrinsecamente ligados com a natureza, somos convidados a repensar o nosso papel no ecossistema. Miguel Santos destaca-se assim, não apenas como um artista, mas como um catalisador para transformações mais profundas na nossa mentalidade, vislumbrando um futuro onde a diversidade e a harmonia entre os elementos da natureza são priorizadas. Afinal, somos todos intrínsecos ao Pluriverso, que merece ser preservado e respeitado, “porque somos todos matéria”.



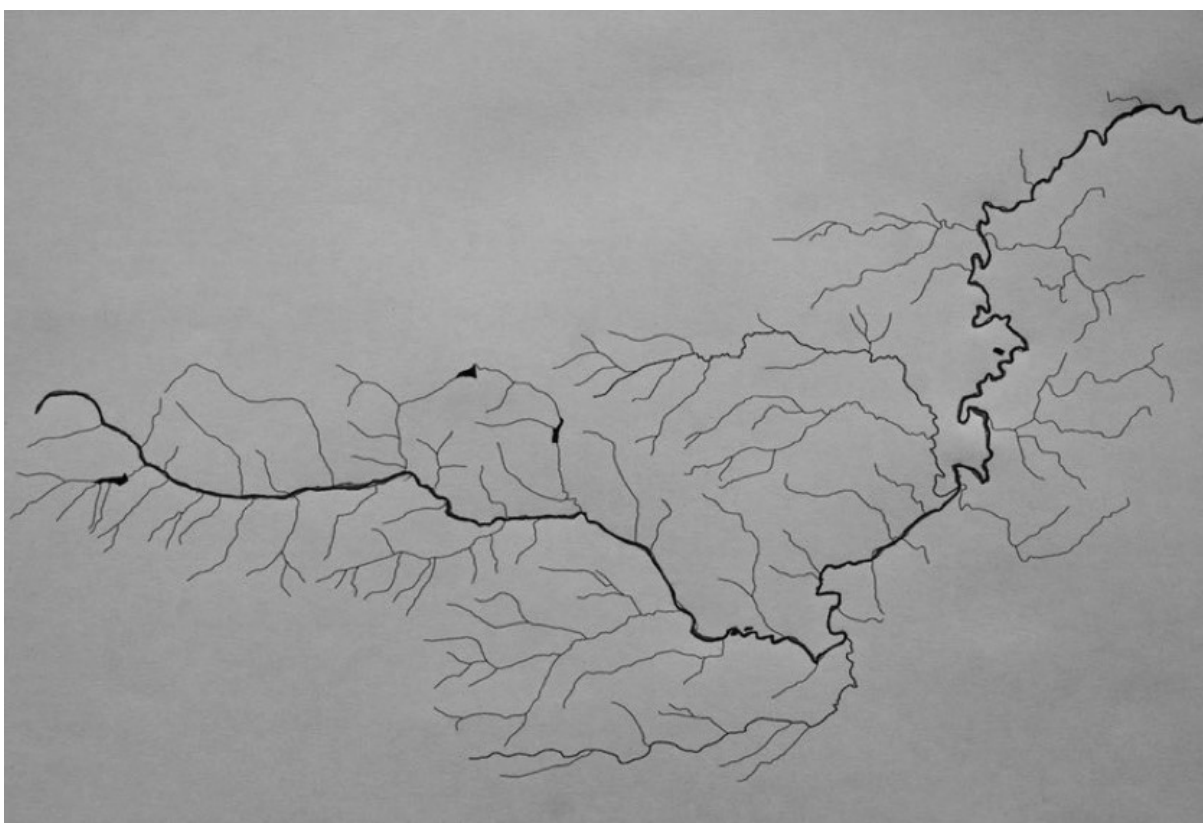
177. Reação da natureza às poluições humanas, 2016, Miguel Santos. Fonte: <https://www.miguel santos.org>.



178. Multiespécies a habitar o mesmo espaço, 2016, Miguel Santos. Fonte: <https://www.miguelsantos.org>.



uellsantos.org.



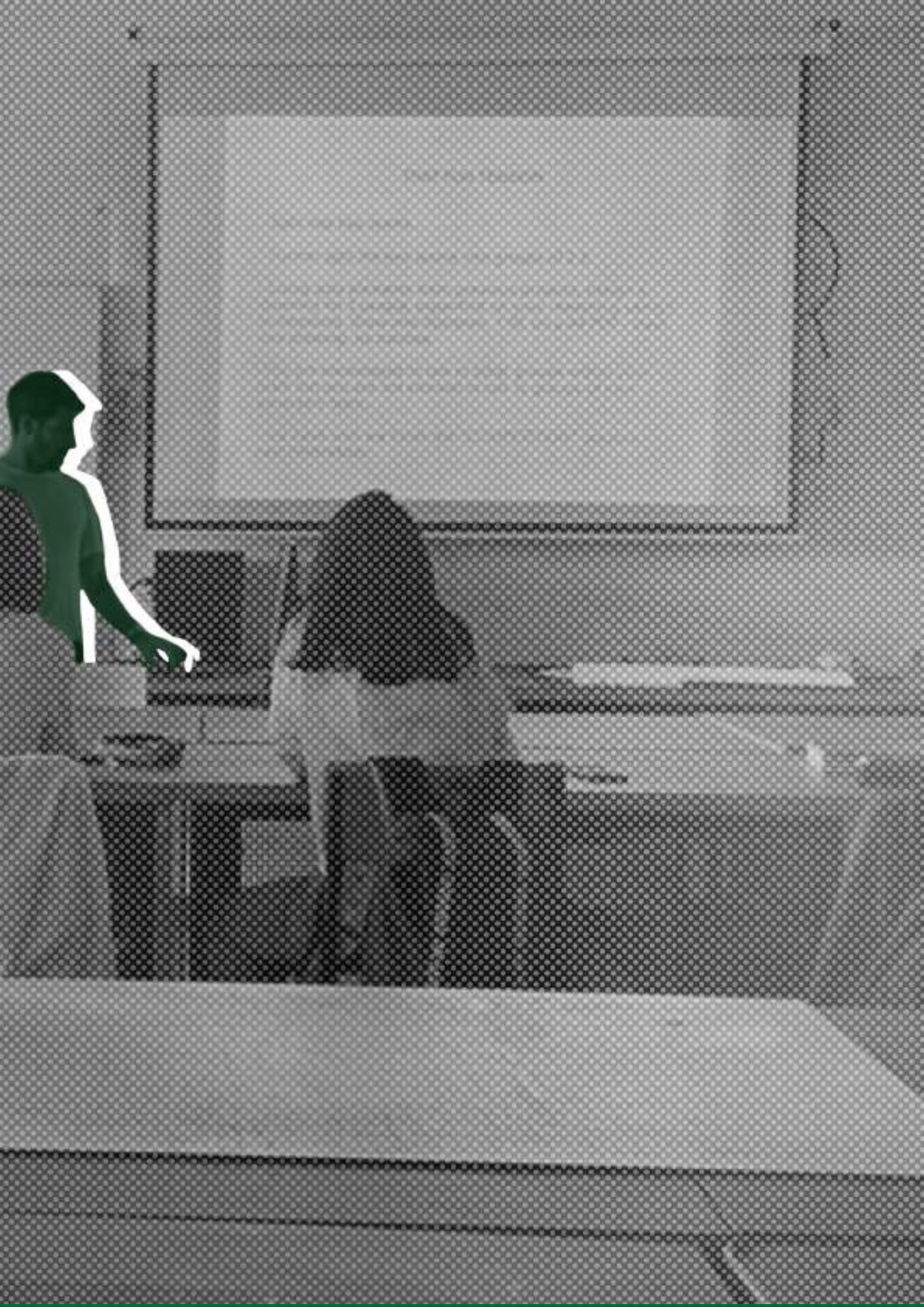
179. Percorso principal do rio que foi objeto de estudo, 2016, Miguel Santos. Fonte: <https://www.miguelsantos.org>.

Porque somos todos matéria.

Francisco Moura Veiga é arquitecto, formado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Co-fundador do atelier A Forschung, é editor e co-fundador da Cartha Magazine e tradutor do programa para a Rádio Antecâmara "When Socrates was an Architect". Neste momento é assistente do Studio VOLUPTAS, na ETH em Zurique e desenvolve a sua tese de doutoramento na mesma instituição.

FRANCISCO MOURA VEIGA: BUILDING IDENTITY





BUILDING IDENTITY

Francisco Moura veiga

O workshop liderado por Francisco Moura Veiga, foi marcado pelo seu incentivo à crítica, pelo seu pragmatismo, praticidade e a capacidade de fazer “zoom in/zoom out” que é necessário para um processo de autocrítica do projeto. Ao longo do exercício, revelam-se ferramentas de pensamento e metodologias de trabalho que se esperam tornar intrínsecas a como fazer no futuro.

“Quem somos?” Numa curta viagem leva-nos a estimular o pensamento acerca do habitar, desfazendo ideais pré-concebidas da cultura ou sociedade em que vivemos, desconstruindo os termos “tipologia” e “habitar”.

Num exercício que se dividiu em segmentos, inicialmente é dada uma tarefa que tem de ser realizada num espaço de minutos, com o objetivo de perceber qual a leitura individual dos alunos, face à habitação e as suas diferentes problemáticas.

De seguida, uma interação entre todos, que em conjunto têm que responder às questões inerentes à habitação, identificando os problemas que acham ser os mais relevantes nos dias de hoje. Várias temáticas foram abordadas durante esta conversa, quer num contexto de desenho de projeto e da matéria-prima aplicadas, à forma da tipologia ou a sua flexibilidade, a sustentabilidade na construção e os métodos passivos de aquecimento e arrefecimento. Também se discutiram o contexto socioeconómico, da habitação como alvo de especulação, da importância da economia circular e das práticas coletivas como a arquitetura expansiva. Neste sentido, depois de se perceber as temáticas que eram mais pertinentes, o desafio foi reunir potenciais consensos e proceder-se à definição de critérios para o desenvolvimento de uma ideia de arquitetura.

Foram formados dois grupos de maneira estratégica, um grupo experimental, ao qual é ensinado o método de resolução “Playful Reframing”¹ e o grupo de controlo que é livre de resolver o exercício usando qualquer método que prefira. Os grupos, partiram para a parte prática, onde puderam testar diversas soluções e produzir uma planta de uma tipologia que respondesse aos critérios anteriormente identificados.

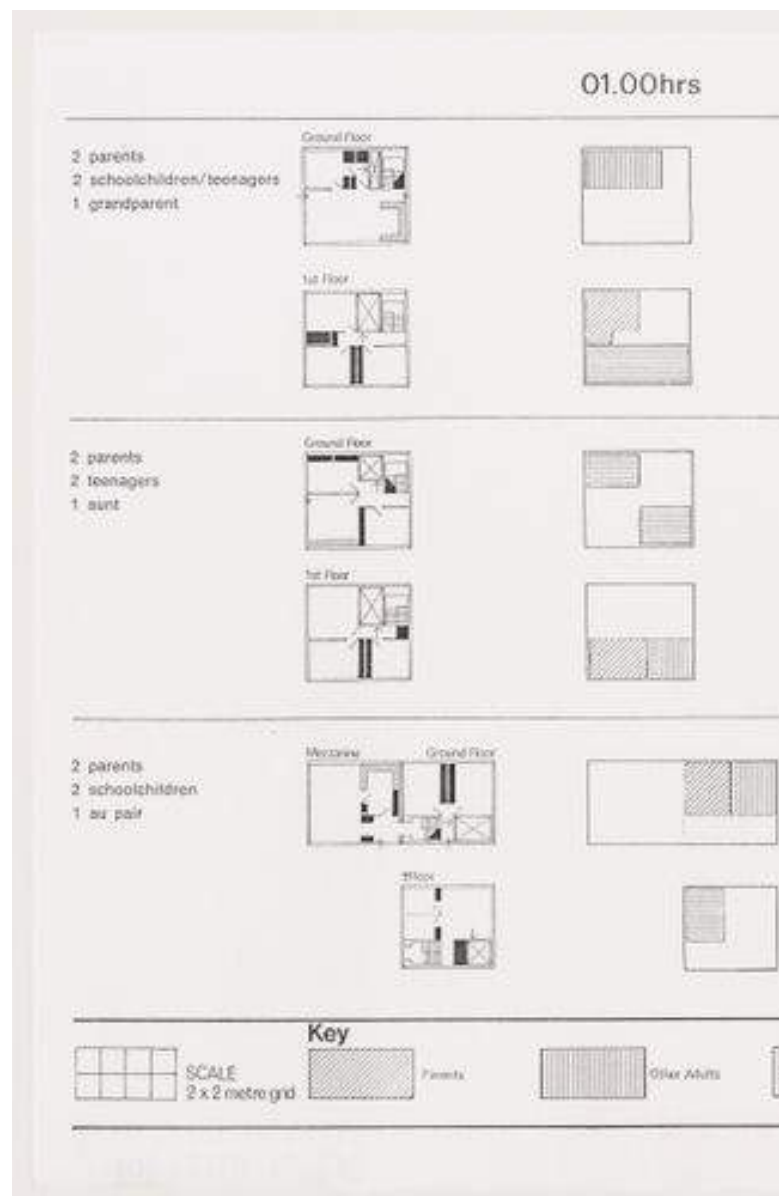
Esta divisão em dois grupos foi montada de maneira a criar uma competitividade colaborativa. Neste ambiente os competidores têm oportunidade de colaborar numa discussão prévia dos critérios e serem os próprios a discutir e ponderar qual é o melhor resultado, algo que Francisco Moura Veiga acredita resultar numa tensão divertida e positiva.

Um dos objetivos do workshop, é a fomentação do pensamento crítico relativo ao papel do Design na resposta às problemáticas atuais. Esta ferramenta nos dias de hoje, deve criar respostas aos desafios da sociedade e não ser usada como a procura de uma forma icónica. É uma abordagem em forma de desígnio, um ato de expressar uma intenção ou uma vontade na sua raiz. Todo o projeto tem a sua origem em interações. Um dos papéis essenciais

do arquiteto é compreender essa intenção, situá-la no contexto no qual se insere, enriquecê-la e dar-lhe forma, que, por sua vez, acaba por ser uma síntese da sociedade, da cultura e do local em questão. Em essência, o projeto representa a síntese da análise realizada naquele momento e a proposta para oferecer a melhor resposta possível, de acordo com a visão do arquiteto e as condições.

Num momento final de reflexão, discutiu-se de forma imparcial as decisões arquitetónicas em causa, para perceber qual dos grupos respondeu às problemáticas da melhor forma. A necessidade de desprendimento e humildade neste momento foi e é essencial para o crescer de um espírito verdadeiramente crítico, libertar o ego e sentimento de autoria do projeto e ganhar distância e imparcialidade nas discussões.

No final, voltamos ao início e refizemos o exercício inicial com as novas experiências e métodos aprendidos durante o workshop, no entanto, nesta segunda vez os resultados não se mantiveram.



1. “Playful Reframing” é um método que consiste numa proximidade produtiva e um distanciamento crítico, é uma ferramenta para desconstruir preconceitos e normas que formatam a nossa forma de perceber e de produzir arquitetura

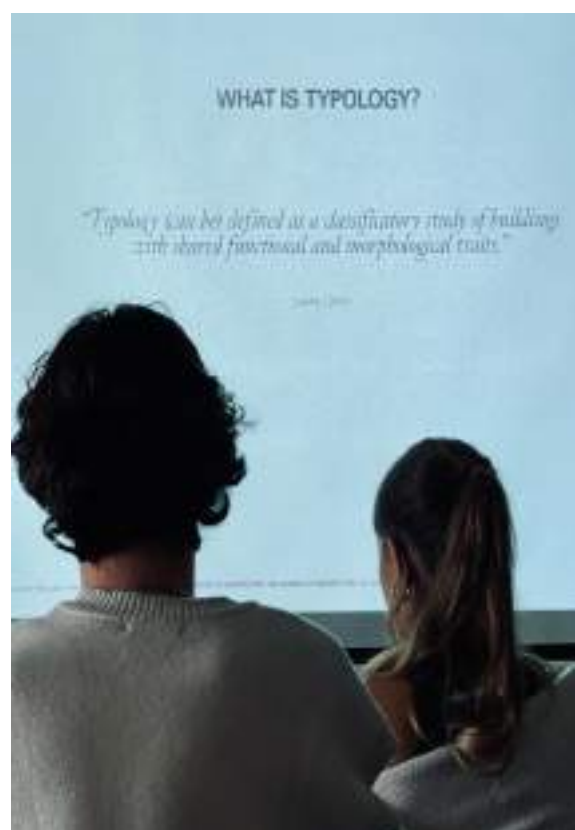
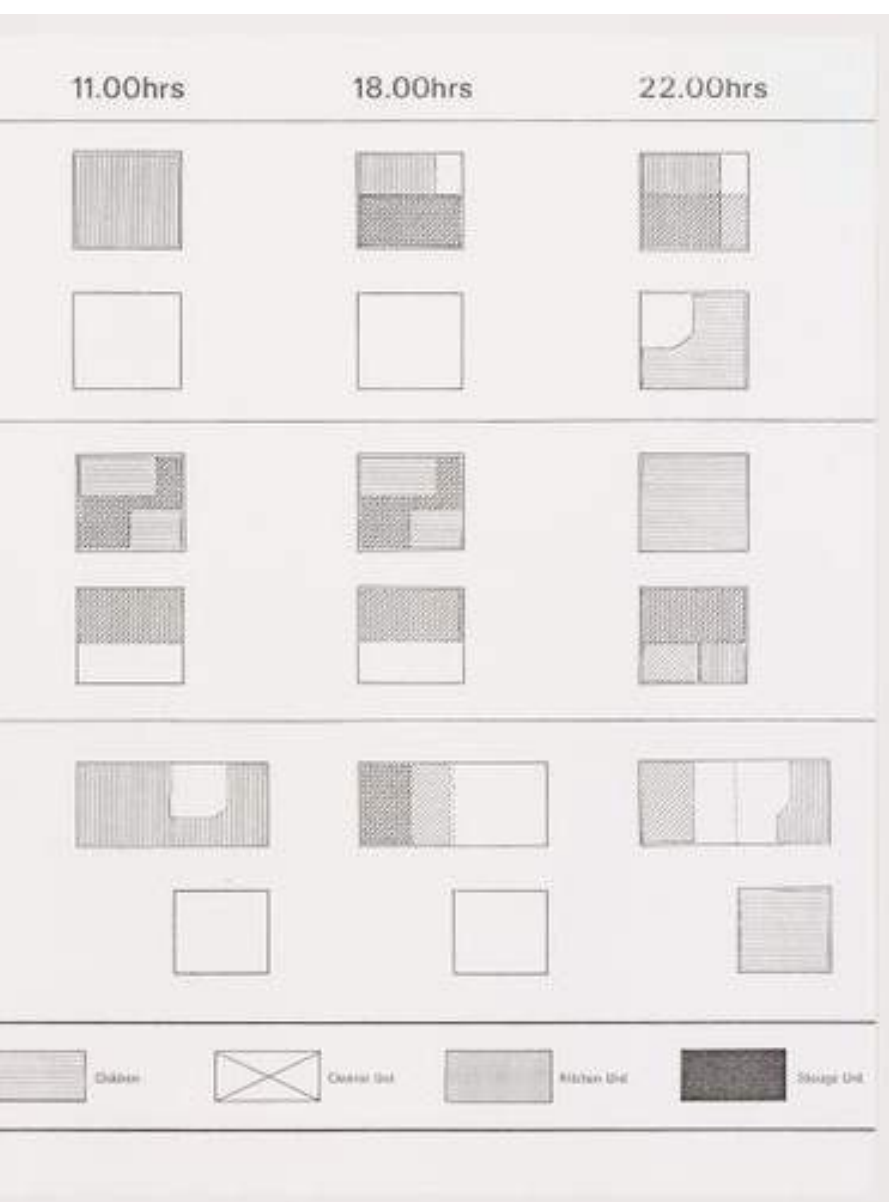
Quem somos?

O que é a tipologia?

O que significa habitar?

O que queremos para nós, para a sociedade e para o mundo em que vivemos?

De que forma o vamos conseguir?



Inês Vieira Rodrigues é arquiteta, formada pela em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP, 2012) com a dissertação “Rabo de Peixe - sociedade e forma urbana”, publicada em Caleidoscópio Editor, 2016. Iniciou a sua carreira nos M-Arquitectos (Ponta Delgada, 2013-2014), seguindo-se a Feld architecture (Paris, 2015), em Portugal, fez parte da equipa da Summary (Porto, 2017-2020). Atualmente é investigadora e doutoranda do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, venceu a 18.ª edição do Prémio Fernando Távora, com a proposta “Viagem às arquiteturas energéticas insulares”.

INÊS VIEIRA RODRIGUES: VIAGENS ÀS AR-





VIAGENS ÀS ARQUITETURAS ENERGÉTICAS INSULARES

Inês Vieira Rodrigues

O que é energia? Que tipos de energia existem nas Ilhas? E qual o impacto destas infraestruturas na paisagem?

Inês Vieira Rodrigues partilha com o atelier, o processo da sua investigação sobre a produção de energia elétrica na Islândia e nos Açores. As questões levantadas vão sendo esclarecidas pela partilha do processo de investigação e das viagens aos centros de produção elétrica nestas ilhas. Na Islândia, as energias geotérmicas e hídricas representam a totalidade de produção de energia elétrica, não sendo explorados nenhuns combustíveis fósseis. Ainda assim, existe uma prospeção para investir na produção eólica futuramente.

Sobre a realidade insular de Portugal, traduzida pelo relato da visita de Inês Rodrigues aos Açores, percebemos que existem 50 centrais de produção de energia geotérmica de diferentes dimensões, das quais os recursos energéticos variam de ilha para ilha dentro do arquipélago.

“O mar constitui-se um obstáculo à difusão da energia, entre ilhas.” As ilhas são ecossistemas energéticos e demonstram a importância da autonomia de energia no contexto insular, devido à sua isolamento e imposição física do mar que bloqueia uma corrente de energia contínua. A crise do petróleo dos anos 70 na Islândia despoletou o aumento da exploração de produção de energia, tornando-se das primeiras ilhas energeticamente independentes.

Na energia geotérmica, o processo é equiparado a uma panela de pressão, através de um recipiente de estanque sob o calor. À medida que as águas da chuva vão enchendo o reservatório, a água é aquecida pela energia da terra e a pressão aumenta. Por outro lado, a energia hídrica, obtém-se através da potência das massas de água que fluem intensamente devido à queda de grande escala, como acontece nas barragens.

A energia é uma grandeza física abstrata que se relaciona com a capacidade de produção de ação e/ou movimento, que pode ser expressa de diversas formas. Das mais antigas formas de arquiteturas energética como é o caso dos moinhos de vento, de água, para produção de energia mecânica ou de velas, para impulsionar os veleiros. O ser humano tem vindo a intervir sobre energias ao longo dos tempos, e a realidade atual é que a infraestrutura energética tem vindo a ganhar uma escala enorme e transformadora do território.

Onde se encontra o arquiteto na paisagem energética? Qual o seu papel? Inês Rodrigues demonstra que quando a arquitetura é convocada para a percepção e integração em obras com esta origem, a mesma ganha uma dimensão mais consciente no que toca ao local, às condicionantes e potencialidades. O arquiteto tem a sensibilidade de olhar para o planeamento da paisagem energética e conferir-lhe uma preocupação com o espaço envolvente. Qual é a relação da infraestrutura com a paisagem? Como integrar estas construções num território e conferir-lhe o impacto e escala adequado? Neste sentido, a arquitetura pode ter um papel mediador na paisagem.



182. Central Geotérmica Hellisheidi, Islândia, 2022, Inês Rodrigues.
Fonte: Revista Público.

O que é energia?

Que tipos de energia existem nas Ilhas?

E qual o impacto destas infraestruturas na paisagem?



183. Central Geotérmica da Ribeira Grande, São Miguel, Açores, 2022, Inês Rodrigues. Fonte: Ordem dos Arquitetos.

Proposta Conjunta
12 Intervenções
Glossário

Descrição



1.Recuperar a identidade: Preservar as qualidades do local.

2.Reaproveitar: Intervir sobre infraestruturas obsoletas, elementos criadores de paisagem possibilitando um novo uso.

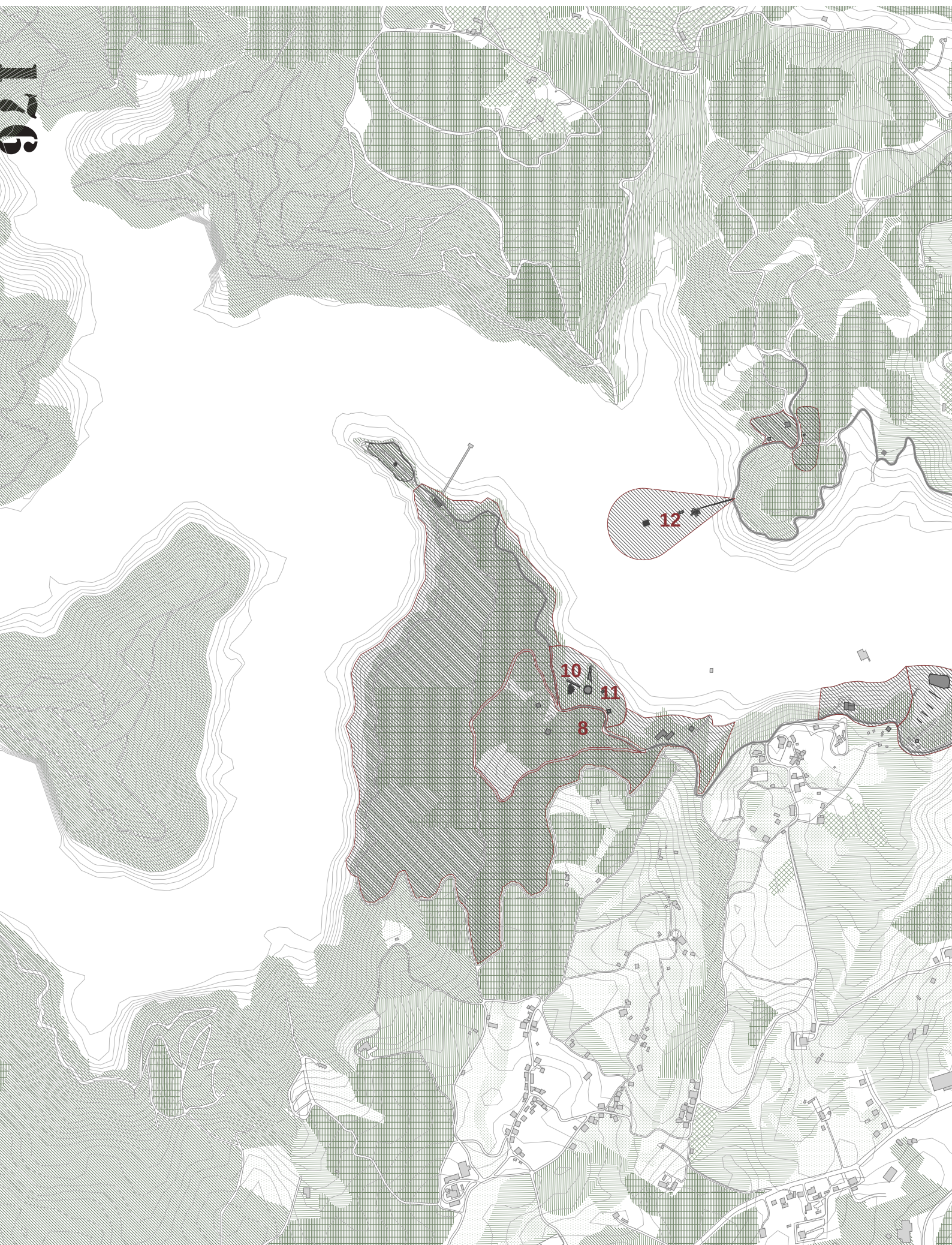
3.Cultivar a política intermunicipal: Utilizar a infraestrutura como ponto de ligação físico e político. A barragem do Cabril e a EN2, como via partilhada e elemento agregador das duas margens.

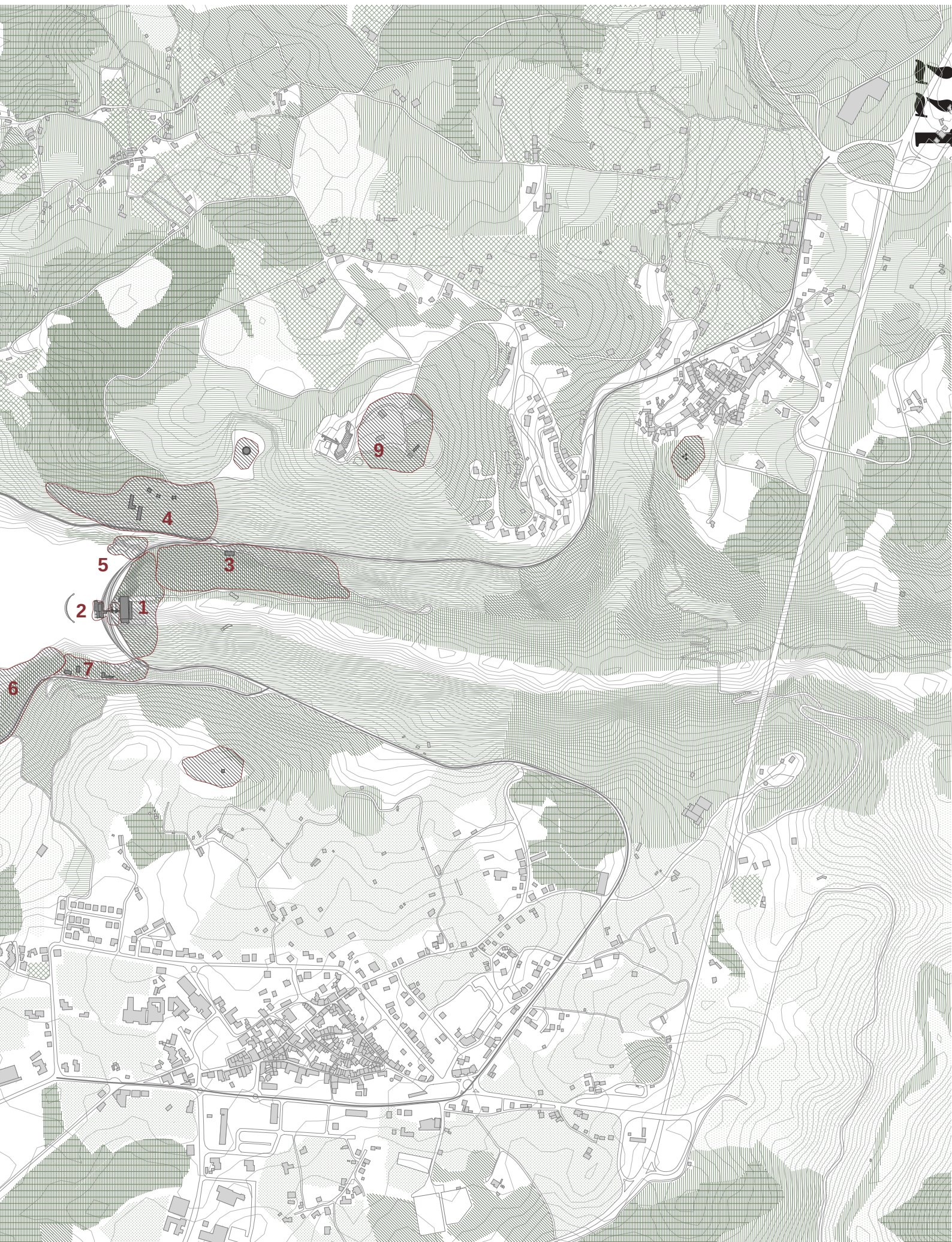
4.Reparar: Reflorestar o território com uso de espécies autóctones que promovam a diversidade, que regenerem as margens e que purifiquem a água do Zêzere.

5.Re-imaginar um futuro pós-Antropoceno: Um cenário multi-espécies, onde todas as necessidades das mesmas são respeitadas. Fim ao “monopensamento”. Futuro comum.

6.Arquitetura para além de casas: Arquitetura como método de planeamento e estratégia. Uma forma de contaminar comportamentos, pensamentos e ações.

7.Gesto Justo!





1

É urgente preservar as tradições que tornam as comunidades rurais únicas, de forma a perpetuar a sua identidade cultural e histórica.

Projetando e recuperando espaços onde atividades como as bandas filarmônicas, os grupos de teatro e os ranchos se possam desenvolver, o arquiteto pode ter um impacto significativo na conservação do legado cultural e histórico destas terras.

2

A preservação do espaço público comum é um recurso fundamental para a coesão social e a vivência comunitária.

O mercado, também de i
flete a identid
de práticas c

4

O campo é um lugar de e para todos.

(Co)Habitar o campo deve partir da relação entre o “eu” com o “outro”, o coletivo, e daí com um espaço “rural” vivo, dinâmico e de realidades plurais.

6

A água é um bem comum.

Tirar partido deste bem por via de desportos náuticos pode ser a opção mais sustentável, pois o mesmo não coloca em causa a integridade dos ecossistemas locais, ao mesmo tempo que promove atividades recreativas e o desenvolvimento económico nas regiões envolventes.

10

9

A floresta deve representar vida e não uma indústria.

Criar condições para permitir vida, biodiversa, sem monoculturas, que não levem ao confronto da erradicação de vida. O fogo sempre existiu e vai continuar a existir, deve-se portanto aprender a domina-lo e usá-lo de modo a que as florestas permaneçam como espaços vitais de equilíbrio.

(RE)PARAR!

Reparar na paisagem é saber ver com atenção, ver o que foi negligenciado, e reconhecer a urgência de uma intervenção. Mas reparar na paisagem não basta. Precisamos de saber a parar, e de reparar a paisagem, de restaurar o equilíbrio ecológico perdido. A reparação não é apenas física; é simbólica e necessária para resgatar o relacionamento entre o homem e a natureza. Onde o ser humano não vê a natureza apenas como algo a explorar, mas como algo a proteger e preservar.

enquanto espaço de troca não só de bens, mas de ideias e saberes, preserva tradições locais, rede de território e contribui para a manutenção culturais enraizadas na história coletiva.

3

O reúso é uma estratégia fulcral para a regeneração das áreas rurais.

A adaptação de estruturas pré-existentes permite revitalizar essências, reforçar tradições e criar novas oportunidades que assegurem um futuro promissor para a população e biodiversidade local.

5

Mobilidade para todos.

É necessário repensar o atravessamento da barragem pela EN2, e aproximar Pedrogão Grande e Pedrogão Pequeno.

8

Espécies resinosas não são floresta.

É urgente gerir a floresta e devolver à Natureza os seus agentes ativos.

7

Repensar habitats e relações multiespécies.

Num território transformado pela infraestrutura hidráulica, a água pode ser um espaço de biodiversidade.

11

Os sentidos são a ligação imutável entre o homem e natureza.

São a ferramenta mais pura que atua no nosso ser. Temos de sentir a efervescência do fogo que consome. Temos de ouvir os medos e desabafos da floresta a morrer. Acordar da inércia e sentir a preciosidade da inexistência de tempo.

GLOSSÁRIO

A

Açude _Obstáculo de terra ou madeira colocado perpendicularmente a um curso de água, destinado a represar as águas.

“Construção erguida no leito da ribeira com o objetivo de represar e elevar o nível da água. Até atingir 8 metros, onde a água galga, considera-se açude, para além disso fica sem efeito.”. (Costa dos Santos, José (2002), Moinhos da Ribeira de Pera)

Acupuntura _A arte de pequenas intervenções cirúrgicas no território.

Agricultura _O cultivo do solo, por meio de procedimentos, métodos e técnicas próprias. Com o propósito de produzir alimentos para o consumo humano, ou para serem usados como matérias-primas na indústria.

Água _O recurso natural mais abundante no planeta, que mantém o equilíbrio nos ecossistemas, no entanto, nem todo poder ser aproveitado pelo Homem.

Albufeira _Plano de Água formado numa bacia criada por uma Barragem, delimitado pelo Nível de Pleno Armazenamento (NPA).

Alterações Climáticas _Variações dos padrões meteorológicos de longo prazo na Terra, como a temperatura, os níveis do mar e a precipitação.

Ambientalismo _Um movimento que procura a proteção e preservação do meio ambiente, baseado na preocupação com questões relacionadas à degradação ambiental, esgotamento dos recursos naturais, poluição, perda de biodiversidade e mudanças climáticas. Engloba uma variedade de abordagens e atividades, desde a advocacia por políticas ambientais mais rigorosas, até à promoção de práticas sustentáveis no quotidiano.

Analogia _Relação de semelhança entre conceitos. Uma comparação inusitada entre dois objetos diferentes. Usa-se para explicar algo desconhecido ou complexo, por meio de comparação com algo mais familiar ou compreendido.

Antropoceno _É a Era marcada pelo impacto do Homem na Terra.

“The Anthropocene is the name given to a geological period

in which human-made stuff has created a layer in Earth’s crust: all kinds of plastics, concretes and nucleotides, for example, have formed a discrete and obvious stratum.” (Morton, Timothy (2016), Aesthetics, Ethics and Objects in the Anthropocene)

“Con el concepto de futuros multiespecies, este volumen tiene el objetivo de avanzar la comprensión sobre las maneras en que un conjunto de procedimientos archivo, escucha situada, transmisión, nomadismo, hacer con desde el arte, la especulación y el activismo pueden estimular comprensiones de las relaciones entre los humanos y el planeta, más allá del antropocentrismo.” / “La irrupción de lo no humano en las prácticas artísticas desafía la fantasía antropocéntrica que coloca al ser humano sobre las demás especies para poner de manifiesto una relacionalidad multivinculante con el mundo.”. (Castro, Azucena (2022), Futuros Multiespecies)

APA _Agência Portuguesa do Ambiente. A entidade responsável e reguladora, pela implementação das políticas de ambiente em Portugal.

APRH _Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos. A Associação científica e técnica, sem fins lucrativos, que pretende fomentar o tratamento interdisciplinar dos problemas da água, no país.

Aquicultura _Trata do estudo e criação (ou cultivo) controlado de espécies aquáticas tais como peixes, moluscos, crustáceos, etc.

Arquitectura _“(…) uma extensão da cultura, não apenas como manifestação de design e estética, mas também como expressão profunda da identidade e dos valores de uma sociedade (…).” (Correia, Lucinda (2021), Contra-Arquitetura)

Artifício _Um tipo de habilidade, astúcia, construção humana ou recurso técnico, usado normalmente para atingir um objetivo. Um feito pelo ser humano, um artefacto ou obra de arte, uma construção. Um meio ou recurso técnico para alcançar um propósito específico.

Ativista _Alguém que se envolve ativamente em ações destinadas a promover, defender ou lutar por uma causa específica. Este tipo de envolvimento pode assumir diversas formas, incluindo organização de atividades com o propósito de alcançar mudanças sociais, políticas ou ambientais.

Autóctone _Ver Espécie Espontânea. Uma espécie que pertença naturalmente a um território.

B

Baldios_Terras comuns, não cultivadas ou não utilizadas, mas associadas a zonas rurais. Em Portugal os baldios têm uma história significativa e são geridos por comunidades locais. Os moradores, por vezes, têm direitos coletivos sobre essas terras, e as decisões sobre o uso das mesmas são tomadas de maneira conjunta na comunidade.

“Terrenos destinados a servir de logradouro comum dos vizinhos de uma povoação ou de um grupo de povoações.” / “São baldios os terrenos possuídos e geridos por comunidades locais, definidas como o conjunto dos compartes. São compartes os moradores de uma ou mais freguesias ou parte delas que, segundo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio. Não sendo propriedade privada das juntas de freguesias, nem pertencendo ao domínio público do Estado, os terrenos baldios fazem parte do sector comunitário, ou seja, a sua proprietária é a própria comunidade.”. (Khotari, Ashish (2019), Pluriverse)

Barragem_Uma estrutura construída para reter e controlar o fluxo de água. São projetadas para represar a água para diversos propósitos, como gerar energia (Centrais Hidroelétricas), abastecimento de água e controlo de cheias.

Casa do poder das Nações. (Swyngedouw, Erik (2015), Liquid-Power)

Bem-estar_Hoje em dia está associado a uma ideia de conforto pessoal.

“(…) positive psychology stresses that we should all stop comparing ourselves to each other and focus on feeling more grateful and empathetic instead.” (Davies, William (2015), The Happiness Industry). “(…) an affective part that has its evaluation based on emotions and feelings, a cognitive part that relies on memories, stored information and barometers based on expectations upon life quality and a contextual part, that relates to the context proper to all individuals (…).” (Petermans, Ann (2016), Happiness in Place and Space)

Bioclimático_Uma abordagem que considera as condições climáticas e as características biológicas para otimizar o conforto ambiental em espaços construídos. Um encontro da arquitetura sustentável com soluções construtivas mais ecológicas e eficientes.

Biodiversidade_Variedade de organismos vivos encontrados num determinado ambiente, incluindo

diversidade de espécies, diversidade genética dentro das populações de espécies e diversidade de ecossistemas. Uma ampla variedade de formas de vida existentes na Terra.

Biofilia(biophilia)_A ideia inata de que os seres humanos têm de sentir uma ligação, uma afinidade e uma atração pela natureza e pelos elementos naturais. Existe uma tendência inata para a procura de conexões com outras formas de vida nos ambientes naturais.

Biosfera_A região da Terra onde existe vida. Inclui todos os organismos vivos, desde as mais simples bactérias até às complexas plantas e animais. É a zona que compreende a parte da Terra onde os seres vivos podem ser encontrados, incluindo a superfície terrestre, os oceanos, as áreas subterrâneas e a atmosfera.

Biótico / Abiótico - Biótico (Fauna + Flora + Micro-organismos) – Seres vivos, como as bactérias, protozoários, fungos, plantas e animais / Abiótico – seres “não” vivos, fatores como a radiação solar, a água, os gases, o vento. (Castro, Azucena (2022), Futuros Multiespecies)

C

Campo_Terreno não povoado.

“The countryside is where the radical changes are (...)”, “I don’t think there should be more planning in the countryside, or that it will be the next big place for architects to intervene. The attraction to megastructures in the industrialized interior is precisely because they have nothing to do with architects. They are ultra-utilitarian warehouses, divorced from architectural ambition.”. (Koolhaas, Rem (2017), Countryside – A Report)

Casa_O lugar emocional, de segurança, conforto e bem-estar, independentemente de ser uma estrutura física específica.

Capitalismo_Política de Sistema Económico baseado na propriedade privada dos meios de produção e exploração, com fins lucrativos.

Capitalismo Verde_Proveniente de uma política enganadora, associada ao conceito de sustentabilidade, que resulta numa manipulação que apoie a “natureza barata” (exploração de recursos).

“Como se ha señalado desde las humanidades ambientales y los estudios culturales³¹, el concepto de sustentabilidad es muchas veces apropiado por discursos de desarrollo (“desarrollo sustentable”, “capitalismo

verde”, “ecomodernidad”, “greenwashing”) para apoiar políticas que produzem ajustes mínimos com el objetivo de que el sistema que dio origen a la crisis ecológica del Capitaloceno continúe desarrollándose en lo que Jason Moore denomina una “ecología-mundo”³² basada en la constante exploración de “naturalezas baratas” para alimentar las economías de Occidente.”. (Castro, Azucena (2022), Futuros Multiespecies)

Capitaloceno_Ver Antropoceno + Capitalismo.

Catástrofe - Um acontecimento referente a uma manifestação de um ou mais riscos que podem tornar-se desastrosos e que envolvem destruição, uma calamidade. Também pode identificar-se uma situação de má qualidade, que causa uma impressão negativa, pode acabar mal ou estar mal feita.

CCDR_Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional. A Entidade pública portuguesa que tem como objetivo principal promover o desenvolvimento regional e a coesão territorial.

Chã_Uma extensa área plana de terra, como uma planície ou um planalto.

Chthulucene _“Name for the dynamic ongoing sym-chthonic forces and powers of which people are a part, within which ongoingness is at stake. Maybe, but only maybe, and only with intense commitment and collaborative work and play with other terrans, flourishing for rich multispecies assemblages that include people will be possible. I am calling all this the Chthulucene—past, present, and to come.”. (Halaway, Donna (2016), Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene)

Clima_Um padrão a longo prazo das condições do tempo em regiões específicas, influenciado por diversos elementos e fatores climáticos que atuam na atmosfera. Um conjunto de aspetos e variáveis climáticos que atuam numa determinada localidade ao longo do tempo.

Climate Breakdown_O colapso das condições climáticas globais, devido ao aquecimento global proveniente de ações humanas, como queima de combustíveis fósseis, queimadas e emissões de gases de efeito estufa. Não implica apenas um aumento da temperatura global, como uma série de consequências adversas como eventos climáticos extremos mais frequentes e intensos: elevação do nível do mar, acidificação dos oceanos, perda de biodiversidade e alterações nos padrões de precipitação.

Colonização_Estabelecer um controlo e posse de um território. Envolve geralmente migração de espécies e pode estabelecer-se uma ocupação invasiva numa determinada região, com o objetivo de expansão.

Comum_Algo que seja compartilhado por uma comunidade. Uma área que possa estar disponível para uso e acesso de todos e para todos, tal como poderá ser relativo a todos, em oposição ao que possa ser privado.

Comunidade_Um composto de expectativas, interações ou comportamentos com propósito, que os humanos realizam entre si. É uma condição que individualiza a organização e a separa dos outros com o motivo de agrupar as pessoas que possam compartilhar os mesmos desejos, motivações, ou até mesmo um lugar, em que apenas quando juntas, faz sentido.

Constrangimentos_Todos os projetos estão sujeitos a um conjunto de constrangimentos externos que têm de ser observados cuidadosamente. Dizem-nos o que “não pode ser ou acontecer” (como impossibilidades, ou condicionantes), e saber identificar limitações. Cada constrangimento é uma oportunidade.

Construção_Ação de construir. Dar forma a algo.

Consumismo_“If consumption and materialism remain both cause and effect of individualistic unhappy cultures, the vicious circle is a profitable one for those involved in marketing.”. (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

COP28_28ª Edição Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2023 ou Conferência da CQNUMC (Convenção Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima).

COS_Carta de Ocupação dos Solos.

Cultura_Um conjunto de conhecimentos, comportamentos, costumes, expressões, que caracterizam uma sociedade ou comunidade específica. É uma dinâmica que está em constante evolução, que pode também ser influenciada por interações culturais, migrações e eventos históricos. Cada comunidade é única na sua cultura e a diversidade cultural é uma característica fundamental da experiência humana.

D
Decrescimento_Uma redução deliberada e sustentada do consumo e da produção de bens e serviços.

Desenvolvimento Sustentável_Satisfação das necessidades do presente, sem comprometer as necessidades das gerações futuras.

Desperdício - Uma utilização inadequada ou uma perda de recursos, devido a ações ou processos ineficientes, descuido ou falta de consideração. Implica uma utilização desnecessária de recursos que poderiam ter um melhor aproveitamento.

Dopamina - Um componente químico do cérebro, que funciona como um sistema de recompensa neurológica. "(...) a dopamina é libertada dos nossos cérebros quando existe uma recompensa por uma boa decisão, tal como nos, os animais também são governados por prazeres e por dor, repetindo as ações que lhes trazem recompensas e evitando aquelas que lhes trazem dor". (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

Diversidade - A presença de diferenças variadas, em termos de características ou qualquer outra forma de distinção. A valorização da multiplicidade de perspetivas, experiências e identidades presentes numa determinada comunidade, sociedade ou ambiente.

E
Eco-Ativismo - Grupos e organizações que se dedicam a enfrentar problemas ambientais como a mudança climática, a poluição, a destruição de habitats naturais, a perda de biodiversidade e outros desafios que afetam a saúde e o equilíbrio dos ecossistemas e a qualidade de vida das pessoas.

Ecocídio - Destruição em massa da Natureza. Uma destruição extensa e deliberada do meio ambiente natural, incluindo ecossistemas, fauna, flora e recursos naturais. Um dano ambiental significativo provocado por atividades humanas que resultam em impactos irreversíveis ou de longo prazo para o equilíbrio ecológico do planeta.

Ecologia - O ramo que estuda as interações entre os organismos e o ambiente. As relações dos seres vivos com os habitats físicos. Uma compreensão sobre a conservação da biodiversidade, na gestão de recursos naturais e na abordagem de questões ambientais e globais, como a mudança climática e a perda de habitats.

Economia Circular - "Visa dissociar o crescimento económico dos impactos ambientais - com objetivos como: reduzir o uso de matéria-prima para reverter o modelo extractivista do sistema económico atual; impulsionar práticas de reutilização, evitando descartar padrões para matérias e materiais que ainda tenham valor de uso para diferentes partes da sociedade; aumentar a reciclabilidade dos bens através da implementação de um acordo de mercado eficaz para materiais secundários.". (Khotari, Ashish (2019), Pluriverse)

Economia de meios - Permite otimizar a utilização dos recursos disponíveis a partir da produção de conhecimentos objetivos, precisos e oportunos.

Ecossistema - Um sistema complexo composto por uma comunidade de organismos vivos (como plantas, animais, microorganismos) que interagem entre si no ambiente físico onde vivem (como solo, água, ar). Uma unidade funcional composta por elementos bióticos e a bióticos.

Emergência Climática - A crescente consciência de que as mudanças climáticas representam uma ameaça existencial à humanidade e ao planeta. Uma ação que se torna imediata e decisiva, necessária para mitigar as mudanças climáticas.

Ensaio - "(...) o ensaio pessoal propriamente dito – o aparelho formal de introspeção honesta e de compromisso sustentado com as ideias, tal como descrito por Montaigne e desenvolvido por Emerson, Woolf e Baldwin – está em eclipse. (...) A este propósito acho oportuno mencionar mais duas lições que aprendi com Henry Finder. Uma foi que, qualquer ensaio, mesmo um texto de reflexão, conta uma história. A outra foi que Só há duas maneiras de organizar as matérias: "Isto é como aquilo" e "Isto resulta daquilo". Talvez estes preceitos pareçam óbvios, mas qualquer pessoa que corrija trabalhos liceais ou universitários sabe que não são. Para mim, em particular, não é evidente que um texto de reflexão deva seguir as regras do drama. E, no entanto, não é verdade que uma boa discussão começa por formular um problema difícil? E que a seguir propõe uma saída para o problema através de uma solução audaciosa, e levanta obstáculos sob a forma de objeções e contra-argumentos para, no fim, por via de uma série de inflexões, nos levar a uma conclusão imprevista, mas satisfatória? (...) Se o leitor aceitar a premissa de Henry, de que uma peça de prosa bem conseguida consiste em material organizado sob a forma de uma história, e se comungar da minha convicção de que as nossas identidades consistem nas histórias que contamos sobre nós próprios, faz sentido que obtenhamos uma forte dose de substância pessoal no trabalho de escrever e no prazer de ler.". (Franzen, Jonathan (2018), O fim do fim da Terra)

Escada de Peixes - Estrutura construída em torno de barreiras naturais ou artificiais, para facilitar a transportação de peixe e espécies que necessitam de migração.

Espécie Espontânea - Espécie vegetal, autóctone, cujo surgimento não foi resultante da intervenção humana direta, nomeadamente por plantação.

Espécie Invasora - Espécie suscetível de, por si própria, ocupar o território de uma forma excessiva em área, provocando uma modificação significativa nos ecossistemas em que ocorre.

Estação Náutica - A integração e desenvolvimento de atividades turísticas relacionadas com a água, tais como navegação, mergulho, pesca, desportos aquáticos, turismo de observação de vida marinha.

ETAR_Estação de Tratamento de Águas Residuais

Ética_O estudo do comportamento humano e os princípios morais que orientam as ações individuais e coletivas. Uma contribuição para o bem-estar individual e coletivo, na construção de uma sociedade mais justa.

Etimologia_A origem das palavras num só estudo, sobre a formação, evolução e significado, ao longo do tempo.

Extrativismo_Cultura de extração implementada na época do colonialismo. / O olhar para Terra, e o que a constitui, como um recurso.

F
Felicidade_Uma cultura que valoriza apenas otimismo, vai produzir patologias de pessimismo, com sintomas tais como: depressão, falta de sono, falta de libido. / O sentido de comunidade também desperta a felicidade.

“A negative frame of mind, including depression itself, is known to be socially contagious.” / “We have become obsessed with money and acquisition at the expense of our social relationships in our own human fulfilment.”. / “Para perceber um termo psicológico como a felicidade, humor, ou motivação, é preciso percebê-lo tanto como ocorre nos outros, como ocorre em cada indivíduo. Eu sei o que felicidade significa, porque eu sei como descrevê-lo nos outros e sei reconhecê-lo na minha própria vida.”. (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

Fogo_É uma manifestação de combustão com emissão de luz e calor.

“O fogo é a síntese do contexto.” / “(...) só conseguimos mudar a magnitude com que ele se expressa, se alterarmos antecipadamente o seu contexto, isto é, a vegetação suscetível de arder.” (J. Pyne, Stephen (2023), Piroceno) .

G
Galeria Ripícola_Formações de espécies vegetais autóctones nas zonas de transição entre ecossistemas aquáticos e terrestres.

Green Ethics_

“(…) emerged with the environmental movement of the 1970s. That movement focused largely on the important task of finding a better way to act toward nature, but our current times require something else: that we derive na ethics from the ways nature acts on us.”. (Kohn, Eduardo (2013), Forest for the Trees)

Green Washing_Ver Capitalismo Verde.

H
Hegemonia_Um domínio ou influência exercida por parte de um grupo ou poder sobre outros, seja no âmbito internacional, político, económico, cultural ou social. Um domínio de ideias, valores ou normas sobre outros indivíduos, numa sociedade.

HEZ_Hidroelétrica do Zêzere (criada em 1945), EDP.

Holoceno_Últimos 11.700 anos da história do Planeta Terra.

Hulha Branca_Água em queda aproveitada para produção de energia elétrica.

Hulha Negra_Carvão fóssil, negro, de aparência compacta, bandado, que, depois da antracite, é o que tem maior percentagem de carbono.

Humano_Uma descrição de características físicas e mentais da espécie Homo Sapiens, quanto a comportamentos e qualidades distintivas da espécie humana em relação a outros seres vivos - compaixão, empatia, solidariedade, criatividade.

I
ICNF_Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

IHRU_Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. A entidade pública promotora da política nacional de habitação.

Incêndio_É uma ocorrência de fogo não controlado, que pode ser extremamente perigosa para os seres vivos e todas as estruturas envolventes.

Indígena_Membro de uma tribo que resiste à colonização e que vive em simbiose com o meio natural, alguém com proximidade ao local que o corpo habita.

Invasor_Influências que entram num domínio cultural, social ou político, de forma intrusiva ou indesejada, podendo provocar mudanças perturbadoras. Algo ou alguém que também poderá entrar de forma não autorizada ou ilegal, associando-se conotações de violação, ocupação ou interferência indesejada.

J

Jusante _A posição para que flui um curso de água. A direção para a qual o curso de água corre.

Justiça Ambiental _A garantia de que todos possam ter o direito a um ambiente sustentável, saudável e seguro, incluindo equidade no acesso aos recursos naturais, participação pública nas decisões ambientais e proteção dos direitos das comunidades mais afetadas nestas questões. Reconhece-se que as comunidades mais vulneráveis enfrentam uma carga desproporcional de impactos ambientais negativos, tais como, a poluição do ar, degradação do solo e exposição a produtos químicos tóxicos.

Justiça Social _A distribuição equitativa de oportunidades, recursos e direitos na sociedade, com o objetivo de garantir que todos os membros de uma comunidade, tenham acesso a condições de vida dignas e igualdade de oportunidades. A promoção de políticas e práticas que combatam a discriminação, a marginalização e a exclusão social.

L

Leito _O fundo de um rio, onde a água corre. A parte do canal que está permanentemente coberta pela água.

Limite _É uma linha/barreira imaginária de extremo, como impedimento de ultrapassar para além do estipulado de um determinado objetivo. / Limite físico de extremo que se poderá, ou não, atingir.

Lógica _A procura pelo entender de um pensamento que poderá ser organizado de maneira consistente e coerente para chegar a conclusões verdadeiras com base em premissas válidas.

Lugar _Um espaço físico, num sentido básico, numa área ou ponto específico terrestre. Um espaço que também poderá ser conceitual ou figurativo, como um “lugar na mente”, para a descrição de uma ideia ou conceito abstrato.

M

Manifesto _Ação/ Reação a cerca de um problema.

Margem _Barreira que deveria agir como filtro, mas não funciona. Limites adjacentes ao limite do rio cuja composição afeta o estado da água.

“O dorso da Albufeira.”. (Ferraz, Telmo (1960), Lodo e as

Estrelas).

Meandro _Curva acentuada de um rio que muda de forma e posição consoante as variações de maior ou menor energia e cargas fluviais durante as várias estações do ano.

Memória _Retenção e recuperação de experiências, conhecimentos, habilidades e percepções, ao longo do tempo. Uma caracterização fundamental à identidade pessoal.

Metáfora _Uma comparação implícita entre duas coisas diferentes, destacando uma semelhança subjacente entre elas através da utilização de uma palavra ou expressão, num determinado contexto, para descrever algo de forma simbólica ou figurativa.

Mineração _A extração de minerais, metais, combustíveis fósseis, como carvão, petróleo e gás natural, e outros recursos naturais do solo ou subsolo da Terra, para uso Humano. Uma atividade essencial à economia global agregada ao provável desenvolvimento de impactos ambientais significativos.

Montante _A direção de onde é proveniente o curso de água num rio. Refere-se à zona onde está armazenada a água das Barragens nas Albufeiras.

Multiculturalismo _A coexistência de diversas culturas dentro de uma sociedade ou comunidade. O reconhecimento e valorização da diversidade cultural, promovendo a igualdade de direitos e oportunidades para todos os grupos culturais.

Multiespécies _A diversidade biológica e a coexistência de várias espécies num mesmo habitat, reconhecendo as diferentes interações entre as mesmas e os papéis que desempenham na estrutura e funcionamento dos ecossistemas.

N

Não-Humano _Todos os organismos que não o Ser Humano. Produções fora de uma proveniência e alcance Humano.

Natural _Uma ocorrência não produzida ou modificada por humanos. Algo que estará em conformidade com leis ou padrões fundamentais da natureza, da física, da biologia ou de outros campos científicos.

Natureza _O mundo físico, de seres vivos, e ambientes naturais, com processos naturais, que existem independentemente da intervenção humana.

Neoliberalismo _Uma ideologia económica e política que enfatiza a liberdade individual, a iniciativa privada e o mercado livre, como os principais motores do desenvolvimento económico e social. Define-se por uma redução de regulamentações governamentais que pode gerar uma instabilidade financeira, bem como um enfraquecimento dos serviços públicos.

Novo Bauhaus Europeu _Um movimento criativo e interdisciplinar em desenvolvimento, que proporciona um espaço de encontro para conceber futuros modos de vida, entre a arte, cultura, inclusão social, ciência e tecnologia, que visa aproximar o Pacto Ecológico e participar na construção de um futuro inclusivo e sustentável. (in Direção Regional de Cultura do Centro)

NPA _Nível de Pleno Armazenamento da Albufeira.



Object Trouvé _A ideia de que objetos comuns podem ser transformados em arte por meio de alguma seleção, contexto ou apresentação, desafiando as noções convencionais de habilidade técnica e originalidade na criação artística.

ODS _Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Objetivos de desenvolvimento sustentável que representam um apelo urgente à ação de todos os países.

Omni-Crisis _Uma crise generalizada que não está limitada a uma única esfera, mas sim com ramificações e impactos em múltiplos domínios.

Ontologia _O que é existir? Ciência do ser. A natureza da realidade, a estrutura do ser e a essência das coisas.



Pacto Ecológico Europeu _Conjunto de iniciativas estratégicas que promovem uma transição ecológica para a União Europeia, com o objetivo de alcançar a neutralidade climática até 2050.

Paisagem _Uma área vista através de uma determinada perspetiva ou uma descrição de uma região geográfica mais extensa.

Património _O conjunto de bens materiais e imateriais que são considerados valiosos para uma sociedade, seja no contexto histórico, cultural, arquitetónico, artístico ou social. Recursos naturais, áreas protegidas e ecossistemas que possam ser considerados

valiosos para a biodiversidade.

Passadiço _“Parte superior do açude por onde pessoas e animais transitavam, pelo menos durante algumas épocas do ano.”. (Costa dos Santos, José (2002), Moinhos da Ribeira de Pera)

Permanência _O ato de ficar. A ideia de continuidade, estabilidade ou durabilidade de algo.

Permacultura _“É a integração harmoniosa da paisagem e das pessoas, fornecendo alimentos, energia, abrigo e outras necessidades materiais de forma sustentável.” / “A permacultura favorece e agricultura orgânica.” / “Projetos de permacultura devem incluir e enfatizar culturas perenes – para manter e reter os solos, fornecer ferragem, combustível e alimentos.” / “Dá prioridade a plantas e animais que são abundantes e habituais num determinado local, e não daqueles que dependem da irrigação e da aplicação de produtos sintéticos.” / “As estratégias da permacultura são democráticas, com empregos acessíveis a todos.”. (Khotari, Ashish (2019), Pluriverse)

Plano de Água _Massa de Água e respetivo leito.

Plantationocene _Consiste no conjunto de impactos no Planeta Terra criados pela cultura de extrativismo, da expansão da monocultura e do trabalho forçado. (Halaway, Donna (2016), Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene).

Pluriverso _A realidade não é uniforme ou unificada, mas sim composta por uma variedade de perspetivas, sistemas de crenças, narrativas e mundos possíveis. Estes universos podem ser físicos, sociais, culturais, mentais ou simbólicos.

PNA _Plano Nacional de Água. A agência que estabelece as políticas nacionais da água e os princípios e orientações a aplicar pelos planos de gestão de regiões hidrográficas e outros instrumentos de planeamento das águas.

PNEBPH _Programa Nacional das Barragens de Elevado Potencial Hidroelétrico. Promove a seleção de locais para um conjunto de aproveitamentos com vista ao cumprimento dos objetivos de produção de energia com origem em fontes renováveis.

PNEUA _Programa Nacional para o Uso Eficiente da Água. Programa que associa a melhoria da eficiência de utilização da água à consolidação de uma nova cultura de água em Portugal.

POA_Plano de Ordenamento de Albufeiras. Planos que estabelecem as medidas adequadas à proteção e valorização dos recursos hídricos na área a que se aplicam de modo a assegurar a sua utilização sustentável.

POACBSL_Plano de ordenamento das albufeiras do Cabril, Bouça e Santa Luzia

Pullotocrats_Grupos de indivíduos que detêm um grande poder ou influência, devido à riqueza substancial que possuam, e que, beneficiam financeiramente da produção ou perpetuação da poluição. Identificam-se nomeadamente, como indústrias de combustíveis fósseis

Pós-Antropocénico_A proposta de uma nova época geológica que destaca o impacto significativo das atividades humanas sobre os sistemas terrestres e o ambiente global.

Possibilidade_A capacidade de algo ser possível, uma oportunidade, probabilidade ou potencial para que possa ocorrer algo dentro de um determinado contexto ou condição.

Produção_O processo de criar, fabricar ou gerar algo, podendo ser um bem tangível, um serviço, ou determinadas ideias, incluindo conhecimentos, em diferentes áreas da atividade humana.

Progresso_Um avanço ou melhoria contínua em direção a um estado melhor, mais desenvolvido, mais satisfatório. Um conceito relacionado a crescimento, evolução ou aprimoramento em diferentes áreas da vida humana. Mudanças positivas e benefícios para a sociedade.

Purificar_Processo de remoção de impurezas, bactérias, sedimentos ou substâncias químicas da água, para a podermos tornar segura para consumo humano ou não humano.

Q
Quietude_Qualidade de quieto. Estado iminente de calma e serenidade.

R
RAN_Reserva Agrícola Nacional

REN_Reserva Ecológica Nacional

Reconstrução_Intervenção sobre uma estrutura existente com objetivo de manter e potenciar o que já existe. Qualquer obra que consista em realizar de novo, total ou parcialmente, uma construção existente no local de implantação ocupado por esta, após a sua demolição total ou parcial.

Reparar_O processo de identificar e corrigir problemas, defeitos ou danos, num determinado equipamento, estrutura ou sistema, com o objetivo de restaurar a funcionalidade e desempenho originais.

Resiliência_A capacidade de recuperar, adaptar e superar adversidades, desafios ou situações de stress. A habilidade de enfrentar e lidar com mudanças repentinas, fracassos ou dificuldades.

Revolução_Uma mudança drástica, radical e fundamental. Uma rutura significativa com o status quo ou com um sistema estabelecido, que poderá resultar em transformações profundas e duradouras na sociedade.

Revolução Agrícola_A transição de práticas agrícolas tradicionais, para práticas mais modernas e produtivas, geralmente a envolver o uso de tecnologias, máquinas agrícolas e métodos de cultivo mais eficientes e sustentáveis.

Rio_Uma corrente de água natural, em grande extensão e volume, que flui numa direção definida pela linha de curso. Podem formar-se através de fusão de riachos, córregos ou outras correntes menores de água. Desaguam nos oceanos, mares, lagos ou até mesmo, outros rios.

S
Silêncio_O silêncio é o cessar da experiência auditiva.

“Se a natureza é silenciosa, está morta.” (Ferraz, Telmo (1960), Lodo e as Estrelas)

“(…)a arquitetura é a arte do silêncio petrificado.” / “Uma experiência poderosa de arquitetura silencia todo ruído externo: ela foca nossa direção e nossa própria existência, e, como se dá com qualquer forma de arte, nos torna cientes da nossa solidão original.” (Pallasmaa, Juhani (2011), Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos).

Somatório_A totalização de quantidades.

Stakeholders_Todas as partes interessadas ou envolvidas num determinado projeto ou empreendimento. Poderão incluir diversos indivíduos, grupos, organizações ou entidades que são afetadas direta ou indiretamente pelas decisões relacionadas com o projeto. Poderão ser internos ou externos à organização e poderão ter

diferentes níveis de influência, interesse e poder, em relação ao projeto.

Stress_Estado de limite. Limite de qualquer conceito.

“stress [...] is simply a particular type of reaction to any excessive demand.” / “A society designed to measure and manage fluctuations in pleasure and pain, [...] may be set up for more instances of mental breakdown than one designed to help people speak and participate.”. (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

T
Terrain-Vague_Espaços urbanos abandonados, subutilizados ou não desenvolvidos, caracterizados por uma ambiguidade funcional e potencial para uma reinvenção ou reapropriação.

Terricídio_O Homicídio do Planeta Terra.

Thinkthanks_Durante a segunda guerra mundial, foi usado para descrever um sítio seguro para discutir planos e estratégias. A partir dos anos 60 começou a ser utilizado para descrever organizações privadas sem fins lucrativos de investigação, pesquisa e análise. Produzem relatórios e recomendações, destinadas a influenciar políticas públicas, debates e tomadas de decisão.

Topoanalysis_Uma análise topográfica. Uma exploração poética e filosófica da relação entre espaço, mente e experiência humana.

Topophilia_O apego emocional e afetivo que as pessoas têm por determinados ambientes ou paisagens. A importância das relações emocionais com o ambiente construído e natural para a compreensão da identidade pessoal, cultural e social.

Transgressão_O ato de quebra ou ultrapassar limites, regras ou normas estabelecidas, resultando em comportamentos considerados inaceitáveis, incorretos ou ilegais.

U
Unidade_Item que faz parte de um sistema ou do que é produzido em série.

UOPG 1_Plano de Urbanização da Vila de Pedrógão Grande – Unidades Operativas de Planeamento e Gestão.

Urgente_Estado de ânsia. A necessidade de priorizar determinadas atividades ou situações devido à

importância ou urgência.

V
Vernacular_Particular ou característico de um País (Nação, Região, etc.). Arquitetura que se ocupa de edifícios domésticos e funcionais e não de edifícios públicos ou monumentais.

Z
Zonas Inundáveis_Corresponde às áreas contíguas à margem dos cursos de água que se estendem até à linha alcançada pela maior cheia conhecida, com probabilidade de ocorrência num período de 100 anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ateliernob, Trabalhar com os 99%. (2022). **Pedrogão Grande: O Direito à Arquitetura Pós Incêndio**. Tigre de Papel.

Benedito, S. (2021) **The Canary in the Mine: Wildfires and Rural Communities in the Mediterranean Hinterland**. Harvard GSD. Fonte: <https://issuu.com/gsdharvard/docs/canary-in-the-mine/s/16382652>

Correia, L. (2021). **Livro Verde/Green Paper Contra-Arquitetura Re-Construir a Realidade/Counter-Architecture Re-constructing Reality**. Efabula.

Ferraz, T. (1960). **O lodo e as estrelas**. Âncora Editora.

Fundação EDP. (2014). **50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país- Cabril os aproveitamentos hidroelétricos de Cabril e Bouçã**.

Koolhaas, R. (2020). **Countryside, A report**. Taschen.

Santos, M., & Wainwright, J. (2024). **River(s) Wear: Water in the Expanded Field**. SAGE.

